



UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE
CENTRO DE HUMANIDADES
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA

**COTIDIANO, CULTURA E LAZER EM POMBAL:
CONTRADIÇÕES DO PROGRESSO
(1927-1959)**

HELMARA GICCELLI FORMIGA WANDERLEY

CAMPINA GRANDE – PB
ABRIL, 2009

Livros Grátis

<http://www.livrosgratis.com.br>

Milhares de livros grátis para download.

HELMARA GICCELLI FORMIGA WANDERLEY

**COTIDIANO, CULTURA E LAZER EM POMBAL:
CONTRADIÇÕES DO PROGRESSO
(1927-1959)**

Avaliado em _____ com conceito _____

BANCA EXAMINADORA:

**DR. ANTONIO CLARINDO BARBOSA DE SOUZA
(PPGH/UFCG)
(ORIENTADOR)**

**DR. WALDECI FERREIRA CHAGAS
(EXAMINADOR EXTERNO)**

**DR. GERVÁCIO BATISTA ARANHA
(PPGH/ UFCG)
(EXAMINADOR INTERNO)**

CAMPINA GRANDE – PB
ABRIL, 2009

HELMARA GICCELLI FORMIGA WANDERLEY

**COTIDIANO, CULTURA E LAZER EM POMBAL:
CONTRADIÇÕES DO PROGRESSO (1927-1959)**

DISSERTAÇÃO APRESENTADA AO PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA DO CENTRO DE HUMANIDADES DA UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE SOB A ORIENTAÇÃO DO PROFESSOR DR. ANTONIO CLARINDO BARBOSA DE SOUZA, EM CUMPRIMENTO DOS REQUISITOS NECESSÁRIOS PARA A OBTENÇÃO DO TÍTULO DE MESTRE EM HISTÓRIA, ÁREA DE CONCENTRAÇÃO EM HISTÓRIA, CULTURA E SOCIEDADE.

ORIENTADOR: DR. ANTÔNIO CLARINDO BARBOSA DE SOUZA

**CAMPINA GRANDE – PB
ABRIL, 2009**

*Para minha mãe,
Maria das Graças Farias Formiga Wanderley.*

AGRADECIMENTOS

Antes de tudo é preciso reconhecer que um trabalho como este, pertencer somente ao seu autor, ele pertence a muitas pessoas, independente delas esperarem créditos por isto.

De início, deixo aqui um agradecimento especial aos autores maiores da história de Pombal, os homens e mulheres que gentilmente interromperam sua rotina para ajudar, compartilhando comigo suas experiências e impressões desta cidade que não mais existe. Assim sendo, não poderia deixar de registrar aqui seus nomes:

Ivanil Salgado de Assis - Manoel de Sousa Bandeira - Rita Dantas - Raimunda Santana Evaristo - Francisca Dantas de Farias - Maria Adélia Felinto - Valdete Dantas da Silva - Maria Amélia de Sousa - Raimundo Formiga de Sousa - Francisca Maria de Queiroga (IN MEMORIAN) - Benta Carneiro dos Santos - Pedro Junqueira Junior - José Cleoncio Formiga Mouta - Nira do Nascimento - Francisca Trigueiro Tôrres (IN MEMÓRIAN) - Zulmira Ferreira Viana - Lair Formiga Alves - Arlindo Ugulino - Edianete Farias Bandeira - João Pereira Sobrinho – Maria Dorotéia da Conceição - Pedro Fernandes de Almeida - Bonizaris Ugulino - Zulmira Ana do Nascimento – Joaquim Candido de Sousa – Mirian de Castro – Socorro Carneiro – Celia Ugulino

Sou-lhes muito grata.

A produção deste trabalho foi marcada por muitos momentos de estímulo, apoio, sugestões, críticas e paciência. Nesse sentido, minha sincera gratidão ao meu amigo e orientador Antonio Clarindo Barbosa de Souza. A confiança que depositou em mim foi fundamental para a finalização do **nosso trabalho**. Muito Agradecida.

A realização desta pesquisa me oportunizou ainda muitos encontros acadêmicos, o que contribuiu para a minha formação como historiadora. Dessa forma, agradeço aos

professores Gervácio Batista Aranha e Waldeci Ferreira Chagas por suas valiosas contribuições como examinadores deste trabalho. Suas sugestões e críticas certamente enriqueceram nossa pesquisa.

Também não poderia deixar de agradecer ao professor Fabio Gutemberg Ramos de Sousa (IN MEMORIAN), por sua incansável luta para a concretização do Mestrado em História da Universidade Federal de Campina Grande.

A todos os professores, secretários e colegas do Mestrado em História da Universidade Federal de Campina Grande, especialmente a Osmar Luiz, Arnaldo, Maressa, Silvia, Daniela e Daniel.

Ao pesquisador e amigo Verneck Abrantes de Sousa que gentilmente permitiu que eu fizesse uso do seu acervo documental. Também lhe sou grata pelas conversas sobre o passado de Pombal.

Aos Companheiros de trabalho e amigos do IF-PB; da Rede Municipal de Educação de Pombal e da Escola Menino Jesus – Geo Pombal.. Este agradecimento estende-se também aos meus alunos que de maneiras diversas me estimularam nesta caminhada.

Não posso esquecer do professor, ex-orientador e amigo Isamarc Gonçalves Lobo que sempre foi atencioso, paciente e confiante. A você meu muito obrigado pela sua disponibilidade em ajudar-me com seus conhecimentos sobre esta arte de “inventar o passado”.

Ao amigo Jário Vierira Feitosa (IN MEMORIAN) por ter confiado em mim. Seu apoio não será esquecido, nem suas palavras: “Pombal precisa investir em seus educadores”. O investimento não terá sido em vão. Obrigada por tudo!

Por fim, agradeço o apoio dos meus familiares, Aos meus pais, meus irmãos, Henio e Helton, as irmãs que ganhei, Maria Isabel e Isabel Cristina. A minha irmã Helaine especialmente. Também não poderia esquecer a minha prima e amiga Alline e tia Vânia.

A Pedro Neto.

Sem vocês talvez eu tivesse chegado ao fim desta caminhada acadêmica, mas não seria a mesma coisa.

Agradecida.

RESUMO

Este trabalho analisa o processo de urbanização ocorrido na cidade de Pombal, no Alto Sertão da Paraíba, bem como a formação de novas sensibilidades e subjetividades e as tensões que marcaram a vida dos habitantes dessa cidade no período entre 1927 e 1959.

Objetivamos compreender como as elites letradas e econômicas daquela urbe e os populares apropriaram-se dos discursos modernizantes em vigor na época, e como experienciaram as mudanças materiais e simbólicas que perpassaram a cidade naquele momento. Também desejamos mostrar algumas das práticas diversionais que marcaram o cotidiano dos pombalenses das diversas classes sociais.

Para atingirmos os nossos objetivos, discutimos inicialmente o conceito de modernidade e modernização, compreendendo o primeiro termo, como o processo de remodelamento urbanístico típico das capitais européias, ocorrido no século XIX, especialmente em Paris e Londres, e que se caracterizavam pela velocidade na implantação de algumas conquistas materiais. No que se refere ao segundo termo, entendemos como a introdução de alguns elementos modernos, que chegavam lentamente à cidade desprovidos do ritmo frenético típico das referidas capitais.

Igualmente importantes são os conceitos de lazer e diversão, entendendo-se este último conceito como as práticas diversionais não programadas e aquele como as atividades calculadas, programadas que visavam policiar os divertimentos populares e /ou das elites.

Assim sendo, pretendemos mostrar os usos e práticas, mas também algumas representações que os pombalenses construíram para a cidade no momento em que ela se problematizava.

PALAVRAS-CHAVES: CIDADE - MODERNIZAÇÃO - LAZER

ABSTRACT

This work analyse the urbanization process occurred in the Pombal's town in the Paraíba high backwoods, well as the formation of new sensibilities and subjectivity and the tensions that appoint the inhabitants life of this town in the period between 1927 and 1959.

Aim to understand as the literate and economic elite of that urban and populars appropriate of the modernize discourse in effect in the epoch, and had as experienced the material and symbolic changes that went the town in that moment. Desire to show some diversion practices too that appoint the everyday of the pombalenses of the divers social classes.

To catch our aims , argue at the beginning the modernity and modernization concept understanding the first as the process of remodeling urbanistic typical European Capitals, occurred in the XIX century, especially in Paris and London and that characterized by speed in the implantation some materials conquest. Already in relation to the second term knows as the introduction of some elements that arrived slowly modern the town devoid of frenzied rhythm typical of the refer capitals.

Equally important are the leisure and amusement concept, understand that this last concept as diversion practices non programmed and that as the calculable activities, programmed that propose to police the elite and/or popular entertainment.

So, we intend to show the uses and practices, but some representations too that the pombalenses built to the town in the moment in that it problematised itself.

KEY-WORDS: TOWN – MODERNIZATION - LEISURE

ÍNDICE DE IMAGENS

MAPAS

Mapa 1 – Ramal Campina Grande– Ano 1958.....	p.104
Mapa 2 – Centro e Bairro dos Pereiros.....	p.194
Mapa 3 – Bairro dos Pereiros – Zona de meretrício	p.195

IMAGENS

IMAGEM 1- Pombal início dos anos 1930	p.27
IMAGEM 2- Inauguração do Motor de luz – 1927.....	p.67
IMAGEM 3- Motor da luz – 1927.....	p.69
IMAGEM 4 - Prefeito Sá Cavalcante, funcionários da empresa de iluminação e Motor da Luz – 1927.....	p.70
IMAGEM 5 - Iluminação Pública – 1927.....	p.72
IMAGEM 6 - Posse do prefeito Sá Cavalcante – 1936.....	p.73
IMAGEM 7 - Revista da Semana	p.74
IMAGEM 8 - Fumo de rolo e conversa na calçada – anos 1940.....	p.76
IMAGEM 9 - Praça Barão do Rio Branco – anos 1940.....	p.79
IMAGEM 10 - Praça Getúlio Vargas – 1940.....	p.80
IMAGEM 11 - Chegada do Trem – 1949.....	p.91
IMAGEM 12 - Estação Ferroviária – 1958.....	p.92
IMAGEM 13 – Ponte de Ferro sobre o Rio Piancó – 1958.....	p.93
IMAGEM 14 - moda anos 1930	p.97
IMAGEM 15- Moda masculina – Recife anos 1930	p.107
IMAGEM 16 - Moda masculina – Pombal anos 1930.....	p.107
IMAGEM 17 - Carregadores - 1955.....	p.113
IMAGEM 18 - Operários da Brasil Oitica S/A- 1956.....	p.114
IMAGEM 19 – Pedinte 1938.....	p.118
IMAGEM 20 - Cine Teatro Lux ainda em Construção – 1953.....	p.126
IMAGEM 21 - Cine Teatro Lux – 1957	p.127
IMAGEM 22 – PERMANENTE – ANOS 1960.....	p. 138
IMAGEM 23 - Influência do cinema nos anos 1940.....	p.141
IMAGEM 24 – Festa do Rosário – 1947.....	p.146
IMAGEM 25 – Grupo cultural Pontões – 1947.....	p.150
IMAGEM 26 - Garçonetes da Barraca Azul -1943.....	p.158

IMAGEM 27 - Procissão do Rosário – 1939.....	p.161
IMAGEM 28 - Parque de diversão – 1951.....	p.163
IMAGEM 29 - Festa Do Rosário 1947 – Parque de Diversões.....	p.164
IMAGEM 30- Antiga Rua do Comércio – 1954.....	p.190
IMAGEM 31 - Largo do Bom Sucesso sem as praças – 1934.....	p.191
IMAGEM 32 - Conjunto arquitetônico Rua Nova – anos 1940.....	p.192
IMAGEM 33 - Largo do Bom Sucesso e Praça Getúlio Vargas – anos 1940.....	p.192

INTRODUÇÃO

Os estudos relacionados às cidades têm se tornado cada vez mais freqüentes no meio acadêmico. Logo, numerosas também são as possibilidades de análise dessa temática. Assim, há trabalhos que tratam da cidade enquanto local de moradia; como espaço de trabalho e também de trocas comerciais. Outros focalizam as relações de poder e outros ainda os conflitos sociais. Também não são poucos os autores que se dedicam a analisá-las enquanto locais de espetáculos, ou como espaços de lazer e prazer. Enfim, a cidade apresenta-se como uma fonte inesgotável de análises, o que nos autoriza a lançar também o nosso olhar sobre ela.

Neste trabalho, nossa atenção se volta para a cidade moderna¹. Não para Paris ou Londres, tampouco para a Capital Nacional, Rio de Janeiro, ou qualquer uma das capitais da federação. É para Pombal² que a nossa atenção se volta. Mas não a cidade que está para os homens e mulheres do século XXI. A cidade que desvendamos é a Pombal dos anos 20 a 50, do século passado.

Diante das tantas possibilidades de adentrar o espaço urbano, o caminho por nós escolhido está ligado ao campo da Nova História Cultural, e remete-nos à Antropologia Simbólica, o que nos permite recuperar as sensibilidades e subjetividades dos seus agentes sociais frente às mudanças urbanísticas que se processaram naquele contexto, num movimento denominado por alguns historiadores como modernização.

¹ Para se ter uma dimensão de como é vasto esse domínio, ver ARANHA, Gervácio Batista. **Seduções do moderno na Parahyba do norte: trem de ferro, luz elétrica e outras conquistas materiais e simbólicas (1880-1825)**. In. Parahyba no Império e na República. Estudo de história social e cultural. 2ª ed. João Pessoa: Idéia, 2005; BRESCIANI, Maria Stella. **Londres e Paris no século XIX – o espetáculo da pobreza**. São Paulo: Brasiliense, 1989; CHOAY, Françoise. **A História e o Método em Urbanismo**. In. BRESCIANI, Stella (org). **Imagens da Cidade: Século XIX e XX**. ANPUH/São Paulo: Marco Zero/ FAPESP, 1994; PESAVENTO, Sandra Jatahy. **O imaginário da Cidade: visões literárias do Urbano - Paris, Rio de Janeiro, Porto Alegre**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2002; RAGO, Margareth. **Do Cabaré ao Lar: A utopia da Cidade Disciplinar – Brasil 1890-1930**. 3ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra; 1997; ROLNIK, Raquel. **O que é a cidade**. 2ª. Ed. São Paulo: Brasiliense, 1988; SEVCENKO, Nicolau. **A Capital Irradiante: técnicas, ritmos e ritos do Rio**. In: SEVCENKO, Nicolau. **História da Vida Privada no Brasil: República da Belle Époque à Era do Rádio**. São Paulo: Companhia das Letras; 2001; SIMMEL, Georg. **A metrópole e a vida mental**. In. VELHO, Gilberto (org.) **O fenômeno urbano**. 4ª ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1979; SOUSA, Fabio Gutemberg R. Bezerra de. **Territórios de Confrontos: Campina Grande (1920-1945)**. Campina Grande: EDUFCEG, 2006; SOUZA, Antonio Clarindo Barbosa de. **Lazeres Permitidos, Prazeres Proibidos: Sociedade, Cultura e Lazer em Campina Grande (1945 – 1965)**. 2002. Tese de doutorado em História do Brasil) – UFPE, Recife.

² Fundada em 1698, pelo bandeirante Teodósio de Oliveira Lêdo, Pombal, foi o primeiro núcleo de povoamento no Alto Sertão paraibano, estando a 372 km da Capital do Estado, João Pessoa e a 250 km de Campina Grande.

Nesse sentido, é importante lembrar que a partir do final do século XIX as idéias de modernidade *made in* Europa passaram a fazer parte do cotidiano das cidades brasileiras. Assim, no início do século XX, também a cidade de Pombal passou por transformações modernizantes, a exemplo do advento da energia elétrica e da vinda do primeiro automóvel em 1927, da implantação dos trilhos e da chegada do trem em 1932, e a implantação da Indústria de beneficiamento de oiticica, a Brasil Oiticica, também em 1932. Neste mesmo ano foi construído o primeiro prédio escolar de Pombal, o Grupo João da Mata. Em 1939 uma obra de grande impacto para a cidade foi a construção da Ponte do Aerial sobre o rio Piranhas. Seguindo-se a isto, em 1940 foram concluídas as obras das Praças Rio Branco e Getúlio Vargas, assim como, o Coreto, localizado na primeira praça e a Coluna da Hora, na última. Ainda nos anos 40, Pombal passou a contar com uma rádio-difusora local. Na década de 1950, destacam-se a construção do Grande Hotel (1952), a inauguração do Cine Teatro Lux (1954) e a construção do Hospital e Maternidade Sinhá Carneiro (1959), e isso só para citar algumas das principais conquistas materiais ocorridas na cidade de Pombal durante aqueles anos³.

Mas não só o espaço físico daquela cidade se modificou naqueles anos. Esse novo mobiliário urbano gerou grande impacto sobre a vida dos pombalenses dos mais variados segmentos sociais. Contudo, mesmo em face das mudanças que se processavam na cidade, e apesar de um certo modelo de modernização ter sido imposto aos moradores daquela urbe, o que percebemos cogitando as fontes é que nem todos os pombalenses se apropriaram e/ou praticaram da mesma forma os novos espaços e equipamentos, aliás, ao analisarmos as fontes escritas, a iconografia e os relatos orais de memórias dos antigos habitantes daquela cidade, é notório que embora os discursos modernizadores proferidos pelas elites pretendessem atingir a todos os pombalenses, na prática, a grande maioria deles mantiveram-se à margem das conquistas materiais, conquistas estas, consideradas pelas elites como “civilizadoras”. Na verdade, tal exclusão não foi algo exclusivo do processo de modernização ocorrido em Pombal. A exclusão sócio-econômica e mesmo cultural perpassou também os projetos modernizadores de cidades como Paris, Londres, Rio de Janeiro, São Paulo, Recife, Fortaleza, João Pessoa e Campina Grande, por exemplo⁴.

³ Ver ABRANTES, Verneck. **A trajetória Política de Pombal**. João Pessoa: Imprel, 1999; ver também SOUSA, Antônio José de. **Apanhados Históricos Geográficos e Genealógicos do Grande Pombal**. Pombal: Gráfica Comercial Ltda; 1971.

⁴ A exclusão era um efeito caro da modernização para os grupos que não se adequavam a tal processo. Sobre isto ver: BRESCIANI, Maria Stella. **Londres e Paris no século XIX – o espetáculo da pobreza**. São Paulo: Brasiliense, 1989; SEVCENKO, Nicolau. **A Capital Irradiante: técnicas, ritmos e ritos do Rio**. In: SEVCENKO, Nicolau. *História da Vida Privada no Brasil: República da Belle Époque à Era do Rádio*. São Paulo: Companhia das Letras; 2001; ARRAIS, Raimundo. **O Pântano e o riacho: a formação do espaço público no Recife do século XIX**. São

A questão central do trabalho é analisar algumas transformações materiais ocorridas num contexto de modernização de Pombal no período de 1927 a 1959 – estes anos foram marcados pela introdução de um novo maquinário urbano – assim como a formação de novas sensibilidades e de novas subjetividades. Também não podemos ignorar que estas mudanças materiais e sensíveis foram atravessadas por tensões que colocaram em lados opostos elites e populares.

Buscamos conhecer o cotidiano dos indivíduos e dos diversos grupos sociais, elites letradas e econômicas e populares, num movimento de significação e (re) significação dos seus espaços.

Tendo em vista a amplitude de possibilidades de adentrar a cidade, e na impossibilidade de recompor o passado tal qual ele realmente aconteceu, fazemos uso de algumas categorias que nos ajudarão a reconstituir algumas memórias de Pombal naqueles anos.

Nesse sentido, a primeira aproximação que fazemos é com o crítico literário Mikhail Bakhtin, que em seu livro *A Cultura Popular na Idade Média e no Renascimento: O Contexto de François Rabelais*, ao analisar a obra de Rabelais identificou que há uma grande relação/interação entre a cultura cômica popular e a cultura considerada como “oficial” no Renascimento. Bakhtin afirma que as obras de Rabelais distinguem-se por apresentar caráter “não-oficial” e só são compreendidas considerando-se a reciprocidade entre a cultura erudita e a cultura popular. Assim, o autor, faz entender que, elementos da cultura erudita são encontrados na cultura popular, da mesma forma que elementos da cultura popular são achados e interagem com elementos da cultura de elite.

Mas as relações entre as culturas não são tão simples. Ambos os segmentos partilham de códigos próprios, o que permite analisá-las a partir de uma perspectiva social, enfatizando a diversidade de valores e sentidos. Nesse aspecto, percebe-se uma constante tentativa da elite para eliminar ou coibir as manifestações sociais populares. Porém, a partir de apropriações, táticas, estratégias, usos, invenções e (re)invenções as expressões populares subsistem.

Outro autor que também se coaduna com as idéias de interação entre as culturas é Carlo Guinzburg. A partir das proposições de Bakhtin, Guinzburg utiliza o seu conceito de circularidade cultural, em que percebe como recíprocas as influências entre a cultura das

Paulo, HUMANITAS/ FFLCH/USP, 2004; SILVA FILHO, Osmar Luiz da. **Na Cidade da Parahyba, o Percurso e as tramas do Moderno (1892-1928)**. 1999. Tese (Doutorado em História) – UFPE, Recife; acerca do processo de exclusão social provocado pelos projetos modernizantes em Campina Grande ver: SOUZA. Antonio Clarindo Barbosa de. **Lazeres Permitidos, Prazeres Proibidos: Sociedade, Cultura e Lazer em Campina Grande (1945 – 1965)**. 2002. Tese (DOUTORADO EM História do Brasil) – UFPE, Recife. Ver também: SOUSA. Fabio Gutemberg R. Bezerra de. **Territórios de Confrontos: Campina Grande (1920-1945)**. Campina Grande: EDUFPG, 2006.

classes ditas subalternas e das classes ditas dominantes. Este conceito utilizado na sua obras *O queijo e os vermes* é muito importante para o nosso trabalho, pois nos permite refletir sobre como certas idéias tidas como dominantes podem ser apropriadas ou (re)significadas no âmbito da cultura popular.

Outra importante contribuição para o nosso trabalho são os conceitos de práticas e representações do historiador francês Roger Chartier.

A aproximação com este autor é fundamental para compreendermos as diversas leituras que os indivíduos fazem dos acontecimentos que vivenciaram e vivenciam. De acordo com Chartier, a Cultura deveria ser examinada tomando-se como referência as práticas e as representações dos sujeitos envolvidos em determinado contexto. Para ele, as práticas sociais produzem representações e as representações geram as práticas sociais e/ou culturais, isto é, elas estão correlacionadas. Conforme o autor, os objetos culturais, assim como os produtores e os consumidores de cultura circulam entre esses dois pontos. O autor também defende a idéia de que não existe uma cultura de elite e/ou uma cultura popular. Para ele, ambas se fundem, muito embora cada segmento use representações próprias para delimitar seu lugar⁵.

As categorias de “práticas e representações”⁶, idéias que se completam, são fundamentais no campo da História Cultural, pois através de tais noções podemos analisar/perceber de que forma os objetos culturais, são produzidos e/ ou consumidos pelos diferentes agentes sociais.

Além de anunciar as clivagens sociais, as teorizações de Chartier explicitam também o poder que têm determinados agentes ou grupos, de nomear e definir outros grupos. O autor nos lembra também que os realizadores das práticas nomeadas como populares não costumam se definir como tal, o que acreditamos ser conseqüência da incorporação, por parte dos setores subalternos, de valores e conceitos oriundos dos setores hegemônicos da sociedade. Em suma, Chartier discorda das abordagens que qualificam a cultura popular como universo simbólico independente e /ou submisso.

Seguindo essa linha de pensamento estabelecemos uma aproximação também com o historiador Michel de Certeau. Em seu livro *A Invenção do Cotidiano*, o autor aproximou-se

⁵ O pensamento de Chartier coaduna-se com a noção de circularidade cultural de Bakhtin e Ginzburg.

⁶ Sobre os conceitos de práticas e representações, nada melhor que os fragmentos da obra para explicar: “pode pensar-se a história cultural do social que tome por objeto a compreensão das formas e dos motivos – ou, por outras palavras, das **representações** do mundo social – que, à revelia dos atores sociais, traduzem as suas posições e interesses objetivamente confrontados e que, paralelamente, descrevem a sociedade tal como pensam que ela é, ou como gostariam que fosse” (1990, p.19) “rompendo com a antiga idéia que dotava os textos e as obras de um sentido intrínseco, absoluto, único – o qual a crítica tinha a obrigação de identificar-, dirige-se às **práticas** que, pluralmente, contraditoriamente, dão significado ao mundo” (1990, p. 27). *os grifos são nossos*.

do campo da Antropologia Simbólica, interessando-se pelas histórias daqueles sujeitos que ele chamou de “homens ordinários”⁷. Certeau acredita na possibilidade de interpretar/decifrar os códigos culturais através das práticas cotidianas.

Inconformado com o tratamento dado às práticas do homem comum, que era descrito tradicionalmente como um ser passivo, subjugado, conformado à sua situação, Certeau nos apresentou o homem comum como um ser difícil de ser definido. Isso porque ele possui práticas e discursos que nem sempre é o que se espera do que se imagina ser próprio dos cidadãos comuns. Assim, a atenção se desloca dos produtos, dos espaços, para as práticas subterrâneas (ditas invisíveis), para as invenções e usos que os homens ordinários fazem dele.

A mais importante contribuição de Certeau para o nosso trabalho diz respeito principalmente aos seus conceitos de invenção e (re) invenção, pois, a partir deles, o autor, revela a existência de uma cultura cotidiana, ordinária, diferente daquilo que é tradicionalmente nomeado como cultura erudita. A cultura que interessa a Certeau se apresenta nas formas que os diversos sujeitos e grupos sociais absorvem ou consomem os espaços significando-os e (re)significando-os⁸.

Embora o homem ordinário muitas vezes mostre-se passivo diante das regras, ele em algum momento acabará rompendo com estas. Os grupos nomeados como dominados sempre encontraram uma maneira de fugir às imposições dos ditos dominantes, o que se dá graças ao uso de táticas. De acordo com Certeau, a tática “só tem por lugar o do outro. [...] tem constantemente que jogar com os acontecimentos para os transformar em “ocasiões” (CERTEAU, 2001, PP. 46-47). E segue: “muitas práticas cotidianas são do tipo táticas. E também, uma grande parte das ‘maneiras de fazer com’: vitórias do ‘fraco’ sobre o mais ‘forte’, pequenos sucessos, artes de dar golpes, astúcias” (CERTEAU, 2001, p.47).

Sendo, portanto, as táticas operações mutáveis que se manifestam nos modos de usar, ou seja, nas maneiras de “fazer com” surgidas das necessidades cotidianas do homem comum. Essa arte de dar golpes está inserida na cultura popular, pois as práticas populares apresentam “uma maneira de pensar investida numa maneira de agir, indissociável de uma arte de utilizar” (CERTEAU, 2001, p. 42).

É exatamente a partir dessas artes de “fazer com” que os homens ordinários se (re)apropriam dos espaços, fazendo-se presente na sociedade, esquivando, burlando os

⁷ Segundo Michel de Certeau (2001), o homem ordinário não é somente o homem das camadas nomeadas como populares, mas todas as pessoas independentes de sua condição social.

⁸ É importante lembrar que a idéia de invenção em Michel de Certeau, ao contrário da noção de invenção recorrente nos pós-modernos, não remete a um perspectivismo historiográfico no presente. Em Certeau, invenção remete ao fazer cotidiano por parte dos atores nos espaços de vivência.

discursos para conseguir resistir às imposições instituídas socialmente e que nem sempre lhes são favoráveis.

Segundo Certeau, o homem ordinário não é de forma alguma passivo, pois é justamente na arte de inventar e (re)inventar que a suas ações se expressam. Desse modo, ao narrar as práticas cotidianas, as operações astuciosas e clandestinas, as “artes de fazer com” o autor afirma que:

Diante de uma produção racionalizada, expansionista, centralizada, espetacular e barulhenta, posta-se uma produção de tipo totalmente diverso, qualificada como “consumo”, que tem como característica suas astúcias, seu esfarelamento em conformidade com as ocasiões, suas ‘piratarías’ sua clandestinidade, seu murmúrio incansável, em suma, uma quase inviabilidade, pois ela quase não se faz notar por produtos próprios (onde teria o seu lugar?) Mas por uma arte de utilizar aqueles que lhe são impostos. (2001, p.94)

Dentro dessa perspectiva de apropriações, invenções e usos, Certeau (2001) ainda nos alerta sobre a forma como os discursos criados pela elite letrada eram absorvidos pelos grupos ditos populares. Os sujeitos desse segmento interpretavam os discursos e as imagens criadas pela elite dentro de uma lógica própria. Dessa forma, faziam usos diferentes daqueles que eram os esperados pelos membros daquele grupo (elite). Nesse sentido, surge aquilo que foi denominado pelo autor como (re) invenção.

De um modo geral, as relações estabelecidas na sociedade moderna, são correlações de forças compostas por fortes e fracos. Todavia, para Certeau (2001), a concepção de força está ligada à idéia de lugar e tempo. Pois, em algum lugar, ou circunstância, alguém pode ser considerado forte e, em um outro lugar, em circunstâncias diferentes, fraco.

Michel de Certeau nos oferece, portanto, uma visão sobre as diferenças que cerceiam o homem comum e nos permite perceber as suas resistências. Assim sendo, a inversão de perspectiva que fundamenta a invenção do cotidiano, desloca-se do consumo considerado passivo, para a criação anônima, surgida das práticas, das burlas, dos desvios nos usos dos produtos.

Assim, a partir das perspectivas oferecidas por Certeau é possível reconhecer na cidade de Pombal as marcas dos conflitos entre os “homens ordinários” e as elites, ou melhor, e os discursos das elites. Assim, é que “as táticas de consumo, engenhosidade do fraco para tirar partido do forte, vão desembocar em uma politização das práticas cotidianas” (CERTEAU, 2001, p. 45).

Um outro conceito que se impõe nesse campo das representações é o de sensibilidades, também fundamental para o nosso estudo.

Entendidas com “uma reeducação dos sentidos do habitante da cidade” (BRESCIANI, 1991, p.12) frente às mudanças capitalistas que se impõem aos homens e mulheres que viveram nos séculos XIX e XX, para Bresciani a moderna sociedade capitalista do século XIX fez surgir “um olhar armado, ou seja, ensinado a decifrar, na variedade dispare das imagens urbanas, os perigos e ameaças que rondavam constantemente as pessoas” (BRESCIANI, 1991, p. 12).

As sensibilidades procuram capturar as novas maneiras de sentir e perceber a si e ao mundo. Indicam forma de ser no mundo e de estar no mundo, indo da percepção individual à sensibilidade partilhada. Dessa forma, pensar o mundo a partir desse ponto de vista é ir além daquilo que está aparentemente dado. O historiador precisa decodificar os silêncios, as lacunas, os fatos, as imagens. Deve estar vigilante a qualquer sinal que signifique uma pista de um outro tempo. Esse fazer história é sempre uma representação.

Para a realização deste trabalho foi fundamental também o diálogo com autores que têm como objeto de estudo as cidades. Pois a partir dessa aproximação, foi possível conhecer as diferentes percepções sobre o moderno nas principais cidades da Europa e também o processo de modernização ocorrido aqui no Brasil. Dessa forma, a leitura de Maria Stella Bresciani, Nicolau Sevcenko, Sandra J. Pesavento, Raimundo Arrais, Gervácio Batista Aranha, Fabio Gutemberg R. de Sousa, Antonio Clarindo B. de Souza, entre outros, foram imprescindíveis para analisarmos a experiência moderna em Pombal.

Mas pensar o processo de modernização numa cidade como Pombal, exige de nós cuidados. Tratando-se de uma cidade localizada no alto sertão do estado da Paraíba, suas peculiaridades devem ser balizadas. A cidade certamente não pode ser comparada em termos de modernização às principais capitais européias, tampouco podemos comparar seu processo modernizante ao que aconteceu nas principais cidades e capitais brasileiras na virada do século XIX para o XX. Isso porque a cidade sobre a qual estamos lançando nosso olhar deve ser analisada a partir de suas especificidades. Assim, nos anos em estudo, Pombal configurava-se como um espaço de calma, desprovida de ritmos frenéticos, característica fundamental, segundo Aranha (2004) para caracterizar as cidades modernas.

Contudo, mesmo desprovida deste ritmo intenso, a chegada de alguns equipamentos novos, era festejada pelos habitantes de Pombal como sinais de que a cidade estava se modernizando.

Assim, a aproximação com as discussões de Aranha (2004) é fundamental para que possamos analisar o processo de implantação das aparelhagens modernas em Pombal no início do século XX. Para ele, a modernidade nas cidades do Norte não pode ser comparada àquela ocorrida nas capitais européias. A modernidade nortista, segundo esse autor, só é possível se levarmos em conta suas especificidades. Dessa maneira, graças à perspectiva

que nos abriu o trabalho de Aranha é possível pensarmos em modernidade nas pequenas cidades brasileiras, a exemplo de Pombal, atentando sempre para as suas singularidades.

Também são importantes para o nosso trabalho, os conceitos de diversão e lazer utilizados pelo historiador cearense Antonio Clarindo Barbosa de Souza. Para este autor, diversão são as atividades diversionais não programadas, enquanto que lazer é entendido por este, como aquelas atividades programadas. Assim, é muito pertinente a utilização destes conceitos para conhecermos alguns espaços de diversão em Pombal, tais como: Festas religiosas, sessões de cinema, passeios de trem, bordéis, entre outros.

Tendo em vista que a história oral se apresenta como um campo de potencialidades metodológicas e cognitivas muito amplas, optamos por adotá-la como principal procedimento de pesquisa e de constituição de fontes para o estudo do tempo presente⁹ em Pombal, ou dizendo de outra forma, para o estudo de um passado imediato, capaz de ser apreendido pelas memórias dos seus antigos habitantes. Contudo, isso não nos eximiu do uso de outras fontes, tais como: iconográficas; bibliográficas; oficiais (documentos do poder executivo e legislativo municipal), entre outras.

Surgida como meio privilegiado para uma história humanizada¹⁰, a história oral possibilitou o estudo de novos objetos, de forma que os historiadores voltaram seus interesses para a contemporaneidade, cujos temas podem ser acessados através de entrevistas orais (ALBERTI, 2006). Não obstante, ainda existem muitas controvérsias com relação ao seu uso, o que não é nossa finalidade aventar neste trabalho. Várias tendências se delinearam, cada uma portando a sua verdade. Estando, segundo Paul Thompson (1992), o âmago dessa confusão na própria expressão “História Oral” pois

ela implica uma analogia enganosa com aspectos já diferenciados da história – econômico, agrícola, médico, legal, e assim por diante. Ao passo que a história oral não pode nunca ser um “compartimento” da história propriamente dita; é uma técnica que, presumivelmente, pode ser utilizada em qualquer ramo da disciplina. Sua denominação também sugere – na verdade requer- uma área de trabalho diferenciada, quando de fato, para quem quer que tenha coletado evidência oral em campo durante qualquer espaço de tempo, é evidente que compilar fontes orais é uma atividade que aponta para a conexão existente entre todos os aspectos da história e não para as divisões entre eles (THOMPSON, 1992, p. 104-105).

⁹ A história do tempo presente se identifica aqui com aquela escrita por historiadores sobre os acontecimentos do seu tempo.

¹⁰ De acordo com Haddock (1989) o termo história humanizada está relacionado à produção histórica dos humanistas do Renascimento, antes mesmo da institucionalização da história enquanto ciência. Já Paul Thompson (1992) ao usar a expressão história humanizada refere-se a uma produção histórica, onde todos os homens e mulheres participaram da construção da história. Assim, nos aproximamos dessa idéia e não da primeira.

Tendo em vista as várias possibilidades de trabalho com a chamada história oral, escolhemos aquele viés que a define como uma metodologia. Aqui nos aproximamos das historiadoras Delgado (2006), Alberti (2006) e Bosi (2004). Essas pesquisadoras afirmam ser a história oral uma metodologia de pesquisa e de composição e arquivamento de fontes para o estudo do presente, que tem como base o depoimento de quem experienciou acontecimentos do passado. Segundo as autoras, o testemunho oral permite uma análise das experiências desempenhadas e elaboradas por homens e mulheres de distintos grupos sociais. E na proporção em que transforma os objetos de estudo em sujeitos, concorre para uma história mais imparcial, mais próxima do real¹¹, pois

os sujeitos construtores da história da humanidade são muitos, são plurais, são de origens sociais diversas. Inúmeras vezes defendem ideais e programas opostos, o que é peculiar à heterogeneidade do mundo em que vivemos. Seus pensamentos e suas ações traduzem, na multiplicidade que lhes é inerente, a maior riqueza do ser humano: a alteridade (DELGADO, 2006, p. 55).

Comentando Ricouer, Dosse (2004) observa que a memória pluralizada, fragmentada, invade, atualmente, por todas as direções o universo historiográfico. Concomitantemente, o pesquisador tem diante de si uma enorme variedade de “histórias” narradas pelas mais diferentes pessoas. Compete-lhe, cogitar detalhadamente o material coletado, não com o objetivo de criar atritos polarizantes, do tipo verdadeiro x falso, mas cabe-lhe selecionar aquilo que dará consistência a uma produção científica. Nas palavras do autor: “a preocupação com a verdade do passado se completa na exigência de um presente, que também, possa ser verdadeiro” (2004, p. 47).

Ao romper com uma ótica determinista, a história oral, tanto realça a atuação de homens e mulheres na construção de sua identidade, quanto equaciona/equilibra as relações entre passado e presente, identificando que é a partir das necessidades do presente que o passado é (re)construído e /ou (re)significado. Enfim, a história oral estreita os vínculos entre história e memória¹².

Em face disso, a memória deve ser compreendida não como um resumo das práticas individuais, mas como um conjunto de significados da memória social inscritas em práticas e na memória construída e (re)significada pelo historiador.

¹¹ No final da década de 1970, o historiador Paul Thompson, em seu manual *A Voz do Passado*, pretende equacionar o uso da história oral, visto que, a primeira geração da história oral dava atenção “aos de cima”. Assim, a geração militante da qual derivou Thompson, pretendia dar voz aos “de baixo”, equilibrando dessa forma o uso da metodologia que deveria ouvir a todos indiscriminadamente.

¹² Sobre a relação entre memória e história ver Haddock (1989, pp.36-37).

De acordo com Delgado, a relação Memória e História é também relação memória coletiva e memória individual, sempre entrelaçadas e quase sempre dotada de poder: poder de esquecer, de lembrar, de omitir, de silenciar (DELGADO:2006, p. 31).

Para Halbwachs, a memória do indivíduo se constrói com base nas experiências compartilhadas socialmente, ou seja, “depende do seu relacionamento com a família, com a classe social, com a escola, com o grupo de referências peculiares a esse indivíduo” (apud. BOSI, 2004, p. 54) essa compreensão sobre a construção da memória coletiva¹³ também nos permite entender as representações acerca das transformações modernizantes em Pombal enquanto construções históricas.

Numa inversão de perspectiva, Pollak enfatiza “o caráter destrutivo, homogeneizante e opressor da memória coletiva” (1989, p. 4), reconhecendo a pluralidade de lembranças. Contudo, continua o autor, “mesmo no nível individual o trabalho da memória é indissociável da organização social da vida” (1989, p. 15). Então, enquanto a memória coletiva é partilhada por toda a sociedade, a memória individual, por ser plural é também conflituosa, pois se opõe à memória nacional, considerada a memória legítima. Para Pollak, “existem nas lembranças de uns e de outros zonas de sombra, silêncios, ‘não-ditos’.”¹⁴(1989, p. 7). A memória silenciada ou “não-dita”, seria para ele uma forma de resistência, moldada às vezes pela angústia de não ser ouvido, de ser mal interpretado, de ser punido ou ridicularizado em prol das histórias legitimadas pelo coletivo. Sobre isso também nos ajudaram as assertivas de Ricoeur que ao afirmar que silêncio não é esquecimento, permitiu-nos entender que muitas vezes os silêncios são uma forma de comunicação alternativa, uma espécie de escape para situações conflitantes para aquelas pessoas que vivenciaram os eventos. Logo, o silêncio, assim como a memória, está enquadrado e significado socialmente.

O ato de falar, os silêncios, os lapsos, esquecimentos, olhares, por sua acepção social, exigem do historiador muita dedicação na delicada tarefa de entrevistar. Isso porque “se as lembranças às vezes afloram ou emergem quase sempre são uma tarefa, uma paciente reconstrução”(BOSI, 2004, p. 39). Tal como Bosi, acreditamos que o vínculo de amizade e confiança entre pesquisador e entrevistador é fundamental para a fluência da lembrança. De igual importância é saber ouvir e compreender os limites dos nossos rememoradores, uma vez que, “quando a memória amadurece e extravasa lúcida, é através de um corpo alquebrado, dentes falhos, urina solta, a cegueira, a ânsia, a surdez, as cicatrizes, a íris apagada, as lágrimas incoercíveis” (BOSI, 2004, p. 39). Isto é, realizar uma entrevista é exercitar nosso poder de concentração em várias coisas a um só tempo (ALBERTI, 2005).

¹³ Sobre a memória coletiva e a identidade ver Alberti, 2006, p.166.

¹⁴ Para uma melhor compreensão sobre as memórias silenciadas ver Dosse (2004).

Neste sentido, Ricouer também é brilhante, pois ao apontar as dificuldades de compor um trabalho de memória, orienta-nos no manejo sobre os limites “flutuantes entre os possíveis do “dito” e do “não-dito”(DOSSE, 2004).

Assim, a metodologia de história oral, possibilita-nos uma reflexão e uma apreciação diferenciada sobre o passado, por sua dinamicidade que permite que conjunturas e eventos insurjam na medida em que a memória é transmutada numa narrativa, tornando-se uma preleção sobre o passado e, concomitantemente, constituindo-se em nossos indícios. Ou seja, acreditamos que os depoimentos dos sujeitos que experimentaram os acontecimentos são fundamentais para a análise histórica. A reconstrução da história torna-se, ela mesma, um procedimento de cooperação muito mais extenso, onde não-profissionais devem realizar função decisiva, pois, quando o historiador confere um lugar especial ao homem ordinário¹⁵ (no sentido ceriteuniano do termo) em suas exposições escritas ou verbais, a história é enormemente beneficiada (THOMPSON, 1992). No tocante às conquistas materiais ocorridas em Pombal na primeira metade do século XX, o uso dessa metodologia abre inúmeras perspectivas, tornando possível conhecer uma outra história, diferente daquela consagrada como “oficial”.

A história oral também permite que os sujeitos históricos sejam tratados como sujeitos ativos, na medida em que suas lembranças fornecem informações sobre si mesmos. Nesse sentido, há um “reconhecimento da importância de cada indivíduo/depoente em si mesmo e sua relação com a sociedade na qual está ou esteve integrado. Cada pessoa é componente específico de um mosaico maior que é a coletividade” (DELGADO, 2006, p.52).

Outra fonte que nos auxilia na nossa travessia por Pombal é a iconografia, através das quais podemos conhecer algumas das práticas modernizantes dos pombalenses, mas também algumas de suas representações sobre tais práticas.

Assim, desejamos conhecer e analisar algumas destas práticas ocorridas em Pombal nas décadas de 20, 30, 40 e 50 do século passado e as representações que as pessoas que viveram aqueles anos construíram sobre tais práticas.

A TRAMA

Três capítulos compõem este trabalho. No primeiro, apresentamos uma discussão teórico-metodológica sobre o conceito de modernidade e sua aplicabilidade dentro de uma cidade situada no interior do estado da Paraíba. Este movimento é pertinente, pois objetiva orientar o leitor sobre os caminhos por nós escolhidos para analisar as transformações

¹⁵ Sobre o significado de “homem ordinário ver: CERTEAU, Michel de. A invenção do Cotidiano I: Artes de fazer. 6ª edição. Petrópolis: Vozes, 2001.

modernizantes ocorridas em Pombal. Seguindo-se a isto, fazemos uma digressão por algumas das principais obras que tem a cidade moderna como objeto de estudo.

No segundo capítulo, apresentamos algumas das mudanças materiais ocorridas em Pombal nos anos por nós contemplados e as relações sensíveis que os pombalenses estabeleceram com as novas aparelhagens.

Desse modo, a partir da análise das fontes “oficiais”, da bibliografia local, das lembranças dos antigos moradores de Pombal e da iconografia que foi possível recolher, apresentamos ao leitor algumas das práticas modernizantes ocorridas em Pombal entre os anos de 1927 e 1959. Procuramos mostrar como a introdução de alguns equipamentos novos impactou a vida cotidiana daquela urbe, provocando o surgimento de novas sensibilidades e de novas sociabilidades.

Nesse sentido, inicialmente conduzimos o leitor a conhecer as noites de Pombal, suas ruas escuras, seus becos, suas calçadas acanhadas, seus personagens reais e também os imaginários, que circulavam naquela cidade quando “caia a noite”. Nosso objetivo aqui é apresentar ao leitor o cotidiano noturno dos pombalenses dentro da lógica da cidade moderna. Assim, analisamos também neste capítulo as transformações ocorridas no cotidiano da cidade a partir da chegada da luz elétrica.

Num segundo momento, vamos caminhar até a Estação do Trem. Aqui apresentaremos o lugar de maior movimentação da cidade nos anos por nós estudados. Comerciantes locais, trabalhadores braçais, ambulantes, mendigos, membros da elite, populares, enfim, personagens diversos que se apropriavam daquele espaço também de formas diversas, reinventando-o cotidianamente. Mas além das sociabilidades que surgiram naquele território, pretendemos mostrar os impactos provocados por aquela aparelhagem que era decantada como um dos símbolos maiores da modernidade: o trem de ferro. Assim, analisamos alguns conflitos que perpassavam aquela cidade nos anos anteriores à chegada da referida aparelhagem à Pombal, bem como as mudanças na moda, a agilização das comunicações e o desenvolvimento econômico e social ocorridos com a chegada dos trilhos redentores.

Ainda neste capítulo segundo, convidamos o leitor a ir conosco até o Cine Teatro Lux. Lá conheceremos além de alguns artistas holywoodianos que divertiram, apaixonaram e emocionaram muitos pombalenses, outros personagens locais excêntricos. Também circularemos pela Rua Jerônimo Rosado ao som das canções da época, antes de começar o filme. Nessa rua, outros tantos pombalenses, trabalharam, conversaram, riram, namoraram, brigaram e até choraram. Alguns eram felizes, outros, talvez infelizes. Mas o cinema não se limitou às sessões em que eram projetadas as películas cinematográficas. Esta aparelhagem promoveu o que SOUZA (2001) e MENEGUELLO (1996) chamam de “cinematografização do cotidiano”, influenciando a moda, o comportamento, gerando

conflitos e provocando novas formas de sociabilidade entre os pombalenses ditos da elite e aqueles nomeados como populares.

Depois de mostrar algumas das mudanças materiais e as transformações sensíveis por elas provocadas em Pombal, convidamos o leitor a conhecer um pouco mais sobre o cotidiano dos moradores da cidade. Nesse sentido, no terceiro capítulo apresentamos alguns lugares e/ou práticas de lazeres e diversões que foram experimentados por pombalenses e visitantes na primeira metade do século XX.

No primeiro item, vamos participar dos festejos em homenagem a Nossa Senhora do Rosário. Conduzidos por alguns personagens, conheceremos as barracas, os brinquedos, os sons que animavam as noites, as celebrações sacras. Nosso objetivo é mostrar ao leitor que a Festa dos Negros de Pombal foi incorporada, a partir de algumas práticas, na conjuntura da modernidade. Também buscaremos mostrar ao leitor algumas práticas boêmicas ou atitudes tidas como desregradas que perpassavam aquela festa, configurando-se no contexto das cidades que viviam seu processo de modernização, como práticas anti-modernas.

Logo após revisitarmos a Festa do Rosário, vamos fazer um *tour* pelos lugares de diversão oferecidos na cidade. Inicialmente conheceremos alguns personagens e práticas que eram consideradas incondizentes com o tipo de cidade que as elites haviam pensado. Partiremos com essas pessoas para o distante Bairro dos Pereiros. Lá conheceremos o “Rói Couro” e algumas das meretrizes que dançaram, conversaram, encantaram e até desencantaram os homens de Pombal. Num movimento inverso, conheceremos alguns espaços destinados aos lazeres permitidos. Além disso, tentaremos mostrar que tensões, conflitos, negociações e sociabilidades atravessaram tais práticas e espaços.

Algumas das explanações contidas nestas páginas provocaram muitas inquietações e interrogações, na mesma medida que permitiram algumas (re)interpretações e (re)apropriações, contudo, elas não esgotam o assunto, pois temos a convicção de que muitas serão ainda as inquietações, as (re)interpretações, as (re)apresentações, muitos serão os olhares que se voltarão ainda sobre a cidade que ora desvelamos.

CAPÍTULO I

1.1 DESCORTINANDO A MODERNIDADE: AS MUITAS POSSIBILIDADES DO MODERNO NA HISTORIA DAS CIDADES

Ser moderno é viver uma vida de paradoxos e contradições... É ser ao mesmo tempo revolucionário e conservador.

Marshall Berman

Ser moderno é encontrar-se em um ambiente que promete aventura, poder, alegria, crescimento, autotransformação e transformação das coisas em redor – mas ao mesmo tempo ameaça destruir tudo o que temos, tudo o que sabemos, tudo o que somos.

Marshall Berman

Os conceitos de moderno, modernidade e modernização apresentam, pela própria natureza do que envolvem, um percurso histórico tanto amplo quanto diverso. A análise dessas expressões passa essencialmente “pela discussão de termos como antigo/moderno, presente/passado, novo/antigo, ruptura/continuidade, bem como pelas noções de razão e irracionalismo, progresso e civilização”¹⁶ (SOUZA, 2006, p.113)

Não são poucos os trabalhos que tentam elucidar os sentidos do termo modernidade. No entanto, o que se percebe ainda é a existência de dificuldades para a compreensão dessa temática, posto que a reflexão sobre a modernidade bem como sobre a modernização instaura-se em condições ambivalentes que nos remetem ao germe desse processo, o moderno.

¹⁶ Sobre a relação antigo/moderno ver também LE GOFF, Jacques. **História e Memória**. Campinas: Ed.Unicamp, 2003, p 174. O autor afirma que ambos os termos surgiram em contexto ambíguo e complexo, de forma que nem sempre essas palavras expressaram oposições entre si. Ver também ELIAS, Norbert. **O processo Civilizador**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1994, vol. 1. De acordo com esse autor, o conceito de “civilização refere-se a uma grande variedade de fatos: ao nível da tecnologia, ao tipo de maneira, ao desenvolvimento dos conhecimentos científicos, às idéias religiosas e aos costumes. Pode se referir ao tipo de habitação ou à maneira como homens e mulheres vivem juntos, à forma de punições, determinadas pelo sistema judiciário ou ao modo como são preparados os alimentos” (1994, p. 23). Para Elias, o conceito de civilização traduz o desejo de superioridade das nações ocidentais frente às nações mais antigas e/ou mais primitivas. Sendo a palavra civilização, ainda para esse autor, fundamental para a distinção entre as sociedades do ocidente e demais sociedades, o que se expressa através das diferenças culturais, visão de mundo, estágio de desenvolvimento etc. (ELIAS, 1994, p.23).

De acordo com Jacques Le Goff (2003), foi durante a Idade Média que o termo moderno apareceu, sendo naquele contexto compreendido como “recente”. Nessa perspectiva, ser moderno significava ser cristão, enquanto ser antigo permitia uma associação com o paganismo da Antiguidade. Assim, *modernus*, derivado de *modo*, “foi usado inicialmente, em fins do século V d. C., como antônimo de *antiquus*” (KUMAR, 1997, p. 79). Para ser mais exato, antigo era o mundo greco-romano, o período anterior à vitória do cristianismo, marcado, sobretudo, pelo êxodo urbano e pela intensa ruralização (LE GOFF, 2003). Nesse caso, ser moderno era visto como positividade. Entretanto, essa visão não tardou a depreciar-se naquela conjuntura, pois, ao ser compreendido como sinônimo de “novo”, idéia que pressupõe o surgimento de perspectivas inovadoras de leitura e expressão do mundo ou um rompimento com as tradições de uma dada época, o sentido de “ser moderno” torna-se extremamente negativo.

Kumar, pensando na esteira de Gurevich, afirma que o termo *modernitas*, para os homens do *médium tempus*, tinha significado rebaixado, depreciado. “Tudo o que era novo, não consagrado pelo tempo e pela tradição, era visto com suspeita... O valor pertencia exclusivamente ao que era antigo” (1997, p.84). Essa mudança de perspectiva deu-se em virtude da veneração, por parte dos pensadores cristãos, aos seus antecessores da Antiguidade¹⁷. Dessa forma, continua Kumar: “*Antiquitas* era sinônimo de conceitos tais como *autoritas* (autoridade), *gravitas* (dignidade), *majestas* (grandeza)” (1997, p.84.). Ser antigo era, por conseguinte, qualidade superior da qual resultava um sentido valorativo.

Assim, se no medievo, o moderno, por sua condição particular de romper com o antigo, passou a ser visto como desprezível, capaz de conduzir a espécie humana a sua degeneração, no início dos “tempos modernos”¹⁸, no mundo ocidental, essa compreensão foi substituída por uma outra, “a crença na razão e no progresso infundáveis da Humanidade” (SOUZA, 2006, p. 114). Porém, mesmo em face do aparecimento dessa idéia, havia ainda uma forte ligação entre o tempo presente/moderno e o tempo passado/antigo. Essa ligação concorreu para que palavras como *moderni*, *modernitas* e seus cognatos continuassem a

¹⁷ Em virtude da crença na superioridade dos “antigos” em detrimento dos “modernos,” tornou-se comum o ditado, cuja paternidade é atribuída a Bernard de Chartres, no século XII, que diz: “nos sumos sicut nanus positus super humeros gigantis” (o anão em pé sobre os ombros do gigante pode ver mais longe que o próprio gigante) (apud. LE GOFF, 2003, p. 177). O provérbio celebrava a supremacia dos antigos em relação aos homens medievais e modernos.

¹⁸ Segundo Jacques Le Goff, a história ocidental, durante a Renascença, foi dividida em três épocas: Idade Antiga, Média e Moderna. Isto significa que, antes de Petrarca, a periodização estabelecida excluía a Idade Média, ou *storia tenebrae*, e que foi esse renascentista que a colocou entre a *storia antica* e a *storia nova*, conforme assegura o historiador. Assim, ao usarmos a expressão “tempos modernos”, referimo-nos ao período da história posterior à Idade Média o qual antecede os tempos contemporâneos (LE GOFF, 2003, p 174- 182). Ver também KUMAR, Krishan. **Da Sociedade Pós-Industrial à Pós-Moderna: novas teorias sobre o mundo contemporâneo**. Tradução Ruy Jungmann. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997, p.79-84.

ser depreciados durante a renascença. Nessa perspectiva, o termo *modern*, em inglês, refere-se aos tempos recentes, àquilo que tem sua origem no período atual. Em face disso, pressupõe-se que a depreciação do termo “moderno”, nos primórdios da modernidade, encontra justificativas no sentido que lhe fora atribuído durante a Renascença, qual seja: ser moderno era o mesmo que ser usual, vulgar, comum. E por mais contraditório que possa parecer, aquilo que se definia como moderno, na realidade, não se tratava de algo realmente “novo”, mas de práticas já consagradas pelo tempo ou, de outro modo, sinalizava aquilo que se pretendia resgatar em um período não muito recente. Em suma, o movimento cultural do início do século XVI não apresentava, em sua essência, nada de novo, pois seu objetivo principal era recobrar ou realçar as realizações das civilizações Clássicas, ou mais precisamente, da Antiguidade Clássica¹⁹.

Os tempos modernos eram vistos como cópias/imitações de formas mais antigas. Não havia, na concepção de quem viveu aqueles tempos, nada de original ou inovador. “A Idade Média podia ter passado, mas o que estava por vir não seria algo novo e diferente, mas um passado reformado, renascido” (KUMAR, 1997, p. 86). Portanto, não foi nesse contexto que se originou a modernização, caracterizada pelo intenso desenvolvimento industrial, assinalando um período de grande prosperidade, reconhecido/identificado como modernidade²⁰.

Contudo, mesmo estando longe de representar a ruptura entre passado e presente e de se desligar dos valores do *medium tempus*, aquele acontecimento certamente contribuiu para o surgimento de novas sensibilidades. O Renascimento tanto permitiu aos contemporâneos emular os homens da antiguidade, quanto superá-los em capacidade, e na proporção em que combatia a autoridade eclesiástica, permitia a propagação de novos modelos e padrões críticos e coerentes com a lógica racional²¹. Tais padrões, afirma Kumar, “poderiam ser usados contra todas as formas de autoridade intelectual” (1997, p. 87). Dessa maneira, o desenvolvimento científico-tecnológico bem como a propagação das letras, ao

¹⁹ De acordo com Calinescu: “A antiguidade Clássica veio a ser associada à luz resplandecente, a Idade Média tornou-se a ‘Idade das Trevas’, noturna e esquecida, enquanto a Era Moderna era concebida como uma época de afastamento da escuridão, um tempo de despertar e de renascença, anunciando um futuro luminoso” (apud. KUMAR, 1997, p.85). Para este autor, a Renascença seria um retorno à Antiguidade Clássica.

²⁰ Sobre a compreensão do que é a modernidade, ver BERMAN, Marshall. **Tudo o que é sólido desmancha no ar**. São Paulo: Companhia das Letras, 2007. Ver também ELIAS, Norbert. **O processo Civilizador**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1994, vol. 1

²¹ Em meados do século XVI surgiram algumas manifestações contra a idéia de superioridade dos “antigos”, a exemplo do humanista Luis Vivès que defendia a idéia de um progresso linear, apontando, com base na máxima de Bernard de Chartres, que “os homens do seu tempo eram, graças aos antigos, mais cultos que eles” (apud. LE GOFF, p.183). Essa nova lógica permitiu a disseminação da idéia de desenvolvimento e progresso permanente da humanidade.

proporcionarem o aparecimento de novas descobertas e invenções, foram “as pedras” fundamentais para o advento de idéias revolucionárias que transformariam para sempre a face do mundo.

O século XVII, por seu caráter revolucionário, presenciou grandes avanços intelectuais. Entretanto, durante esse período e até meados do século XVIII, “decadência e degeneração eram ainda partes integrantes da história humana, assim como o crescimento e o progresso. A cultura, a ciência e mesmo as artes poderiam progredir, mas isso em geral acontecia ao custo do progresso moral e espiritual”²² (KUMAR: 1997, p. 89).

Foi somente às vésperas da Revolução Francesa que essa imagem apocalíptica foi preterida por uma idéia de desenvolvimento humano infundável. O Século das Luzes, ao abraçar a causa do progresso, lançou as bases do que seria uma “nova idéia de modernidade”²³ (LE GOFF, 2003). Em outras palavras, a emergência do século XVIII, com toda a sua cientificidade e racionalidade, deu à modernidade uma outra roupagem: sua definição esteve, nesse contexto, ligada ao desenvolvimento da indústria nascente, à expansão capitalista e, por que não dizer, à tecnológica²⁴.

Cabe lembrar que a Revolução que ocorreu na França em 1789²⁵ tanto era representativa da nova consciência que surgia – a razão, como foi também um dos principais meios de difundi-la. No entanto, é difícil, senão impossível, compreender o fenômeno da modernidade sem mencionar os aspectos econômicos que contribuíram para seu aparecimento. Que fique claro: se a Revolução Francesa marcou o advento da “modernidade”, as condições materiais foram lançadas pela Revolução Industrial, que consolidou o modo de produção capitalista. Em suma, a gênese da modernidade está

²² Sobre isso ver também LE GOFF, Jacques. **História e Memória**. Campinas: Ed.Unicamp, 2003, p.183.

²³ Segundo Kumar, a nova idéia de modernidade teria surgido a partir da idéia de progresso defendida por Kant, Turgot, Condorcet no século XVIII e outros pensadores ainda no século XVII (1997, p. 91).

²⁴ Na transição do século XIX para o século XX, o triunfo da industrialização vai promover uma mudança radical no significado do par antigo/moderno. De acordo com Jacques Le Goff, aparecerão três pontos de evolução e atrito: o movimento literário, denominado de modernismo; a modernização, surgida a partir do neo-colonialismo; e a modernidade (LE GOFF, 2003, p. 185-195).

²⁵ De acordo com Kumar, a Revolução ocorrida em 1789 na França foi considerada a primeira revolução dos “tempo modernos”. Para ele, sua importância foi definitiva para a consolidação do capitalismo e da própria noção de progresso. Naquele contexto, até o significado de revolução foi alterado, passando a significar “a criação de alguma coisa inteiramente nova, algo nunca visto antes no mundo” (KUMAR, 1997, p. 92). De fato, nesse contexto, a França presenciou a queda da Monarquia e a instauração de um Governo Republicano burguês; a diminuição do poder eclesiástico; a abolição de muitos dos privilégios feudais; a ascensão da baixa burguesia ao poder... tudo isso espantava o mundo!

implicada na revolução científica do século XVII e/ ou, mais anteriormente, ligada ao sistema capitalista comercial do século XVI²⁶.

Não obstante, parece oportuno argumentar que a maior parte dos autores que tratam do tema compartilham da idéia de que o termo “modernidade” refere-se sobretudo à segunda metade do século XIX, período em que irrompeu a Revolução Científico-Tecnológica²⁷.

Atribui-se a Theophile Gautier e a Baudelaire a definição do termo modernidade na França do Segundo Império, ou mais precisamente, de meados do século XIX²⁸ em diante. Para o último autor, a modernidade estaria necessariamente ligada à moda, à beleza, à época, ao requinte. De acordo com Le Goff, quando o poeta se pergunta sobre o que é a modernidade, responde: “é o que há de ‘poético’, no histórico, de ‘eterno’, no transitório” (apud. LE GOFF, 2003. p. 194). A sua condição de *flâneur* permitiu-lhe conhecer as transformações materiais e sociais da cidade, porque, sob o céu de Paris, pode cotejar suas minudências. Para ele, o mundo fragmentado da modernidade, criado pelo sistema capitalista, submete o sujeito aos princípios básicos da dinâmica social. Nesse sentido, a modernidade seria aquilo que está em movimento, relacionando-se às mudanças de comportamento, ao dandismo, à moda. Afirma: “cada época, tem o seu porte, o seu olhar, o seu gesto” (apud. LE GOFF, 2003, p.200).

Nessa expectativa, a modernidade passa a ser identificada como um fenômeno em permanente e intensa transformação. Segundo Antonio Clarindo B. de Souza: “a modernidade embasa teoricamente o ser moderno, e ser moderno é uma busca constante pelo novo” (2006, p. 116).

No curso dessas reflexões, um outro conceito da maior importância se coloca: o de modernização. Sendo esta entendida como o processo de metamorfose das sociedades

²⁶ Em *Tudo o que é sólido desmancha no ar*, Marshall Berman, divide a história da modernidade em três fases. A primeira inicia-se no século XVI estendendo-se até o século XVIII, momento em que ocorre a Revolução Francesa. Esse ponto marca o início da segunda fase, que atinge seu ápice com a Revolução Industrial do século XIX. No século XX, o processo de modernização se expande englobando todo o mundo. Esse processo global caracteriza o que BERMAN definiu como terceira fase da modernidade. O autor afirma ainda que “encontramo-nos hoje em meio a uma era moderna que perdeu contato com as raízes de sua própria modernidade” (2007, p. 25 -26).

²⁷ Em função dos avanços alcançados durante a Segunda Revolução Industrial, alguns autores a denominam Revolução Científico-Tecnológica. A esse respeito ver SEVCENKO, Nicolau. **A Capital Irradiante: técnicas, ritmos e ritos do Rio**. In: SEVCENKO, Nicolau. (org).História da Vida Privada no Brasil: República da Belle Époque à Era do Rádio. São Paulo: Companhia das Letras; 2001.

²⁸ Conforme Marshall Berman, foi Jean-Jacques Rousseau ainda na primeira fase da modernidade, entre o século XVI e XVIII, o primeiro a empregar o termo *moderniste* no sentido usado nos séculos XIX e XX (2007, p. 26).

ocidentais, originário das transformações sociais e econômicas da modernidade²⁹. Posto isto, cabe lembrar que tanto a modernidade como a modernização devem ser analisadas dentro de uma ótica capitalista. Todavia, devemos, na condição de historiadores, tomar cuidado para não cairmos no pragmatismo de analisar os eventos com base em conceitos genéricos e universais. Em face disso, Kumar alerta: ao tomarmos a modernização como sinônimo de industrialização, devemos estar atentos para não a enquadrarmos num modelo limitado, esgotado, uma vez que industrialização não é simplesmente tecnologia em grande escala ou crescimento econômico, mas, da mesma forma que a modernidade, caracteriza-se por ser um estado permanente de crises e renovações³⁰ (1997).

Enfim, a Revolução Científico-Tecnológica, ao impor um modelo cultural ligado ao consumismo permanente, proporcionou uma dinâmica da modernização social³¹, o que nem sempre era benéfico para a maioria da população. Somente um pequeno número de pessoas, geralmente os detentores de riquezas, é que sentiam e viviam as benesses desse processo de “melhoramento material”. Nessa perspectiva, enquadra-se aquilo que SOUZA (2006) denominou de “projeto burguês ou capitalista” de modernidade³².

Para os capitalistas, a mudança da sociedade baseada no desenvolvimento industrial possibilitaria aos homens a igualdade, a liberdade e a fraternidade; evidentemente, tais conquistas seriam balizadas de acordo com a sua atuação dentro de um mundo cada vez mais competitivo e cambiante, onde só os mais hábeis sobreviveriam (SOUZA, 2006, p 114-115).

Se a ordem era consumir, o modelo capitalista não atingiria a todos da mesma forma. Isto porque muitos dos trabalhadores não se tornavam consumidores dos produtos considerados supérfluos. Mas, possuíam, na economia, importância fundamental, enquanto consumidores de gêneros de primeira necessidade, para garantir o desenvolvimento urbano.

²⁹ Ver SOUZA, Nelson Mello e. **Modernidade: Desacertos de um consenso**. São Paulo: Editora da Unicamp, 1994. Para ele, a modernização é um conceito “usado para definir o processo de transformação da sociedade a partir da difusão de instituições que surgem em resposta à transformação da economia pela industrialização progressiva” (1994, p. 66). Ver também LE GOFF, Jacques. **História e Memória**. Campinas: Ed.Unicamp, 2003, p. 191.

³⁰ Sobre isso ver SOUZA, Antonio Clarindo Barbosa de. **Perdidos nos labirintos da Modernidade e da pós Modernidade**. In. Textos didáticos. Antonio Clarindo B. de Souza (org) – Ano I, v. 1, n 1 – Campina Grande: EDUFCEG, 2006 – v – (Serie História).

³¹ Jacques Le Goff, em seu livro intitulado *História e Memória*, afirma a existência de três tipos de modernização. Há, segundo o autor, a modernização equilibrada, a modernização conflitual e a modernização por tentativas (LE GOFF, 2003, p. 190-191).

³² Para Antonio Clarindo B. de Souza, as noções de razão e progresso permitiram, a partir do final do século XIX, o aparecimento de dois projetos políticos que foram identificados como utopias modernas. Seriam eles, o projeto burguês e o projeto socialista (SOUZA, 2006, p. 114-115). Sobre esses projetos ver também Kumar (1997, p. 98-99).

Não menos importante era o fato de a grande maioria dos homens e mulheres ter sido transformada em mão-de-obra barata. Assim, o capital ficava concentrado nas mãos de um pequeno número de proprietários e burgueses que enriqueciam em prejuízo das classes trabalhadoras (ROCHE, 2000). Em face disso, tanto a modernidade quanto a modernização eram sentidas e experienciadas de forma diferente pelos diversos grupos sociais. Contudo, nos lembra Souza: “em qualquer espaço onde ocorra um processo de modernização, haverá sempre um grupo de pessoas que pensará em como convencer as outras de que este processo é benéfico” (2006, p.120). E, claro, haverá também aqueles pensadores que se posicionarão contra as transformações modernizantes. Esses se colocam como defensores das tradições. Assim, os discursos dos letrados eram fundamentais para a formação de novas sensibilidades, fossem eles a favor ou contra as transformações materiais³³.

No contexto capitalista em ebulição, serão as cidades européias o espaço privilegiado do processo de modernização. Pois nelas, formas antigas e novas se chocam, assim como os valores do progresso se cruzam com os princípios da tradição.

De acordo com Sandra Jatahy Pesavento, ao longo do século XIX,

Paris experimentou toda uma gama de transformações ligadas ao desigual desenvolvimento do capitalismo francês: a cidade decuplicou a sua população (...), diversificou o parque produtivo, redesenhou-se o espaço urbano (...). Paris era por excelência o teatro desse processo de modernização. Na capital da França se revelam as antinomias urbanas (2002, p. 31).

Ao longo do século XIX, Paris foi sede de quatro exposições universais cujo objetivo era mostrar as inovações técnicas que vinham se processando tanto na França quanto em outras partes do mundo. Mas o impulso que tais inovações proporcionaram ao desenvolvimento das sociedades configura-se como fator de importância fundamental, uma vez que as tecnologias modernas difundidas a partir daquela capital permitiram a consolidação do sistema global do mercado capitalista³⁴, cujo impacto sobre as diferentes economias foi espetacular. Em um curto espaço de tempo, as indústrias ocidentais

³³ No Brasil, por exemplo, os romances urbanos do século XIX – A Moreninha, de Joaquim Manuel de Macedo, Senhora, de José de Alencar, O Cortiço, de Aluísio de Azevedo, Dom Casmurro, de Machado de Assis, além de muitos outros – retratavam e criticavam os costumes da época. Além dos romances, a crônica também se destacava como gênero de grande importância para a vida social, uma vez que podia apontar, criticar ou mesmo reforçar um ideário. Entre alguns dos principais cronistas do século XIX estão os escritores José de Alencar, Machado de Assis, Olavo Bilac, este atravessando o século XIX e XX.

³⁴ Cf. SEVCENKO, Nicolau. **A Capital Irradiante: técnicas, ritmos e ritos do Rio**. In: SEVCENKO, Nicolau. História da Vida Privada no Brasil: República da Belle Époque à Era do Rádio. São Paulo: Companhia das Letras; 2001, p.7-13.

ampliaram prodigiosamente suas exportações, e à medida que o faziam, submetiam economias menores, a exemplo das sociedades da América Latina, “que se viam dragadas rapidamente pelos ritmos mais dinâmicos da industrialização européia, norte-americana e, em breve, japonesa” (SEVCENKO, 2001, p. 12).

Daniel Roche (2001), em seu livro *História das Coisas Banais*, preocupa-se não com a velocidade em que surgem as invenções técnicas e intelectuais, mas principalmente com as transformações sócio-econômicas e culturais provocadas a partir do consumo das coisas materiais ou “banais”, para usar as palavras do autor. Essa abordagem é extremamente fértil para pensarmos no evento da modernidade nas cidades cujo grau de urbanidade é ainda incipiente, a exemplo da cidade Pombal, na Paraíba, pois “qualquer objeto, mesmo o mais comum, contém engenhosidade, escolhas, uma cultura” (apud. ROCHE, 2001, p. 19).

Para este autor, a análise da cidade passa pela compreensão das relações entre homens e objetos e suas implicações simbólicas. Roche se propõe a entender as novas sensibilidades enquanto práticas culturais gestadas socialmente, as quais acabam por fazer emergir novas idéias e novos hábitos sociais. Nesse sentido, torna-se pertinente uma aproximação com esse autor, pois nos permite conjecturar sobre as experiências sensíveis surgidas no espaço modificado pelas conquistas materiais.

A proposta de Daniel Roche possibilita a análise do modo pelo qual determinadas coisas que hoje são consideradas banais – a luz elétrica, os automóveis, o rádio, o cinema, a variação da moda etc. – interferiram na vida dos pombalenses que viveram no início do século passado, dando origem a novas sensibilidades.

Mas, na esteira das transformações que ocorriam em fins do século XIX, a modernidade não se configurava apenas enquanto conquistas materiais e surgimento de novas sensibilidades. Era o ritmo intenso do processo que a caracterizava, de forma que num breve espaço de tempo surgiram:

Os veículos automotores, os transatlânticos, os aviões, o telegrafo, o telefone, a iluminação elétrica e a ampla gama de utensílios eletrodomésticos, a fotografia, o cinema, a radiodifusão, a televisão, os arranha-céus e seus elevadores, as escadas rolantes e os sistemas metroviários, os parques de diversões elétricas, as rodas gigantes, as montanhas russas, a seringa hipodérmica, a anestesia, a penicilina, o estetoscópio, o medidor de pressão arterial, os processos de pasteurização e esterilização, os adubos artificiais, os vasos sanitários com descarga automática e o papel higiênico, a escova de dentes e o dentífrico, o sabão em pó, os refrigerantes gasosos, o fogão a gás, o aquecedor elétrico, o refrigerador e os sorvetes, as comidas enlatadas, as cervejas engarrafadas, a Coca-cola, a aspirina, o Sonrisal e (...) a caixa registradora (SEVCENKO, 2001, p. 9-11).

Embora a variedade de produtos/equipamentos surgidos naquela conjuntura tenha sido numerosa, o que mais importava, acrescenta Sevckenko (2001), “era o ritmo com que essas inovações invadiam o dia-a-dia das pessoas”, principalmente sentido nas grandes cidades modernas, mas sem dúvida alguma com gigantescos impactos em outros contextos.

Mas, ao concebermos a modernidade enquanto ritmo frenético de inovações e mudanças, somos levados a pensá-la imediatamente na relação com os termos da proposta de trabalho aqui apresentada. Como seria possível, em face de tal idéia, analisar o processo de modernização em uma pequena cidade localizada no Alto Sertão da Paraíba?

É o historiador paraibano Gervácio Batista Aranha que nos auxiliará nessa incursão. Em seu estudo intitulado *Seduções do Moderno na Parahyba do Norte: Trem de Ferro, Luz Elétrica e outras Conquistas Materiais e Simbólicas (1880-1925)*, esse autor aborda a experiência de modernidade nas cidades do norte do Brasil, alertando-nos sobre suas limitações e singularidades. Segundo esse autor, “é impossível falar em vida moderna no Norte, no período estudado³⁵, tomando como parâmetro a idéia de ritmo social do tipo que serve para caracterizar as capitais européias do período oitocentista” (2005, p. 79). Até porque eram imensas as distâncias que nos afastavam daquelas experiências modernas consagradas como “símbolos universais”. Nesse sentido, a implantação dos signos modernos é analisada por Aranha a partir de uma perspectiva simbólica ou cultural.

A modernidade nas pequenas cidades nortistas vai se tornando possível, na medida em que vamos nos afastando daquelas concepções vinculadas à velocidade, ditadas pelos “ritmos sociais”, isso porque a vida moderna no Norte do Brasil caracteriza-se menos pela agitação e ritmo frenético do que pela introdução de alguns poucos instrumentos novos que chegavam isolados, um de cada vez, e que eram considerados modernos, a exemplo de “certos equipamentos urbanos de uso coletivo, que se dão como a última palavra em termos de novidades produzidas ou adotadas no estrangeiro” (ARANHA, 2005, p. 79)³⁶.

Em outra obra de igual importância, *Trem e Imaginário da Paraíba e região: tramas político-econômicas (1880-1925)*, Aranha se propõe a analisar a modernidade nortista a partir da implantação dos trilhos na Paraíba e das relações de poder que aí se estabelecem, ou a partir das “tramas do político”, conforme ele as define. O autor assevera que não só a

³⁵ Nesse estudo, o período a que o autor se refere estende-se de 1880 a 1925, estando o nosso trabalho totalmente fora do seu recorte temporal, já que nos reportamos aos anos entre 1927 e 1959. Contudo, é importante deixar claro que, mesmo em face da não coincidência temporal, são pertinentes as idéias desse autor e enquadram-se perfeitamente no nosso estudo.

³⁶ O historiador Osmar Luis da Silva Filho (1999) aponta-nos uma alternativa para se pensar a modernidade na Paraíba. Para ele, a cidade moderna não é necessariamente industrializada, não é o ritmo acelerado que a caracteriza. Sendo a modernidade perpassada por diversas temporalidades, às vezes se expressa através da implantação de alguns elementos ou hábitos exportados pelas capitais européias (1999).

construção das ferrovias, mas todas as conquistas materiais dessa região foram marcadas por acirradas disputas entre as oligarquias.

Todos os empreendimentos de vulto nessa ou naquela região do país, em especial os que se destinavam à instalação de equipamentos de uso coletivo, um porto, uma estrada de ferro, uma usina de luz, dentre outros – os quais normalmente apareciam na crônica de época com o nome de ‘melhoramentos materiais’ – passava pelos interesses desses grupos de elite e de suas representações nas casas Parlamentares, não esquecendo de seus porta-vozes na imprensa” (2006, p. 35).

O autor coloca em relevo os interesses de “modernização” dos grupos elitizados, que muito embora proferissem discursos em prol do bem comum, não estavam engajados em nada que fugisse aos seus próprios interesses.

Ambos os títulos, embora tratem de temporalidades e espacialidades diferentes daquela por nós pretendida, nos permitem algumas reflexões importantes para a nossa pesquisa que tem como recorte temporal os anos de 1927 a 1959.

Em Pombal, cidade situada no interior da Paraíba, é possível percebermos no início do século XX que a introdução de um ou outro equipamento novo ou moderno era comemorado como sinal de que a cidade “civilizava-se”, dando seus primeiros passos na busca pela tão almejada modernidade.

Ainda seguindo os passos de Aranha (2006), percebemos que, na cidade por nós estudada, a experiência modernizante diferencia-se daquela ocorrida nas grandes metrópoles européias, assim como das experiências ocorridas em outras cidades brasileiras, a exemplo da modernização do Rio de Janeiro, a metropolização de São Paulo, no Sul e de Recife, no Norte, além de também apresentar diferenças enormes em relação àquela transformação ocorrida na capital do Estado, Parahyba do Norte. Pombal configurava-se no início do século XX como um espaço bucólico, essencialmente rural, o que pode ser demonstrado a partir das informações do censo realizado na década de 1950. De acordo com esse levantamento, o município contava na época com uma população de 50.292 habitantes, dos quais somente 4.867 constituíam a zona urbana, enquanto 45.425 pessoas viviam na zona rural.³⁷

Desse modo, o caso de Pombal deve ser analisado como um acontecimento único, intransferível, considerando-se as formas de recepção, apropriação e significação das idéias de modernidade propaladas na Europa, principalmente em virtude das necessidades próprias daquela cidade.

Portanto, dizendo de outro modo, na impossibilidade de pensar as transformações urbanas em Pombal, nas primeiras décadas do século XX, a partir das idéias oriundas do

³⁷ Conforme informações do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE).

processo *made in Europa*, cabe-nos, considerando as características espaciais e temporais próprias daquela cidade, analisar os impactos provocados pela implantação de alguns elementos consagrados como modernos sobre o imaginário social.

Desse modo, cabe-nos dizer que é a partir das perspectivas propostas por Gervácio Batista Aranha que pretendemos analisar a modernidade na pequena cidade de Pombal.

1.2 OS CAMINHOS HISTORIOGRÁFICOS SOBRE A CIDADE

Pensar a modernidade com todas as suas vicissitudes nos remete imediatamente ao universo urbano. Sem dúvida, o fenômeno da modernidade habita as cidades, já que são elas o lugar da história.

Indústrias, máquinas, maquinarias, lojas, moda, eletricidade, automóveis, embelezamento e saneamento de ruas, praças, avenidas, escolas, padrões, trabalhadores, barulho, miséria, disciplina, burlas... É nas cidades que as coisas acontecem, uma vez que elas “retêm a pulsação humana a fruição, os desejos e as expectativas, elementos que redefinem comportamentos, modos de vida, estabelecendo no urbano a multiplicidade” (SILVA FILHO, 1991, p. 8). Nesses espaços polissêmicos, desenrolam-se as tramas cotidianas, pois neles estão depositadas as vidas de milhares de homens e mulheres que se locomovem por ruas entrecruzadas cujo centro está no imaginário individual e coletivo³⁸. No curso dessas reflexões, as cidades nos chegam como a principal via de acesso à modernidade.

Os estudos sobre o urbano apresentam-se como um campo multifacetado, permitindo inúmeras abordagens. Dessa forma, ao adentrarmos esse universo, serão as nossas escolhas teóricas e metodológicas que orientarão nossa construção histórica sobre a urbe. E considerando que a compreensão sobre a cidade desloca-se dentro de um campo de possibilidades tanto polissêmico quanto polifônico, o seu conceito é, antes de tudo, o resultado dessas escolhas teóricas; enquanto sua análise passa necessariamente pelas discussões sobre as instituições políticas e econômicas que constituem a sociedade.

Posto que há inúmeras possibilidades de adentrar o universo citadino, ressaltamos que as discussões correlatas desenvolvem-se a partir de duas redes ou caminhos diferentes: o

³⁸ Cf. Revista USP, Dossiê...Cidades. São Paulo. n. 5, p. 2. março/abril/maio, 1990.

caminho técnico e o caminho simbólico³⁹. Enquanto a primeira rede ou caminho concebe a cidade como uma organização espacial planejada por engenheiros, urbanistas, sanitaristas e outras autoridades competentes, sendo enquadrada como pura materialidade e explicada por sua funcionalidade e operacionalidade; o segundo caminho concebe a urbe a partir da sua dimensão cultural e histórica e, nesse último sentido, as cidades são entendidas como resultado da “arte” humana, expressando o poder criador do homem, seus símbolos, suas formas de encarar o mundo e tecer sua história. Esse caminho, por sua subjetividade, não pretende um conhecimento imparcial sobre a urbe, nem tampouco atingir uma verdade absoluta, totalizante ou acabada⁴⁰. Aliás, o simples fato de usarmos “modelos pressupõe, por si só, que a história não é composta de fatos únicos, irrepetíveis, nem de singularidades irreduzíveis umas às outras” (FONTES, 1997, p. 357).

Mesmo levando em conta a condição física da cidade e a técnica que a envolve, não consideramos a materialidade dos espaços como invólucros neutros ou objetivados. Também não a entendemos como pura subjetividade, pois o nosso conhecimento sobre ela originou-se de “um trabalho de escolha e pesquisa, lastreado por problemas, hipóteses e pressupostos teóricos que permeiam a elaboração da questão e orientam os dados a serem pesquisados” (FONTES, p. 358).

Estando o nosso interesse de investigação centrado no desejo de conhecer as experiências plurais dos diversos atores sociais que vivenciaram as transformações modernizantes pelas quais a cidade de Pombal passou nas primeiras décadas do século passado, a nossa preocupação se volta para o estudo dos fenômenos constitutivos da sua memória, buscando capturar algumas das suas múltiplas representações. Assim, partilhamos da idéia de que a cidade é a efetivação material, ou não, dos sonhos e desejos de sua população⁴¹. Nesse sentido, tomamos de empréstimo o conceito de cidade da historiadora Sandra Jatahy Pesavento, que a define como:

³⁹ De acordo com Angel Rama, citada em epígrafe por Ana Luiza Martins: “As cidades desenvolvem suntuosamente uma linguagem mediante duas redes diferentes e superpostas: a física, que o visitante percorre até perder-se na sua multiplicidade e fragmentação, e a simbólica, que a ordena e interpreta”. Ver em MARTINS, Ana Luiza. **A invenção e/ou a Eleição dos Símbolos Urbanos: História e Memória da cidade paulista**. In. BRESCIANI, Stella (org). *Imagens da Cidade: Século XIX e XX*. ANPUH/São Paulo: Marco Zero/ FAPESP, 1994, p. 177.

⁴⁰ Em seu estudo intitulado *História e Historiografia das Cidades*, Maria Stella Bresciani (1998) também aponta duas abordagens possíveis para as questões urbanas enquanto temática: a primeira, segundo a autora, seria essencialmente material: “implantação no terreno, traçado de ruas e praças, as formas arquitetônicas de seus edifícios públicos e particulares” (1998 p. 238); a segunda seria enquadrada dentro de uma ótica social. Aqui a cidade seria vista a partir das relações sociais ocorridas dentro do território urbano, evidenciando-o como um lugar de pluralidades e diferenças no qual se encontram espaços ora congruentes, ora conflituosos.

⁴¹ Ver também MAYER, Regina M. Proserpi. **Urbanismo: à procura do espaço perdido**. In. Revista USP, Dossiê...Cidades. São Paulo. n. 5, p. 11-20. março/abril/maio, 1990. Para essa autora a cidade é também um espaço histórico produzido pelo homem.

uma materialidade de espaços construídos e vazios, assim como é um tecido de relações sociais, mas o que mais importa, na produção do seu imaginário social, é a atribuição de sentido, que lhe é dado de forma individual e coletiva, pelos indivíduos que nela habitam (2002 p. 32).

Uma definição não menos importante para o nosso trabalho nos é oferecida pelo historiador cearense Osmar Luis da Silva Filho, para quem a cidade é entendida tanto como território quanto como memória. De acordo com o autor, as cidades

são o **território** do desejo, da pulsão humana, da utopia; lugar onde se constroem as identidades; lugar de elaboração das formas de consciência, lugar da razão nos planejamentos e intervenções técnicas; da irracionalidade da multidão explosiva; cenário da modernidade; território do sagrado e do profano, lugar onde estão os sujeitos históricos, os atores sociais (1999, p. 53) (grifo nosso).

Ao orientarmos nossas preocupações para a compreensão da cidade a partir das suas memórias, negamo-nos a entendê-la como território neutro e nos propomos buscar um conhecimento sobre as múltiplas representações em torno das mudanças urbanas ocorridas em Pombal. Nesse sentido, encontramos em Silva Filho um contributo fundamental para o nosso estudo, sobretudo quando este autor afirma que as cidades se constituem também de **memórias**, uma vez que

elas contêm o passado; seus monumentos são dispostos sobre outros monumentos ou indivíduos, reveladores de um tempo específico; as cidades contêm múltiplos fragmentos do passado; seus atores opinam sobre esse tempo, num trabalho de recordação, que é uma construção a partir do presente (1999, p. 53).

A fabricação desse espaço delinea a fisionomia da organização social, abarcando seus aspectos políticos, econômicos e culturais. Sua construção e (re)construção é, portanto, o resultado das mudanças estruturais agenciadas na sociedade.

A nossa proposta para o estudo do espaço citadino objetiva compreender algumas das inúmeras faces da vida urbana no momento em que as cidades começavam a passar por transformações modernizantes, ou no momento em que elas se problematizavam (BRESCIANI, 1991). Falamos em compreendê-las, não em explicá-las em sua totalidade, pois acreditamos ser impossível ou, no mínimo, ambicioso demais buscar apreendê-las em sua integralidade. Assim sendo, é a cidade moderna que desejamos apreciar.

Mas a proposta de conhecer a cidade moderna exige-nos o questionamento sobre sua origem, sua materialidade; sobre as diferentes representações e relações sociais que aí se estabelecem com maior freqüência.

Dito isto, podemos acrescentar que até meados do século XVIII predominava na Europa a concepção medieval de cidade. O espaço urbano caracterizava-se por seus becos e ruas fechadas; os lugares cercados por fossos ou muros davam a cidade uma idéia de enclausuramento ou de proteção. E embora as fortificações tenham, posteriormente, se despedido da função estratégica de defesa, no imaginário social prevaleceu, durante muito tempo, a crença de que a “cidade murada” expurgava aquilo que era considerado nocivo à sociedade. Contudo, foi ainda naquele século que se deu o nascimento da “cidade moderna”, assinalada por uma abertura do espaço urbano⁴² que concorreu para o surgimento de uma nova compreensão sobre ela, apoiada nas idéias de movimento e circulação difundidas naquela conjuntura.

Essa nova lógica da salubridade do espaço urbano respaldava-se nos ideais de liberdade dos Iluministas, para quem a urbe deveria representar as transformações e perspectivas surgidas a partir das necessidades do desenvolvimento do capitalismo industrial.

Segundo Pesavento, para os pensadores da Era das Luzes, a cidade deveria representar o progresso, o “refinamento dos costumes, do gosto e da vida civilizada, proporcionando melhor qualidade de vida e acesso à informação”⁴³ (2002, p.39). É preciso ressaltar que esses discursos não eram desinteressados, posto que objetivavam tanto legitimar o processo de modernização por meio das intervenções públicas, quanto maquiagem os enormes problemas sociais decorrentes de tal processo⁴⁴.

E foi nesse contexto que os antigos muros demarcadores do espaço citadino desapareceram. Não obstante as sociedades, em sua maioria, mantivessem uma organização predominantemente rural, pelo menos até a metade do século XIX. De acordo com Daniel Roche, “era a terra e sua posse, a terra e seu cultivo, o que servia de base para as práticas e representações da vida cotidiana” (2000, p. 51); para ele, “a verdadeira riqueza

⁴² Sobre isso Daniel Roche afirma que: “se o Século das Luzes não viu nascer novas cidades, ele assistiu ao desenvolvimento e a transformação de lugares mais ou menos antigos e mais ou menos levados na gênese da cidade moderna” (ROCHE, 2000, p. 56).

⁴³ Daniel Roche (2000) destaca a popularização do saber e da informação como fatores de essencial importância para o desenvolvimento das cidades.

⁴⁴ Sobre os problemas sociais surgidos a partir do processo de modernização das cidades, ver BRESCIANI, Maria Stella. **Londres e Paris no século XIX – o espetáculo da pobreza**. São Paulo: Brasiliense, 1989.

não estava na circulação, e sim nos prados, nas lavras, na propriedade que era preciso aumentar” (2000, p. 51).

Mas, sem dúvida, o século XIX assistiu ao aparecimento da cidade moderna e aberta, o que se deu como decorrência da expansão industrial cuja revolução provocou desequilíbrios sociais enormes. O novo *ethos* citadino era legitimado por higienistas e engenheiros que orientavam o remodelamento urbano a partir das questões de salubridade, eficiência, racionalidade e expansão do espaço. Em outras palavras, a cidade deveria ser redesenhada com base nas normas técnicas do urbanismo⁴⁵, o que se justificava no sentido da sua funcionalidade frente às necessidades da indústria⁴⁶.

Na esteira das transformações urbanas, foi a capital francesa que ganhou visibilidade. Paris, não Londres, tornou-se “o modelo acabado de metrópole do século XIX” (PESAVENTO, 2002, p. 89). A edificação da Paris moderna iniciou-se ainda no século XVIII, caracterizando-se pela prática de algumas medidas urbanísticas e, principalmente, pela forma como era representada nas obras literárias e iconográficas. Nesse momento, a região parisiense já era considerada exemplo mundial de desenvolvimento cultural e de “civilização”. Foram, contudo, as intervenções do prefeito Haussmann⁴⁷ e as exigências do meio social que transformaram Paris em modelo universal de cidade moderna⁴⁸.

Neste sentido, concordamos com Pesavento quando afirma que a “haussmanização” ou o “modelo parisiense” surgiu dentro de uma “conjuntura favorável para decisões de tal envergadura política e que, por sua vez, veio ao encontro de um problema urbano já posto” (2002, p. 90).

Tendo, pois, as intervenções de Haussmann surgidas a partir das perspectivas e necessidades próprias da capital francesa, analisarmos que só é possível adotar o “modelo

⁴⁵ CHOAY, Françoise. **A História e o Método em Urbanismo**. In. BRESCIANI, Stella (org). *Imagens da Cidade: Século XIX e XX*. ANPUH/São Paulo: Marco Zero/ FAPESP, 1994. Choay apresenta uma classificação das teorias urbanísticas com base em duas ideologias surgidas no século XIX: o modelo urbanista progressista e o modelo urbanista culturalista. Segundo a autora, os dois modelos apresentam posicionamentos diferentes com relação à história. Enquanto os urbanistas culturalistas recorrem às fontes e evocam as relações entre a materialidade das cidades e seus habitantes, isto é, realizam pesquisas históricas para construir seu modelo; os urbanistas progressistas ou funcionalistas desprezavam o valor heurístico da história, fundamentando-se basicamente no racionalismo e na técnica. Choay aponta também a finalidade do urbanismo propalado após a Revolução Industrial, qual seja: organizar a cidade industrializada (1994, p. 13-27).

⁴⁶ De acordo com QUIRINO, a perspectiva funcionalista da cidade: “reconhece planejadores e investidores como envolvidos num mesmo afã de operar o real, e cujo critério está obviamente na eficácia” QUIRINO, José Francisco. **Como cresce a cidade?** REVISTA USP, Dossiê...Cidades. São Paulo. n. 5, p. 27. março/abril/maio, 1990.

⁴⁷ Georges-Eugene Haussmann, ou simplesmente o “barão Haussmann”, durante 17 anos (1853-1870) à frente da administração de Paris, investiu maciçamente no remodelamento da cidade, sendo responsabilizado por sua elevação à condição de “capital moderna” no século XIX.

⁴⁸ Ainda que o grande destaque no século XIX tenha sido Paris, é preciso lembrar que certas maquinarias do conforto surgiram pioneiramente em Londres.

haussmaniano” se considerarmos as condições particulares de recepção, adaptação, significação e/ou (re)significação das idéias e práticas importadas da França, em outros lugares e momentos. Assim, acreditamos que, embora o modelo francês de cidade moderna não possa ser totalmente reproduzido em outras conjunturas, sem dúvida, ele contribuiu para a construção das representações sociais sobre a cidade moderna em outras partes da França e do mundo.

Em se tratando das transformações materiais correlativamente à cidade Pombal, é possível perceber, com nitidez, um processo modernizante no período estudado. Os diversos documentos pesquisados, as “fontes oficiais”, a literatura, a historiografia, as imagens iconográficas, e também nos relatos orais, são reveladores do processo de modernização local.

Outra discussão que incide sobre a análise da cidade moderna diz respeito a sua ambivalência, pois, conforme Pesavento (2002), se por um lado ela era vista como ambiente de virtudes, por outro era vista como um lugar de problemas ou como espaço de vícios. A cidade moderna traz, ela própria, o germe da sua destruição. Pois sendo a liberdade urbana necessária ao desenvolvimento, e tal liberdade configurando-se principalmente pela abertura das cidades, esses espaços ofereciam também as condições perfeitas para o surgimento de patologias sociais, principalmente provocadas pelo crescimento desordenado da população.

Daniel Roche, ao tratar dos problemas gerados por essa abertura, afirma que a cidade moderna presidiu o nascimento de três grandes transformações:

ela abriu caminho a outros comportamentos em relação a novos objetos e a novos hábitos; criou um terreno favorável a comportamentos demográficos e sexuais diferentes, pelo controle da natalidade; preparou outras atitudes econômicas para a família e criou uma visão diferente da hierarquia social. (...) A aceleração urbana agia até na relação entre o trabalho e o lazer pois o trabalho e o não trabalho eram mais facilmente separados na cidade do que no meio rural (2000, p.60 - 61).

Essa visão do lugar enquanto possibilidade de degradação de valores e condutas é muito comum na literatura que trata das cidades que se modernizaram, principalmente entre os autores do oitocentos⁴⁹.

⁴⁹ Entre os principais literatos que se voltaram para as questões urbanas do século XIX, encontram-se Victor Hugo, Baudelaire, Zola, Eugène Sue, Charles Dickens; Edgar Alan Poe, entre outros. Cf. Bresciani (1989).

Cf. Bresciani: “Imagens como as do oceano, de florestas, de formigueiro, do inferno, de doença, foram recursos necessários à literatura, para dar conta de um tema novo. Identificando elementos comuns do viver em multidão com o estar à mercê das vagas irregulares do oceano ou dos habitantes selvagens da floresta, ou ainda com o estar sujeito às presumidas condições de estadia no

Dadas as dimensões do assunto, é óbvio que não se pretende nenhum tipo de cobertura abrangente, mas apenas fixar algumas imagens urbanas no decorrer da história. Assim, chamo a atenção para algumas obras que tratam da cidade enquanto espaços gigantescos e ambivalentes ou, mais precisamente, enquanto lugar da “modernidade”. Nesse caso, o primeiro nome que se coloca é o de Baudelaire, considerado “o poeta da modernidade” ou ainda “o fisionomista da cidade moderna” cuja descrição nos chega através de seu crítico mais famoso, Walter Benjamin.

Segundo esse historiador, a cidade de Baudelaire se concretiza alegoricamente: o fenômeno da multidão na Paris do Segundo Império é visto como uma imagem flutuante, inconstante e fugidia. A urbe do poeta não se encerra com o relato sensível das formas de vê-la; tampouco é a pura descrição de sua materialidade, mas representa os momentos culturais que a evidenciam como uma construção móvel, um organismo mutante e ágil para abrigar as inúmeras relações sociais que a caracterizam.

A imagem da multidão nas ruas era vista com entusiasmo, mas também com um certo medo ou receio. De acordo com Gervácio Batista Aranha, Baudelaire, apesar de ter se deixado levar por um certo fascínio frente às metamorfoses que Paris sofria, “não teria perdido de vista a terrível realidade social” (ARANHA, 2005, p. 83) que ali se desenhava.

Daí por que a cidade baudelairiana não seria um parâmetro adequado à análise de uma pequena urbe do porte de Pombal, onde não havia figuras fugazes ou espaços perigosos que representassem ameaça para seus habitantes. Nesta, os signos modernos foram sendo introduzidos gradual e lentamente, chegando mesmo a conviverem lado a lado com os antigos; o que não significa que os considerados modernos causassem menos admiração e/ou espanto. Por outro lado, seria quase impossível afirmar que na pequena cidade paraibana não houvesse turbulências ou tipos dissonantes. Ressalta-se, entretanto, a predominância de um ritmo lento de vida cotidiana e sua configuração como espaço de calma que, na época, podia corresponder ao modelo urbano desejado.

Maria Stella Bresciani, em um livro intitulado *Londres e Paris no século XIX: o espetáculo da pobreza*, realça os perigos do viver na cidade moderna. Embora trate do espaço urbano pelo viés literário, sua obra, na medida em que permite uma análise plural da cidade, acaba por nos permitir entreabrir outras portas. O eixo central da discussão de Bresciani passa necessariamente pela reflexão sobre a cidade enquanto objeto de preocupação técnico-sanitária. Mas a autora interessa-se igualmente pelos impactos gerados pelas transformações modernizantes na vida da sociedade. Seguindo o raciocínio dos literatos do século XIX, a autora põe em relevo os problemas gerados pelas

inferno, os autores do século XIX foram compondo uma representação estética do universo das cidades. O espetáculo das ruas torna-se visível nos textos” (BRESCIANI, 1989, p. 15-16).

modificações urbanísticas nas duas capitais européias, quais sejam: crescimento populacional desordenado, aumento da miséria e da violência, além da exclusão social, demarcada tanto pelo tipo de trabalho que o indivíduo realiza quanto por sua localização e condições de moradia, vestimentas, alimentação, hábitos etc.

De acordo com a historiadora, na Londres de meados do século XIX, “projetam-se com total nitidez à promiscuidade, a diversidade, a agressão, em suma, os vários perigos presentes na vida urbana” (1989, p.22). Em Paris, o contexto não era diferente. Só para se ter uma idéia, “para o francês da época, praticamente inexistente diferença entre homem trabalhador, pobres e criminosos” (1989, p. 51).

No caso do nosso objeto de estudo, a cidade de Pombal, pode-se dizer que ali não se experienciou o fenômeno cotidiano das multidões em seu vai-e-vem frenético nas ruas⁵⁰, mas, em algumas ocasiões, é possível perceber o temor e a admiração da população frente ao fluxo maior de transeuntes em suas ruelas, em dias de feira ou de festividades. Tais eventos provocavam o deslocamento dos moradores da zona rural até o espaço urbano e, nesses momentos “especiais”, podia-se encontrar, ou melhor, “desencontrar” de tipos suspeitos, figuras misteriosas, ou era possível simplesmente imaginá-los. Afinal, a multidão era o lugar perfeito para o esconder-se... Assim, durante os dias de “movimento”, para usar as palavras de uma certa depoente, eram freqüentes os pequenos furtos que ao serem relatados e/ou reinventados nas calçadas tomavam a aparência de verdadeiros “romances policiais”⁵¹.

Daí por que a cidade-aberta, como o lugar da vida civilizada, poderia ser uma ameaça à expansão capitalista e, diante disso, era preciso discipliná-la. E foram os próprios pensadores das Luzes que, contradizendo suas idéias de liberdade, instituíram, em nome do “progresso”, discursos em defesa da “ordem social”⁵², à qual deveria se enquadrar a moderna cidade industrial, cujo dinamismo viria a sinalizar a falência do projeto Iluminista⁵³.

⁵⁰ Até porque, não havia multidão em Pombal, no período estudado 1927-1949; o que pode ser constatado pelas informações dos censos. Na terceira década do século XX, a população total do município era de 28.277 habitantes, tendo atingido na década de 1950 um número de 50.292. Todavia a população urbana representava menos de 10% do total desse número. Assim sendo, não era de espantar que a migração temporária fosse impactante.

⁵¹ O **romance policial** surgiu em meados do **século XIX**, e o primeiro escritor a criar um detetive nos moldes modernos foi Edgar Allan Poe. (http://pt.wikipedia.org/wiki/Edgar_Allan_Poe acessado em 20.02.2008).

⁵² De acordo com Grossi, a partir da segunda metade do século XIX, surgiu a influência positivista, cuja matriz se encaixa em leis que garantem o funcionamento da sociedade. Um importante pressuposto que engendra o pensamento positivo é o trabalho, que configura o progresso ao explicitar sua sede material, escondendo, seu caráter exploratório. Ver: GROSSI, Yonne de Souza. **Belo Horizonte: Qual Polis?** In. Caderno de história, belo Horizonte, v.2, n.3, p. 18, out. 1997.

⁵³ O projeto Iluminista de liberdade não pretendia uma total emancipação humana, mas principalmente a liberdade econômica para os burgueses donos de indústrias, desvencilhando-se do

Enquanto lócus de poder, esses discursos fizeram surgir medidas disciplinares, com o objetivo claro de orientar os comportamentos nos domínios urbanos. Tais medidas foram estabelecidas a partir do princípio da racionalidade social⁵⁴, uma vez que o intenso fluxo populacional nas ruas era visto primeiramente como garantia de mão-de-obra abundante para as fábricas; porém havia na multidão um tom tanto de espanto quanto de ameaça e, nesse sentido, a multidão era encarada como algo caótico.

Sua presença nas ruas de Londres e Paris do século XIX foi considerada pelos contemporâneos como um acontecimento inquietante. Milhares de pessoas deslocando-se para o desempenho do ato cotidiano da vida nas grandes cidades compõem um espetáculo que, na época, incitou ao fascínio e ao terror (BRESCIANI, 1989, p. 10).

Em um outro estudo, Bresciani (1991) aponta “sete” portas que podem conduzir à cidade moderna⁵⁵, sendo que seis delas passam necessariamente pela discussão sobre as hipóteses racionais. São entradas a que deveriam se acomodar aquilo que parecia estar desordenado: a multidão.

A surpresa, o deslumbre, mas também o espanto, o medo, a aversão são algumas das representações que se constituíram sobre o fenômeno das aglomerações humanas nas ruas das grandes cidades ou, para maior exatidão, dos centros que se modernizavam. Em geral, o temor se dava em função das grandes desigualdades sociais. Os homens que ganhavam as ruas eram muitos e das mais diferentes classes sociais; mas o que mais preocupava os médicos, higienistas, enfermeiros, juristas, letrados etc. era, sem dúvida, a pobreza generalizada que se revelava naqueles espaços (BRESCIANI, 1989, p. 10). Em virtude disso, os usos das técnicas e a imposição de uma moral social visando ao controle das massas humanas tornaram-se condições essenciais para a evolução das cidades, digo,

poder do Estado e do poder eclesiástico. Em *As razões do Iluminismo*, Sergio Paulo Rouanet, por sua vez, afirma que, apesar das regressões, a Ilustração foi a “proposta mais generosa de emancipação jamais oferecida ao gênero humano” (1999, p. 27). Ela teria dado ao homem a capacidade de construir racionalmente o seu destino, livre de qualquer tirania. O autor afirma ainda que as propostas da Ilustração não se encerram nela mesma. Nesse sentido, ele impõe uma diferença entre os termos Ilustração e Iluminismo: enquanto o primeiro refere-se ao movimento do século XVIII, o segundo é utilizado para identificar uma tendência “trans-epocal” de combate às superstições e ao poder opressor.

⁵⁴ Sobre o princípio da racionalidade, ver ROUANET, Paulo Sérgio. *As Razões do Iluminismo*. São Paulo: Companhia das Letras, 1987. O autor afirma que, embora a modernidade tenha se libertado por meio dos imperativos da razão, ela também se dobrou aos imperativos técnicos e funcionais (op.cit.).

⁵⁵ É importante evidenciar que, mesmo apontando sete caminhos de acesso à cidade moderna, em sua obra, a autora também alude a outras fissuras que deixam entrever possibilidades diferentes de acesso à cidade. BRESCIANI, Maria Stella. “**As Sete Portas da Cidade**”. In. Espaço & Debates: Cidade e História, Revista de Estudos Regionais e Urbanos: São Paulo, Ano XI, n. 34, 1991.

para o desenvolvimento da indústria e para a consolidação dos interesses burgueses. Assim, se entreabre a primeira porta para a cidade.

Mas próxima a essa entrada, abrem-se outras tantas: os discursos da filantropia; a constituição das identidades sociais; o aparecimento de novas sensibilidades ou a educação dos sentidos; a cidade e seus habitantes como *lócus* da história etc. Todas essas possibilidades ligadas aos princípios funcionalistas (BRESCIANI, 1991). Mas Bresciani aponta ainda uma última porta, “a da cidade dividida em áreas subordinadas a lógicas diversas” (BRESCIANI, p. 13). Essa abertura surge a partir da perspectiva de se produzir um conhecimento sobre o espaço urbano com base nas trocas simbólicas, ou seja, nas relações subjetivas entre a materialidade da cidade e seus habitantes.

Essa última entrada, tendo por objetivo uma história social e cultural do urbano é aquela que nos permite conhecer as sensibilidades dos habitantes, representa os caminhos que nos interessam especialmente. Se bem que, ao propormos fazer tal percurso, cabe-nos também uma digressão por outras portas, pois acreditamos que os caminhos da cidade são contíguos. Ela é um complexo social rico de significações e sendo nosso interesse conhecer não um, mas vários aspectos das inúmeras experiências humanas, justifica-se a ênfase que aqui será dada a esse caminho simbólico, considerando, sobretudo, a riqueza de abordagens, de objetos e de problemas que o percurso pode nos oferecer.

Enfim, posto que a cidade pode ser analisada segundo diferentes dimensões que se interpenetram e que a dimensão cultural amplia prodigiosamente o entendimento das suas relações sociais, econômicas e políticas, consideramos pertinente elencar alguns dos possíveis itinerários que levam à reflexão sobre as questões urbanas, numa perspectiva de múltiplas possibilidades. Esses caminhos nos conduzirão a uma história social e cultural do urbano.

Sabe-se que os descompassos entre as cidades da Europa e as americanas eram, sem dúvida, enormes. Aqui no Brasil, no final do século XIX e início do século XX, “a única experiência urbana (...) que traduziria um certo ritmo de cidade grande diz respeito ao Rio de Janeiro. **Ainda que num ritmo bastante tímido** em comparação com Londres e Paris” (ARANHA, 2005, p.84).

Mesmo frente à enorme distância temporal e espacial que nos separava do “mundo moderno europeu”, o Rio de Janeiro era considerado e representado como o exemplo de metrópole nacional naquele contexto.

sede do governo, centro cultural, maior porto, maior cidade e cartão de visita do país, atraindo tanto estrangeiros quanto nacionais.(...) O Rio passa a ditar não só as novas modas e comportamentos, mas acima de tudo os sistemas de valores, o modo de vida, a sensibilidade, o estado de espírito e as disposições pulsionais que articulam a modernidade como uma experiência existencial e íntima (SEVCENKO, 2001, p.522).

Em seu trabalho intitulado *A capital Irradiante: técnicas, ritmos e ritos do Rio*, Nicolau Sevcenko (2001) trata do processo de remodelamento e aformoseamento da Capital Nacional ocorrido a partir do final do século XIX. Embora sua análise sobre as transformações urbanas sejam realizadas a partir das crônicas de Machado de Assis e da literatura-reportagem de João do Rio, o que marca a diferenciação social a partir dos discursos dos dois cronistas, sua obra, na medida em que nos permite uma visão plural sobre as transformações que aquela cidade sofreu, também nos oferece algumas possibilidades de acesso à história social da cidade.

O enfoque Do ensaio em questão torna possível perceber as inúmeras contradições da vida em um espaço que se modernizava: seus múltiplos ritmos, suas perspectivas, suas tensões. O autor mostra como a busca desenfreada pela suposta “modernidade” vai transformando hábitos, criando novas sensibilidades, novas sociabilidades e valores, fomentando discórdia, instituindo normas... gerando indisciplina...

Mas o que teria impulsionado as transformações no Rio de Janeiro?

O historiador Jeffrey Needell (1993) analisa as mudanças recorrentes na capital do país a partir das transformações culturais e políticas que marcavam a cena nacional no final do século XIX. Naquele contexto muita coisa se modificou. Por exemplo, deixamos de ser um país de mão de obra escrava e passamos a um país de trabalhadores livres. Além disso, vivenciamos a queda da Monarquia e a implantação do Regime Republicano. A instauração do novo modelo de governo gerava, por si só, um clima de reforma. Afinal, novo governo, nova vida! Esse era, sem dúvida, o terreno propício para as mudanças que levaram o Rio a viver a sua “Belle Époque”.

Needell (1993), ao tratar das mudanças que afetaram a esfera política nacional, evidencia as transformações ocorridas no âmbito sócio-cultural do Rio de fins do século XIX, principalmente entre as classes denominadas como elite, as quais procuravam, a todo custo, inserir-se no “mundo moderno”, à moda européia. Assim, a classe dominante, constituída por aristocratas e burgueses, passou a ditar os novos valores sociais e, na medida em que o fazia, contraditoriamente, agarrava-se a algumas tradições aristocráticas da época Imperial e também às novidades *made in* França. Nesse cenário, o Rio de Janeiro transformara-se num espaço eclético, onde fora possível perceber nitidamente as divisões sociais e “espaciais” que ali se estabeleceram.

Mas além do Rio de Janeiro, São Paulo também passou por transformações urbanísticas, ou melhor, por um processo de metropolização. Conforme Sevcenko, ali a meteórica metamorfose que a cidade sofreu no início do século XX causou um grande impacto à sua população: “São Paulo não era uma cidade nem de negros, nem de brancos

e nem de mestiços, nem de estrangeiros e nem de brasileiros; nem americana, nem europeia, nem nativa nem industrial” (2003, p. 31).

Segundo o historiador, a re-urbanização impôs à maioria da população, que era formada por imigrantes pobres e ex-escravos, uma fisionomia estranha e difusa. A cidade que viria a ser a maior metrópole nacional passou por um processo de reforma fulminante, retratada e denunciada pela crônica da época e pelos desejos da elite cafeeira. De modo que a edificação da cidade paulista, nos moldes em que se deram, acirrou as diferenças sociais naquele espaço.

Os melhoramentos técnicos naqueles anos não se restringiram ao sul do país, embora não tenham alcançado todos os espaços urbanos da mesma forma. O Norte também foi afetado pelas idéias de modernidade que chegavam da Europa. Em outras palavras, os ecos das mudanças que se processavam no Sul, também sobre a influência das capitais europeias, chegavam até as cidades nortistas. Assim, cidades como Recife, Parahyba do Norte, Campina Grande, Pombal, entre outras, também passaram a respirar os ares da modernização⁵⁶. Estas, como muitas outras, desejavam se tornar modernas, chegando mesmo a se compararem às capitais europeias⁵⁷.

Sem dúvida, Recife foi a primeira urbe do Norte a ganhar visibilidade no plano nacional como cidade que se modificava. Em *O Pântano e o Riacho: a formação do espaço público no Recife do século XIX*, Raimundo Arrais trata do processo de modernização e reordenamento dos espaços recifenses com fins de embelezamento, mas principalmente com o objetivo de enquadrá-la aos modernos padrões em voga na Europa e também na Capital do Brasil. Num primeiro momento, o autor vai dar visibilidade às mudanças materiais que se processavam no espaço recifense naqueles idos, colocando em relevo a questão religiosa.

Como tantas outras cidades brasileiras, Recife era também um espaço preponderantemente de influências católicas. Em face disso, o seu processo de transformação atingiu especialmente as tradições e os espaços religiosos. Arrais evidencia o caráter secular da vida na cidade de Recife da segunda metade do século XIX, especialmente. Naquele período, afirma o autor: “os sinais da religião deviam ceder aos sinais do progresso, os trilhos de ferro, o encanamento, a iluminação a gás, as edificações elegantes...” (ARRAIS, p. 335). Assim, de acordo com o autor, Recife, graças aos discursos das elites, vai ganhando ares diferentes. Monumentos religiosos darão lugar a ruas, praças, estabelecimentos comerciais, etc.

⁵⁶ As referidas cidades passaram pelo processo de modernização em momentos distintos.

⁵⁷ De acordo com a Sra. Francisca Trigueiro Tôrres, “o prefeito Sá Cavalcante foi um dos melhores prefeitos que Pombal já teve. Ele era muito moderno. Sabe o Coreto? Ele mandou fazer [a planta] por um engenheiro lá da Europa. A Coluna da Hora não, ele copiou lá do Ceará” (TÔRRES, 2004). Note que o simples fato de a planta baixa do Coreto ter sido feita por um europeu é tomado como indício de modernidade.

O Trabalho de Arrais, embora trate também de espacialidades e temporalidades distintas da nossa, permite-nos alguns questionamentos. Em que medida as práticas religiosas, ditas sagradas, cederam lugar às práticas profanas em Pombal? Esse estudo leva-nos ainda a refletir sobre como as práticas religiosas e seculares conseguiram coexistir em um mesmo espaço.

É ainda Arrais que nos induz a perceber que o processo de modernização, idealizado pela elite letrada e ocorrido na cidade de Recife, gerou novas sensibilidades; contudo, os habitantes daquela cidade, notoriamente os das classes menos afortunadas, mantiveram práticas que destoavam das práticas modernas esperadas”.

Assim como se processou na capital pernambucana, em Pombal, as transformações modernizantes resultaram de lutas ideológicas em que a elite letrada, investida do espírito de progresso difundido pela filosofia positivista em voga, desejava civilizar os comportamentos e hábitos dos grupos populares, tentando enquadrá-los naquilo que consideravam ser os comportamentos ideais. Na espacialidade que estudamos, a cidade ganhava novas técnicas consideradas modernas, porém os usos e as práticas dos habitantes, tanto os das classes menos favorecidas quanto os da própria elite, nem sempre eram aqueles desejados para uma cidade que se modernizava.

No caso do Recife, Arrais trata ainda do processo de saneamento urbano do espaço citadino, permitindo-nos perceber também como as normas higiênicas e sanitárias aplicadas em Recife vão reconstruindo os espaços e ditando novos padrões de comportamento. A cidade que esse autor nos apresenta vai aos poucos se tornando um espaço difuso; um lugar de contradições onde o belo e feio se confundem.

Na pena dos cronistas, a capital pernambucana era o modelo de cidade moderna no Norte do país, devendo as outras dessa região nela se espelharem. Assim, não tardou para que a capital paraibana, Parahyba do Norte, iniciasse seu processo de modernização. Em pouco tempo, os ventos modernizadores, certamente vindos do Recife⁵⁸, começaram a soprar naquela cidade que se tornaria, alguns anos depois, um espaço de experiências modernizantes, influenciando, ela também, outras cidades.

Além do já mencionado historiador paraibano Gervácio Batista Aranha, também o cearense Osmar Luiz da Silva Filho lançou olhos sobre esta cidade. Em sua obra intitulada *Na Cidade da Parahyba, o percurso e as tramas do moderno (1892-1928)*, Silva Filho (1999) analisa o processo de modernização de duas cidades paraibanas: Parahyba do Norte, atual João Pessoa, localizada no litoral do Estado, bem próxima da capital pernambucana, e Cajazeiras, esta última localizada no alto Sertão da Paraíba, distante das influências de Recife.

⁵⁸ Nas falas dos nossos rememoradores, a cidade que parece ter tido maior influência sobre Pombal, no período por nós estudado, foi a capital Pernambucana, Recife.

Para esse autor, “as cidades modernas não passaram apenas pelo caminho da industrialização. Muitas delas emergiram onde havia simplesmente trocas de mercadorias, expectativas de progresso, feições urbanas ainda incipientes, enfim, uma imagem diferenciada do campo” (SILVA FILHO, 1999, p. 49).

De acordo com Osmar Luiz da Silva Filho, os equipamentos importados das metrópoles modernas européias, conduziram as cidades a uma modernidade que independe de velocidade ou ritmos frenéticos. Seria, pois, a chegada de tais equipamentos, de modo rápido ou lentamente, nas diferentes cidades, o fator característico da modernidade brasileira; sendo esta também diferente da modernidade ocorrida na Europa. Assim, o autor buscou compreender como se deu o processo de recepção e assimilação dos elementos modernos em duas cidades que vivem em espacialidades e temporalidades distintas.

Depois de Parahyba do Norte, a cidade que teve maior destaque no plano estadual foi, sem dúvida, Campina Grande. Inúmeros são os trabalhos que mapeam as transformações pelas quais passou essa cidade no início do século XX. Contudo, uma atenção especial deve ser dada ao trabalho do pesquisador Fabio Gutemberg R. B de Sousa que, em *Territórios de Confrontos: Campina Grande (1920-1945)*, a partir das crônicas de Cristino Pimentel, principalmente, analisa o remodelamento de Campina Grande durante o governo do prefeito Vergniaud Wanderley. Sousa (2006) realça nessa obra a atuação dos populares na construção de novas espacialidades ou, em outras palavras, como os homens e mulheres, especialmente os trabalhadores, reinventavam os espaços, criando uma cartografia diferente daquela desejada pela elite local.

Mesmo dando ênfase às experiências dos grupos profissionais categoricamente denominados de populares, o autor, a partir das sociabilidades desse grupo, evidencia também a reação da elite campinense às transformações que o gestor público vinha fazendo e também aos usos desautorizados da cidade pelo populacho.

Outro estudo de igual importância que focaliza a cidade de Campina Grande é a obra intitulada: *Lazeres Permitidos, Prazeres Proibidos: Sociedade, Cultura e Lazer em Campina Grande (1945 – 1965)*, do historiador cearense Antonio Clarindo B. de Souza. Esse autor, como o próprio título do trabalho deixa ver, analisa as práticas diversionais na cidade, nos anos posteriores à ditadura Getulista e anteriores à Ditadura Militar.

Num passeio por essa urbe, SOUZA (2002) mostra, valendo-se de um vasto acervo documental, especialmente a partir de processos criminais, como os populares e os membros da elite se divertiam em Campina Grande naqueles anos. O autor analisa também quais diversões eram permitidas e/ou proibidas naquele espaço em processo de modernização e como os atores sociais consumiam a cidade com fins de burlar as regras que lhes eram impostas e aliviar as tensões do dia-a-dia.

Com esse objetivo, o autor, nos conduz inicialmente à Festa de Natal e Ano Bom, permitindo-nos conhecer as tramas que se desenrolavam naquela ocasião, envolvendo pessoas de todos os matizes sociais. Depois somos levados ao carnaval, momento caracterizado também em Campina Grande por uma inversão das regras morais e marcado por tensões e conflitos. Antonio Clarindo B. de Souza discorre ainda sobre as festas cívicas e religiosas ocorridas naquela cidade; apresenta as principais salas de cinema e a produção e participação radiofônicas, bem como o hábito de sair à noite para conhecer os “maus costumes” de Campina Grande.

Também em Pombal, os diversos grupos que compunham a sociedade procuravam mecanismos para aliviar as tensões da vida cotidiana. Nos anos por nós estudados, tornou-se comum a busca por práticas diversionais, tanto por pessoas de grupos mais favorecidos, quanto pelo populacho. E embora houvesse sempre tentativas por parte do poder público e dos membros da elite de controlar os momentos de lazer e/ou diversão dos grupos marginais, percebemos que estes não se submetiam às normas que lhes eram impostas, encontrando táticas e estratégias para fugir da aparente dominação.

Destarte, compreender a cidade não é simplesmente conhecer a materialidade dos seus espaços. Para além disso, ela se constrói em um antes, originário de práticas diversas, de formas autorizadas ou desautorizadas de usar e/ou consumir seus espaços que são reinventados cotidianamente. É possível saber da cidade através das inúmeras e diversas experiências dos habitantes que deixaram registradas suas impressões e lembranças em fotografias e documentos oficiais, permitindo-nos conhecer, simultaneamente, as suas representações sobre ela. Nesse sentido é que tentaremos mostrar algumas dessas práticas e representações que os antigos habitantes da cidade de Pombal nos permitiram aqui circunscrever.

Enfim, a partir da conexão de olhares plurais, será possível conhecer uma Pombal que não existe mais, mas que subsiste na memória afetiva do passado e nos sonhos desejan-tes de futuro.

CAPITULO II

CONQUISTAS MATERIAIS

2.1 QUANDO CAI A NOITE: REPRESENTAÇÕES SOBRE A ESCURIDÃO E O ADVENTO DA LUZ ELÉTRICA EM POMBAL

*E Disse Deus: Haja luz: e houve luz.
E viu Deus que era boa a luz;
E fez Deus separação entre a luz e as trevas;
E Deus chamou à luz Dia, e as trevas se chamou noite.*
(Gênesis, 1: 3-5)

*É na noite que se faz música, que se diz poesia com mais
sentimento e onde,
Enfim, o amor é mais amor”.*

Lupicínio Rodrigues

2.1.1 Sob o luar do Sertão

O ano era 1940. Não sabemos exatamente a data e/ ou o mês. Aquele dia, como tantos outros, passava-se sem maiores surpresas. Nas ruas de Pombal, as pessoas conversavam sem pressa. Nas calçadas acanhadas, as donas de casa falavam baixo, “fofocavam da vida alheia”, certamente comentavam sobre os namoros escandalosos da noite anterior ou talvez sobre os atos libidinosos de algum homem ou mulher da vizinhança.

As crianças faziam ecoar suas gargalhadas, brincadeiras e cantigas por toda a cidade. Alguns meninos como que para irritar seu João Alfredo, que estava sempre de mau humor, gritavam sem parar:

*Boquinha de forno?
Fogo, fogo!
Pegando fogo?
Fogo, fogo!*

Outras cantavam desafinadamente:

*Bem que o povo já dizia que a Laurisa não saia
A Laurisa está na rua com prazer e alegria
Saia do meio, oi
Saia do meio, oi
Saia do meio, oi
Que a Laurisa vai passar...*

Também os vendedores ambulantes gritavam a anunciar de porta em porta seus deliciosos produtos caseiros: Olha o bolo de B-A, ba, T-A, ta, T-A, ta, batata! Quem vai querer o cavalinho de G-O, go, M-A, ma, goma! da Dona Ana e da Nanzinha! gritava o ceguinho Rozendo. Logo em seguida vinha Dona Jovem anunciando suas “cariocas”⁵⁹ bem fresquinhas. Dona Cora vendia em sua porta as deliciosas cocadas e tapiocas de coco. Dona Nini vinha com seu tabuleiro de balinhas de cumarú; Cota vendendo coentro novinho, colhido na hora e Maria Joana vendendo café.

No centro da urbe os comerciantes locais esperavam pacientemente em frente aos seus estabelecimentos, os fregueses de sempre. Fregueses estes, que além das compras diárias, ainda iam dispostos a saber e/ ou informar, na realidade, “fofocar”, sobre os mais recentes acontecimentos daquela cidade, conforme afirma certa depoente⁶⁰. Muito freqüentada era a casa mortuária e o café do Sr. Pedro Corisco, sendo este conhecido em toda a cidade por suas fofocas. Igualmente era possível ver naquela manhã, na bodega mais famosa da cidade, seu Josafá a conversar com os senhores Juca, Zé Formiga e Aristeu (Sr. Mizinho). As mulheres também gostavam de palestrar na calçada daquela bodega, lembrou a Sra. Maria do Bom Sucesso Medeiros Nóbrega (2009).

Havia certo burburinho nas ruas. Aquele cenário com todos aqueles personagens e sons era indicativo de que tudo corria bem. Pombal era naquele dia só calma. No entanto, ao aproximar-se às 16 ou 17 horas, coisas estranhas começaram a ocorrer, recorda-se a Sra. Zulmira Ferreira Viana:

Olhe, alguma coisa muito ruim iria acontecer naquele dia. Não tinha condição não. Logo cedo os galos era (sic) tudo cantando, as galinhas num frevo danado! Jumento rinchando, cachorro latindo, gato miando... o que era de bicho tava (sic) tudo manifestado! Olhe, coruja rasgando, morcego... era uma coisa impressionante. Ai começou a ventar. Aquele vento que chega dá medo. Ai o sol foi coberto pela lua. A cidade ficou toda no escuro. O povo? Ah meu Deus! ...como era besta! Todo mundo com medo. O povo dizia que era o inferno! Pensava que era o fim do mundo (VIANA, 2008B).

Felizmente não era o fim do mundo. Caso contrário não estaríamos relatando esta ocorrência. O episódio narrado pela nossa colaboradora, descreve o evento de um eclipse solar, fenômeno pouco ou praticamente desconhecido pelos habitantes da Pombal daqueles anos.

⁵⁹ Cariocas são/ eram pirulitos de açúcar queimado. O nome dos pirulitos deu-se possivelmente porque a senhora que os fabricava aprendeu a receita quando esteve no Rio de Janeiro nos anos 1930.

⁶⁰ A informação foi prestada pela senhora Benta Carneiro dos Santos em entrevista concedida à autora no dia 20 de junho de 2004.

As memórias produzidas sobre a ocorrência do eclipse de 1940 permitem-nos conhecer um pouco sobre o cotidiano e o imaginário dos homens e mulheres daquela cidade, acerca da escuridão, assim como nos contam sobre algumas práticas ocorridas em Pombal na ausência de luz. Desta forma, nas lembranças da Sra. Zulmira Ferreira Viana, a escuridão súbita ocasionada pelo eclipse estava associada ao inferno, e o motivo para tal crença estava possivelmente ligado à fé cristã que predominava naquela freguesia.

De acordo com a Sra. Rita Dantas:

Em Pombal tinha várias, tinha muitas religiões. Aliás, religião não! Religião só tinha uma, que era e ainda é a Religião Católica Apostólica Romana. A verdadeira! Tinha muitas seitas. Tinha a dos crentes, que Deus me livre! Aliás sabe quando foi que fundaram a primeira igreja dos crentes? Foi em 1940. Eu não ia nem perto. Tinha também a dos espíritas e tinha cigano, macumbeiro... Pense como tinha! Mas a maioria do povo era Católico Apostólico Romano! E tem uma coisa, naquela época o povo era temente a Deus. Tinha quem fazia as coisas erradas, toda vida teve. Mas não era como hoje não. O povo tinha medo de ir para o inferno! Quem é que não ia ter? Eu mesma tinha um medo... eu não quero ir para o inferno. Lá ta cheio de coisas ruins. Dizem que lá é cheio de demônios, de gente que não presta, de fogo! Dizem que é escuro viu!? E quem for pra lá ta lascado! Vai passar a eternidade queimando no fogo do inferno! (DANTAS, 2008).

As declarações sobre o escuro, associando-o ao inferno revelam antes de tudo o domínio exercido pela Igreja Católica sobre a vida dos homens e mulheres de Pombal. Entretanto, faz-se indispensável lembrar que mesmo diante dos discursos disciplinares/intimidadores difundidos pelos párocos locais, os comportamentos considerados desviantes, tais como: prostituição, alcoolismo, homossexualismo, adultério, assassinatos, entre outros, eram comuns naquela cidade, sendo este último, os crimes de morte, os menos freqüentes. E todos eles, “praticados principalmente na calada da noite”, segundo o Sr. Raimundo Formiga de Sousa (2008).

Sobre os discursos propagados pelo clero local e os comportamentos noturnos dos pombalenses a Sra. Zulmira Ferreira Viana recorda-se que:

Ave Maria! O povo daqui de Pombal era muito besta mulher! Olhe, a gente quando saía para a igreja à noite era aquela besteira dos pais: _Cuidado que o diabo a essas horas já está solto! Ai quando terminava a novena o padre era dizendo: _vão para suas casas com cuidado porque os demônios já estão à procura de almas para botar no mau caminho. E a gente? Basta! Todo mundo acreditava. Saía para casa tudo com medo. Sempre acompanhada. Ninguém tinha coragem de ir só não. Agora duvido se fosse hoje! As moças de hoje não tem medo de nada! (VIANA, 2008B).

Que “as moças de hoje não têm medo de nada”, é pouco provável. O certo é que os temores são outros. Talvez algumas garotas vivam aflitas por não conseguir fazer sucesso como modelo fotográfica, cantora, atriz ou apresentadora de um programa de TV; outras, certamente perdem noites de sono pensando numa “fórmula mágica” para se tornar mais bonita e atraente que as atrizes americanas. Também há aquelas que buscam desesperadamente um esposo lindo, rico, fiel e obediente. E claro, há aquelas que, ainda influenciadas pela formação religiosa, vivem atormentadas pelos seus pensamentos “maliciosos”. Fato é que os discursos proferidos pela Igreja Católica em Pombal foram e continuam sendo gradativamente desautorizados, o que pode ser percebido a partir das memórias construídas pela Sra. Rita Dantas:

Eu lembro que antigamente o povo era mais de Deus. Todo santo domingo nas novenas, no mês de maio, a Igreja era cheia. O povo ia todinho à igreja. Ia rezar viu? O povo tinha mais temor. O padre dizia uma coisa... o povo obedecia. Ai depois virou uma bagunça. Basta! O padre dizia pras moças se cuidar, e... Basta! Era tudo com safadagem (sic) nos escuros. Ai depois... até padre sem-vergonha tinha. Hoje? O povo não tá mais nem ai pra o quê o padre diz. Agora eu não, eu acredito no padre seja ele qual for. Ele é o mensageiro de Deus, né? (DANTAS, 2008).

Embora nossa rememoradora afirme que “o povo era mais de Deus” e que este povo ia à igreja rezar, havia ocasiões em que a Igreja tornava-se um território de conflitos morais, isto porque nem todos os fiéis iam à igreja somente buscar a Deus. Buscava-se também um bom namorado, ou um “brotinho” para roubar uns beijinhos na saída da novena, e se houvesse oportunidade, a volta para casa podia ser interrompida em algum beco escuro, onde “os agarres e beijos eram mais ardentes” (SOUSA, 2008B). É certo que havia também aquelas meninas lindas e ingênuas que tomadas de espanto, fugiam dos rapazes “como o diabo foge da cruz”.

Lendo as memórias nas entrelinhas, fica claro que a relação escuro-inferno é um entre tantos outros mecanismos utilizados pelos “senhores do poder”, para coibir as práticas consideradas nocivas à sociedade pombalense. Práticas estas que se propagavam principalmente na ausência de luz.

O Sr. Raimundo de Sousa sobre o cotidiano noturno em Pombal, lembra-se que:

Ah, a noite era muito diferente de hoje. Ninguém podia sair nem de casa não. Mais saía viu? Principalmente os homens. O povo tinha medo mais saía. Ia pra o Rói⁶¹ beber, jogar, namorar (risos), mas tinha medo. Era um

⁶¹ A expressão “Rói” é utilizada pelos nossos rememoradores para designar não um “bordel” em especial, mas toda a zona de meretrício que ficava para “além da linha do trem, ou se falarmos de um período anterior à construção daquela linha, 1932, a Zona Norte da cidade, próxima à antiga rodagem.

escuro desgraçado! No caminho a pessoa via de um tudo: alma, papa figo... E mulher? Mulher direita ficava em casa. No escuro só tinha nas ruas as mulheres da vida. Eita, e como tinha! (SOUSA, 2008B).

Ainda que as representações arroladas sobre a noite sejam quase sempre pejorativas, algumas memórias construídas por nossos colaboradores nos falam sobre os momentos em que as famílias, sob a luz enfumaçada dos lampiões à querosene⁶², ou em noites de lua, se reuniam nas calçadas para debulhar feijão, “contar histórias de mal assombro”, e as mais famosas, por serem as mais absurdas, eram as de “Chiquinho de Bem-Bem”. “Ave Maria! Ele contava cada coisa. Cada mentira. Ai todo mundo era tão besta que acreditava. Ficava tudo com medo. Misericórdia! Como ele mentia” (BANDEIRA, 2008). Nessas noites também eram comuns as cantorias e as quadrilhas, ocasiões em que os simpáticos rapazes, verdadeiros “Dons Juans”, roubavam beijinhos das moças, que “sempre diziam da boca pra fora que não queriam ser beijadas, mas olhavam com um jeito todo atrevido, se insinuando, dizendo que queria (sic) mais” (SOUSA, 2008B).

Representações como estas são parecidas com aquelas do filme “Desejo e Reparação” do diretor Joe Wright. A trama aborda as questões relacionadas à moral social e econômica vigente na Inglaterra dos anos 1930. Assim, é que na obra, uma jovem de família tradicional inglesa, apaixona-se por um rapaz que “não faz parte do mesmo círculo social” que o seu, o que era visto negativamente. A moça, em face de tal preconceito, ignora seus sentimentos e passa a detestar o rapaz, contudo, uma situação inesperada vem a incitar o desejo nos dois, o envio de uma carta indecorosa, entregue por engano. O conteúdo da carta teria, no mínimo, nas mãos de uma moça “totalmente virtuosa” ou “cristã fervorosa”, rendido uma boa “tapa na cara” do “cafajeste”. Todavia, não é isso o que o filme mostra. A jovem Cecília, personagem interpretada pela atriz Keira Knightley, parece ter gostado de ler a carta enviada por Robbie (James MacAvoy), talvez as palavras da carta tenham aguçado seus instintos sexuais mais ocultos, o que a levou a romper com a moral social imposta em nome da honra familiar.

Para além de apontar as questões de ordem moral, nesta obra é possível percebermos que os assuntos proibidos, a exemplo do sexo, eram, embora contrários às ordens e vontades dos pais, comuns aos jovens e adolescentes. E que por mais que as sanções tivessem a intenção de provocar medo e resguardar as moças, na realidade, elas “pareciam” provocar a curiosidade, levando as garotas a desejarem ardentemente uma noite de amor, que nem sempre era aquela que ela havia idealizado.

⁶² Não confundir os lampiões alimentados à querosene com os lampiões a Gás. Pois, segundo Gervácio Batista Aranha, “em termos de iluminação pública na Paraíba, é que a experiência local passa diretamente da queima de querosene para a utilização da luz elétrica, sem a intermediação do sistema de iluminação a gás carbônico”(2005, p. 116), considerado um componente moderno.

Desta forma, aqueles momentos de sociabilidade, em que as famílias sentavam nas calçadas para conversar, eram também ocasiões de perigo. Isto porque, vez ou outra, alguma moça resolvia fugir com um rapaz. “As fugas eram sempre combinadas com as amigas, que preparavam tudo!” (SOUSA, 2008B). O casal fugia para a prática do ato sexual, o que iria obrigar o pai da moça a fazer o casamento, afinal, era a honra da família que estava em jogo naquela ocasião. Mas nem todos os rapazes queriam casar realmente. Alguns só queriam uma “noite de amor!”, ou uma noite de sexo, conforme lembra a Sra. Zulmira Ferreira Viana:

Uma conhecida nossa caiu nas graças de um rapaz. Ai teve que casar. Ele não queria não. Mas o pai dela para lavar a honra da família obrigou ele a casar. Casaram. O pai dela disse assim: _ Vão Casar. Tem que casar. Nem que seja pra sair um por uma porta e o outro sair pela outra porta. E assim foi. Casou pra não ficar falada. E ficou morando com a família até hoje⁶³ (VIANA, 2008B).

“Cair nas graças de um rapaz”, “perder a virgindade antes do casamento”, tornar-se mãe solteira”, “trair o marido”, não havia desgosto maior para um pai de família. Contrariedade, que ocasionou muitos atritos sociais na pequena Pombal, vindo inclusive a provocar crimes de morte, pois, “se a honra da família não fosse reparada o dismantelo era grande e a polícia, nem o padre, nem ninguém podia fazer nada!” (ALMEIDA, 2009B). Agora o contrário? “homem trair mulher? Ninguém falava. Achava era bonito, sinal de que era homem mesmo. O povo dizia assim: _ melhor que seja mulherengo que ‘viado’! (risos). E era também um sinal de respeito à mulher de casa que era honesta, né?” (TÔRRES, 2004). O machismo predominante também imperava nos códigos de honra estabelecidos socialmente, de forma que se tornou comum ouvir dos fazendeiros da região e homens de status: “quem tiver suas éguas prendam! Meus ganhões estão soltos!”(ALMEIDA, 2009B). Frases como estas eram repetidas somente quando se tratava dos filhos varões, quando o caso de desonra era em suas famílias, a situação era resolvida “no cabo da espingarda”⁶⁴ (ALMEIDA, 2009B).

Se as práticas que ameaçavam os “bons costumes” eram habituais em Pombal, o fim de tarde incomum de 1940, rememorado pelos antigos habitantes daquela cidade traz-nos representações ímpares sobre a vida dos pombalenses. Assim, o Sr. Raimundo de Sousa também nos contou sobre a sua experiência naquele final de tarde:

⁶³ O nome da moça foi omitido a pedido da depoente.

⁶⁴ A expressão “no cabo da espingarda” que dizer que o caso seria resolvido mediante ameaça de morte.

Eu lembro que eu estava com seis anos. Deu um obscurecimento... sabe com é, né? O sol e a lua se cobre. O dia escureceu todinho. Não ficou um pingo de luz. Todo mundo pensou que era o mundo que ia acabar. Logo cedo a família toda foi para casa, aí ficou a família toda reunida com medo. Era um escuro bichinha! Ave Maria! Escuro daquela qualidade nem presta não (SOUSA, 2008B).

O temor provocado pela falta de luz, evocado pelas nossas testemunhas, era possivelmente alimentado, conforme representações aqui inscritas, pela crença religiosa. Contudo, não podemos esquecer que havia interesses outros em coibir a circulação de pessoas nas ruas à noite, ou em casos excepcionais, como a ocorrência de um eclipse. Isto porque, ao sair para um passeio noturno, o pombalense poderia encontrar-se com a mulher de um médico muito conhecido na cidade e tomar um grande susto, pois ela quando saía para suas aventuras extra-conjugais, “vestia-se toda de preto, usava uma capa grande parecida com a capa de um vampiro”(SOUSA, 2008C). Ainda havia o risco de pegar de saia curta a mulher de um político muito influente na cidade. Esta era conhecida por suas práticas sexuais pouco convencionais ou indecentes. O caminhante noturno também não estava livre dos ladrões que, de vez em quando, pegavam algum desavisado nas imediações do mercado público. E não esquecendo que os jovens também amam... nos becos escuros, vez ou outra, era possível flagrar casais de namorados em cenas de muita intimidade. “Os jovens gostavam muito de beijar. No escurinho saíam os beijos ardentes, a ‘mão-boba...”(SOUSA, 2008C). Perambulavam também nas ruas escuras as prostitutas, “sempre lindas, bem vestidas, com perfume só do bom”, em busca de alguém que pagasse “um real por amor”⁶⁵.

A despeito dos comportamentos noturnos das pessoas infames, o Sr. Raimundo de Sousa, afirma que:

Aqui tinha umas pessoas de família que fazia suas coisas erradas e não queria ser descoberta, aí inventava que tinha lobisomem, demônios, tarados... pros bestas não sair de casa e não ver e sair dizendo (SOUSA, 2008B).

Por outro lado, a Sra. Zulmira Ferreira Viana lembrou que:

De noite ninguém saía de casa não, era perigoso demais, tinha muitos malfeitores, ladrão, tarado, mulher chifreira, bêbado, lobisomem e as almas. Era uma coisa horrível, e eu acho que essas pessoas era mais de fora (VIANA, 2008B).

⁶⁵ A referência à moeda atual, o Real, é meramente ilustrativa, isto porque a moeda vigente nos anos 1940 eram o Réis, até 1942, e o Cruzeiro, posteriormente, conforme, <http://www.bcb.gov.br/CEDMOEBR>, acessado em 31.12.2008.

Os dois depoimentos nos permitem perceber como os diferentes habitantes experienciaram a noite de forma diversas, e como a partir de suas experiências e valores se apropriaram e construíram representações também diversas para as mesmas práticas, o que acontece porque, “cada pessoa que viveu aqueles momentos históricos tem a sua versão deles, ainda que mediada pelas visões e versões das outras pessoas” (SOUZA, 2002, p. 103). Por isso, as memórias, sejam elas destoantes ou não, são importantes porque nos permitem conhecer um “tempo e lugar que não é relatado no presente” (SOUZA, 2002, p.103).

Na reconstituição que o Sr. Raimundo fez sobre o eclipse, chama-nos a atenção o fato de sua família ter se reunido/recolhido para esperar a ocorrência daquele evento, o que aconteceu em virtude de a imprensa ter divulgado antecipadamente o que iria acontecer⁶⁶.

Situação parecida aconteceu no “Beco da Cadeia”, localizado entre as Ruas do Comércio e a Rua do Rio. O “Beco”, como era chamado por seus moradores, era considerado um espaço de vícios. Em face disto, seus habitantes eram marginalizados socialmente, o que se dava principalmente em função das festas “licenciosas”, regadas à cachaça, ocorridas nos finais de semana e que terminavam sempre em confusões. Mas naquele território de conflitos havia também pessoas de “família”, pessoas que destoavam dos comportamentos nem sempre decentes que predominavam no “Beco”.

Aquela tarde de 1940 foi para os habitantes daquele território muito agitada. Alguns homens, depois de voltar do trabalho, que terminou mais cedo naquele dia, como que numa atitude máscula, faziam questão de mostrar aos vizinhos da Rua do Comércio que carregavam em suas mãos cachaça, Liosa ou Sarinha, as mais consumidas pelos pobres. As mulheres, por sua vez, corriam a buscar nas bodegas da cidade, gêneros alimentícios para o preparo de comidas. As festas no “Beco” eram sempre muito fartas. Contudo, àquela tarde não haveria festa. Os moradores se preparavam para ver o eclipse solar. Só isto!⁶⁷

Por volta das 15 ou 16 horas os moradores do “Beco” já estavam prontos para esperar pelo evento. E enquanto o obscurecimento não acontecia, na Rua do Comércio, conhecida à época como “Rua da Tesoura”, numa referência à fofoca que predominava entre os habitantes da área, que viviam de “cortar”, esmiuçar e (des)trincar a vida alheia; as mulheres casadas e também as “solteiras felizes”, ou quem sabe (in)felizes, com suas

⁶⁶ Entre os anos de 1927 e 1959, não havia em Pombal um sistema de informação diária. Os jornais chegavam com dias de atraso, contudo, com a chegada do trem de ferro à cidade a uma agilização nas comunicações. Ver mais sobre isto no capítulo intitulado: No rastro do monstro de ferro: moda, comunicação e cultura, pp. 115-120

⁶⁷ As informações foram prestadas pela Sra. Francisca Trigueiro Tôrres e pelo Sr. Raimundo Formiga de Sousa em entrevistas concedidas a autora nos dias 22. 09. 2004 e 22. 12. 2008, respectivamente.

línguas “ferinas”, andavam de porta em porta a comentar sobre as comidas, bebidas e, principalmente, sobre as moças “que vinham sei lá de onde, e que eram lindas e que ficavam conversando bem na entrada do beco, na calçada da casa de Sr. Mizinho” (SOUSA, 2008B). Tais moças eram vistas pelas mulheres da Rua do Comércio como ameaça ao “santo matrimônio”.

Para quem se aventurasse a entrar naquele espaço, as venturas e/ ou desventuras podiam ser muitas. As famílias haviam colocado seus tamboretos em frente as suas casinhas; as portas abertas deixavam transparecer a precariedade dos recintos, que além de pequenos eram também considerados pelos ricos como insalubres, o que também é re-apresentado por ex-moradores daquele espaço em seus relatos orais de memória.

Ah, era muito precária a vida ali no “Beco da Cadeia”, não tinha nada! Primeiro, só morava ali quem não tinha condições de morar num outro lugar, né? Era uma sujeira. Eu lembro, eu era muito pequena, mas lembro que havia um buraco no chão para defecar ai tinha um telha bem grande que dava do outro lado, ai quem comia as fezes eram os porcos, Ave Maria! Sem falar que tinha barata que não era brincadeira. E nem que a pessoa quisesse não tinha como ser higiênica, porque não tinha nem veneno, nem nada para limpar, era só água mesmo (BANDEIRA, 2008).

Alguns homens conversavam em voz alta, não porque estivessem embriagados, mas porque estavam entusiasmados à espera do raro fenômeno; outros, os mais velhos, balançavam-se vagarosamente em suas redes que interrompiam a entrada da casa. As mulheres, tanto solteiras quanto casadas, faziam rodas para contar e ouvir “causos”. Além destas, houve ainda algumas moças e senhoras que antes do eclipse já estavam ébrias, chegando mesmo a “sair pelas ruas a gritar imoralidades e se insinuar para os homens que passavam” (SOUSA, 2008B).

Chegada a hora do eclipse,

O povo ficou parado, assim... (abre a boca demonstrando surpresa, espanto) Ai quando foi ficando tudo escuro mesmo... o povo era só correndo pra dentro. Ai eram os presos da cadeia tudo gritando que era o fim do mundo. Era aquele alarido. O medo foi grande, o povo nunca tinha visto um negócio daquele né? Pensava que era o fim do mundo. (SANTANA, 2008).

Enquanto alguns corriam para se proteger daquele perigo representado pela ocorrência; outros aproveitaram para dar uma “escapadinha”. Alguns casais de namorados

desapareceram, “alguns namorados correram pra os matos”, e como “mato tem olhos”, conforme dito popular, no dia seguinte, algumas moças eram o assunto da cidade⁶⁸.

Que a ocorrência do eclipse provocou estranhamento aos pombalenses não há dúvidas, afinal, tratava-se de um fenômeno atípico, algo inusitado. E ainda que a informação veiculada pela imprensa tenha chegado antecipadamente a Pombal, “o povo ficou com medo. No jornal dizia que ia ficar tudo escuro, que não era pra ter medo, que era uma coisa normal, mas o povo ficou com muito medo viu?”⁶⁹ (CONCEIÇÃO, 2008). Dessa forma, levando-se em conta que as pessoas estavam avisadas sobre aquela ocorrência, parece ter sido a ausência de luz o que de fato mexeu com o imaginário dos habitantes daquela urbe.

Embora fossem comuns os discursos negativos sobre a escuridão, algumas memórias nos dizem que nem todos os habitantes de Pombal concordavam com tais idéias. Em defesa dessa afirmação, o Sr. Raimundo de Sousa afirma que:

Ah, a hora boa pro cabra namorar era a noite. Porque dava pra pessoa dá uns beijinhos (risos), né? Sabe como é? Já era difícil namorar. O pai da moça era com uns boticão de olho deste tamanho pra pessoa. Ai no claro não saía nada. Agora no escurinho? Era uma beleza!⁷⁰ (SOUSA, 2008B).

Além dos enamorados que certamente gostavam dos escurinhos ou “escurões”, havia também aqueles homens e mulheres para quem as noites escuras eram momentos de fuga ou liberdade moral. Assim, aquele dia incomum foi também ocasião de muitas práticas consideradas indecorosas. Conforme pode ser observado no depoimento da Sra. Rita Dantas:

Quando o sol ficou escurecido né? Foi mesmo que o fim do mundo. Ninguém via nada! Era aquele pretão na cidade. Mas você está pensando o quê? Você pensa que foi todo mundo que ficou com medo? Ah! Papai era marchante (açougueiro), quando ele vinha do matadouro, disse que se

⁶⁸ Sobre as fugas ou escapadinhas de casais enamorados, ou ainda sobre as práticas criminosas ocorridas á noite, o filme “Desejo e Reparação”, fala da relação entre o visto e o não visto durante as noites escuras, ocasião em que por motivo da ausência de luz algumas ocorrências são mal interpretadas ou simplesmente inventadas. No filme, uma menina de 13 anos movida por preconceito, raiva, ciúme ou coisa do tipo, afirma ter visto algo que ela não viu, mas que imaginou que havia visto, destruindo a vida de pessoas inocentes. Também em Pombal casos como este foram recorrentes e algumas moças e rapazes talvez tenham sido punidos por atos que talvez nunca tenham praticado.

⁶⁹ Ainda que nossa depoente afirme que a notícia do eclipse chegou á Pombal veiculada por jornais, a mesma não lembra-se qual, ou quais os jornais que eram lidos pelos pombalenses, contudo, os nossos rememoradores, entre eles o Sr. Pedro Junqueira Júnior e o Sr. Raimundo Formiga de Sousa, lembraram que estes jornais vinham ou da capital cearense, Fortaleza, ou da capital do Estado, Parahyba do Norte.

⁷⁰ Discursos como os proferidos pelo Sr. Raimundo de Sousa promoveram durante os anos 1940 uma gradativa posituação das noites, pelo menos quando das representações dos habitantes do sexo masculino.

encontrou até com uma mulher casada fazendo safadeza nos becos escuros. Ele vinha com um lampião na mão né? É Pombal naquela noite foi desmantelo viu? Era só o povo falando (DANTAS, 2008).

É importante aqui, informar que quando da ocorrência daquele evento, a cidade de Pombal já contava com sistema de iluminação elétrica nas ruas centrais. Todavia, mesmo em vista disto, aquelas ruas também ficaram envolvidas por trevas até às 19 horas, quando, finalmente, as luzes foram acesas, provocando grande euforia nos habitantes daquele território que como se houvessem ensaiado, levantaram um coro de gritos na hora imediata à chegada da luz. Enquanto isso... o restante da cidade continuava sem luz.

Práticas como as listadas acima se repetiam também nas noites em que não havia lua, especialmente depois das 22 horas, quando o motor da luz era desligado e a cidade ficava toda no escuro. Isto acontecia porque, segundo Gervácio B. Aranha, citando artigo do jornal “O Mercantil” de 1883:

As noites escuras são propensas ao furto, aos distúrbios e aos tumultos, ao deboche e a immoralidade (...) também são “perniciosas ao trânsito, à tranqüilidade, à propriedade, à moral e à sociabilidade (...) (apud. ARANHA, 2005, p.120).

Desde os tempos mais remotos, foram atribuídos à escuridão significados depreciativos. Opondo-a sempre à luz, considerada redentora, as trevas eram consideradas ocasiões de perigos, momentos de degradação dos valores morais. A noite, pela ausência de luz era a circunstância favorável ao aparecimento de comportamentos sociais desviantes, tais como: latrocínios, alcoolismo, assassinatos, prostituição, jogatinas, vagabundagem, homossexualismo e adultérios.

Embora estejamos tratando de um cidade que tinha uma população urbana constituída por 4.861 habitantes até a década de 1950 e que se configurava como um espaço de relativa calma, as práticas libidinosas e criminosas eram freqüentes durante as noites, o que alimentava no pombalense, o medo da escuridão.

Sobre as práticas noturnas em Pombal o Sr. Raimundo de Sousa recorda-se que,

sair à noite? no escuro? Nera (sic) todo mundo não. A pessoa saindo de casa à noite só encontrava com gente assim, na época a gente chamava essas pessoas de depravada. As moças que encontrava na rua na calada da noite era só as moças do Rói. Agora era umas danadas bonitas viu? Né como as de hoje não. Menina, elas andavam tão arrumadas, eita que eram muito bonitas! Hoje, as raparigas... aff... (balança a cabeça negativamente). Também tinha nas ruas os marginais, êeee tinha ladrão sim. Sempre teve. De vez em quando tinha uns pantins (casos) de ladrão aqui. E tinha os bêbados que saiam cantando nas ruas acordando o povo

(...) E tinha mulher que botava (risos) galhas nos maridos, só era o que tinha! (SOUSA, 2008B).

As memórias do Sr. Raimundo nos apresenta um grupo de personagens que embora sejam comuns nas cidades que se modernizavam, não eram aceitos socialmente por todos os habitantes da cidade de Pombal. Nesse sentido, faz-se necessário sublinhar que os atores que aparecem nas tramas cotidianas noturnas, não são os mesmos, ou pelo menos, não se comportam como os personagens que transitam durante o dia.

Ao cair do dia, além de pessoas de comportamentos destoantes, outras figuras, reais ou imaginárias, a exemplo de demônios, lobisomens e “almas de outro mundo”, povoavam as ruas daquela urbe. Em face do que, ao escurecer, uma nova cartografia urbana se desenhava. A cidade virtuosa do dia, cedia lugar à cidade noturna dos vícios.

Sobre tais representações, Maria Stella Bresciani, em seu estudo “Londres e Paris no século XIX, o espetáculo da pobreza”, afirma que a noite

é amiga do criminoso, até no movimento lento e silencioso do passo do lobo se faz sua cúmplice (...) os combatentes do dia se interrompem, os soldados do trabalho repousam, os demônios despertam e preenchem o espaço urbano. A multidão é outra. O formigar das prostitutas, os escroques atentos juntos às mesas de jogos, os ladrões na sua labuta silenciosa: tais são seus componentes (BRESCIANI, 1989, pp. 12-13).

Ainda que a autora refira-se às noites parisienses, práticas e representações como estas, guardadas as devidas proporções, foram recorrentes em outros espaços-tempo. Assim, considerando as peculiaridades inerentes a cada cidade, também para os habitantes da pequena Pombal, ao chegar a noite as ruas ganhavam novos usos⁷¹.

Geralmente ninguém saía de casa à noite. Era perigoso! Agora quando saía era em dia de lua. A noite era a hora de ficar em casa. O povo roubava! Era muito tarado, ladrão, bandido. Ai tinha umas histórias de uns lobisomens que corriam atrás das mulheres. O povo pensava que era um homem que se transformava em bicho, num lobo, na noite de lua cheia. Mas olhe só: lobisomem só aparecia principalmente quando não tinha lua, quando era aquela escuridão! Sim, e tinha outros lobisomens (baixa a voz) tinha umas mulheres e uns homens que botava chifres nas mulheres e nos maridos [respectivamente]; também era chamado de lobisomem (risos) o povo todo com medo. Eu mesma... Ah, como eu era tola (VIANA, 2008B).

⁷¹ Sobre o conceito de usos ver: CERTEAU, Michel de. **A Invenção do Cotidiano I: Artes de fazer**. 6ª edição. Petrópolis: Vozes, 2001.

A ocorrência de práticas como as citadas pela Sra. Zulmira Ferreira Viana, deixava as “famílias” pombalenses de “cabelo em pé”, preocupadas com os “bons costumes” que pareciam ameaçados pelos desordeiros que vagavam na escuridão. Destarte, foi com o objetivo de conter as práticas ilícitas que se disseminavam naquela cidade e que colocavam em risco a ordem social que os representantes do poder público municipal e as elites locais, investidos de um espírito modernizador e “civilizador”, direcionaram suas atenções para a busca de uma solução eficaz para os problemas provocados pela ausência de luz.

2.1.2 A luz elétrica e as novas práticas sociais

Fato é que desde o final do século XIX foram muitas as tentativas de conter as práticas noturnas que maculavam a sociedade pombalense. Nesse sentido, foram tentados vários mecanismos de iluminação para coibir, ou pelo menos minimizar, os crimes contra a moral social, como bem assinalou Verneck Abrantes de Sousa, ao afirmar que antes da instalação do motor de luz elétrica, inaugurado em 1927, durante a gestão do prefeito Francisco de Sá Cavalcante, “toda a sociedade pombalense era nivelada por uma iluminação a bico de lamparina, candeeiros, velas e lampiões”⁷² (SOUSA, 2002, p. 19).

A asserção do pesquisador é muito pertinente, isso porque, após a introdução do sistema de luz elétrica, o uso desses instrumentos era ainda necessário, dadas as limitações do motor,

que era pequenininho, a luz bem fraquinha, quase do mesmo jeito da luz da lamparinha só que não tinha nem fumaça, nem catinga. Luz elétrica? Só tinha as ruas centrais. O motorzinho também tinha hora certa para acender e para apagar e só quem tinha era os rico (sic). (SANTOS, 2004).

Como nos informou uma de nossas rememoradoras, a luz elétrica inicialmente foi implantada no espaço citadino centralizado, ficando as demais ruas e o nascente bairro dos Pereiros, desprovidos de iluminação pública.

⁷² A propósito da substituição da iluminação a gás pela iluminação elétrica na Paraíba ver: ARANHA, Gervácio Batista. **Seduções do moderno na Parahyba do norte: trem de ferro, luz elétrica e outras conquistas materiais e simbólicas (1880-1825)**. In. Parahyba no Império e na República. Estudo de história social e cultural. 2ª ed. João Pessoa: Idéia, 2004. Embora o autor trate de um recorte temporal diferente do nosso, aponta de maneira brilhante os problemas recorrentes durante a implantação daquela aparelhagem na Paraíba. O autor também enfatiza que mesmo com a implantação da luz elétrica, a iluminação a querosene continua a ser utilizada nas cidades que passavam por transformações modernizantes.

Sobre a implantação do sistema de luz elétrica na cidade, a Sra. Rita Dantas recordou que ali na Rua da Cruz,

era um escuro só. Iluminação na rua? Basta! Quem podia, quem tinha dinheiro comprava um lampião com luizona (sic), clareava que era uma beleza. Agora quem não podia? Usava ou vela ou lamparina. A luz da lamparina era bem fraquinha. E basta, a energia elétrica era só lá no centro. Tinha na Rua do Comércio, na Rua do Rio e na Rua da Igreja. E mesmo assim, até os ricão (sic), quando a luz apagava⁷³, tinha que ligar sua lamparininha ou... seu lampião! (DANTAS, 2008).

Para além de apontar a precariedade do sistema de iluminação elétrica o depoimento da nossa colaboradora vem também evidenciar o caráter excludente daquela conquista material.

Não se engane o leitor: a exclusão não se dava somente em função da espacialidade. Certamente, morar próximo à usina de luz facilitava a aquisição daquela aparelhagem, mas era principalmente a situação econômica o que determinava quem iria consumir aquele serviço, isso porque, “a energia elétrica custava caro, custava os ‘olhos da cara’ (...) a pessoa pra colocar um bico de luz em casa tinha que ter dinheiro viu!? (VIANA, 2008A).

Sem dúvida, aquele benefício exigia que o proprietário fosse abastado, ou que, pelo menos tivesse algumas economias para a aquisição da aparelhagem técnica, isto porque os gastos começavam já com a concessão do direito de instalação da luz, que de acordo com o Código de Postura de 1936⁷⁴, determinava em seu Capítulo XI, Art. 50º que: “attendida a solicitação, pagará o petionário caução relativo ao número de velas requeridas e igual à contribuição de um mês de fornecimento”. O mesmo Código estabelecia ainda em seu Capítulo XI, Art. 51º que: “todas as despesas com o material para a instalação correrão por conta do consumidor, o qual custeará também a de mão de obra” (CÓDIGO DE POSTURA MUNICIPAL, 1936, p. 11). Deste modo, quanto maior a distância com relação ao espaço urbano centralizado, onde se localizava a usina, maiores eram as dificuldades para a aquisição daquele serviço.

E, ainda que aquela “maquinaria do conforto” não tenha atingido e beneficiado igualmente a todos os pombalenses, nas representações construídas sobre a implantação do sistema de iluminação elétrica em Pombal, chama-nos a atenção o fato de todos os

⁷³ O ligar/desligar da luz elétrica é o que indica o novo sistema iluminativo, quando de seu surgimento no século XIX, como uma iluminação efetivamente moderna. Trata-se da imagem da luz brotando como num passe de mágica, isto em decorrência do efeito automação.

⁷⁴ Em 1936, durante a segunda gestão do prefeito Francisco de Sá Cavalcante é que foi elaborado o Primeiro Código de Postura Municipal, o que deve ter ocorrido em virtude das necessidades locais, vindo o referido documento a legitimar algumas leis que talvez já estivessem sendo aplicadas.

nossos rememoradores celebrarem a chegada da energia como indicativo de que a cidade estava se modernizando, o que pode ser percebido nas falas dos senhores Pedro Fernandes de Almeida e Raimundo Formiga de Sousa, respectivamente, que afirmam que, “naturalmente Pombal só melhorou com a chegada da luz elétrica. A cidade foi ficando mais bonitinha” (ALMEIDA, 2009B). “A energia elétrica foi o que Pombal precisava para crescer, para se modernizar” (SOUSA, 2008C).

Mas eles não foram os únicos a defender tal concepção. Também nos relatos orais de memória da Sra. Ivanil Salgado de Assis é possível percebermos o entusiasmo e a crença na idéia de que a luz elétrica era de fato a “mensageira do progresso”:

Quem trouxe a energia elétrica para Pombal foi o prefeito Sá Cavalcante na sua primeira gestão, pois ele foi prefeito duas vezes. Ele era um prefeito muito atuante, progressista, que queria que Pombal crescesse. Ele trouxe muitas novidades para Pombal. A energia elétrica significava o progresso e o progresso é uma coisa fabulosa... trouxe muitas coisas boas para Pombal. Ah! e como trouxe. O povo todo festejou, ficou muito alegre. Antes não tinha aquilo, então, foi muito bom, não é? (ASSIS, 2004).

Que “o povo todo festejou” o advento da luz elétrica não temos certeza. Não obstante, acreditamos que a novidade representada pela aquisição daquela aparelhagem provocou no mínimo a curiosidade em muitos pombalenses, levando-os a deslocarem-se de suas residências, algumas delas localizadas na zona rural, com a finalidade de prestigiar a inauguração do motor de luz, fato que pode ser observado na imagem a seguir, quando grande parte da população pousou em frente à casa onde funcionaria a empresa de luz de Pombal:



IMAGEM 2- INAUGURAÇÃO DO MOTOR DE LUZ – 1927 (Fonte: Acervo de Verneck Abrantes de Sousa)

Ao centro a casa onde funcionou até meados dos anos 1930 a usina de luz de Pombal. Note-se a dissonância entre o discurso modernizante, que pregava “o grau de adiantamento que Pombal vivia naqueles anos” (SOUSA, 1971, p. 71) e as construções arquitetônicas da cidade. Somente no final dos anos 30 do século passado é que o prédio foi reformado e ampliado, para atender às necessidades do urbanismo moderno, o que nunca chegou de fato a acontecer. Em destaque na imagem, à direita, o automóvel recém adquirido do Sr. Isidro Pessoa. A seta indica o começo da Rua do Comércio, considerada, já em 1927, uma das ruas mais importantes da cidade. Observe o vazio urbanístico no começo desta rua.

A representação criada pela imagem também aponta para a idéia de que as conquistas materiais, neste caso, a luz elétrica, beneficiaria todos os habitantes daquela urbe indiscriminadamente, e a explicação para tal construção está possivelmente vinculada aos discursos propalados pelos membros da elite local, fazendeiros e comerciantes especialmente, e pelos dirigentes municipais, os maiores beneficiados com aquela maquinaria moderna, e que sempre que se referiam a ela a associavam ao progresso, à modernidade.

Seu Sá foi realmente um político honesto! (aumenta a voz) Ele dizia que a energia era o que havia de mais moderno no mundo, e Pombal, o povo de Pombal merecia aquela melhoria. E além de seu Sá outras pessoas importantes ficavam dizendo: _agora Pombal cresce, agora as coisas vão melhorar! E melhorou viu? (ALMEIDA, 2009B).

Uma coisa é certa: se as melhorias não foram aquelas esperadas e pregadas pela elite daquela cidade, a população de Pombal, foi sensível e intensamente transformada. O impacto daquela conquista material sobre a vida cotidiana dos homens e mulheres daquele espaço foi tão intenso que nos dias que antecederam a inauguração do “motorzinho”, “não se falava em outra coisa aqui em Pombal. Diziam que a cidade ia ficar mais bonita, moderna” (CONCEIÇÃO, 2008) e “naturalmente que ficou!” (ALMEIDA, 2009B). Finalmente, desejava-se que as pessoas dos diversos segmentos sociais acreditassem que aquela aparelhagem conduziria a urbe à modernidade.

E se não conduziu, não foi isso o que nos disseram seus antigos habitantes:

a energia elétrica foi uma coisa muita boa. O povo achou muito bom. Dizia que era um negócio bonito. Ora, antes as casas eram iluminadas a óleo, com as lamparinas, ai colocaram o motor com hora certa para acender e para apagar. Nossa! O povo gostou demais. O povo achava bom demais a energia elétrica. Era muito bonita a rua toda iluminada. Antes não tinha isso não é? Era chique, moderno! (TORRES, 2004).

Acerca dos melhoramentos trazidos a Pombal com a implantação do serviço de iluminação elétrica, o depoimento da Sra. Benta Carneiro dos Santos também é bem esclarecedor, pois segundo ela:

A energia elétrica foi a melhor coisa que já teve aqui em Pombal.(...) papai só vivia dizendo que a energia era o progresso. E era! Porque depois que a energia chegou as coisas foram melhorando tanto para o rico quanto pra o pobre. Pombal foi tratando de crescer, aí hoje Pombal é uma Pombal! (SANTOS, 2004A).

As memórias construídas e listadas por nossos colaboradores acerca da chegada da energia elétrica, sinalizam antes de tudo para o aparecimento de novas sensibilidades naquela urbe, afinal, tratava-se de um equipamento “novo” que era propalado pelos discursos dos “senhores do poder” como uma aquisição moderna que conduziria todos os pombalenses ao “grande nível de civilização e progresso que gozavam as capitais nacionais e os países da Europa” (SOUSA, 1971, p. 91).

Todavia, basta olhar a fotografia a seguir para percebermos o quanto era exclusivista aquele sistema:

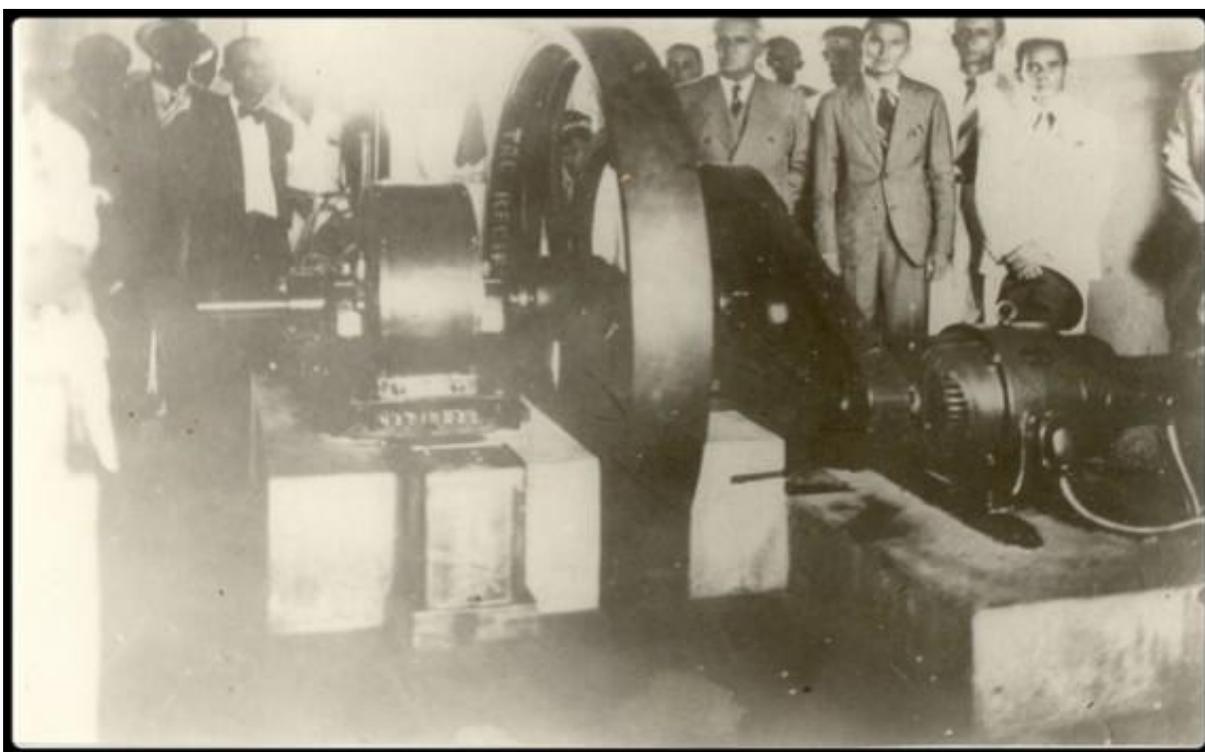


IMAGEM 3- MOTOR DA LUZ – 1927 (Fonte: Acervo de Verneck Abrantes de Sousa)

Enquanto o povo foi fotografado fora da casa onde funcionaria a usina de luz (ver imagem 02), os homens da elite econômica, política e intelectual foram fotografados no interior da sala, atrás do motor, o que revela quão seletivo era o grupo que seria beneficiado com a nova tecnologia e que mereciam figurar como os incentivadores daquela aquisição.

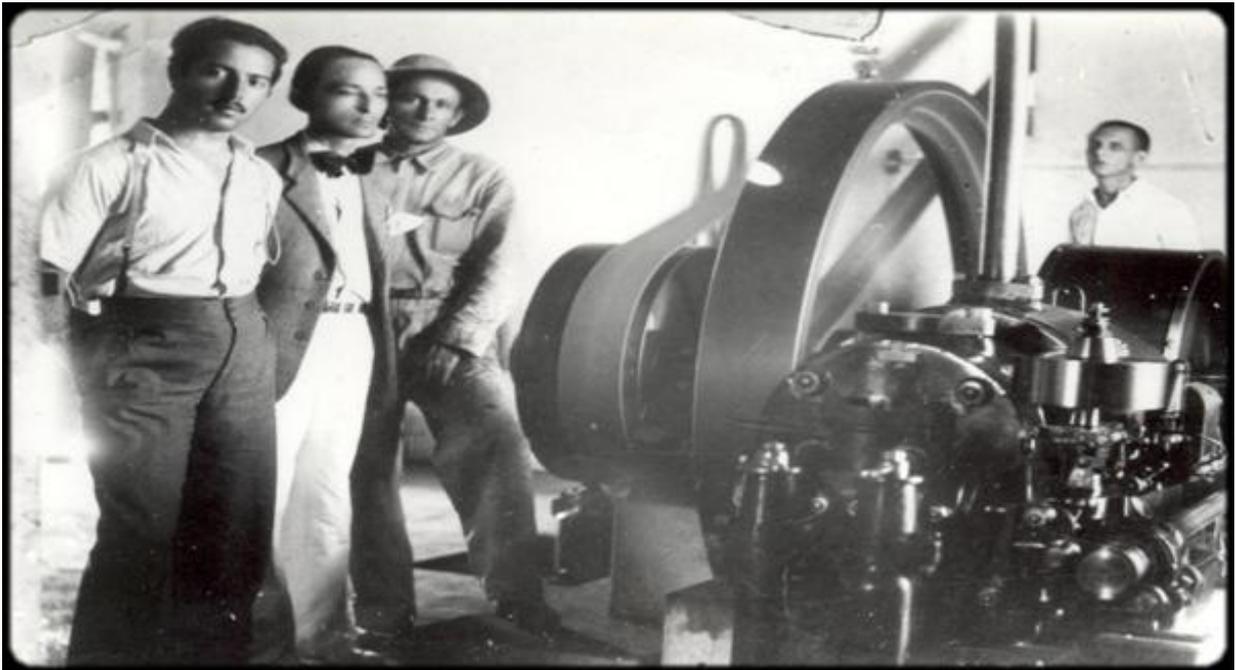


IMAGEM 4 – PREFEITO SÁ CAVALCANTE, FUNCIONÁRIOS DA EMPRESA DE ILUMINAÇÃO E MOTOR DA LUZ – 1927 (Fonte: Acervo de Verneck Abrantes de Sousa)

Acreditamos que a intenção do fotógrafo foi registrar não só o momento que a cidade viveu naquele dia de 1927, mas especialmente, mostrar a nova aquisição, o motor tipo *International*, considerado pelos pombalenses o que havia de mais moderno, em termos de geradores de energia. Também houve a intenção de registrar quem foi o idealizador daquela conquista material, gravando o nome deste gerenciador público nos anais da cidade.

De gravata borboleta, o Prefeito da cidade, Francisco de Sá Cavalcante, pousa ao lado de populares, o senhor de chapéu chamava-se Hermínio Monteiro, o outro senhor que está ao lado do gestor, não sabemos de quem se trata, mas acreditamos ser também algum dos responsáveis pela manutenção do sistema elétrico. Embora os dois senhores que estão ao lado do gestor aparentassem ser dos segmentos menos afortunados, ambos expressaram na ocasião da foto um ar de satisfação, quiçá orgulho, afinal, naquele espaço, eles estavam numa condição superior. Eram eles quem iriam controlar o motor, ligar ou desligar as luzes da cidade que dependeriam deles.

Sobre a solenidade de abertura dos serviços de iluminação em Pombal o pesquisador Verneck Abrantes de Sousa, diz que a inauguração “foi um grande acontecimento e marcou época, com festas e desfiles da banda de música pelas ruas da cidade” (SOUSA, 2002, p. 61).

Naquele dia, lembra-se a Sra. Maria Dorotéia da Conceição, foi festa à vontade,

o prefeito mandou botar umas luizinhas (sic) acanhada (sic) na frente da igreja e na frente da casa do motor de luz. Ai o povo era aquela euforia. As moças da sociedade mandaram fazer vestidos novos para aquele momento que era um momento muito importante para o povo de Pombal. Os homens ricos também era tudo chique desde cedo, andando com seus paletós de

linho e de gravata. E os pobres também, as mocinhas com seus vestidinhos novos e os rapazes de camisa e de paletó também. Eu acho que ninguém economizou no visual não. O povo daqui era chique. Toda vida gostou de ser chique, moderno (CONCEIÇÃO, 2008).

Há uma grande distância entre gostar de ser chique ou moderno e realmente sê-lo. Assim, ainda que nossas fontes nos digam que os pombalenses dos segmentos econômicos mais baixos, tomados pelo desejo de usufruir dos benefícios trazidos pela nova tecnologia, compareceram “em peso” à cerimônia de inauguração, a qual, segundo o Sr. Pedro Fernandes de Almeida foi “a maior festa que já houve aqui em Pombal” (2009B), e que tais pessoas tornaram-se grandes defensoras do progresso, da modernidade, da civilização, o que fica evidenciado nas representações catalogadas é que a maior parte delas sequer sabia o que de fato era esse progresso. Mas importava estar ali. Para o povo ver e/ou participar daquela ocorrência era muito significativo, afinal, aquele era um momento de sociabilidade, ocasião de conflitos e negociações.

De acordo com as lembranças arroladas, acreditamos que a sensação era de que aquela maquinaria estava ali ao alcance de todos. Os grupos nomeados como populares acreditavam, ou pelo menos desejavam que a luz gerada pelo motor à diesel beneficiasse a todos. E isto acontecia, pelo menos em parte, pois ainda que muitos não tivessem colocado o seu “bico de luz”, “sempre dava para aproveitar um pouquinho da luz do vizinho” (BANDEIRA, 2008), e além disso, tanto os moradores das ruas centrais como aqueles que viviam em áreas distantes, os passeios noturnos, no “Largo do Bom Sucesso” (ver imagem 30 página 191), iluminados pelas “acanhadas luzinhas” permitiram o surgimento de novos hábitos e práticas sociais. Práticas nem sempre vistas positivamente pelas tradicionais famílias daquela urbe, conforme pode ser observado no depoimento abaixo:

Ah, para alguns pais de família a energia num foi bom não, eu acho. Porque as moças depois da energia só queriam viver na rua. Era os pais toda noite tendo que ir pegar as filhas no “patamar” da igreja. Ai eles diziam depois dessa tal modernidade ninguém tem mais sossego (VIANA, 2008B).

Se houve pessoas que se mostraram resistentes às inovações materiais, houve também aquelas que incorporaram rapidamente os discursos modernizantes e enchiam-se de alegria e soberba por morar na cidade que possuía “a mais importante usina de luz do alto sertão paraibano”⁷⁵ (SOUSA, 1971, p. 90).

Outro aspecto que fica explicitado nos relatos dos nossos colaboradores é que a luz elétrica é evocada não como um mecanismo de combate e/ou prevenção às práticas

⁷⁵ Considere-se, contudo, que em Cajazeiras havia o mesmo sistema de energia elétrica desde 1923.

censuráveis, embora esta tenha sido um dos principais motivos que impulsionou as autoridades locais a buscar aquela aparelhagem. Portanto, a luz gerada pelo motor elétrico é nas lembranças dos antigos moradores de Pombal decantada como uma técnica de glamourização e estetização das noites⁷⁶.

Sobre isto a Sra. Zulmira Ferreira Viana rememora:

Ah, quando botaram os postes de madeira nas ruas da cidade, aquela parte ali do centro (aponta) ficou linda, embora a luz fosse bem fraquinha. Ora, mas só em não ter fumaça, aquela fumaça preta, fedorenta. A cidade ficou outra coisa. Agora tem uma coisa (...) teve pai que ficou doido, as moças era tudo no patamar da igreja flertando (risos), quer dizer, namorando. Ai é aquela coisa, a luz trouxe coisas boas e ruins, tem suas vantagens e desvantagens (VIANA, 2008B). *grifos nossos*

Sem dúvida o cotidiano noturno dos pombalenses foi impactado pelo advento da luz artificial, contudo, apesar do depoimento grandeloquente da colaboradora, as fotos da época parecem indicar a precária condição da iluminação pública da cidade.



IMAGEM 5 - ILUMINAÇÃO PÚBLICA – 1927 (Fonte: Acervo de Verneck Abrantes de Sousa)

Inicialmente a luz elétrica foi instalada nas casas residenciais, com hora certa para acender e apagar. Posteriormente, foram instalados nas vias públicas postes de madeira e/ou de trilhos de trem para a execução do serviço de iluminação elétrica nas ruas centrais da

⁷⁶ Sobre a positivação e estetização da noite nas cidades que se modernizavam ver: MATOS, Maria Izilda Santos de. A Cidade, a noite e o cronista. Bauru, SP: EDUSP, 2007.

cidade. A imagem é da Rua do Rio, aí vemos os muros das casas da Rua do Comércio. As residências desta rua ficavam no lado oeste. Talvez a intenção do fotógrafo tenha sido apenas registrar o poste de luz.

Claro, não podemos negar que mesmo diante da precariedade das instalações, as ruas, ainda sem calçamento⁷⁷, ficavam mais bonitas à luz das pequenas lâmpadas convidando não só os jovens a um passeio noturno, mas também adultos, crianças e idosos que faziam dos “bicos de luz” ponto de encontro.



IMAGEM 6 - POSSE DO PREFEITO SÁ CAVALCANTE – 1936 (Fonte: Acervo de Verneck Abrantes de Sousa)

Cerimônia de posse do Prefeito Francisco de Sá Cavalcante, idealizador da implantação da usina de luz em Pombal no ano de 1927. Tendo se passado quase dez anos os avanços, nesse campo, haviam sido poucos. Note que embora exista um “bico de luz” na sala onde estava acontecendo o rito, a iluminação estava sendo feita a lampião, isto porque deveria ser ou antes das 18 horas ou depois das 22 horas, momento em que o motor não estava ligado. Outra explicação para o uso do lampião e não da luz elétrica, é que a luz gerada pelo motor “era bem fraquinha e amarela” (VIANA, 2008). Ao reassumir a prefeitura, o referido gestor, trocou o motor, melhorando um pouco a qualidade do serviço de iluminação.

Observe que na cena, retida pelas lentes do fotógrafo, só há uma mulher, possivelmente a primeira dama do Município, possivelmente pertencente ao segmento denominado de elite, observe que seus trajés acompanham a moda em voga naqueles anos, observe também que a senhora usava um relógio na ocasião, este acessório era muito raro em Pombal nos anos trinta. Mas não somente a senhora parece pertencer aos segmentos afortunados, os homens que assistem à sessão, também aparentam pertencer a este grupo.

⁷⁷ O calçamento das ruas centrais de Pombal só foi iniciado em 1953, pelo então prefeito Francisco Pereira. Sobre isto ver: SOUSA, Verneck Abrantes de. **A trajetória Política de Pombal**. João Pessoa: Imprel, 1999, p. 89.

A cidade começava a ganhar uma nova cartografia noturna, o que ocorria em função dos usos e invenções dos seus habitantes. Outra observação que fazemos ainda sobre o relato de memória construído pela Sra. Zulmira diz respeito às “novas” práticas e sensibilidades surgidas naquele contexto. Lógico que houveram “vantagens e desvantagens”, os comportamentos destoantes não desaparecem com a introdução deste ou daquele melhoramento técnico, na realidade, eles se transformaram. Os valores e padrões de comportamento, tendem a mudar diante das necessidades impostas num determinado tempo-espaço, algumas mudanças ocorrem rapidamente outras lentamente, configurando-se quase como uma permanência. E isto aconteceu também em Pombal, afinal, qual rapaz ou moça, não gosta de “beijinhos calientes”, e se os becos já não eram tão escuros, pelo menos até as 22 horas, havia agora as rodas de conversas nas calçadas iluminadas pelas precárias “luzinhas”. Nessas rodas a brincadeira favorita era o “casamento oculto”, onde

Depois de escolher o par pelo nome da fruta: pêra, uva, maçã... tinha que escolher a prenda: um abraço, um beijo...no rosto! Uma piada, dançar, e... uns beijinhos na boca! Tudo muito escondido. Ave Maria de um pai ou uma mãe ver (SOUSA, 2008C).



Além das brincadeiras, nos encontros da juventude pombalense, outros comportamentos passaram a se tornar freqüentes. O hábito de fumar e beber publicamente arrancava as mais ríspidas críticas. Contudo, no que diz respeito à prática de fumar cigarros, é importante frisar que nos anos em estudo, de 1927 a 1959, “fumar cigarros Americanos, Alemão ou Argentino (sic) era considerado o que havia de mais moderno” (FELINTO, 2008), Todavia, as críticas davam-se principalmente em função das propagandas ditas “liberais” às quais estava associada aquela prática, principalmente quando o usuário era do sexo feminino.

Sobre isto o Sr. Raimundo de Sousa, lembrou que:

Quando a gente via uma propaganda de cigarro, era sempre com uma mulher. Um mulherão, num carrão.

IMAGEM 7 (FONTE: História da Vida privada no Brasil: República da Belle Époque à Era do Rádio).

Dava a impressão que ela, a mulher, tava chamando a pessoa você sabe pra quê (SOUSA, 2008B).

E continua o Sr. Raimundo:

As moças que fumavam você notava logo que elas eram mais liberais que as outras, elas bebiam junto com os homens, se abraçavam em público e até beijavam. Mas não era como hoje não. E os homens? Ah, um homem que tinha um cigarro para fumar era chique. Não era todo mundo que podia fumar não. E as meninas gostavam viu? (SOUSA, 2008B).

Mesmo que a mulher fumante tenha sua imagem ligada à liberdade moral, outras representações para ela foram construídas em Pombal, conforme relato do Sr. Raimundo Formiga de Sousa,

O preconceito contra mulher que fumava era tão grande que um dia um homem de muita influência, era filho de fazendeirão, pegou uma moça filha de outro homem importante daqui, ela fuma viu? Ai ele agarrou ela para dar um beijo achando que ela era da gandaia, como diz o matuto. Menina, ela deu-lhe uma tapa na cara que até hoje os dois não se falam. E ele só fez aquilo porque achava que mulher que fumava não era direita, mas era. Pelo menos a maioria era. Naquele tempo o preconceito era grande demais (SOUSA, 2008B).

E como não seria? Numa sociedade onde imperam até hoje, embora com menor força, os dogmas da Cristandade, dificilmente poderíamos falar em excesso de liberdade, pelo menos, liberdade consentida. Havia nos anos por nós estudados, casos isolados de comportamentos liberais que influenciados pelos meios midiáticos e pelas transformações em curso no mundo capitalista vinham se difundindo cada vez mais rapidamente. Em face disso, ver uma mulher fumando era um verdadeiro escândalo, as moças deveriam “evitar andar com uma moça que fumava para não ficar falada. Porque o povo dizia logo assim: se fuma, bebe; e se bebe faz outras coisas” (CONCEIÇÃO, 2008).

Agora, conforme nos falou o Sr. Raimundo, quando o fumante era um homem, aí sim. Sobre ele todos os olhares eram de admiração. O que ganhava um charme todo especial se ele estivesse usando roupas e cabelos à Robert Tylor.



IMAGEM 8 - FUMO DE ROLO E CONVERSA NA CALÇADA – ANOS 1940 (Fonte: Acervo de Verneck Abrantes de Sousa)

Se o hábito de fumar cigarros de luxo foi incorporado ao cotidiano de alguns pombalenses, o mesmo não podemos dizer dos grupos menos favorecidos. Contudo, a imagem ao lado, vem nos dizer que o hábito de fumar cigarros em público, provocou também mudanças no dia-a-dia dos populares. Pois não tendo condições econômicas para consumir um Hollywood, esse grupo reinterpreto a nova prática e passou a consumir publicamente os cigarros de fumo de rolo, hábito este que deveria ser eliminado, uma vez que, aquele cigarro exalava um cheiro muito forte.

Sobre o hábito de fumar cigarros a Sra. Ivanil Salgado de Assis recorda-se que:

Era um luxo. Antigamente fumar era como um hobby. Só fumavam os homens que tinham mais condições. Os jovens viajavam e, quando voltavam, vinham com um comportamento diferente, fumando, andando todo alinhado, mas o povo não falava mal não. O povo achava bonito, não se incomodava porque era uma coisa rara. Naquele tempo não era como hoje, constante que o povo fuma (ASSIS, 2004).

Fumar cigarros era somente uma entre as inúmeras práticas que surgiam em Pombal naqueles anos. Mas não só os jovens foram afetados pela implantação do sistema de luz elétrica. Sentar-se nas calçadas iluminadas para fazer tricô ou crochê era o passatempo de algumas senhoras; outras, preferiam contar histórias de “botijas”, “era uma vez”, histórias de “trancoso” ou ainda falar sobre seu próprio passado. Já os homens ou conversavam em pé numa esquina ou jogavam carteadado, embaixo de poste, sendo os jogos mais freqüentes de sueca e baccarat.

As crianças também faziam parte daquele novo cenário. Por causa delas, à noite era aquela algazarra. A iluminação permitiu que elas pudessem brincar de “ordecam”⁷⁸, coisa que só faziam à tardinha porque o sol já não queimaria seus pezinhos. Também embaixo de um “bico de luz” era melhor para jogar caxangá, “sempre com pedrinhas do rio, pedrinhas bem lisinhas”(VIANA, 2008A). Agora, para quem estava próximo era impossível conversar, pois a brincadeira exigia que os participantes cantassem, e eles cantavam, na verdade gritavam!

*Escravos de Jó
Jogavam Caxangá,
Tira, bota
Faz um remelexo...
Que vai, que vem,
Guerreiro com guerreiro
Fazem zigue zigue zá.*

Também as cantigas de roda alegravam alguns enquanto incomodavam a outros:

*Tantas laranjas madeira
Diga que cor são elas
Verde amarela
Cor de canela...*⁷⁹

As noites ganhavam novos sons, novas práticas. Enfim, novos usos. As mudanças eram muitas. No centro da cidade, conforme apontou a Sra. Zulmira Ferreira Viana, surgiram novos espaços de diversões noturnas. No pátio da Igreja do Rosário, os namorados marcavam encontros. Aos finais de semana a banda de música dava o ar da graça e tocava alguns dobrados para alegrar as noites pombalenses. Em pouco tempo surgiram naquelas imediações casas de jogos e bares, o que contribuiu para o aumento da jogatina e do alcoolismo entre os jovens.

Olhe só: toda vida teve bêbado, prostituta, ladrão, essas coisas por aqui. Agora, você sabe que se a pessoa não tiver quem chame e não tiver onde comprar... já diminui né? Então, depois do bar Junqueira, que foi o primeiro bar que teve aqui no centro, ele não era tão familiar assim, mas o dono

⁷⁸ Jogo com bola onde formam-se dois grupos e cada um dos grupos fica de um lado do campo. O objetivo é eliminar os jogadores do time adversário. Um jogador é eliminado quando a bola bate em um jogador, e depois cai no chão. Ganha o jogo a equipe que eliminar todos os jogadores da equipe adversária. Hoje, o jogo é conhecido em alguns lugares por “baleado”, ou “queimada”.

⁷⁹ Trechinho de cantiga de roda cantada pelas Sras. Maria do Bom Sucesso Medeiros Nóbrega e Ana Ferreira de Almeida em entrevista concedida a autora em 02.02.2009.

dizia que era Bar de família! Eu acho que só fez aumentar (ALMEIDA, 2009B).

Sem dúvida, a abertura de bares era indicativo de que o consumo de bebidas alcoólicas estava aumentando. E se o alcoolismo aumentou, certamente isto provocou muitos tumultos na cidade, ou não. Vez ou outra, um rapaz era conduzido pelos policiais até sua casa por provocar desordem na cidade.

Tinha uns filhinhos de papai que quando ficavam embriagados quebravam as luzes dos postes, destruíam os banquinhos da praça. Saíam gritando nas ruas, era uma coisa horrível! E tinha pobre que fazia isso também mas quando era pobre ia logo pra cadeia, dormia lá, aprendia a lição e saía no outro dia. Rico não, tem aqueles ajeitados (FELINTO, 2008).

Se as limitações do motor de luz já eram grandes, elas tornavam-se ainda maiores com as práticas de vandalismo praticado pelos pombalenses. Em face do que, no Capítulo X, Art. 46º do Código de Postura de 1936 ficava estabelecido que:

É terminantemente proibido, sob pena de multa de 10\$000 a 50\$000, conforme a gravidade e circunstancia da infração:
a) damnificar postes ou lâmpadas da iluminação;
b) damnificar ou destruir fios ou qualquer outro material electrico (CÓDIGO DE POSTURA MUNICIPAL, 1936, p. 11)

Considerando-se que as leis surgem das necessidades sociais, é possível que casos de vandalismo e também o furto de energia fossem comuns antes da instituição desse código. Se alguns jovens eram responsáveis pela destruição das instalações, também algumas crianças faziam das luzinhas o “alvo de sua mira” na brincadeira de baladeira. Além desses inimigos do “progresso”, a empresa de luz teve que enfrentar ainda os furtos, que eram praticados por pessoas que vendiam o produto do crime por um preço inferior àquele cobrado pela empresa fornecedora da luz.

É preciso frisar que se somente pessoas de posse possuíam energia em suas residências, o material roubado só seria útil a tais pessoas que o utilizaria para aumentar o seu consumo. Fato que também poder ser percebido no Código de 1936 que estabelece: “Art. 54º - A modificação, quanto ao aumento ou diminuição de velas só poderá ser feita com previa comunicação à Prefeitura para o devido registro”. No Art. 56º do mesmo código, “mensalmente, ou quando julgar conveniente, o fiscal da Usina revisará todas as instalações particulares conferindo o numero de velas”. Caso fosse encontrado número superior de velas, o consumidor pagaria uma multa no valor de 20\$000, fato que nunca chegou a ocorrer, embora tenham sido detectadas ligações clandestinas, conforme lembre-se o Sr. Pedro Fernandes de Almeida:

Veja se você lembra? Pombal é uma das cidades que tem mais gato⁸⁰ na energia, e isso vem de muito tempo. Quem tinha energia em casa era os ricos e ainda assim, essa menina, eles faziam umas coisas erradas. Arrancava os fios da rua, pegava as lampadzinhas e depois botavam nas suas casas, aumentavam. Ai vinha aquele fiscal, olhava e... não acontecia nada! Por isso é que ficou como ficou. E pobre? O pobre roubava os fios para vender porque ele não tinha como botar a energia em casa né? (ALMEIDA, 2009B).

É interessante a lembrança do Sr. Pedro Fernandes de Almeida, no qual o mesmo associa a informação veiculada pelo Jornal Nacional em 1995, da Rede Globo de Televisão, que diz que Pombal era a cidade que possuía o maior número de gatos de energia no país aos furtos de energia ocorridos nos anos por nós estudados. O Sr. Almeida também nos aponta como um dos fatores para que a cidade tenha esta “má fama” a impunidade.

Mas nem sempre a empresa ficava no prejuízo. Às vezes era preciso penalizar os detratores do bem público, de forma que a polícia teve que fiscalizar mais constantemente as ruas contempladas com o serviço.

Nos anos 40, o grande destaque foi a construção das praças Getúlio Vargas e Barão do Rio Branco (Bar Centenário) Ambas foram idealizadas com o fim de embelezar o centro da urbe, o que era justificado entre outras coisas pelo crescimento econômico e populacional da cidade (SOUSA, 1999). Observe na imagem abaixo como a cidade ficou mais charmosa com a construção das praças:



IMAGEM 9 - PRAÇA BARÃO DO RIO BRANCO – ANOS 1940 (Fonte: Acervo de Verneck Abrantes de Sousa)

⁸⁰ Ligação clandestina na rede elétrica.

No primeiro plano a Praça Barão do Rio Branco e o Coreto. Ao fundo temos as duas igrejas: a Matriz ainda sem a segunda torre, só construída nos anos 1950 e a praça Getúlio Vargas. A imagem é emblemática porque segundo o escritor Antonio José de Sousa (1971), em 1940 quando foram concluídos os serviços da praça, haviam sido colocados os postes de iluminação e as lâmpadas. Observe que o poste não possui a lâmpada. É possível que a ausência desta no solitário poste seja fruto de vandalismo, o que também é descrito pelo escritor como uma prática que se tornou freqüente na cidade durante os anos 1940.

As praças e seus monumentos, durante o dia eliminavam o vazio urbanístico do espaço citadino centralizado (ver imagem 32 página 192.), tornando-se além de cartão de visita da cidade, ponto de parada para os pombalenses que vinham da zona rural ou mesmo para os homens e mulheres do espaço urbano. À noite, por sua vez, os banquinhos da praça Getúlio Vargas, iluminados pelas luzes “redondas e branquinhas” serviam entre outras coisas para namorar. Os passeios noturnos nesta praça tornaram-se um espetáculo. Moças e rapazes desfilavam com seus trajes mais finos. Elas, sempre esperando uma oportunidade, longe dos olhares atentos dos pais, para uns beijinhos. E eles, de olho em qualquer “rabo de saia” que fizesse a noite valer a pena.

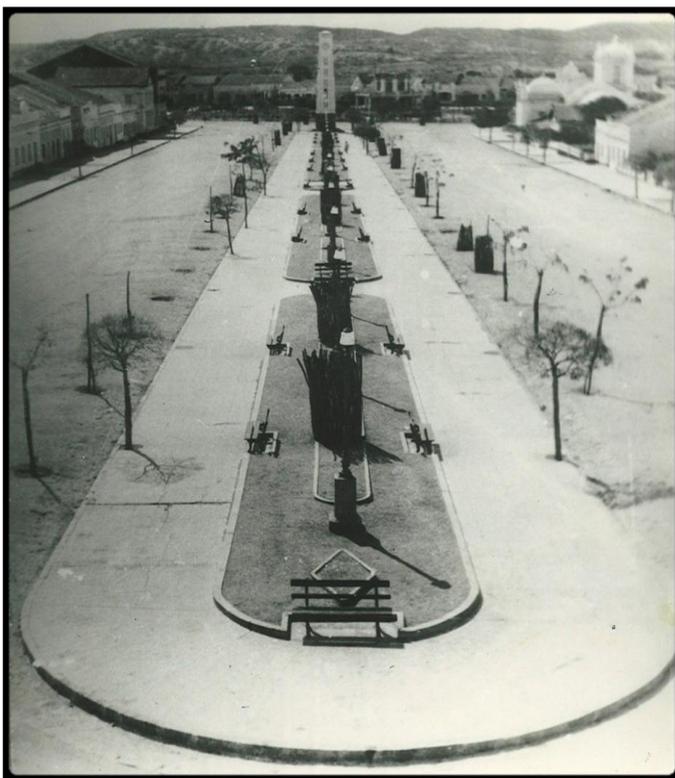


IMAGEM 10 - PRAÇA GETÚLIO VARGAS – 1940
(Fonte: Acervo de Verneck Abrantes de Sousa)

Talvez a idéia do fotógrafo tenha sido a de mostrar que a cidade estava se modernizando com a construção de praças e de alguns monumentos, contudo, a escolha do horário para o seu registro, nos passa a imagem de muita calma, o que reforça a idéia de que em Pombal naqueles anos não havia ritmo algum. Ritmo este que segundo Aranha(2004) caracterizava a vida moderna. Note-se que não há nenhum passante na rua, nenhum automóvel, àquela tarde a Praça parecia um lugar sem vida.

A imagem foi feita logo que a praça foi concluída. Era a maior Praça do Sertão paraibano, sua extensão é de 216 metros e também a maior Torre do Relógio, motivo de orgulho para seu idealizador, Sá Cavalcante, e para os pombalenses. O registro mostra-nos também a disposição dos pequenos postes de luz. E, nos permite imaginar alguns namoros nos charmosos banquinhos de madeira iluminados pelas pequenas “luzinhas”.

Em face do exposto, a proliferação dos territórios de lazeres e/ou prazeres noturnos era motivo de muitas preocupações para os pais de família, pois,

depois da luz as moças era um fogo de tá na rua. Era tudo solta. Ai quando dava sinal, o sinal era meia hora antes, que era o toque de recolher. Apagava tudo e acendia de novo. Aquele era o sinal para todo mundo ir para casa. Mas tinha umas moças que era preciso os pais ir buscar. E eles iam porque se não fosse a filha ia ficar falada (VIANA, 2008B).

Nas ruas centrais de Pombal, a noite dava-se por encerrada às 22 horas, pelo menos para aquelas mulheres vigiadas pelos pais e maridos. Por outro lado, apagando-se as luzes,

enquanto certos habitantes dormiam, em algumas ruas, nos bares, restaurantes, boates, em salas pouco iluminadas e enfumaçadas, as tensões urbanas emergiam, vivenciadas de forma diversificada e fragmentada por seus freqüentadores, fazendo desses territórios, lugar para se divertir, viver as aventuras e desventuras da noite” (MATOS, 2007, p.96).

O fragmento acima, extraído da obra “A cidade, a noite e o cronista”, de autoria de Maria Izilda Matos, embora trate das noites paulistanas, nos permite, guardadas as devidas proporções, conhecer um pouco sobre a vida noturna de Pombal a partir dos boêmios, isto porque a partir dos anos 1920, “a boemia tornava-se uma referência cultural, envolvendo freqüentadores assíduos do cotidiano noturno” (MATOS, 2007, p. 96).

2.1.3 A boêmia nas noites de Pombal

Em Pombal, as práticas boêmicas tornaram-se um pouco mais freqüentes a partir de meados dos anos 1930, de forma que a diversão começava já no Bar Junqueira, onde os homens podiam beber uma “meota⁸¹” ou talvez uma, duas doses de conhaque cinzano ou vermute. Também era possível jogar um pouco de sinuca para passar o tempo e melhorar os ânimos. E, se o cliente desejasse podia também levar uma “mulher de respeito” ou uma prostituta para fazer-lhe companhia à mesa.

Quando os serviços do bar se encerravam, o pombalense tinha as opções de ir dormir ou fazer da noite um momento de prazer. Para aqueles que desejassem arriscar uns

⁸¹ De acordo com o Sr. Raimundo Formiga de Sousa a expressão “meota” significa dose de cachaça. Contudo, segundo o Sr. Pedro Junqueira Junior, antigo proprietário do Bar Junqueira, por “meota” entende-se meia garrafa de cachaça, o que era comprado por um valor menor do que consumo idêntico despachado em pequenas doses.

beijinhos apenas, a estação ferroviária era o local ideal. As moças, mesmo diante das proibições dos pais, iam até aquele espaço movidas pelas promessas de namoros. A estação era o “point” da juventude, isto porque muitos pais não sabiam que suas filhas freqüentavam aquele território. “Todo mundo ia escondido. Quando um pai sabia que a filha estava por lá ou ia buscar ou mandava a polícia”(VIANA, 2008B). Para aqueles que desejassem mais que beijos, os decadentes cabarés eram lugares ideais, pois ainda que suas instalações fossem precárias, havia sempre uma mulher disposta a cantar, digo, a dizer, já que a música não existia naquele período:

*Se acaso me quiseres
Sou dessas mulheres que só dizem sim
Por uma coisa à toa, uma noitada boa
Um cinema, um botequim
E se tiveres renda, aceito uma prenda
Qualquer coisa assim
Como uma pêra falsa, um sonho de valsa
Ou um corte de cetim
E eu te farei as vontades
Direi meias verdades
Sempre à meia luz
E te farei vaidoso
Supor que és o maior e que me possuis...(BUARQUE, 1977)*

Muitas delas talvez não diriam e desejassem que seus parceiros também não pronunciassem coisa do tipo “te afasta de mim, pois já não vales nada, és página virada, descartada do meu folhetim”.

Em face das dificuldades econômicas, dos preconceitos estabelecidos, muitas das profissionais do sexo, tentavam ter parceiros fixos, pois aquelas que não conseguissem clientes certos tinham que se aventurar nas ruas para garantir seus proventos, o que era muito perigoso. Havia também entre as meretrizes aquelas que sonhavam em ser resgatadas por um príncipe encantado, ou simplesmente por um homem apaixonado que cantasse ao pé do ouvido

*Boneca vadia de manha e artifício
Eu quero para mim seu amor só porque
Porque na minha vida
Meu vício é você...*

Se o trecho da canção de Adelino Moreira foi de fato dito a algumas das jovens meretrizes de Pombal não podemos afirmar, contudo, talvez a canção tenha encorajado

alguns senhores a deixar de lado o preconceito e salvar algumas daquelas mulheres desejáveis⁸² da vida de amarguras e dissabores que levavam naqueles recintos.

Porém, nem todos tinham aquela coragem, de forma que a maioria das moças de vida “fácil” continuaram a ser cotidianamente procuradas pelos senhores locais, que iam aos bordéis, pelo menos, muitos homens assim justificavam suas saídas noturnas: discutir assuntos de cunho político, econômico ou cultural, regados à cerveja Antártica⁸³ ou conhaque.

Sem dúvida, nas mesas dos bares, os assuntos de tal envergadura eram comuns entre os senhores, todavia, não eram tais assuntos que moviam os homens até aqueles espaços, mas a busca de momentos felizes ao lado de uma mulher leviana. Logo tornou-se prática comum e até símbolo de status beber uma cervejinha enquanto Elisa⁸⁴ dançava toda faceira no meio do salão. Também era muito cobiçada no Rói Couro a companhia de Palmira, meretriz que veio de Campina Grande, “linda! A mais bela do cabaré. Toda cheia da etiqueta, deixava os homens tudo(sic) doido! (risos)” (SOUSA, 2008C). Não menos disputada era Anália que adorava sentar-se no colo dos homens deixando suas pernas grossas todas à mostra, e como se não bastasse ainda havia Maria José, Beza, Jandira e muitas outras profissionais do sexo dispostas a *pecar só por prazer*, alimentando os vícios de muitos homens.

A boemia era também, segundo as memórias dos nossos colaboradores necessária à manutenção e à pureza do sagrado casamento, uma vez que as prostitutas eram “um contraponto à mulher portadora de uma honra, fosse ela casada ou virgem” (SOUZA, 2008, p. 21). Em face de tal idéia, os homens, tanto os casados quanto os solteiros, estavam autorizados a freqüentar aqueles espaços de prazeres e usufruir dos serviços das meretrizes, evitando assim, macular a imagem de pureza de sua esposa ou noiva.

⁸² Para o historiador Antonio Clarindo B. de Souza, a construção da imagem da prostituta passa necessariamente por dois caminhos, quais sejam: por um lado são lhes atribuídos adjetivos depreciativos. Aquelas mulheres de vida liberal são consideradas a escória da sociedade. Por outro lado, há meretrizes belíssimas, carismáticas que tornam-se o objeto do desejo de muitos homens. Assim, a mulher desejável segundo este autor não é exatamente a “rainha do lar”. Sobre o conceito de mulheres desejáveis ver: SOUZA, Antonio Clarindo Barbosa de. Por um Real de Amor: representações da prostituição na MPB. EDUFMG, 2008.

⁸³ Até os anos 40, em face de não haver refrigeradores na cidade, o gelo vinha de fora. Segundo a Sra. Benta Carneiro dos Santos, “o gelo chegava de trem, vinha dentro de umas caixas de madeira, cheias de pó de madeira que era pra não derreter” (2004), contudo, com a chegada das primeiras geladeiras na cidade, e a partir da inauguração da primeira sorveteria, o gelo passou a ser fornecido pelos proprietários da sorveteria.

⁸⁴ Segundo os senhores Raimundo Formiga de Sousa e Pedro Fernandes e Almeida Elisa era uma das mais belas prostitutas da cidade. Além de se dona de um corpo muito bonito ela foi também descrita como uma grande dançarina.

Muitos homens ficavam ébrios e acabavam dormindo nos bordéis ou mesmo nas ruas, tornando-se o assunto da cidade, coisa que parecia não os incomodar, na realidade,

Chegar tarde em casa, ou melhor cedo né? Era coisa de homem mesmo. O problema era que quando o cabra é casado aí era aquela briga. Mas depois a mulher entendia, porque mulher de casa é aquela que se dá ao respeito. A pessoa não vai fazer o que faz com as prostitutas com sua esposa. Aí elas [as esposas] entendiam e ficava tudo bem de novo. E nós homens ficávamos tudo(sic) orgulhosos. Quando sentava na praça, no bar, em qualquer lugar era só pra falar das noitadas (risos). (SOUSA, 2008B).

Mas se as noitadas eram boas, isso não quer dizer que os perigos diminuiriam. Na verdade, à medida que a cidade crescia e se modernizava, as práticas destoantes só aumentavam. Assim, não podemos esquecer que as vivências noturnas, e porque não dizer também, diurnas, foram fortemente impactadas pela película cinematográfica, de forma que tornaram-se freqüentes naqueles anos “cenas hollywoodianas” nas ruas centrais de Pombal o que era visto negativamente pelas famílias tradicionais.

Todavia o medo do escuro continuava. Eram outros os temores. O desligamento do motor continuava a atormentar os habitantes daquela urbe. O que parecia estar com os dias contados, pois com a construção em 1953 e a ativação das turbinas hidrelétricas do açude de Coremas parecia que novos ares começariam a soprar sobre Pombal, esperava-se que toda a cidade finalmente fosse ser contemplada com o benefício da luz e que as noites escuras ficassem só nas lembranças dos seus moradores. Mas como nem tudo o que reluz é ouro...

Os problemas na distribuição e utilização da energia elétrica pelos pombalenses estenderam-se até os anos 1980, provocando grandes inconveniências, o que se caracteriza como mudanças, em alguns casos e como permanências, em outros.

CAPÍTULO II

2.2 NO RASTRO DO MONSTRO DE FERRO: MODA, COMUNICAÇÃO E CULTURA

*Não sei se lembrar faz mal
Acho que me faz é bem
Revirar o meu passado
Tempo que nunca mais vem
Por exemplo, a Estação
E o povo esperando o trem...*

José de Arimatéia Formiga

*Digam que ainda escuto o apito
Do trem Asa Branca chegando
Naquela estação, com seus passageiros
Apressados que não se reconhecem mais.*

Jerdivan Nóbrega de Araújo

2.2.1 A Chegada do trem

1932, inauguração das linhas férreas e chegada da primeira locomotiva à Pombal, o que prometia “abrir suas portas para o mundo”⁸⁵. Muitos dos nossos rememoradores tentaram nos contar como foi esta ocorrência, mas seus depoimentos nem sempre se coadunam, isto porque se alguns relatos de memória são parecidos, outros entram em conflito sobre detalhes significativos, e apesar de suas versões sobre aquele evento serem cambiantes, múltiplas, todos eles estão de acordo num aspecto: o advento do trem de ferro provocou o surgimento de novas sensibilidades e sociabilidades entre os habitantes de Pombal.

A cidade estava muito movimentada naquela segunda-feira, 24 de outubro, afinal, tratava-se da mais importante conquista material realizada após a instalação da usina de

⁸⁵ Para Gervácio Batista Aranha, os trens e as estações eram “espécies de portas abertas para o mundo”, pois segundo este autor, os trens “tornaram-se canais por meio dos quais essas estações se constituem enquanto espaços de intensa sociabilidade, convergindo para elas praticamente todos os interesses da coletividade em seus laços com o mundo exterior, sejam econômicos, políticos, afetivos” (ARANHA, 2005, p. 88).

luz. O número de pessoas nas ruas era grande já que, segundo alguns dos nossos colaboradores, os moradores da zona rural também deslocaram-se até a cidade a fim de prestigiar o evento⁸⁶. Muitos deviam estar extraordinariamente elegantes à espera do momento em que “a máquina que quase ninguém sabia o que era, iria aparecer na curva do ‘Rói Couro’, linda e veloz” (ALMEIDA, 2009B).

Durante semanas não se falou em outra coisa em Pombal. Isso porque no período por nós estudado ainda predominava aquela “mística ferroviária”, que Gervácio Batista Aranha afirma ter-se proliferado entre os anos de 1880 e 1925, mística esta descrita por ele como “uma crença no papel redentor dessas varas de condão chamadas trilhos” (2006, p.172). Em face de tal crença, não foram poucos os discursos que surgiram em defesa das benesses que o trem promovia aos lugares onde ia chegando. Assim, nos dias que antecederam a chegada da locomotiva àquela urbe, era possível encontrar as pessoas em frente à bodega de seu Josafá falando sobre a máquina que se arrasta sobre trilhos. As pessoas diziam, lembrou-se o Sr. Pedro Fernandes de Almeida: “o trem é uma coisa muito moderna, muito boa. É o progresso! Aonde o trem vai chegando, as coisas vão melhorando” (ALMEIDA, 2009B).

Discursos como este repetiram-se durante anos naquela cidade e logo tornaram-se “vontade de verdade”. Esta “vontade de verdade” existe num discurso proferido por quem de direito, exercendo sobre os demais discursos uma pressão ou domínio (FOUCAULT, 2007, p. 19).

Os discursos pronunciados por políticos, clérigos, juristas, enfim, pela elite local, eram concebidos enquanto única verdade possível. Em face disso é que foram criados discursos interessados e controladores sobre as transformações materiais pelas quais Pombal estava passando. Destarte, a aquisição de algumas aparelhagens técnicas, tais como: a aquisição do motor da luz em 1927 e o advento do trem em 1932, foram decantados como indícios de que a cidade estava se modernizando e que todos os seus cidadãos seriam beneficiados por aquelas conquistas técnicas.

Dessa maneira, a produção de discursos como aquele lembrado pelo Sr. Pedro Fernandes de Almeida, vem evidenciar o domínio exercido por alguns grupos sociais daquela cidade, mas também a recepção, assimilação, reprodução, apropriação e difusão de uma vontade de verdade, por homens e mulheres dos escalões menos favorecidos, em face do que, o trem foi considerado, por alguns dos seus antigos moradores, o canal

⁸⁶ Informação prestada pelo Sr. João Pereira Sobrinho, em entrevista concedida a Sra. Maria das Graças Farias Formiga Wanderley em 26.01.2009 e transcrita por Helmara Giccelli Formiga Wanderley. Depoimentos parecidos também nos foram prestados pelo Sr. Pedro Fernandes de Almeida e pelas Sras. Francisca Trigueiro Tôres e Benta Carneiro dos Santos.

através do qual Pombal atingiria um nível de progresso compatível com a altura do seu nível de desenvolvimento⁸⁷; para outros, contudo, aquela máquina

só servia para fazer fumaça, tanto que Luis Gonzaga fez uns versos aí que dizia assim: “comendo lenha e soltando brasa, tanto queima como atrasa”⁸⁸, porque só fazia soltar fumaça mesmo (PEREIRA SOBRINHO, 2009).

As primeiras locomotivas a chegarem a Pombal eram as famosas Maria Fumaça, sendo a maioria delas direcionadas especialmente ao transporte de cargas. Alimentadas por um certo mineral, carvão de pedra, elas soltavam em todo o percurso, uma fumaça negra, que certamente quebrava o encanto que muitos haviam criado em torno daquela “maravilha da técnica moderna”. Mas naquela época, não havia discursos sobre impactos ambientais, isto era coisa que sequer se pensava naqueles anos. O desencanto era somente uma questão de estética. Imperceptível à maioria das nossas testemunhas, que certamente estavam deslumbradas com as benesses trazidas pelas “pequenas, desacunhadas⁸⁹ e feias” Maria Fumaça.

Outro aspecto negativo que ficou implícito nos depoimentos dos nossos colaboradores e que fica bem evidenciado na fala do Sr. João Pereira Sobrinho, diz respeito aos constantes atrasos. Inclusive, lembra este rememorador: “no dia da inauguração o trem era para passar logo cedo, mas atrasou demais! E ninguém reclamou não” (PEREIRA SOBRINHO, 2009). O atraso não reclamado no dia inaugural, tornou-se prática comum. “Não havia um só dia em que ele não se demorasse”, lembrou a Sra. Zulmira Ferreira Viana (2008B).

Mas ao contrário do que se possa imaginar, aquela demora era “muito bem vinda” pelos jovens da cidade que fizeram daquele território um espaço para suas aventuras amorosas, assim, quanto mais longa a espera, maiores eram as oportunidades de conseguir um namorado ali na estação. Isso porque, quando o trem chegava, as moças tinham que voltar para casa. Sempre muito depressa para não serem apanhadas de surpresa por um conhecido da família.

⁸⁷ Sobre isto ver: SOUSA, Antônio José de. **Apanhados Históricos Geográficos e Genealógicos do Grande Pombal**. Pombal: Gráfica Comercial Ltda., 1971, p. 84. Para este autor Pombal gozava já nos anos de 1930 de um grande nível de desenvolvimento. Cada uma das novidades técnicas que eram introduzidas na cidade eram sentidas como sinais de que a urbe estava se modernizando, na realidade, o autor, chega mesmo a comparar Pombal com as modernas capitais européias.

⁸⁸ Parte do refrão da música intitulada: De Teresina A São Luís de autoria de João do Vale e Luiz Gonzaga, s/d.

⁸⁹ Segundo o Sr. João Pereira Sobrinho, o termo “desacunhada” significa, desajeitada, sem jeito.

Ainda que o Sr. João Pereira Sobrinho nos aponte alguns aspectos negativos que acompanharam a implantação do sistema ferroviário nacional, o trem era quase sempre, mesmo em face de sua precariedade, considerado uma tecnologia moderna. E de fato era, pois em Pombal quase todo o transporte, tanto o de carga quanto o de passageiros, era feito por tração animal. Digo quase todo, porque desde o ano de 1927, a cidade já conhecia um automóvel, sendo que este era usado por seu dono, o Sr. Isidro Pessoa, para passeio e viagens de curta distância. Desse modo, discursos em defesa das melhorias que o trem traria à Pombal e contrários àquele citado pelo Sr. João Pereira Sobrinho foram freqüente nas memórias por nós inventariadas.

Todo mundo dizia que quando o trem chegasse [à Pombal], as coisas iam melhorar pra todo mundo. Porque o trem é (sic) o que existia de mais moderno, mais sofisticado. O trem só ia trazer benefício para Pombal. As coisas iam ficar melhor (sic). E ficou! (SANTOS, 2004).

É certo que houve melhorias significativas, na realidade, a inauguração da ferrovia promoveu mudanças expressivas no cotidiano dos habitantes daquela urbe. E não poderia ter sido diferente, o trem veio imprimir ritmo à cidade, gerar empregos, desenvolver a economia do município, agilizar o sistema de informação, promover encontros e até desencontros.

O trem não era uma “coisa banal”⁹⁰, de forma que o seu ineditismo provocou, entre os pombalenses, o surgimento de novas sensibilidades. Isso porque onde quer que ele chegasse, lembra Gervácio Batista Aranha⁹¹, “havia sempre uma movimentação econômica muito grande sem contar nas mudanças comportamentais e culturais que a chegada da novidade promovia no cotidiano da população”(ARANHA, 2007).

A espera havia começado desde muito cedo, pois ainda que houvesse uma previsão para que sua passagem por Pombal fosse pela manhã, por volta das oito horas, “ninguém ia arriscar perder aquele acontecimento” (VIANA, 2008B). Mas o trem demorou muito, demorou tanto, que as pessoas que estavam ali para prestigiar o evento, acabaram se distraíndo com outras práticas, tais como: conversar, namorar, brincar, comer etc.

Distraídos como estavam, os moradores daquela urbe ficaram assombrados quando ouviram o apito da Máquina. Imediatamente todos começaram a procurar um lugar ao longo

⁹⁰ Sobre o conceito de coisas banais ver: ROCHE, Daniel. História das coisas banais: nascimento do consumo nas sociedades do século XVIII ao XIX; RJ: Rocco, 2000.

⁹¹ Campina Grande, Estações Ferroviárias do Estado da Paraíba. In. **Estações ferroviárias do Brasil**. Disponível em <http://www.estacoesferroviarias.com.br/paraiba/campina.htm>, acessado em 06.02.2009.

dos trilhos. Rapidamente formou-se um verdadeiro corredor. Corredor esse que logo seria percorrido pelo “monstro de ferro”.

Ora, quando menos se esperou foi aquele barulho enorme. Parecia que o mundo vinha se acabando. Ai todo mundo ficou olhando para o lado ali do Rói (aponta). Ai lá vinha aquela máquina enorme: café-com-pão, café-com-pão, café-com-pão! era o barulho do trem. Ai quando chegou bem pertinho da estação... ainda apitou de novo: piiiiii!!!!!!! O povo ficou todo admirado. Uns correram com medo! Também um bichão daquele tamanho, com um barulho daquele?! Ai foi aquela salva de palmas, os fogos truando (sic) e tudo mais (ALMEIDA, 2009B).

Também se espantou com a novidade, Benta Carneiro dos Santos, que nos contou o que viu naquele dia com muita graça e com a memória de uma menina de nove anos. No momento da entrevista ela voltou no tempo e rememorou da seguinte forma:

Quando o trem vinha chegando na cidade... menina! ele deu um apito:piiiiii! Ai foi aquele alarido, aquela gritaria. E vinha correndo assim em direção a gente. Aí quando foi se aproximando da estação que apitou de novo? Eita (sic) que foi correria bichinha (sic)! Era gente caindo, menino correndo, sandália torada (sic), criança chorando... pense uma agonia. O povo gritava que era a besta fera. Ô medo grande! (risos) Ai depois quando a máquina parou? O povo se acalmou. O povo foi se chegando para olhar. E teve gente que até beijou o trem (SANTOS, 2004).

Não é de estranhar que os habitantes daquela urbe, especialmente aqueles menos informados, tenham se comportado daquela maneira, afinal, tratava-se, como já falamos, de uma aparelhagem moderna que era ainda desconhecida pela maioria dos habitantes de Pombal.

O ineditismo da máquina, seu tamanho, o barulho que fazia ao movimentar-se, o apito, a velocidade, enfim, tudo corroborou para o estranhamento sentido pelos pombalenses. Acrescente-se a isso, a forte dominação religiosa que impregnava o “novo” de negatividade.

A Sra. Zulmira Ferreira Viana, foi também testemunha daquele evento, e nas suas construções de memória lembrou que

Ah meu Deus! Como o povo era besta naquele tempo. De tudo tinha medo. Quando o trem chegou foi aquela correria... o povo com medo pensando que era a besta fera, o diabo. Também uma Máquina daquele tamanho. Fazia um barulho que parecia que ia acabar com o mundo. Era muito medroso o povo. Também ninguém nunca tinha visto. Se saiu em jornal ou revista, num mostraram pra gente não. (VIANA, 2008B).

De fato, a maioria dos cidadãos de Pombal, nunca tinha visto um trem, nem mesmo em foto, isso porque revistas e jornais eram raridades nesta urbe, de forma que os poucos

assinantes que havia, recusavam-se a emprestá-las, no máximo informavam verbalmente à população sobre os acontecimentos mais significativos ocorridos no mundo.

Se algumas das representações construídas sobre a chegada da primeira locomotiva nos dizem que o trem provocou espanto, estranhamento entre os moradores de Pombal, outras memórias, todavia, nos contam que para além da admiração, o advento do trem foi motivo de alegria e regozijo, afinal, os trilhos fizeram surgir novas oportunidades para os habitantes desta cidade, conforme dito anteriormente. Em sua representação sobre a inauguração dos trilhos a Sra. Ivanil Salgado de Assis afirmou que:

Quando [o trem] chegou o povo fez aquela festa. Logo o trem era um transporte raro, o povo tinha que aceitar, era o único transporte que passava por aqui (...) para o povo daqui era luxo, foi uma novidade. Foi muito festejada a chegada do trem” (ASSIS, 2004).

As colocações da Sra. Ivanil Salgado de Assis são bastante pertinentes, primeiro, ela afirma que era o único transporte que passava na cidade. E era! Contudo, é importante frisar que mesmo com a chegada daquele transporte, ainda durante um bom tempo a condução animal continuou a ser usada, principalmente quando o trajeto não dispunha de estradas de ferro ou rodagens.

O uso de transporte animal é ainda indicativo de que o serviço ferroviário era deficiente, o que ficou bem evidente nas lembranças do Sr. João Pereira Sobrinho, quando o mesmo ilustrou sua lembrança com uma frase da canção de Luis Gonzaga⁹².

O trem sempre atrasava! Em face disso, muitos homens preferiam fazer suas viagens, principalmente quando eram pequenos percursos, a cavalo ou no lombo de burros. Todavia, “se a pessoa tinha dinheiro [e tempo] era melhor, era mais confortável ir de trem”, afirmou o Sr. João Pereira Sobrinho (2009). Na realidade, era muito chique. Tão chique que “as pessoas viviam a sonhar com o passeio na Maria Fumaça”, lembrou a Sra. Francisca Dantas de Farias (2008).

A mesma rmemoradora lembrou ainda que:

Era lindo o passeio, a gente sentava assim, aí as plantas passando, era só aquele traço assim, por causa da velocidade. As floreszinhas (sic) a gente só via os pontinhos! Ai quando a gente chegava o povo que nunca tinha andado era só perguntando se tinha sido bom o passeio, se era bom andar de trem (FARIAS, 2008).

Mas a Sra. Ivanil Salgado de Assis assegurou ainda que “foi muito festejada” a chegada da Maria Fumaça. E acreditamos que deve ter sido, pois depois daquele dia, e especialmente nos dias de passagem daquele transporte por Pombal, a estação passou a

⁹² Ver páginas 87.

ser muito freqüentada. A fotografia abaixo, vem nos oferecer uma visão de como era movimentada sua passagem pela cidade.



IMAGEM 11 - Chegada do Trem – 1949 (Fonte: Acervo de Verneck Abrantes de Sousa)

No registro fotográfico anterior parece não ter havido intenção em mostrar a Máquina. O fotógrafo certamente desejava capturar o movimento que havia em torno da chegada do trem à cidade. Assim, foram agarrados pelas suas lentes, crianças, possivelmente, dos segmentos econômicos mais baixos, mas que ao perceberem a câmera fizeram questão de fazer uma pose, afinal, não era todo dia que havia uma oportunidade daquela. Para garantir que iria sair na foto tudo era válido, inclusive ficar nas pontas dos pés, foi o que fez um dos garotos que estava naquele lugar no dia em que a foto foi tirada.

O fotógrafo também reteve nesta imagem, os esnobes sociais e outros populares que também olharam para a câmera quando perceberam que estavam sendo fotografados. Mas além desses personagens havia naquele território outros tantos que foram pegos de surpresa ou que não foram pegos de jeito nenhum pelo fotógrafo.

2.2.2 Flertes e namoros na cidade moderna

A Estação como espaço de sociabilidades, atraía até o distante Bairro dos Pereiros pessoas das diferentes classes sociais e de diferentes idades.

Primeiro, eram os jovens, em busca de diversão⁹³. Nas representações dos nossos colaboradores,

a estação tornou-se o ponto de encontro da mocidade pombalense. Os rapazes e as moças iam pra lá fofocar. Tinha namoro, mas era muito

⁹³ Sobre o conceito de diversão ver SOUZA. Antonio Clarindo Barbosa de. **Lazeres Permitidos, Prazeres Proibidos: Sociedade, Cultura e Lazer em Campina Grande (1945 – 1965)**. 2002. Tese (DOUTORADO em História do Brasil) – UFPE, Recife.

saudável. Não era como os de hoje não, havia muito respeito. O povo ia muito arrumado, usava as melhores roupas. O pai da gente sabia que a gente ia para a estação. Eles só não sabiam que lá tinha uns namorinhos. Ah, era a maior diversão que tinha (FELINTO, 2008).

Acreditamos, a partir dos depoimentos dos nossos colaboradores, que ir a pé até a estação era muito divertido. Durante a caminhada, as moças cantavam, riam e conversavam com os rapazes que além de roubar beijos também contavam histórias de heroísmo, “a maioria mentirosa, absurda, para impressionar as moças”, afirma a Sra. Edianete Farias Formiga Bandeira (2008), e piadas que arrancavam as maiores gargalhadas.

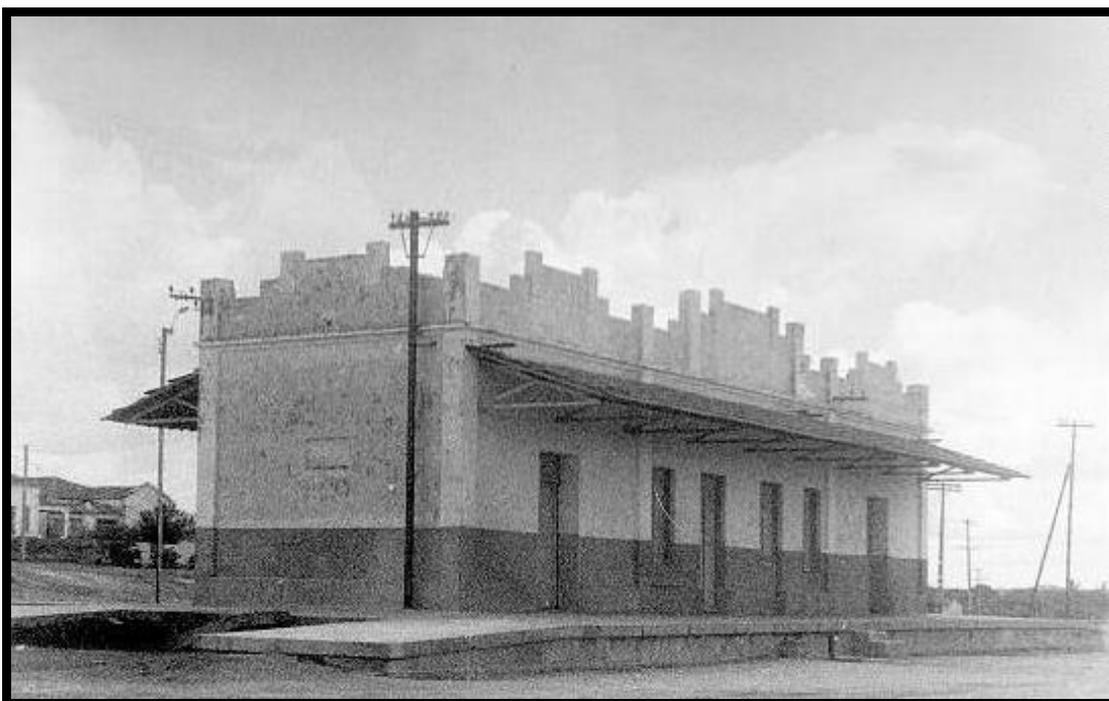


IMAGEM 12 - ESTAÇÃO FERROVIÁRIA – 1958 (Fonte: Acervo de Verneck Abrantes de Sousa)

A Estação Ferroviária de Pombal foi construída possivelmente nos anos 1930. Sendo antecedida por uma “Casa de Turma”. O Estilo da Construção é o Art Decó.

O Art Decó é um estilo decorativo que se popularizou no período entre guerras. De início, apresentou-se como um estilo luxuoso, destinado à burguesia enriquecida no pós-guerra, empregando materiais caros como jade, laca e marfim. Aqui na Paraíba, na cidade de Campina Grande, não obedeceu às características do estilo original, ganhando feições próprias. “Não havia no Art Decó aqui produzido, nem aço, nem bronze, nem tampouco-arranha-céus. Mas a inspiração geométrica, o espírito do jogo de retas e curvas, é o mesmo do Art Decó do resto do mundo” (ROSSI, s/d). Assim como o estilo desenvolvido em Campina Grande, o Art Decó de Pombal também caracterizou-se por suas formas simples e pela utilização de materiais como o concreto armado e madeira. Este modelo foi seguido em muitas estações espalhadas pelo Brasil. Por exemplo temos as estações de Cajazeiras, Sousa e Patos que muito se assemelham à Estação de Pombal. Observe na imagem acima que não há pessoas, o que deve ter sido proposital, o fotógrafo talvez quisesse registrar somente o prédio. Mas além da intenção do autor da imagem, é possível percebermos que a estação está fechada, o que nos leva a pensar que o movimento de pessoas nesse espaço só ocorria nas horas que antecediam a chegada do trem e nos momentos imediatamente seguintes a sua passagem pela cidade. Foi aqui na Estação que os Pombalenses dos anos 30, 40 e 50 viveram muitas venturas e quem sabe, desventuras. Foi neste território que se desenrolaram muitas das tramas que aqui citamos.

Note também que no ano em que a imagem foi feita, já havia sistema de eletrificação pública nas ruas próximas ao prédio da Estação, assim como na própria estação.

Divertido também era caminhar até a Ponte Encarnada, como era conhecida a Ponte de Ferro que fica sob o Rio Piancó, obra que também por sua dimensão foi sentida como mais um elemento moderno em Pombal.

Em função de não haver, ou haver poucos locais destinados ao lazer, aos domingos a mocidade que já freqüentava durante a semana a estação, caminhava até a ponte, sendo que a volta era sempre de trem.



IMAGEM 13 – PONTE DE FERRO SOBRE O RIO PIANCÓ – 1958 (Fonte: Acervo de Verneck Abrantes de Sousa)

Localizada a mais de 5 km da Estação Ferroviária a Ponte “Encarnada” possui 168 metros de comprimento, tendo sido construída pela RVC (Rede Viária Cearense) entre os anos de 1930-31, com estrutura toda metálica, apoiada em bases de pedra e concreto.

Mais que reter a imagem de um passeio domingueiro, a intenção do fotógrafo parece ter sido registrar a grandiosidade daquela obra que até os dias atuais ainda é muito admirada.

Também é possível perceber que algumas pessoas estão sorrindo, o que pode significar que estavam felizes naquela ocasião. Felizes por estarem ali, ou por outro motivo que desconhecemos.

Mas o passeio de trem, aos domingos não era desinteressado. Algumas memórias nos revelaram os flertes que ocorriam durante aquela curta viagem. Viagem que acabava na Estação, quando finalmente tinham que descer do transporte e deixar ir o trem. Mas os passeios, ainda que curtos, geravam paixonites, assim, algumas moças, especialmente, ao descerem do trem, ficavam a olhar o mesmo desaparecer na curva do “Rói Couro” quando ia para Sousa, ou do “Cemitério” quando o destino era Patos. Segundo a Sra. Maria

Dorotéia da Conceição, os rapazes também ficavam nas janelas sinalizando com um lenço branco até não mais poder serem vistos.

Bem, mas se havia aquelas que choravam suas mágoas ou riam de suas aventuras ali na estação, havia também aquelas que eram mais audaciosas e faziam de tudo para ficar um pouco mais ao lado dos rapazes que conheciam durante a pequena viagem, isto “se a pessoa achasse que valia a pena, claro!” (CARNEIRO, 2009).

E algumas achavam que valia a pena sim, se não por estar apaixonada, pelo menos para fazer uma fofocinha, assim foi que a Sra. Socorro Carneiro nos deixou escapar que:

Ah, eu cansei de ir de trem até o alto de Dona Neca, só para fazer aquela fofoca com os rapazes. Era uma farra só. Ai quando chegava lá a gente descia e voltava caminhando. Era a minha turminha todinha. Todas nós muito elegantes. Fazíamos roupas novas... era um luxo! A maior diversão que havia dentro de Pombal (CARNEIRO, 2009).

Se num primeiro momento os passeios até a estação eram às escondidas, encerrando-se com a chegada do trem, mais tarde, em função, talvez, da desobediência dos jovens, o passeio passou a ser permitido, como afirma nossa colaboradora. Não que os pais não se preocupassem, eles se preocupavam, tanto que alguns iam pessoalmente averiguar o comportamento das suas filhas. E, quando chegavam sorrateiramente, aquilo a que assistiam nem sempre lhes agradava. Foi assim que certo Sr. , numa tarde de domingo, foi até a estação e encontrou sua filha aos beijos com um forasteiro. Este homem, segundo as testemunhas, levou a moça para casa pelos cabelos⁹⁴, mas não sem antes despejar sobre ela algumas imprecisões: “_safada! Eu confio em você sua safada, pra você fazer uma coisa dessas! Quer me desgraçar, sua sem-vergonha?” Mas o rapaz também não era poupado da ira paterna: “Cabra safado! Se aproveitando da ingenuidade da minha filha! Seu desordeiro! Canalha!” lembrou o Sr. Raimundo Formiga de Sousa, que presenciou a cena (2008).

A situação se invertia quando se tratava dos filhos “varões”. Tanto que nos depoimentos por nós arrolados, não há uma só referência à vigilância sobre estes, fosse na estação ou em qualquer outro lugar. O que não quer dizer que seus pais não mantivessem certa guarda, pois transparece nas entrelinhas certo cuidado. “O rapaz podia namorar com quem quisesse, agora pra casar tinha que ser com uma moça muito direita”(SOUSA, 2008).

Os passeios até a estação foram comuns até os anos 60. Sua importância enquanto espaço lúdico foi diminuindo aos poucos. Primeiro, construíram as praças no final dos anos 30, na realidade em 1939, mas estas não tinham nenhum atrativo para a mocidade de

⁹⁴ O nome do senhor e da sua filha foram mantidos em sigilo a pedido do nosso depoente, Raimundo Formiga de Sousa.

Pombal. Em seguida, foi inaugurada a SEDE Operária⁹⁵. Esta promovia alguns bailes, mas sempre direcionados ao público menos abastado. As festas eram para os pobres. Nos anos 50, a grande novidade foi a instalação do Cine Teatro Lux, este sim foi o maior responsável pelo fim dos passeios até a estação. A frente do Cinema tornou-se naqueles anos e nos anos seguintes, o *point* de encontros e desencontros dos filhos de Pombal. Some-se a isto, os banhos de rio. Ainda que já houvesse rios que passavam por Pombal⁹⁶, somente com a inauguração do Açude Estevam Marinho⁹⁷ é que a prática de fazer piqueniques e banhar-se nas águas do Piancó tornaram-se também um atrativo domingueiro para as famílias pombalenses.

Naquela manhã encontravam-se em frente à Casa de Turma⁹⁸, pessoas dos diversos segmentos sócio-econômicos. Além do prefeito municipal, Dr. Janduhy Vieira Carneiro, do pároco local, Monsenhor Valeriano Pereira, que iria abençoar a máquina e a estação, toda, ou quase toda a elite econômica da cidade estava lá a desfilar com seus trajes alinhados, que seguiam a moda importada da capital pernambucana, do Rio de Janeiro e até mesmo de “Paris, capital do último figurino” (ARANHA, 2005).

Sobre a moda e suas variações em Pombal naqueles anos, a Sra. Miriam de Castro, nos contou que desde o começo:

A moda foi influenciada pelas idéias que vinham de fora. Vinha uma pessoa que tinha viajado para Recife, Fortaleza... João Pessoa e até para Paris, aí dizia assim: a moda é [vestido] corpo princesa! Ai era tudo corpo princesa. Milindrosa! Godê duplo! ou... triplo, aí Tam⁹⁹ fazia. E tinha também as revistas de moda. Os próprios comerciantes, os vendedores de tecidos... eles traziam as revistas e quando não traziam, eles davam as dicas: chapéu pequeno, de veludo... (CASTRO, 2009).

⁹⁵ Ver imagem em anexo.

⁹⁶ Pombal contava e conta com três importantes rios: do Peixe, o Piancó e o Piranhas. O primeiro é temporário. O Rio Piancó foi perenizado graças a construção do açude de Coremas-PB, já o terceiro, o Rio Piranhas, surge do encontro dos dois primeiros, nas proximidades da ponte do Areial.

⁹⁷ Mais conhecido como Açude de Coremas.

⁹⁸ De acordo com o Sr. João Pereira Sobrinho, Casa de Turma era o prédio construído ao longo da estrada de ferro para alojamento dos homens que trabalhavam na construção das ferrovias e das estações. De acordo com este Sr. a cada 5 Km foi construído uma casa como esta. Em Pombal, a Casa de Turma foi usada como ponto de parada do trem até o final dos anos 30 acredita o rememorador, quando foi então demolida e em seu lugar ergueram a atual Estação. Por sua função como ponto de apoio para os trens e passageiros durante os anos 30 a Casa de Turma é sempre chamada por nossos rememoradores de Estação e de fato foi essa sua função durante os anos que precederam a construção do atual prédio.

⁹⁹ Muitos dos antigos moradores de Pombal se referiram a Sra. Auta de Sousa, costureira, por seu apelido “Tam” ou “Tanzinha”.

E acrescenta: “o povo daqui sempre foi muito vaidoso, dizia assim: Paris dita [a moda] e Pombal lança!¹⁰⁰ Porque Pombal estava no nível da moda de todo canto” (CASTRO, 2009).

Paris dita, Pombal lança!

Os pombalenses não poderiam ter escolhido frase melhor para expressar seu desejo de estar “no nível da moda” ou das transformações modernizantes que ocorriam na capital francesa. O relato de memória da Sra. Miriam de Castro vem reforçar esse desejo de modernidade que o pombalense dos anos por nós estudados tentou alcançar, fosse por meio de discursos que adquiriram status de verdade, fosse através da introdução de equipamento ou de um mobiliário urbano novo, compatível com as necessidades da vida moderna.

Assim, num período de três décadas a cidade passou a contar com automóveis, luz elétrica, escolas, trem de ferro e estação, correios, telégrafo, estradas de rodagem, bares, indústrias, casas comerciais, praças, coreto, hotéis, cinema, hospital, difusora, sinal de rádio, campo de aviação, entre outras “aparelhagens” que eram decantadas como signos da modernidade por seus habitantes.

Mas a Pombal daqueles anos, e até mesmo a cidade que está para os homens e mulheres do século XXI, estava e está longe de atingir o grau de desenvolvimento de cidades como Recife, Rio de Janeiro ou Paris, por exemplo. Contudo, mesmo se tratando de uma cidade pequena, onde as coisas aconteciam e acontecem lentamente, Pombal era, e ainda é, considerada por seus habitantes uma cidade moderna. Tão moderna que chegou a ser comparada a Paris, conforme assinalou a Sra. Miriam de Castro.

Mesmo que alguns depoimentos nos digam que Pombal, ou melhor, seus habitantes seguiam as indicações da moda européia, é preciso relativizar esses discursos, especialmente quando tratamos dos anos anteriores à chegada do trem àquela cidade, isso porque, apesar do desejo dos pombalenses de imprimir ritmo a urbe a partir dos contatos externos, fosse com os vizinhos cearenses ou pernambucanos ou talvez com os moradores das cidades paraibanas que tinha uma praça comercial mais desenvolvida, as informações sobre o que acontecia no mundo chegavam com dias, até meses de atraso, contudo, apesar disso, provocavam grande impacto sobre a vida cotidiana daquela urbe.

Ora, se as informações demoravam-se a chegar à Pombal, como afirmar que a moda estava em sintonia com o que acontecia no mundo?

Embora a moda se caracterize por suas variações, o que acontecia de forma cada vez mais acelerada, em função das necessidades do mundo capitalista, não havia aqui no

¹⁰⁰ Frase também proferida pela senhora Socorro Carneiro em entrevista concedida a Maria das Graças Farias Formiga Wanderley em 11. 01. 2009 e transcrita por Helmara Giccelli Formiga Wanderley.

Brasil, o ritmo característico das capitais européias, de forma que mesmo, demorando-se a chegar àquela urbe, que se situa no Alto Sertão do Estado, onde os caminhos de ferro ainda não haviam sido traçados, seus habitantes podiam ainda rejubilar-se por usar roupas da última moda¹⁰¹. Roupas estas que eram exibidas, especialmente em ocasiões festivas, tais como: a Festa do Rosário, o 1º de Maio, a festa de Natal e Ano Bom, ou em situações excepcionais, como a inauguração da ferrovia.



IMAGEM 14 - moda anos 1930
(Fonte: Arquivo familiar da Sra. Francisca Trigueiro Tôrres)

Os anos 30 do século passado foram marcados pela pouca ousadia nas formas de vestir das mulheres. Em geral, as saias e vestidos eram longos, justos e retos. Mas também os vestidos godês estavam em alta naqueles anos. Alguns *looks* incluíam também boleros (ver imagem 06 página 73). Os cabelos curtos dos loucos anos 20 continuaram a fazer a cabeça das mulheres nos anos do entre - guerra. Contudo, a dica era ondulá-los para moldar o rosto. Para as senhoras e moças mais elegantes o visual incluía sempre chapéus. As sobrancelhas deviam ser finas e marcadas com lápis. Para as pálpebras a dica era usar um pouco de pó de arroz bem claro, influência das atrizes do cinema americano. Ainda nos anos 30, com o objetivo de tornar a mulher mais glamourosa, surgiram os sutiãs e cintas de materiais flexíveis, tais como o crepe georgette.

A imagem ao lado caracteriza bem os anos 1930 em Pombal, vindo a confirmar que as variações da moda chegavam àquela cidade em tempo hábil. Assim, rapidamente citando: vestido longo, reto, corpo princesa, mangas que ampliavam o tamanho dos ombros, sapatos de salto, cabelos curtos, sobrancelhas arqueadas e finas. Estaria perfeita, não fosse à falta de um acessório muito

¹⁰¹ O tema em questão, história do vestuário, é tratado aqui, na ótica de Roche, como parte do que chama de “cultura material”. De acordo com este autor, a vestimenta tem a função de comunicação entre o indivíduo e a comunidade, indicando o sexo, a idade, uma profissão etc (ROCHE, 2000, p. 258). Para este autor, “a função do vestuário respondia a codificações que evitavam a arbitrariedade dos sinais, que ensinavam e informavam segundo as situações e os interesses, que impunham deveres, mas sem determinismo absoluto, pois, às vezes, usurpações de sinais confundiam as respostas às perguntas que podiam aparecer” (ROCHE, 2000, p 259).

usado pelas elegantes damas da elite, o chapéu, mas a senhora ao lado, não fazia parte daquele grupo.

Vale aqui ainda uma observação: o caimento natural dos seios segue a tendência das recém lançadas lingerie. Não temos, contudo, certeza se a moça fazia uso daquela peça íntima, uma estratégia das moças de Pombal, era o corpete com pala abaixo dos seios, confeccionado em seda por costureiras da cidade.

2.2.3 O trem e a inauguração sem festa

A propósito, ainda que a festa oficial de inauguração tivesse sido cancelada, havia um clima de muita euforia na cidade. Naquela segunda-feira, nos contou a Sra. Maria do Bom Sucesso Medeiros da Nóbrega, era aquele frevo na cidade:

Todo mundo estava feliz. Logo, era uma novidade, uma coisa nova. Ninguém nunca tinha visto um trem... e todo mundo queria ver. Ai era o povo todo pronto com roupa da moda para esperar o trem que era uma Maria Fumaça. As moças num chiquê só. Tinha até vestidos de seda! Foi muito festejada a chegada do trem (NÓBREGA, 2009).

Os motivos para que o “ato oficial” de inauguração dos trilhos não tenham ocorrido à contento não foram citados por nossas testemunhas. Na realidade, sobre aquele ato solene que acabou não acontecendo¹⁰², somente o Sr. João Pereira Sobrinho nos disse que:

festa, festa mesmo? De verdade? Não houve não. Mas o povo achou bom demais a chegada do trem aqui. Foi todo mundo pra frente da Casa de Turma. Era aquele movimento... o povo todo na rua festejando a chegada do trem (PEREIRA SOBRINHO, 2009).

Mas se o povo festejou a chegada da locomotiva à Pombal, há que perguntar: então o que o Sr. João Pereira Sobrinho quis dizer quando afirmou que “festa de verdade” não aconteceu. O que seria uma festa de verdade? Deixemos que ele próprio nos esclareça:

Festa de verdade era quando o prefeito era quem organizava... mandava soltar fogos, fazia desfile na cidade, convidava os homens importantes da Capital, trazia a banda de música de fora, principalmente de Coremas. Ai tinha aquela palestra e tudo mais. Era a verdadeira festa! (PEREIRA SOBRINHO, 2009).

¹⁰² Em seu livro **Apanhados Históricos Geográficos e Genealógicos do Grande Pombal**, Antonio José de Sousa, fala rapidamente no fracasso da festa de inauguração. Supostamente, o autor estava falando do ato oficial de inauguração da estação.

E segue:

No dia que a Cafuringa¹⁰³ passou por aqui não teve essa festa não. Eu não sei porque, eu lembro que o povo era só falando nisso, nessa festa. Fez roupa nova e tudo... mas acabou não tendo. Não aconteceu não. Só teve a banda daqui mesmo. Agora o povo? Nem ligou não... era aquela festa! Era pobre, rico, todo mundo naquela fofoca (PEREIRA SOBRINHO, 2009).

Apesar de afirmar que a “festa de inauguração”, a verdadeira, não aconteceu, o Sr. João Pereira Sobrinho não explicou os motivos que provocaram a suspensão dos festejos que celebrariam a passagem do trem por Pombal.

A nossa hipótese é de que os motivos para o cancelamento da festa ou do “ato oficial” estavam ligados a questões de ordem política, uma vez que o prefeito de Pombal tinha muitos atritos com o grupo de oposição.

De acordo com o escritor Antonio José de Sousa, que também era adversário político do dirigente local,

Não primou o Dr. Janduhy Vieira Carneiro, no seu período de 4 anos e meses de administração por uma política de paz e de grandes iniciativas administrativas. Houve pressão contra os adversários” (SOUSA, 1971, p.82).

É preciso aqui certo cuidado/cautela, pois conforme alguns dos nossos colaboradores o quadro político daquela urbe “sempre foi muito agitado. Era ataque de um lado e do outro também!” (TÔRRES, 2004). Apesar de ter nos contado sobre os enfrentamentos políticos, a Sra. Francisca Trigueiro Tôrres recusou-se a citar nomes e detalhes, disse-nos somente: “esqueci, não lembro de jeito nenhum!”(TÔRRES, 2004). Também afirmou não lembrar dos atritos políticos ocorridos em Pombal naquele ano a Sra. Maria do Bom Sucesso Medeiros da Nóbrega. Outros depoentes desconversaram, a exemplo do Sr. João Pereira Sobrinho que mudou de assunto, uma, duas, três vezes, simulando não ter entendido as perguntas que foram re-elaboradas na tentativa de fazê-lo falar alguma coisa. Assim, sendo a pergunta sobre o quadro político ou, em outras palavras, sobre as tramas políticas ocorridas em Pombal, suas respostas foram respectivamente: “pro rapaz namorar com uma moça o pai tinha que ficar assim, olhando...”; “eu passei minha vida inteira procurando trabalho pra ajudar em casa e comprar minhas coisinhas”; “é como eu disse: a pessoa tinha que procurar sua melhora, naquele tempo as coisas eram difíceis”. Enquanto alguns dissimulavam, outros, simplesmente silenciaram.

¹⁰³ Segundo o Sr. João Pereira Sobrinho “Cafuringa” era um trem pequeno e feio que transportava principalmente cargas. As primeiras “Cafuringas”, segundo este senhor, transportaram madeira e ferro para a construção dos trilhos.

Mas os silêncios também podem se fazer ouvir. Assim, o olhar profundo e baixo da Sra. Nira do Nascimento denunciou o temor que ela tem em tocar naquele assunto. Também a Sra. Zulmira Ferreira Viana, balançou sua cabeça, avisando que não iria falar nada. E não falou mesmo!

Os não-ditos são certamente expressões de medo. Medo alimentado pela violência que marcou o cenário político naquela cidade. A trajetória política de Pombal caracteriza-se por mandonismo e excessos por parte de seus chefes políticos, que esquecendo-se de primar pelo bem comum, lutavam por seus interesses particulares, não importando-se com os prejuízos que causavam à cidade. Na realidade, predominou até bem pouco tempo, a política do “toma lá, dá cá”¹⁰⁴. De maneira que a troca de favores, típica da República Velha e característica do coronelismo, foi reinventado sobre a sigla da democracia.

Surras, tocaias e até mortes eram práticas comuns naquela cidade, o que espalhava temor entre seus habitantes. “Aqui em Pombal é na base do ‘favor’ e quem não for daquele partido, quem não votar naquela pessoa, tá (sic) lascado! Até hoje é assim” (2008)¹⁰⁵. Desse modo, o receio de falar sobre a situação política nos anos por nós estudados, é explicado especialmente pela projeção que as famílias Queiroga, Pereira e Carneiro adquiriram nas esferas estadual e federal¹⁰⁶.

Mesmo recusando-se a falar sobre as tramas políticas, nossos colaboradores, todos eles, lembraram do episódio ocorrido em 06 de setembro de 1940, logo após as luzes da cidade terem sido apagadas.

Naquela madrugada, o senhor Raimundo de Sousa Formiga¹⁰⁷, mais conhecido como Nô Formiga, caminhoneiro, casado, residente no Beco da Cadeia, tendo passado a noite anterior fora, chegou a sua residência, já para mais de duas horas, encontrando sua esposa, Jovelina Jovita, ainda acordada. A mulher aguardava dele uma explicação para aquela demora. Acreditava ela que ele havia passado a noite nos braços de outro alguém.

Perguntou várias vezes onde ele havia passado à noite. Com quem ele estava. O que estava fazendo. Raimundo parecia não dar importância para as perguntas de sua

¹⁰⁴ Dito popular utilizado por Gervácio Batista Aranha para se referir a política de favores conhecida como coronelismo (2007).

¹⁰⁵ O depoente por medo de perseguição contra sua pessoa e contra os seus familiares pediu para não ser identificado.

¹⁰⁶ É importante frisar que em face dos desmandos, das intrigas, dos interesses que estavam em jogo na arena política, políticos de oposição em determinados pleitos, tornavam-se aliados em outros. Contudo, o que caracterizou o cenário político em Pombal foram as disputas entre os três chefes políticos, todos eles interessados em conquistas particulares.

¹⁰⁷ Não confundir Raimundo de Sousa Formiga, personagem da trama em questão, com Raimundo Formiga de Sousa, um dos nossos rememoradores.

jovem esposa. Contudo, diante da insistência de Jovelina, Raimundo disse apenas: _Matei o homem Jovem! E foi banhar-se tranquilamente.

Sua esposa não se conformou com o que ouviu. Não podia ser aquilo. E então começou um verdadeiro interrogatório:

_matou quem criatura? O que foi que você fez Nô?

_ matei Argermiro de Figueiredo!

_ O quê homem? Como é que você foi fazer uma coisa dessas homem?

_quebrei a estátua dele. Fiz dela pedacinhos! Eu e um amigo¹⁰⁸.

Jovelina por um momento respirou aliviada, no entanto, aquele ato que escandalizou a sociedade pombalense não poderia ser revelado. Pois revelá-lo era um risco tanto para Raimundo quanto para seus familiares¹⁰⁹. Durante 68 anos, a família guardou aquele segredo.

Ninguém falava porque tinha medo de não conseguir emprego?! A gente tudo pobre na época, precisando... mãe deu a molesta com pai. Mas não se podia fazer mais nada, não é? Se dissesse podia ser que mandasse prender ou até fazer outra coisa. E eu só tou (sic) contando porque esse povo já morreu, porque se tivesse vivo... ninguém ia saber nunca! (BANDEIRA, 2008).

Não obstante, para a maioria dos nossos auxiliares, aquela ocorrência não estava ligada às intrigas políticas que caracterizavam aquele cenário. Para eles, tratava-se somente de um ato de vandalismo, o que pode ser percebido na interessante descrição feita pela Sra. Benta Carneiro dos Santos:

Uma vez meu padrinho Sá Cavalcante, mandou fazer uma estátua de Dr. Argemiro de Figueiredo! Bem grande! E botou lá na praça redonda [atual praça do Bar Centenário]. Ai um dia amanheceu a estátua com um pinico na cabeça! Um homem daquele de pinico na cabeça! Ai papai disse assim: _eu não dou dois dias pra ela amanhecer quebrada. Foi a conta e a receita: amanheceu toda quebrada! Chega dava pena... um homão daquele, com um cigarro assim na mão olhando pra gente. Tão bonito... todo quebrado! (SANTOS, 2004).

Mesmo afirmando ser afilhada do ex-prefeito Sá Cavalcante, que havia pedido exoneração do cargo poucos dias antes do acontecido, em momento algum a Sra. Benta Carneiro dos Santos mencionou que aquele ato foi ocasionado por motivos de discórdias

¹⁰⁸ As depoentes por uma questão de segurança pediram para não citar o nome do cúmplice.

¹⁰⁹ Esta ocorrência foi contada pelas filhas do Sr. Raimundo de Sousa Formiga, Edianete Farias Formiga Bandeira e Lair Formiga Alves, em entrevista a Helmara Gicelli Formiga Wanderley, em 11.12.2009 e 12.01.2009, respectivamente.

políticas. Talvez a omissão da informação tenha sido por receio, talvez tenha sido simplesmente porque “em assuntos de homem” mulher não devia se meter. E política era assunto de homem!¹¹⁰ Em vistas disso, é possível que não tenha chegado aos seus ouvidos os motivos daquela atrocidade, ou se chegaram é possível que não tenha havido interesse de sua parte em saber.

Também a Sra. Francisca Trigueiro Tôres nos contou a sua versão sobre aquele acontecimento:

Nas duas praças [Getúlio Vargas e Barão do Rio Branco] era para ter estátuas, porque estátua era uma coisa moderna. Na Praça Getúlio Vargas tá lá a Estátua de Getúlio, que era o presidente da República. Agora na Praça do Bar Centenário não tem. E sabe por que não tem? No dia da inauguração quebraram a estátua de Seu Argemiro de Figueiredo todinha e ainda jogaram no rio toda enrolada num lençol! Só por maldade. Foi tanto chororô. O povo ficou muito triste. (TÔRES, 2004).

Note que também nos relatos de memória da Sra. Francisca Trigueiro Tôres, não há nenhuma referência às ocorrências políticas que se passavam em Pombal naqueles dias de setembro de 1940.

A cidade vivia desde a posse do pombalense Ruy Carneiro, na interventoria do Estado, dias tumultuados.

Com o afastamento de Sá Cavalcante, Antonio José de Sousa, secretário deste prefeito assumiu interinamente o cargo. Durante os dias em que ficou à frente da edilidade pombalense, o prefeito provisório, acelerou as obras iniciadas pelo ex-prefeito, principalmente com a finalidade de utilizar os recursos existentes no caixa da prefeitura. Assim, enquanto a nomeação do novo prefeito não acontecia, Progressistas e Autonomistas¹¹¹ se digladiavam, tornando a transição administrativa extremamente acirrada.

Ainda que o caso citado anteriormente tenha acontecido oito anos depois da ativação das linhas ferroviárias, ele nos dá uma boa referência sobre o que acontecia na arena política da cidade. Disputas que envolviam não só os chefes políticos locais, mas também a população civil que se engajava nas contendas eleitoreiras em troca de favorecimentos.

Num Manifesto dirigido aos pombalenses em 1932, é possível percebermos como estavam acirrados os ânimos para o pleito eleitoral de 1935:

¹¹⁰ Conforme nos falou em depoimento o Sr. Pedro Junqueira Junior, assunto de envergadura política era uma pratica masculina. Eram poucas as mulheres que se envolviam com tais assuntos. Sendo uma das mais importantes figuras femininas a se destacar naquele campo Dona Neca.

¹¹¹ Os Progressistas eram naqueles anos liderados por Janduhy Carneiro, já os Autonomistas tinham como principais representantes o Sr. Sá Cavalcante... Contudo com o passar dos anos, Progressistas tornam-se Autonomistas e Autonomistas passam a partilhar das idéias Progressistas.

A dor da injustiça não nos perturba o senso de justiça nem nos oblitera o discernimento no julgar os fatos. (...) Não se encobre verdade com artiquetes injuriosos, nem falsos depoimentos e opressões ou suborno. A luz se fará irrefragávelmente e os homens que, com suas caravanas da desonra de Pombal, tanto conspurcaram o nosso conceito de gente ordeira, chegarão a um ponto em que não poderão mais dominar a consciência dos fracos nem impor a adesão aos famintos. Não nos confundimos com essa gente (apud. SOUSA, 1971, p. 87) *grifos nossos*.

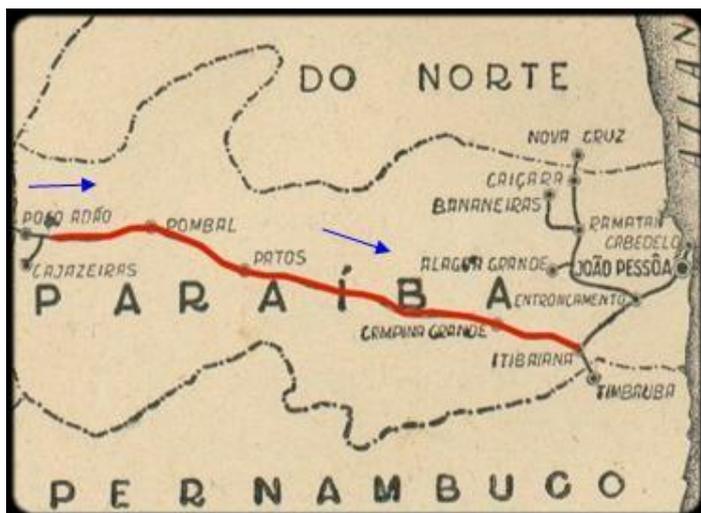
E refletindo sobre o manifesto de 1932, Antonio José de Sousa, em 1971, afirmou: “Mas até hoje o suborno predominou”(SOUSA, 1971, p. 87), na verdade, ainda predomina.

O documento transcrito acima, aponta alguns dos mecanismos utilizados pelas facções políticas de Pombal para convencer o eleitorado. À primeira vista, a impressão que se tem é que os redatores do manifesto não faziam uso daquele tipo de recurso para convencer o seu eleitorado. Estaríamos convictos de sua honestidade [dos Autonomistas], não fosse o discurso final dirigido a um grupo supostamente constituído por pessoas oprimidas. Sujeição esta provocada pela falta de conhecimentos intelectuais, ou por privações econômicas, conforme fica explícito no Manifesto.

A nossa opinião é de que os representantes desse grupo não agiam melhor que os Progressistas, pois tentavam aproveitar-se também da suposta fragilidade daquelas pessoas dos segmentos econômicos mais baixos, denominados por eles de “fracos”. Enfim, Autonomistas e Progressistas faziam uso dos mesmos meios para atingir seus objetivos.

Em face do exposto, cabe-nos apenas advertir o leitor que não temos certeza se foram as acirradas disputas políticas que acabaram provocando o cancelamento da festa, ou, do ato oficial de inauguração da Rede Ferroviária Cearense em Pombal. Contudo, sem dúvida alguma, as arengas políticas concorreram em parte para o atraso na chegada daquele benefício à cidade. Ora, Cajazeiras já contava com o serviço ferroviário desde 1923, Sousa passou a ser contemplada com a passagem da Maria Fumaça em 1926, e só seis anos depois foi que Pombal passou a ser beneficiada com os “trilhos do progresso”.

O mapa abaixo mostra o percurso completo da Rede Ferroviária Cearense que finalmente atingiu Campina Grande em 1958, onde o trem, vindo do litoral, já existia há meio século.



MAPA 1- RAMAL CAMPINA GRANDE - 1958¹¹²

A Rede Ferroviária Cearense chegou à Paraíba no ano de 1922, tendo sido implantados os trilhos inicialmente em Cajazeiras a Oeste do Estado, as linhas só foram ativadas em 1923; três anos depois, os trilhos chegaram à cidade de Sousa; em 1932 foi a vez de Pombal. A urbe, após longos seis anos de espera entrou para o rol das cidades beneficiadas com “os trilhos redentores”. Somente em 1944 é que a Rede Ferroviária Cearense chega a Patos e, finalmente em 1958, atinge Campina Grande, o trecho de 164 km entre estas duas cidades ligou de leste a oeste a Paraíba tornando mais ágeis as comunicações entre o litoral e o interior.

Acreditamos que as querelas que envolvem a construção da ferrovia em Pombal não estão simplesmente ligadas às obras contra a seca, ainda que seja isso o que nos dizem os discursos oficiais, conforme afirmam os pesquisadores Antonio José de Sousa (1971) e Verneck Abrantes de Sousa (1999). A questão parece-nos bem mais complexa, pois de acordo com o historiador Gervácio Batista Aranha, havia por trás das concessões ferroviárias muitos interesses particulares e/ou classistas (ARANHA, 2006, p.131), interesses principalmente de ordem política e econômica.

As estradas de ferro foram se transformando em verdadeiras fábricas de empregos, o que se configurava como um mecanismo de angariar votos, pois ainda que os salários pagos pela mão-de-obra empregada na construção dos trilhos e das estações fossem baixíssimos, para as pessoas vitimadas pela seca: “trabalhar na emergência era bom, porque pelo menos a pessoa garantia a comida daquele mês. E o salário? era bom!” (ALMEIDA, 2009). Certamente, os salários pagos nas frentes de emergência não eram

¹¹² Disponível em <http://www.estacoesferroviarias.com.br/paraiba/campina.htm>, acessado em 06.02.2009. Até 1950 o Ramal Campina Grande, ainda sem ligação com o Ramal Sousa era controlado pela empresa Great Western do Brasil (1907-1950) somente neste ano é que Campina passa a integrar-se a Rede Ferroviária do Nordeste (1950-1975)

suficientes para suprir as necessidades dos trabalhadores, tanto não era que, muitas crianças eram levadas a trabalhar para completar o sustento familiar, conforme nos falou o Sr. Almeida. Contudo, aquele trabalho aliviava um pouco as dificuldades provocadas pela estiagem, em face do que, o político que trazia/ conseguia a concessão de uma obra emergencial, que era reivindicada em nome dos flagelados, era considerado um benfeitor, o que lhes permitia tirar daquela situação proveitos eleitoreiros.

A concessão de uma obra de grande porte interessava a muita gente, afinal, sendo a obra concluída, ela tornava-se não só um monumento, mas também memória. Memória que seria presentificada sempre que necessário. Assim é que depois de 26 anos em um Manifesto dirigido ao povo pombalense, se escreveu:

Um homem público vale pelo que faz” pelo seu caráter; por sua bondade e honestidade, quer no manejo dos dinheiros públicos, quer nos seus compromissos para com o povo e para com a Nação (apud. SOUSA, 1971, p. 105).

E continua:

Em Pombal para as eleições do próximo dia 3 de outubro são:
Para Senador, o Ministro JOSÉ AMÉRICO DE ALMEIDA, um nome bastante conhecido pelo eleitorado pombalense, principalmente como O GRANDE MINISTRO DA VIAÇÃO DE 1932; como um dos maiores benfeitores do Nordeste de todos os tempos (apud. SOUSA, 1971, p. 105).

Mas em 1932, antecipando-se em três anos, os partidários de Sá Cavalcante utilizaram-se do mesmo recurso para garantir sua vitória nas urnas. Entretanto, o ato memorável deste prefeito foi a construção da usina de luz na cidade em 1927. Em virtude do que ficou na história como “o melhor prefeito de Pombal de todos os tempos”(SOUSA, 1971, p.77)¹¹³.

Além dos benefícios políticos que se esperava colher de imediato, ou a longo prazo, a implantação dos trilhos também vinha facilitar o escoamento de produtos agrícolas: “com o trem o agricultor não perdia nada, não se estruia (sic) nada! era plantando e vendendo, o pobre era só quem ganhava... porque vendia seu produto, né?” (FERREIRA NÓBREGA, 2009). Claro que não era só o pobre que ganhava, na realidade, o pobre também ganhava com a passagem do trem por Pombal, todavia, eram os homens da elite os maiores beneficiados com aquela aquisição. Pois como já dito anteriormente, além dos ganhos políticos, havia também os ganhos econômicos, fosse com o barateamento dos custos de transporte para seus produtos, especialmente a oiticica e o algodão, fosse contribuindo para

¹¹³ Ver também, Manifesto político de 1932. In. SOUSA, Antônio José de. **Apanhados Históricos Geográficos e Genealógicos do Grande Pombal**. Pombal: Gráfica Comercial Ltda., 1971, p. 88-90.

a implantação de indústrias de beneficiamento destes¹¹⁴, ou ainda para o melhoramento do comércio local, agilizando a entrega das mercadorias a serem vendidas e/ou negociadas nas lojas que começaram a se estabelecer na cidade a partir do final dos anos 1920, ou em outras praças comerciais. Enfim, os trens favoreciam, sem dúvida o desenvolvimento das cidades, por isso mesmo eram considerados redentores (apud. ARANHA, 2006).

Por estar envolto nesse desejo modernizador, em todos os lugares onde eram implantados os trilhos, a locomotiva era recebida com muita festa. Assim, em Pombal não poderia ter sido diferente, afinal, o trem era aguardado naquela cidade desde os anos de 1920.

2.2.4 A festa de inauguração

Mesmo tendo sua espera se estendido por longos seis anos, e apesar da festa oficial ter sido suspensa, isso não diminuiu o desejo de adquirir aquele benefício, tampouco a demora apagou o brilhantismo da festa, que foi uma das maiores celebrações que já houve em Pombal¹¹⁵.

Sobre essa espera, o Sr. Pedro Fernandes de Almeida lembrou a decepção de seu pai que aguardava ansioso a construção dos trilhos em Pombal, e não sem razão, pois a obra prometia gerar alguns empregos, e ele, o pai do nosso rememorador, “tinha a esperança de conseguir um bico sentando trilho”. O mesmo nos disse ainda que seu genitor

ficou triste demais quando a estrada parou ali em Sousa [1926], ele ficou desapontado porque esperava que as coisas melhorassem pra gente com a chegada do trem, que só chegou em 32. Mas melhorou muito as coisas com o trem (ALMEIDA, 2009B).

Desta forma, tratando-se de uma conquista material que prometia tantas melhorias, certamente havia uma grande mobilização popular em torno daquele acontecimento.

Assim sendo, é possível que as senhoras e senhoritas da elite estivessem usando vestidos longos ou “longuete”, feitos em tafetá, cambraia bordada ou crepe georgette. Os tecidos deveriam ter sido comprados por encomenda ao “Turco” que “trazia também calçados e bolsas combinando, tudo da última moda! Mas as moças ricas também usavam luvas” (NÓBREGA, 2009), sendo que estas eram confeccionadas na cidade por costureiras locais.

¹¹⁴ Ainda em 1932 foi instalada a Indústria de beneficiamento de oiticica em Pombal, a BRASIL OITICICA S/A.

¹¹⁵ Conforme depoimentos dos Srs. Pedro Fernandes de Almeida e João Pereira Sobrinho, das Sras. Maria Dorotéia da Conceição, Ivanil Salgado de Assis, Maria do Bom Sucesso Medeiros Nóbrega, Zulmira Ferreira Viana entre outras.

Os homens da elite também não economizaram no visual. Alguns certamente estavam usando ternos de mescla, gabardine ou linho, feitos pela Sra. Maria Clemente ou pelo Sr. Sindô; outros, porém, ostentavam maior luxo e exibiam-se com seus trajes comprados [prontos] no Recife ou em Fortaleza, capitais que exerciam maior influência sobre a vida dos pombalenses. O *look* completava-se com calçados Samello ou Ministro, os “melhores e mais chiques”(COSTA, 2009).

As fotografias a seguir nos dão muitos indícios sobre a moda e suas articulações em Pombal nos anos 30 do século passado:



IMAGEM 15- Moda masculina – Recife anos 1930 (Fonte: Arquivo familiar da autora)



IMAGEM 16 - Moda masculina – Pombal anos 1930 (Fonte: Arquivo familiar da autora)

As duas imagens são representações da moda masculina predominante nos anos de 1930. Ambas fazem parte do álbum da família Formiga. Tanto na imagem 15 quanto na 16 é perceptível o desejo e a satisfação dos senhores em serem fotografados. Satisfação proporcionada talvez por estarem usando roupas da moda.

Note na primeira imagem que o Sr. à esquerda, tenta dissimular seu prazer em ser fotografado. A imagem é captada na rua, o homem está em movimento no momento em que o flash dispara e ele, todo orgulhoso, olha para a lente do fotógrafo. A segunda imagem também deixa transparecer a altivez e o prazer daqueles senhores em pousar com os trajes novos, da última moda.

Num segundo plano, diferenças ainda maiores podem ser percebidas entre as imagens. A primeira foi feita em Recife, e destaca o grau de desenvolvimento daquela cidade. Calçadas portuguesas, postes de luz, prédios e pessoas em movimento, afinal, a

cidade grande não pára. Já a segunda imagem, traz ao fundo um arbusto, o chão é de barro, não há pedras portuguesas, só tijolos de barro. Assim, enquanto na imagem 15, o fotógrafo teve a preocupação em registrar o ritmo da capital pernambucana, na imagem 16, os homens estão paralisados, estáticos, o que não deve ter sido proposital, mas diz muito sobre o grau de desenvolvimento e o ritmo lento que predominava na pequena e bucólica cidade de Pombal durante os anos 1930.

Outro aspecto que envolve as duas fotografias, diz respeito à técnica utilizada. A imagem 15, certamente foi feita com uma máquina instantânea, já a foto 16 deve ter sido feita com uma Kodak de pedestal estático.

Além dos esnobes sociais que se vestiam elegantemente, havia naquele lugar espectadores pertencentes aos estratos sociais mais baixos que também se vestiam com graça e distinção, conforme rememorou a Sra. Maria Dorotéia da Conceição:

Todo mundo foi olhar a chegada da Máquina Vermelha, ou melhor, da Maria Fumaça! Todo mundo queria ver o trem, né? Ai era uma festa! Ninguém ia deixar de ir não, né? Era um luxo, todo mundo muito pronto. Rico, pobre... todo mundo queria estar na moda. Ainda mais num acontecimento daquele. Tinha muita moça pobre, muito rapaz que usava as roupas muito parecidas com as dos ricos (CONCEIÇÃO, 2008)¹¹⁶.

Não há como sabermos se **todo mundo** queria ver o trem, se todos queriam estar presentes aquela ocasião, até porque muitos dos homens e mulheres que viveram aqueles anos já faleceram. Contudo, é possível, que por motivos de disputas políticas os opositores do prefeito Janduhy Carneiro, não estivessem na estação de trem naquela manhã. Porém, a grande maioria da população certamente estava, fosse movida pela curiosidade, ou em busca de ganhar dinheiro, mas também pela crença de que aquela aparelhagem moderna iria compensar as decepções provocadas quando da aquisição da energia elétrica, que mesmo tendo prometido melhorias a todos os pombalenses, favoreceu especialmente a um restrito grupo de habitantes, deixando todo o restante da população à margem daquele benefício.

Voltando ao depoimento da senhora Maria Dorotéia da Conceição, somos levados a pensar ainda numa questão: A vestimenta era naqueles anos um meio seguro de identificação sócio-econômica?

Acreditamos que não, pois além de imitar o figurino da elite, ainda que com tecidos mais fracos, havia também naquela cidade o costume, entre os ricos, de presentear os parentes pobres com roupas usadas, roupas que ainda estavam na moda e em bom estado de conservação. Sobre isto a Sra. Lair Formiga Alves nos disse que:

¹¹⁶ Ver Imagem 14 – página 97

Sempre foi um hábito em Pombal os parentes ricos darem suas roupas usadas aos primos pobres. Juntavam aquelas roupas que não queriam mais e davam. Ainda tinha mais uma coisa: quando eles iam dar a roupa, faziam questão de dizer que era novinha, que era boa. Mas se fosse novinha eles não dariam, não é? (ALVES, 2009).

E continua nossa rememoradora:

Quando os ricos davam suas roupas, elas ainda estavam na moda e em bom estado de conservação... porque o tecido era bom. Ai quem tinha uma costureira, mandava remodelar, mudar o modelo para ficar um pouco diferente (ALVES, 2009).

Os dois depoimentos acima dizem muito. Primeiro, eles nos falam sobre a prática de presentear coisas usadas, o que parece ser comum em Pombal, pois muitos dos nossos colaboradores mencionaram algo a esse respeito em seus relatos de memórias. Tal atitude parece ser vista por alguns dos antigos moradores desta cidade como um ato de bondade dos ricos para com os pobres que não teriam condições financeiras para adquirir aquelas coisas, sugerindo que os menos afortunados aceitavam pacificamente aquela condição inferior, e alguns até aceitavam. Contudo, no segundo relato de memória, mesmo que nossa rememoradora afirme que as roupas doadas ainda estavam em “bom estado de conservação”, ela também nos permite, lendo nas entrelinhas, perceber que, ainda que os pobres precisassem e recebessem aqueles “presentes”, eles não aceitavam aquela condição pacificamente, visto que o ato de remodelar a roupa é antes de tudo uma condição de subversão à relação de dominação que a aceitação do presente parece indicar, uma reapropriação. De acordo com Chartier, a aceitação de práticas dominantes não significa que os pobres curvam-se àqueles grupos ditos dominantes, mas, vem possibilitar a esse grupo deslocar-se dentro de um território móvel que lhes permitisse mudar aquela condição de dominação (CHARTIER, 1990). Reformar uma roupa era decerto uma tática dos desafortunados para tornar irreconhecível a roupa apresentada. Assim, é que “as táticas de consumo, engenhosidade do fraco para tirar partido do forte, vão desembocar então em uma politização das práticas cotidianas” (CERTEAU, 2001, p. 45).

Outra prática que dificultava a identificação pelas vestes diz respeito ao hábito das moças e rapazes fazerem empréstimos de vestimentas e calçados com frequência, o que também se configura como uma tática do pobre para inserir-se num universo social que nem sempre estava aberto a ele.

Em face do exposto, talvez o meio mais seguro para saber quem era essa ou aquela pessoa, era conhecer sua família, o que não representava problema algum, uma vez que a população de Pombal era ainda muito pequena.

Interessante também é o depoimento da senhora Maria Adélia Felinto, que afirma

até hoje é muito difícil você identificar a pessoa pela roupa que ela usa. O povo daqui anda muito chique. Todo mundo, pobre, rico... todo mundo! Só anda com coisa boa. Até quem não pode anda num luxo só (FELINTO, 2008).

A mesma rememoradora nos diz ainda que

Quem for querer conhecer uma moça ou um rapaz pela roupa, não conhece nunca. Porque é como eu falei, é um luxo. Tem gente que ganha uma mixaria e anda mais arrumado do que quem ganha muito. Agora a pessoa só se engana se quiser. Todo mundo conhece todo mundo aqui, não é mesmo? Então basta perguntar quem é a família, de quem é filha e pronto, só não sabe se a pessoa mentir. (FELINTO, 2008).

As colocações da senhora Maria Adélia Felinto são muito pertinentes, pois de fato os pombalenses tem fama de “povo luxuoso, chique, moderno”(TÔRRES, 2004) e isto seria, segundo alguns dos nossos colaboradores, uma herança muito antiga:

O povo daqui toda vida foi conhecido, era um povo chique, moderno, que gostava do progresso. Pombal toda vida foi conhecida, o povo gostava de trajar segundo o figurino. O povo era chique, aliás, ainda é (ASSIS, 2004).

Se os pombalenses gostavam de trajar segundo o figurino, e isso é uma verdade, pelo menos para alguns de seus habitantes antigos e atuais, indubitavelmente, no dia da inauguração da ferrovia que ligaria Pombal ao mundo, digo, a algumas importantes cidades paraibanas e às capitais nordestinas mais próximas, os pombalenses deviam estar muito bem trajados.

Em virtude desses fatos, naquela manhã, um forasteiro teria certa dificuldade em identificar qual moça ou rapaz pertencia a esse ou aquele estrato social.

Mas além dos esnobes estéticos, fossem eles ricos ou não, havia também na Estação, pessoas que usavam vestimentas simples, mas nem por isso sentiam-se menos envaidecidas, afinal, a inauguração da ferrovia era antes de tudo um momento de afirmação social, assim como era também uma ocasião de conflitos e negociações.

Assim, mal o dia amanheceu e já estava o jovem Pedro Fernandes de Almeida a se preparar para ir ver a chegada do trem à cidade. Possivelmente, ele tomou banho com sabão de coco ou de oiticica, talvez tenha escovado seus dentes com raspa de juá, ou não, já que esta não era uma prática comum entre os habitantes daquela urbe. É possível ainda que tenha posto um pouco de brilhantina nos cabelos que haviam sido cortados de véspera na barbearia do seu João Terto, e finalmente colocado sua melhor roupa: “calça de

gabardine, camisa de tricoline e seu paletó também de gabardine. Tudo presente dos parentes ricos” (ALMEIDA, 2009B). Na cabeça o chapéu de palha e nos pés os sapatos de couro, feito “ali mesmo, por Zé de Candinha”, denunciavam sua situação econômica.

Depois de se vestir, o jovem Pedro possivelmente caminhou junto a outros moradores do sítio Santo Antonio [Pe. Antonio] até a zona urbana, a fim de ver a chegada da Maria Fumaça que segundo o nosso rememorador, “foi a maior festa que teve em Pombal depois da inauguração da luz elétrica que foi no governo de Seu Sá” (ALMEIDA, 2009B), .

Também as mulheres pobres foram prestigiar aquela ocorrência. Algumas deviam estar usando roupas de tafetá, seda, cambraia ou crepe, fruto da “caridade” de seus parentes ou amigos mais abastados. A maioria delas, contudo, certamente estava usando vestidos de chita, meias de crochê e sandálias de couro, também compradas na oficina de Seu Zé de Candinha.

As crianças certamente estavam lá, e como todos os outros espectadores usavam seus melhores trajes. O que pode ser detectado no relato de memória da Sra. Benta Carneiro dos Santos, que na época tinha apenas nove anos.

Ah, a chagada do trem foi festa à vontade aqui. O povo era todo chique pra esperar o trem. A banda de música de Coremas veio tocar... foi festa demais! Eu fui, eu me lembro, com um vestido que o meu padrinho Sá Cavalcante me deu. Um vestido de cambraia bordada! Era o melhor vestido que eu tinha. Aí fui de meia de crochê e de sandália de couro. Ninguém ia passar vergonha não. Todo mundo ia muito arrumado! (SANTOS, 2004)

Como a pequena “Bentinha”¹¹⁷ devia haver ali na estação muitas outras garotinhas esperando “a Máquina” ou simplesmente acompanhando seus pais.

Nas representações dos nossos colaboradores, o trem enquanto transporte coletivo atingiria todos os moradores de Pombal, de forma que “todo mundo ia poder andar, tanto o pobre quanto o rico”(ALMEIDA, 2009B).

De fato, aquele transporte estava ao alcance de todos, ou de quase todos. E ainda que alguns não tivessem condições de pagar os bilhetes de passagem e fazer um passeio até o alto de Dona Neca, os pombalenses se apropriaram diferentemente daquele meio de transporte e porque não dizer daquela estação. Assim, ao criar novos usos para aquela conquista, o trem atingia a todos.

As pessoas deviam estar ansiosas, afinal, por anos a fio circularam na cidade rumores sobre as maravilhas que o trem de ferro trazia para as cidades que contavam com aquele serviço. Em face disso é que Cajazeiras, que já contava com o serviço ferroviário desde os anos de 1920 também era uma referência para os moradores de Pombal.

¹¹⁷ Segundo a Sra. Benta Carneiro dos Santos, quando pequena ela era chamada de “Bentinha”

A cidade mais bonita aqui pra essas bandas era Cajazeiras. Era a mais bonita e a mais moderna. Era uma cidadezinha linda! Era a mais moderna porque já tinha a estação... e o trem trazia o progresso. Então... quando começou a construir a estação daqui... eu já sabia que era pra ir melhorando a cidade. Porque é como eu disse: onde tinha trem, tinha progresso! Era uma beleza! Sem falar que desde a construção que já foi bom porque deu emprego pra muita gente. Eu mesmo trabalhei na emergência sentando trilho (ALMEIDA, 2009B).

Sem dúvida a construção da linha férrea traria para Pombal algumas melhorias, começando pela geração de empregos nas frentes de emergência, como bem assinalou o Sr. Pedro Fernandes de Almeida. Assim, com a inauguração da ferrovia, novas oportunidades de trabalho apareceriam. Dessa forma, já no dia inaugural, enquanto o trem era esperado, algumas pessoas aproveitaram para ganhar alguns trocados. Vendia-se entre outras coisas: pipocas, algodão-doce, quebra-queixo, bolos, cocadas, pastéis, pão-doce, cavalinhos de goma, refrescos de maracujá e limão, aluá¹¹⁸ e também água, sendo esta vendida pela Sra. Alacoque, que sempre muito apressada passava gritando de forma quase incompreensível: Olha a água boa! Água bem limpinha! Água do Rio de Pombal! E “quem desejasse, pagava adiantado! Que era para não ter confusão depois” (ALVES, 2009). Também não poderia se demorar com o “caneco” porque só tinha um.

A prática descrita acima vem só evidenciar os usos e invenções dos habitantes de Pombal para também tirar proveitos econômicos daquela conquista.

Além das práticas comerciais que se anunciavam ali na estação, o trem viria vitalizar a economia do município, dinamizando o comércio local e viabilizando a instalação, naquele mesmo ano, da indústria de beneficiamento de oiticica, a Brasil Oiticica. Mas não só a vida econômica seria impulsionada, o trem também tornaria mais enérgico/ativo, o cotidiano dos homens e mulheres de Pombal que passariam a ter maior contato com pessoas de outras cidades do Estado e também de outras capitais do Nordeste.

Além dos benefícios sociais advindos com a passagem do trem, também houve grandes benefícios de ordem econômica. Ora, se no dia da inauguração algumas pessoas já obtiveram vantagens financeiras, no dia, na realidade, nos anos que se seguiram à implantação dos “caminhos de ferro”, muitas foram as transformações econômicas ocorridas na urbe.

¹¹⁸ Bebida refrigerante de origem indígena. Há várias receitas para o preparo desse refresco. A mais comum em Pombal era preparada com a casca do abacaxi em (in) fusão com a água. Deixava-se as cascas do abacaxi no sereno por pelo menos uma noite para fermentar. Algumas receitas eram adoçadas com açúcar mascavo, outras, com rapadura. Havia também quem colocasse um pouco de gengibre e folhas de hortelã para deixar a bebida mais picante. Em outras receitas usa-se pão para facilitar ou aumentar a fermentação.

Como falamos anteriormente, em 1932, logo após a implantação da RFC¹¹⁹, foi inaugurada em Pombal a Indústria Brasil Oiticica S/A, pertencente ao grupo cearense de mesmo nome. O motivo da instalação desta indústria está ligado a dois fatores principais. Foi realizada uma pesquisa nos anos anteriores, e verificou-se que havia em Pombal as condições necessárias à instalação da indústria: fruto da oiticica em abundância, que fazia parte da flora nativa, além de mão-de-obra abundante e barata. O problema seria exatamente o transporte. Contudo, Pombal ficava a pouco menos de 60 km de Sousa, ponto terminal da RFC. Assim, interesses políticos atrelados aos ganhos econômicos concorreram para a instalação dos trilhos em Pombal, não fosse isso, seria inviável a instalação do grupo na referida cidade naquele ano de 1932. Deste modo, podemos dizer que os trilhos chegaram a Pombal de fato para promover o “progresso” econômico.

A partir da instalação da RFC e em seguida da BRASIL, como chamam popularmente os antigos moradores da cidade, uma grande quantidade de empregos diretos e indiretos surgiram na cidade. Assim, quem não conseguisse um ofício dentro da Indústria, podia trabalhar por conta própria ou prestando serviços a outras empresas. A imagem a seguir é uma entre as tantas outras possibilidades de representação do cotidiano de Pombal nos anos posteriores a instalação dos caminhos de ferro.



IMAGEM 17 - CARREGADORES - 1955 (Fonte: Acervo de Verneck Abrantes de Sousa)

¹¹⁹ RFC ou Rede Ferroviária Cearense, também encontramos a sigla RVC, Rede Viária Cearense, para a mesma empresa.

Nos anos 1950 a cartografia da cidade que vinha desde os anos subseqüentes à instalação da ferrovia se modificando, já era outra. Quase não se reconhecia mais a antiga Pombal, eram poucos os prédios que resistiram às transformações modernizantes. Onde antes só havia mato, agora instalaram-se armazéns, casas residenciais e lojas de calçados, tecidos, e alimentos. Também surgiu naquele período uma nova cartografia do trabalho. Roceiros de antes, tornaram-se operários, carregadores, biscateiros.

A imagem nos proporciona perceber como a vida cotidiana do pombalense passou a girar em torno do trem e da indústria (em destaque, ao fundo, o muro da Brasil Oitica S/A) Havia na rua Juarez Távora , no dia em que o fotógrafo captou a cena, três carros destinados ao transporte de cargas, dois manuais e um a tração animal. Também havia ali um burro, talvez puxando alguma carroça ou quem sabe transportando água.

Nesta rua havia também bares e quitutérias certamente destinadas aos trabalhadores que constantemente a percorriam no leva e traz de produtos que tinham seu ponto de chegada e de partida na estação de trem.



IMAGEM 18 - Operários da Brasil Oitica S/A- 1956 (Fonte: Acervo de Verneck Abrantes de Sousa)

Trabalhar na Brasil Oitica era possivelmente para a maioria dos pombalenses pobres, além de uma necessidade para garantir os proventos, motivo de muito orgulho, pois conforme nos falou o Sr. Raimundo de Sousa: “o trabalhador da Brasil tinha crédito onde chegasse, porque no comércio todo mundo já sabia que para trabalhar lá, tinha que ser trabalhador e honesto se não, não ficava lá nem um dia” (SOUSA, 2008B). Acreditamos que a foto deve ter sido feita por encomenda pelo chefe da empresa na cidade, o Sr. “Inácio da

Brasil”, e o objetivo era possivelmente mostrar/externar o orgulho e a satisfação dos pombalenses que trabalhavam naquela indústria.

Observando as vestes dos homens capturados pelas lentes do fotógrafo percebemos a hierarquia existente na “Brasil”. Temos aí, possivelmente chefe e operários. A imagem nos permite ainda perceber que mesmo tendo passado-se 68 anos da abolição da escravidão, o negro ainda parecia viver em condições econômicas inferiores ao branco pobre. Aparentemente, ele é o único que está de pés no chão.

2.2.5 Comunicação e mendicância

Outro benefício que a ferrovia traria para a urbe era na esfera das comunicações. Pois em Pombal, até 1932, o serviço postal era ainda “extremamente moroso, feito por estafetas que depend(iam) exclusivamente da tração animal”¹²⁰ (ARANHA, 2005, p. 89).

Sobre isso a Sra. Maria Dorotéia da Conceição nos contou que antes do trem,

era uma peleja para a pessoa receber uma carta. Ave Maria! Demorava demais. A pessoa mandava... aí bote tempo para receber. Eu lembro que uma parenta nossa lá de Cajazeiras mandou uma carta dizendo que ia vim passar uns tempos com a gente. Basta quando a gente viu ela já tinha era chegado. E a carta? Chegou bem depois. Ai com o trem melhorou muito. Não é como hoje que num instante chega. Ainda demorava. Mas a vista do que era... melhorou muito (CONCEIÇÃO, 2008).

Não há dúvida de que o serviço de correspondência muito ganhou com a instalação dos trilhos. A propósito, foi também em 1932 que foi construído o atual prédio dos correios e telégrafos em Pombal, o que vem reforçar a relação estrada de ferro-comunicações. Neste sentido, Gervácio Batista Aranha afirma que as estações de trem assumem grande importância

na vida cotidiana local, como espaços nos quais ou através dos quais as comunicações adquirem feições modernas, em particular no tocante à agilização dos correios, com a entrega rápida da correspondência e de jornais por assinatura (ARANHA, 2005, p. 89).

Se o serviço de correspondência ganhou agilidade, certamente os jornais passaram a circular com maior frequência na cidade, conforme lembrou a Sra. Zulmira Ferreira Viana:

¹²⁰ O autor refere-se especialmente ao período entre 1880-1925, todavia, o serviço postal em Pombal ainda era realizado daquela forma até 1932. Sobre isso ver também: SOUSA. Verneck Abrantes de. **A trajetória Política de Pombal**. João Pessoa: Imprel, 1999, p. 57. Ver também ARANHA (2006),

Jornal aqui? Só os ricos é que assinavam. Vinha de trem, mas não era todo dia não. Era uma vez só na semana, eu acho. Aí os ricos compravam o jornal e diziam as informações daquele jornal aos outros habitantes. Todo mundo, até os pobres ficavam informados. Ah! era tão difícil as coisas naquele tempo... não era como hoje não, que tem rádio, televisão, tudo. Era graças ao trem que as notícias de Campina Grande, Patos, João Pessoa, chegavam aqui (VIANA, 2008B).

Mesmo que as representações construídas pelos antigos moradores de Pombal nos falem sobre a precariedade do sistema de informações impressas após a instalação da ferrovia, é preciso considerar também que as informações chegavam por via oral, e que neste caso, o trem foi um ótimo veículo de difusão.

Num documento datado de 1922, quando da sua passagem por Pombal, Phillip Van Luetzelburg, botânico da Inspetoria Federal de Obras Contra as Secas, afirma que: “A comunicação verbal alastra-se no sertão com muita rapidez, de fazenda a fazenda, mais do que a comunicação escrita, a carta” (apud. SOUSA, 1999, p. 57). Assim, se a informação escrita, fosse ela uma carta ou qualquer outro documento impresso, ganhava agilidade, sem dúvida alguma as informações orais também tornaram-se mais rápidas. O trem vinha imprimir ritmo à cidade, fosse em relação à vida econômica, social ou cultural.

E mesmo que sejam muitos os depoimentos que nos falaram dos benefícios que aquela maquinaria trouxe para Pombal, houve também relatos de memória que apontaram alguns problemas advindos com a chegada daquele equipamento.

Naquela segunda-feira, anunciou-se ali na frente da Casa de Turma o aumento de uma prática considerada destoante, a mendicância. De acordo com alguns dos antigos moradores daquele espaço urbano, antes de o trem começar a passar por Pombal,

só se via esmoler¹²¹ (sic) na Semana Santa, que era quando as pessoas que tinham mais condições davam o jejum aos pobres. Nesse período a cidade era cheia de esmoler. Agora... depois do trem piorou mais (sic). O povo não queria trabalhar, queria pedir, que era melhor, mais fácil, né?(PEREIRA SOBRINHO, 2009).

O aumento do número de esmoleiros foi em parte conseqüência das passagens do trem por aquela cidade, por outro lado, as privações provocadas pelas estiagens e o crescimento das práticas comerciais naquela urbe, convidavam as pessoas dos seguimentos menos favorecidos à prática da mendicância. Não obstante, deveria haver entre os necessitados oportunistas, que como bem assinalou a testemunha acima, preferia “pedir, que era melhor, mais fácil”.

¹²¹ A maioria dos nossos entrevistados utilizaram o termo esmoler, aquele que distribui esmolas, faz doação, no sentido inverso. Assim, por esmoler entenda-se aquele que pede esmolas, aquele que recebe a doação.

Sobre os pedintes e sua prática no dia inaugural da chegada da Maria Fumaça a Sra. Maria Dorotéia da Conceição, lembrou que

tinha muitos mendigos na rua pedindo esmolas. A pessoa ia comprar uma coisa ai lá estava um esmoler: _dona dê um trocado pelo amor de Deus? E o povo dava! Porque ninguém queria se aborrecer naquele dia, que era um dia de festa, né? (CONCEIÇÃO, 2008).

Nos anos imediatamente após a implantação dos trilhos, a prática de pedir tornou-se corriqueira, contudo, levando-se em consideração o tamanho da cidade e o seu pouco grau de desenvolvimento, não havia tantos pedintes assim. Mas a Sra. Maria Dorotéia da Conceição não se referiu a um dia qualquer, ela nos falou sobre um dia excepcional, um dia de festa, e em dias como esse, realmente muitas pessoas, especialmente aquelas que moravam no perímetro rural e que passavam por dificuldades econômicas, aproveitavam para pedir a compaixão dos seus vizinhos mais felizes. Convém pontuar que, comumente, os pedintes eram moradores da zona urbana.

Ainda que não houvesse tantos esmoleiros nos dias “ordinários”, o pombalense que saía de casa para fazer compras ou aquele que saía só por sair, vez por outra era abordado por uma criança ou adolescente que tinha sempre à mão uma latinha para a coleta do óbolo. Mas nem sempre a esmola era em dinheiro, na maioria das vezes a doação era a sobra do almoço ou o resto do jantar de alguma família. Prática que nem sempre correspondia à caridade, mas era principalmente uma questão de higiene, pois não havia naqueles anos refrigeradores ou conservantes, de forma que guardar a sobra do alimento poderia se tornar um incômodo¹²².

Todavia, “tinha aqueles pedintes que tinham a sorte de ganhar alguns tostões”, lembrou a Sra. Benta Carneiro dos Santos (2007). Outros tiveram mesmo a oportunidade de ser fotografados. Foi o caso de Antonio José Barbosa.

Sorte? Mas que sorte? Sendo a fotografia nos anos por nós estudado considerada uma “maravilha” da modernidade, estava ao alcance de poucos. Assim, sem dúvida, o jovem esmoleiro teve um pouco de sorte, pois mesmo que não tenha chegado, talvez, a ser possuidor do retrato, o simples ato de ser o alvo da lente do fotógrafo já era motivo de orgulho para ele. Note na imagem a seguir que o garoto mesmo em suas privações aparenta certa satisfação, o que em condições reais, não aconteceria. O pedinte certamente

¹²² Com a passagem da Maria Fumaça por Pombal, também alguns hábitos alimentares sofreram mudança. Em ocasiões festivas, a princípio, os pombalenses encomendavam pedras de gelo, que vinham de Cajazeiras em grandes caixas de madeiras cobertas com o pó também de madeira, para conservar alguns alimentos, assim como para refrigerar as bebidas. Nos anos 40, chegaram as primeiras geladeiras a gás na cidade. Mas a introdução do refrigerador modificou também os hábitos alimentares, agora as sobras de refeições eram guardadas para o consumo posterior, o que diminuiu gradativamente as ofertas de esmolas.

na prática do seu ofício, tinha que conseguir emocionar o doador, fazê-lo sentir dó do seu penar, em seu rosto deveria estar estampado o sofrimento.

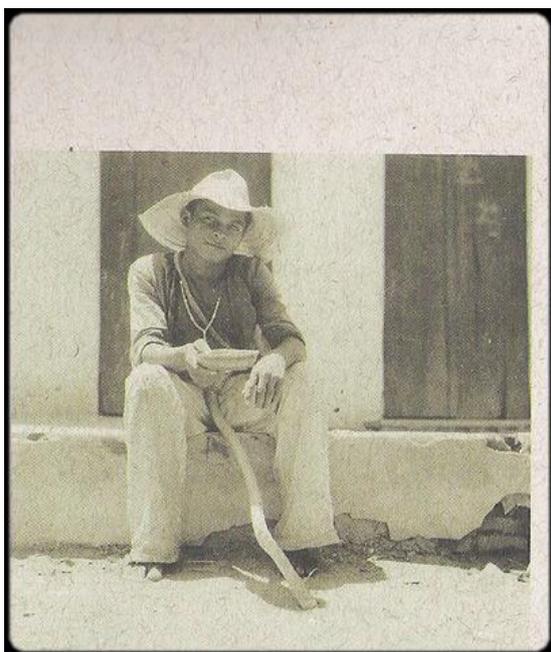


IMAGEM 19 – PEDINTE¹²³ 1938 (Fonte: Acervo de Verneck Abrantes de Sousa)

Numa cidade onde o moderno era constantemente invocado pelos discursos dos senhores de poder, práticas dissonantes eram muito freqüentes. Entre tantas práticas indesejáveis existentes em Pombal destaca-se a mendicância. Por mais que se desejasse mascarar aquela realidade, na estação, na frente das escolas, sentados à frente de um estabelecimento comercial, ou ainda à sombra de uma árvore, sempre era possível encontrar com um pedinte.

A fotografia foi feita em 1938 quando Mário de Andrade esteve em Pombal com a Missão Folclórica. Na ocasião, o jovem Antonio José Barbosa, além de ser fotografado, teve também seu canto de pedinte gravado pela equipe, o que talvez explique o ar de satisfação em seu rosto. Outro detalhe que nos chamou a atenção foi o fato de este pedinte carregar em seu pescoço um estetoscópio. O uso deste instrumento, para além de indicar que os mendigos apropriavam-se do lixo das famílias mais favorecidas, vem indicar talvez um lugar de poder criado para o médico ou profissional da área de saúde naquela cidade, mas também o desejo, de Antonio, de possuir aquele instrumento que mesmo quebrado é símbolo de status, destoando de sua condição de pedinte.

¹²³ Boudelaire foi o primeiro poeta a perceber o lado feio da Paris oitocentista.

Mas o mendicante tinha ainda uma tática para conseguir alguns trocados. Alguns faziam versos, outros como Antonio José Barbosa cantavam assim:

*Oh major dê-me uma esmola
Tenha dó do meu penar
Pelo amor da família
Pelo Santo do altar.
Oh irmão dê-me uma esmola
Tenha dó do meu penar
Deus lhe pague a dada esmola
Que me deu com suas mãos
Nossa Senhora lhe guie pelo caminho da salvação.*

Havia ainda aqueles que cantavam:

*Cidadão me dê uma esmola
Não tenha pena de dar
Que mais tem Nossa Senhora
Jesus Cristo pra lhe dar...¹²⁴*

Para além de evitar aborrecimento, os atos de pedir e dar esmolas estavam também ligados aos valores cristãos que predominavam naquela urbe. O esmoleiro não pedia em seu nome, tampouco havia a necessidade de justificar o pedido, “era uma troca, uma ajuda que a pessoa dava ao pobre e Deus te recompensaria por isso”, explicou a Sra. Maria Adélia Felinto (2008). Desse modo, as pessoas davam as esmolas principalmente porque acreditavam que “Deus tudo vê” e era preciso, como bom cristão, “fazer o bem, sem olhar a quem”. Mas naquele dia de comemoração, como em outros momentos festivos, os pedintes recebiam mais donativos que nos dias comuns, o que acontecia porque “ninguém ia querer sentir remorsos num dia de festa”(FELINTO, 2008).

O advento do trem a Pombal provocou um verdadeiro frenesi em seus habitantes. Naquela manhã, 24 de outubro, a Casa de Turma, futura estação ferroviária, estava pela primeira vez movimentada, ou seja, mais movimentada do que durante o período de implantação dos trilhos. Os anúncios das guloseimas que estavam à venda, os pedintes que não se cansavam de rogar ajuda em nome Deus e dos santos da Igreja católica, as crianças que riam, gritavam e até choravam, todos esses sons, misturavam-se às conversas políticas e aos cochichos dos casais enamorados que estavam naquele pedaço. Até aquele momento a banda de música ainda não havia começado a tocar. Era esse o cenário, eram esses alguns dos personagens e sons que havia na frente da Casa de Turma naquela manhã de outubro.

Com a chegada do trem, muitas práticas consideradas modernas surgiram em Pombal, contudo, os comportamentos dissonantes continuaram, ainda que contra a vontade

¹²⁴ Disponível em http://www.sescp.org.br/sesc/hotsites/missa0/cd02_frameset.html consultado em 12.01.2009.

dos idealizadores do progresso, freqüentes nas ruas da cidade. Novas técnicas eram sempre muito bem vindas, mas abandonar os instrumentos tradicionais era coisa que levava tempo. Assim, bicicletas, automóveis e trem conquistaram seu espaço na vida dos moradores daquela cidade. Contudo, não tiveram força suficiente para competir com os burros e cavalos que continuaram a circular na cidade, guiados por seus donos ou a deriva, talvez com maior freqüência, já que a cidade oferecia novos atrativos. Em face disso, foi criada uma lei municipal estabelecendo a construção de cercas e mata-burros nas proximidades da cidade e das estradas-carroçáveis. Assim, ficou estabelecido no artigo primeiro da lei Nº 6 de 16 de dezembro de 1947, que “os proprietários de terrenos cercados ficam obrigados a colocar ‘mata-burros’ nos cruzamentos das estradas com as respectivas cercas”. E a mesma lei no seu artigo segundo, dispõe sobre as cercas que “deverão conservar entre si a distância mínima de seis (6) metros, afim-de que permitam o cruzamento dos veículos que transitam em direção opostas” (LEI Nº 6, 16/12/ 1947).

Sem dúvida, o fluxo de automóveis nas ruas de Pombal havia aumentado muito naqueles anos, mas também o número de usuários dos transportes animais. E talvez não tenha sido a necessidade de evitar acidentes que levou a criação de leis como a mencionada anteriormente, mas o desejo de higienizar a cidade, afastando aquilo que era considerado “anti-moderno” do centro urbano.

Nesse sentido, os trilhos vieram também estabelecer alguns limites. Os limites entre a cidade virtuosa, ou que se pretendia virtuosa, e a cidade vício.

Fato é que desde o século XIX, ou talvez antes, a área de meretrício em Pombal se localizava naquelas imediações, provocando grande desconforto para algumas famílias daquela urbe. Algumas sim. Pois em nossos relatos de memória, a maioria dos moradores daquela área não mostraram incômodo em se avizinhar das belas dançarinas e meretrizes do Rói Couro, descritas quase sempre como discretas.

Para além do bem e do mal, a linha tornou-se uma fronteira entre o desejável e o (in)desejável.

CAPITULO II

2.3 A SÉTIMA ARTE CONQUISTA POMBAL: CINEMA E VIDA COTIDIANA

O cinema leva à vertigem, a vertigem de uma proximidade sobrenatural. Porque a tela é uma espécie de abismo, no fundo do qual o reflexo das imagens provoca, mais que o olhar, a visão.

Jerôme Prieur

*Tempo bom do Cine Lux
Com matinê e matinal
Só exibia filmes bons
Não tinha filme imoral
Era a maior diversão
Que a gente tinha em Pombal*

José de Arimatéia Formiga

2.3.1 O Cinema

De repente começou um tiroteio. Os disparos eram em direção à platéia que, tomada de espanto, num rápido impulso, jogou-se ao chão sobre um coro de gritos desesperados. Durante alguns segundos os disparos foram constantes e as fagulhas projetadas pelos disparos iluminaram aquele salão. Logo em seguida, um grande silêncio tomou conta do lugar, lentamente os espectadores, ainda assustados começaram a se erguer. Era hora de olhar se havia alguma vítima fatal.

_Todos estão bem! Gritou o jovem Barroso.

Realmente todos estavam bem, mas os olhos eram de espanto, alívio e encantamento... No final? O herói salvou a mocinha, as luzes se acenderam, a platéia embebida de emoção ergueu-se em palmas. “O cinema era a oitava maravilha! Tudo o que havia de bom”, afirma a Sra. Raimunda Santana Evaristo. Para outros, “o cinema era só diversão”. Sem dúvida, Pombal nunca mais seria a mesma depois das películas cinematográficas.

A cena descrita acima se repetiu muitas vezes ao longo dos anos de 1950, arrancando risos e lágrimas dos habitantes da pequena Pombal. O filme era um far-west.

Talvez “Matar ou Morrer” ou quem sabe “Moeda Quebrada”. Como essa cena muitas outras pegaram de surpresa o público desavisado das sessões de cinema. Assim ficou registrado nas memórias dos frequentadores do “Cine Teatro Lux” o medo que o Barroso tinha dos cavalos que pareciam correr em sua direção, desaparecendo depois de atingir a borda da tela. Também não fugiram da lembrança dos pombalenses as cenas em que o trem ocupa a tela e investe em direção à platéia, que em algumas ocasiões saía correndo, conforme lembrou-se a Sra. Raimunda Santana Evaristo: “o povo era besta demais, quando o trem vinha assim, tomando a tela inteira, ai era aquela correria, todo mundo com medo, querendo sair, e as portas tudo trancadas” (2007). É impossível esquecer também “os beijos interrompidos pela “lanterninha de Galdino”, que não deixava ninguém namorar em paz”(SILVA, 2008).

Não há dúvidas de que a exibição de películas cinematográficas tenha fascinado ou quem sabe, espantado os habitantes de Pombal naqueles idos. Mas, para além das experiências ocorridas na hora da exibição do filme, a prática de ir ao cinema modificou sobremaneira o cotidiano dos pombalenses dos mais diferentes segmentos sociais. Dessa forma, interessa-nos também conhecer as novas sensibilidades provocadas por aquela aparelhagem moderna.

Fato é que desde os anos 30 do século XX os habitantes de Pombal já tinham contato com o cinematógrafo. O cinema itinerante, quando das suas passagens por Pombal, divertiu muitos, encantou outros tantos, na mesma medida em que espantou muitos pombalenses. Nos anos 1930, a cidade não oferecia muitas oportunidades de diversão. Nesses anos não era possível que os jovens da cidade fizessem um *footing* nas praças ou jardins centrais, simplesmente porque tais espaços ainda não existiam. A diversão naqueles anos limitava-se às passagens de trem, o que fazia deslocarem-se até a Estação um grande número de pombalenses.

Aí, ali entre o Grupo João da Mata, de vez em quando aparecia um cinema daqueles móvel [itinerante], aí o povo, quem tinha dinheiro ia, era a maior diversão! Às vezes o cinema ficava lá na estação, numa das salas que tem lá. Era de improviso, mas era cheia! Botava um pano assim grande na parede e o filme era passado ali mesmo. As pessoas tinham que levar um tamboretinho, mas ninguém reclamava não. E os filmes era (sic) uns filmes mais velhos, mais antigos, as fitas só viviam se partindo, mas ninguém reclamava não (PEREIRA SOBRINHO, 2009).

Mesmo que as instalações fossem precárias como aponta o nosso colaborador, o momento de exibição da película cinematográfica se constituiu um grande acontecimento na cidade. O que nos é explicado pela Sra. Maria Adélia Felinto: “o povo adorava quando chegava o cinema, o circo. Era aquela farra, aquela fofoca. Logo, não tinha o que o povo

fazer aqui. Era tudo muito precário. Aí quando tinha uma novidade era todo mundo lá, rico, pobres, tudo!” (FELINTO, 2009). Dessa forma, sempre que uma companhia de diversão chegava à cidade¹²⁵, havia uma grande movimentação.

Se durante os anos 30 os pombalenses alegraram-se com as projeções cinematográficas que apareciam vez ou outra na cidade, nos anos 40, seu Joquinha Queiroga criou o “cineminha” na cidade.

Era tudo de improviso. A tela era um pano branco pregado na parede. A sala era pequenininha. O povo ficava todo encolhido para ver aquele filme. E os primeiros filmes eram sempre os mesmos, mas o cineminha era cheio (FELINTO, 2007).

O Sr. Junqueira nos explica o porquê das sessões de cinema serem tão procuradas: “uma vez que não havia televisão, não tinha muito o que o povo fazer para se distrair. Ai uma vez por semana, Seu Joquinha Queiroga, passava seus filmes para o povo de Pombal” (JUNQUEIRA JÚNIOR, 2008).

O primeiro cinema foi no Mercado Público. Ainda de forma muito precária como apontam os nossos depoentes, o “cineminha” atraía muitos pombalenses para as suas sessões. Depois, as projeções cinematográficas, passaram a ser na Sede Operária.

Além da projeção do filme, o cinema passou a figurar como um espaço para interações sociais entre a elite e os populares. Antes de iniciada a sessão, a frente do mercado ficava bem movimentada. Além do entretenimento propiciado pela exibição do filme, naqueles espaços, as moças e rapazes, além dos senhores e senhoras locais podiam bater um papo, namorar ou até saborear um refresco que podia ser de abacaxi ou de maracujá, que podia ser comprado no Bar Junqueira.

A transferência do “cineminha” para a Sede Operária ocorreu especialmente por motivos de serem as acomodações desse lugar melhores do que as existentes no Mercado Público. Havia, contudo, um inconveniente: a “Sede”, ficava localizada nas imediações da Estação Ferroviária, no bairro dos Pereiros, logo, numa área quase proibida. E ainda que ficasse do lado de cá da linha férrea¹²⁶ a falta de energia e o isolamento da rua tornou aquela atração uma prática perigosa.

O cinema da Sede era melhorzinho, mas os filmes eram ruins do mesmo jeito. Aqueles preto e branco antigo... mudo! Era mudo. Mas todo mundo queria ir ver o filme. Era uma festa. Só não era melhor que as passagens de trem lá na Estação (FELINTO, 2007).

¹²⁵ Além de cinemas itinerantes, também grupos de teatro e circos passavam pela cidade para apresentar durante alguns dias seus espetáculos.

¹²⁶ Para entender melhor esta espacialidade ver mapa 2 página 194.

Ainda que a qualidade dos filmes fosse ruim, ou que as acomodações não fossem boas, para uma cidade que oferecia poucas oportunidades de diversão, sem dúvida o cinema improvisado era uma boa oportunidade para que os homens e mulheres de Pombal interagissem, criando novas sociabilidades, fosse dentro das instalações, ou fora delas. Os nossos colaboradores nos disseram ainda que naquele espaço não havia divisões, pelo menos não haviam divisões explícitas, é o que nos informa a Sra. Maria Adélia Felinto:

Todo mundo ia pro cineminha, aqui quase não tinha essas separações não. Agora cada pessoa tinha seu grupinho, né? eu tinha o meu, a turminha da pessoa, sabe? Aí tinha aquelas pessoas mais humildes, também tudo no seu grupinho. Não havia uma confusão não. Era todo mundo junto (FELINTO, 2007).

Nas entrelinhas percebemos que embora não existisse cadeira cativa, até porque não havia cadeiras nos primeiros cinemas, não existisse sessões diferenciadas, ou filmes mais ou menos populares - todos eram antigos e desgastados - as divisões existiam, afinal o próprio agrupamento das pessoas por afinidades, status ou idade indicam as segregações ali existentes. Também a moda ali impressa caracterizava os grupos.

É preciso também certo cuidado quando afirmamos que haviam divisões naquele espaço, pois mesmo que “as pessoas tivessem seus grupinhos”, as fronteiras desses grupos não eram fixas, deslocavam-se graças às táticas de consumo, de forma que os homens e mulheres de Pombal conseguiam escapar às imposições sociais dos grupos dominantes.

Assim, entre as moças da elite que freqüentaram o cineminha da Sede, era possível encontrar algumas jovens das camadas pobres. De igual maneira, entre as moças das camadas menos afortunadas, havia alguns “brotinhos” dos grupos nomeados como elite.

Também entre os rapazes esta interação acontecia. De forma que o jovem Raimundo Formiga de Sousa, sempre estava nos espaços de sociabilidade acompanhado pelos filhos dos abastados senhores pombalenses.

A gente assistia o filme tudo junto, não tinha outra diversão. Aí, quando o filme terminava, às vezes a gente ficava conversando um pouco na frente da Sede e paquerando com as meninas. Aí depois descia todo mundo pras praças, aí ficava aquela fofoca (SOUSA, 2009C).

Se sair de casa para ir ao cinema parecia não ser o bastante para os jovens da urbe, os mesmos, depois de praticarem alguns “lazers permitidos”, aventuravam-se ainda a procurar alguns “prazeres proibidos”.

Depois que as moças de família iam dormir, aí rapaz você sabe como é, né? A gente ia tudo atrás de mulher. Eu sempre ia com os filhos de Sr. [...]. papai só confiava neles, aí depois eles iam me deixar em casa de carro. Era bom demais! (SOUSA, 2009C).

Se, para os homens a noite de cinema poderia terminar numa mesa de bar ou num bordel, para as “moças de família” o divertimento acabava antes das 22 horas, momento em que a cidade seria tomada pelas trevas.

Mas para um povo que desejava figurar nos anais do progresso, da “civilização”, como evocado pelas elites letradas que afirma que “é de longas datas que o município precisa de melhoramentos, para que possa fazer jus ao nível de adiantamento do qual goza a sua população”, (SOUSA, 1971, p. 81) possuir um Cinema condizente com as novas técnicas da modernidade era, sem dúvida, motivo de grande envaidecimento para os pombalenses. Assim, lembrou a Sra. Felinto: “somente em 1954 Pombal ganhou um cinema de verdade”(FELINTO, 2008). Naquele ano, foi inaugurado em Pombal o “Cine Teatro Lux”, ocasião em que à elite pombalense, mas também os populares rejubilaram-se pela nova aquisição.

Sempre foi conhecido o povo de Pombal por estar à frente do seu tempo. Só quem não conhece para dizer o contrário. O povo daqui sempre acompanhou a melhor moda. Acompanhava tudo pelas revistas. E Recife tinha uma influência muito grande. Nem foi preciso o povo reivindicar nada. Seu Chiquinho viu que Pombal precisava de um Cinema Moderno e construiu. O povo de Pombal era um povo que só dava valor ao que era bom, àquilo que tem qualidade. Sempre foi assim. Aí sim, o povo ficou muito envaidecido por que finalmente Pombal teria um cinema Moderno (QUEIROGA, 2004).

Não resta dúvida de que o Cine Lux era uma construção de linhas modernas. O prédio construído em estilo Art Decó¹²⁷ era considerado na concepção dos habitantes daquela urbe, o que havia de mais moderno. Claro, comparado às construções existentes em Pombal naqueles anos, sem dúvida, a obra mostrava-se imponente, destacando-se entre as demais construções, o que pode ser observado nas imagem a seguir:

¹²⁷ A Art Decó misturava em sua composição vários estilos e movimentos do início do século XX, sendo considerado nos anos de 1930 a 1950, “um estilo elegante, funcional e ultra moderno”, disponível em: http://pt.wikipedia.org/wiki/Art_Deco&spell=1, acessado em 06.08.2008.



IMAGEM 20 - CINE TEATRO LUX AINDA EM CONSTRUÇÃO – 1953 (Fonte: Acervo de Verneck Abrantes de Sousa)

O prédio que sediou o “Cinema” da cidade começou a ser construído em 1953, vindo a ser concluído em 1954. A arquitetura da referida edificação obedecia aos ditames da arquitetura e arte modernas. Construído em Estilo Art Decó o Cine Lux tornou-se, juntamente com a estação Ferroviária, o prédio dos Correios, a Coluna da Hora e o Coreto Central as referências naquele estilo arquitetônico na cidade.

Na imagem anterior, é possível identificar as formas e traços geométricos característicos do Art Decó. Se comparado à construção ao lado (à esquerda) é possível perceber a dimensão daquela obra. O prédio tinha capacidade para 450 pessoas sentadas, número significativo se levarmos em conta as dimensões das salas de Cinema de cidades como Cajazeiras e Patos, por exemplo, que tinham em média 380 a 400 assentos. O Cinema contou desde sua fundação com uma aparelhagem moderna, a máquina de projeção era alemã de 35mm e a tela era cinemascope, o que muito envaidecia os pombalenses. Contudo, mesmo que tenha sido evocado como uma obra moderna, e de fato ele o era, note que a rua onde foi construído o monumento ainda não era calçada. Na verdade, o serviço de calçamento da cidade teve início nesse ano, contemplando inicialmente as ruas do Rio, do Comércio e a Rua Nova respectivamente. Nota-se que a casinha ao lado segue o mesmo estilo decorativo, embora em dimensões menores.



IMAGEM 21 - CINE TEATRO LUX – 1957 (Fonte: Acervo de Verneck Abrantes de Sousa)

No final da década de 1950, o prédio passou por algumas modificações. Note que as duas portinhas frontais que davam acesso à Rua Jerônimo Rosado foram fechadas, também a porta lateral foi fechada, talvez por questões de segurança, já que o número de crimes de roubo naqueles anos havia aumentado muito, segundo alguns dos nossos colaboradores. Observe também no alto do prédio a difusora, era essa aparelhagem que nos momentos anteriores e posteriores aos filmes animava as acaloradas conversas, passeios e namoros nas ruas próximas ao Cinema.

Note também que mesmo estando o Cine Lux situado em ruas muito próximas àquelas primeiras ruas da cidade, no final dos anos 50 o calçamento de suas ruas ainda não havia sido iniciado, o que acentua a dissonância entre a técnica e arquitetura do prédio com a cidade.

Não são poucos os relatos de memória que nos dizem que o “povo de Pombal sempre esteve à frente do seu tempo”, ou que Pombal sempre foi uma cidade moderna. Mesmo em face de discursos como este é preciso certo cuidado, pois consultando outras fontes percebemos que a modernidade nessa cidade só existe se considerarmos suas especificidades, a forma de recepção e (re)adaptação das conquistas materiais que chegavam lentamente à cidade, impactando o cotidiano dos pombalenses, ricos ou pobres.

Em defesa dessa idéia, o pesquisador pombalense, Verneck Abrantes de Sousa, em seu livro “Um olhar sobre Pombal Antiga (1906 a 1970)”, afirma: Seu Chiquinho Formiga construiu o melhor prédio cinematográfico do sertão paraibano” (SOUSA, 2002), o Cine Teatro Lux, localizado na esquina da Rua Jerônimo Rosado com a Rua João Pereira Fontes, bem no centro da cidade.

Outra pombalense que reforça essa imagem é a Sra. Maria Adélia Felinto que se lembra:

Quando o cinema era lá no mercado, era uma coisa fraquinha, as pessoas tinham que levar as cadeiras para sentar porque não havia nenhuma estrutura. Ia assistir ao filme? Tinha que levar um tamborete para se acomodar. Ai depois seu Joquinha Queiroga mudou lá para a Sociedade Operária, aí melhorou um pouquinho porque lá tinha umas bancadas, mas os filmes eram velhos, sem qualidade, não tinha um telão não, era um pano branco onde ele projetava a imagem, isso antes de Seu Chiquinho Formiga que foi o primeiro a construir um prédio de cinema moderno para Pombal. Foi ele quem construiu esse prédio aqui. A tela era enorme, havia também um palco para outras apresentações. E ninguém precisava levar cadeiras não. O prédio era coisa de 'cinema' (risos)" (FELINTO,2008).

Em quase todos os lugares onde foi criada uma sala de projeção para filmes surgiram discursos grandiloquentes, que celebravam a aquisição da maquinaria como indicativo da modernidade. Assim, em Campina Grande, em 1934, a construção do "Capitólio" e depois, em 1939, a criação do "Cine Babilônia", "fez parte de um projeto mais geral de modernização da cidade, levado a cabo por suas elites" (SOUZA, 2002, p. 281).

Ainda que a edificação do Cine Lux fosse uma obra privada, a instalação de tal equipamento só foi possível em Pombal porque os pombalenses, especialmente aqueles pertencentes às elites, eram favoráveis à obra, direta ou indiretamente. O Cine Lux não teria sido uma realidade em Pombal se não houvesse público para as suas sessões e isso sem dúvida pôde ser observado nos anos anteriores pelo empreendedor da obra quando das sessões de filme nos "cineminhas". Outra contribuição importante veio da Prefeitura Municipal, que reduziu os impostos sobre parques e diversões na cidade. Conforme a lei nº 08 de junho de 1949: "ficam reduzidos os impostos sobre brinquedos, parques, clubes e quaisquer outras formas de diversão na cidade". (LEI Nº 03, 1949).

O incentivo do poder executivo vem mostrar que naqueles anos era preciso investir em áreas de diversão e lazer, pois a população estava crescendo e o lazer programado era sem dúvida necessário à ordem social, pois "o lazer, devido ao seu crescente prestígio, fornece modelos de conduta e pode imprimir um certo estilo à vida cotidiana" (DUMAZIER, 1976, p. 98).

Assim sendo, o cinema sem dúvida vem acelerar as mudanças nos valores morais, nos comportamentos, instituindo modelos que nem sempre eram vistos positivamente pelos cidadãos mais tradicionais. Contudo, ainda que houvesse efeitos negativos, o cinematógrafo promovia a melhoria de alguns hábitos incondizentes com a vida na cidade moderna.

Não foram poucos os pombalenses que passaram a vestir-se, andar, falar, comer e fazer outros gestuais dos astros e estrelas de Hollywood¹²⁸. Mas também algumas práticas como beijar e fumar foram apropriadas pelos habitantes dessa urbe. Assim, além de estimular o aparecimento de novas sensibilidades e práticas, o Cine Lux também favoreceu o desenvolvimento da economia local, gerando novos empregos. Só para citar aquelas ocupações diretas, temos: bilheteiros, lanterninhas, seguranças, porteiros, operadores de máquinas e apresentadores. Depois, surgiram aqueles empregos indiretos, a limpeza, a segurança nas ruas, o aumento do comércio, abrindo novas vagas para vendedores de suprimentos variados. Também há um aumento no número de empregos informais.

Só para termos uma idéia, ao lado do prédio do cinema foi montada uma sorveteria que pertencia ao mesmo dono, mas que gerou também o emprego de “fazedor de picolés” e vendedores, muito embora, estas funções estivessem restritas ao grupo familiar.

A primeira Sorveteria de Pombal foi a Sorveteria Tabajara do Sr. Afonso Mouta, o mesmo que comprou o cinema em 1956 e instalou no prédio vizinho também uma pequena sorveteria. Mas o aparecimento de sorvetes em Pombal, também provocou novas sensações e, sem dúvida, algumas mudanças no dia-a-dia dos pombalenses.

Ah, quando fizeram os primeiros sorvetes e picolés o povo gostou demais. Aquele negócio geladinho... era uma beleza na época. A sorveteria era de seu Afonso. Sim, e tem uma coisa, o sorvete não era caro não, todo mundo tinha condições de comprar um sorvete (FELINTO, 2007).

Tomar sorvete ou chupar um picolé era ótimo, mas o povo era besta demais. Tinha gente que chegava a se queimar com o picolé, você acredita? Mas era uma novidade! Numa época que só quem tinha geladeira aqui era umas três ou quatro famílias! (ALVES, 2009).

Numa cidade do Alto Sertão, onde a temperatura é de aproximadamente 34°C, um picolé caia muito bem. Tanto que rapidamente tornou-se hábito consumi-lo depois do almoço:

¹²⁸ Também nas cidade de Campina Grande, Parahyba do Norte e Cajazeiras, por exemplo, houve a cinematografização do cotidiano, o que mudou os hábitos consagrados como tradicionais, conforme estudos de SOUZA. Antonio Clarindo Barbosa de. **Lazeres Permitidos, Prazeres Proibidos: Sociedade, Cultura e Lazer em Campina Grande (1945 – 1965)**. 2002. Tese (DOUTORADO EM História do Brasil) – UFPE, Recife; ARANHA, Gervácio Batista. **Seduções do moderno na Parahyba do norte: trem de ferro, luz elétrica e outras conquistas materiais e simbólicas (1880-1825)**. In. Parahyba no Império e na República. Estudo de história social e cultural. 2ª ed. João Pessoa: Idéia, 2005; SILVA FILHO, Osmar Luiz da. **Na Cidade da Parahyba, o Percurso e as tramas do Moderno (1892-1928)**. 1999. Tese (Doutorado em História) – UFPE, Recife, respectivamente.

Ah, agente juntava aquele dinheiro ou pedia ao pai, né? Aí ia comprar os picolés e ficava chupando em baixo de um pé de algaroba. Era conversando e tomando o picolé. Tinha de vários sabores. Eu mesma achava ótimo o picolé de morango, era de “Q-suco” mais era uma delícia, e tinha de coco, de tamarindo, de uva, de ameixas... Acho que não tinha quem não gostasse (VIANA, 2008B).

Se o hábito de tomar sorvetes se espalhou rapidamente em Pombal, com a abertura do Cine Lux, isso vem a se intensificar, pois, [a princípio], por motivos óbvios, ninguém podia adentrar aquele espaço portando guloseimas, mas o picolé era permitido (ARAÚJO, 2002).

Além da sorveteria, nas ruas próximas e, principalmente, em frente ao prédio cinematográfico, havia um grande número de ambulantes. Vendedores de pipocas, amendoins, refrescos, flores de papel, balinhas, pasteis, algodão doce, entre outros.

Embora fosse proibido conduzir alimentos até o interior do cinema, esse comércio informal foi ano a ano ampliando-se. E a explicação para isso é que o público do Cine Lux, antes e depois das sessões, ficavam circulando naquelas ruas “se deliciando com as mais lindas e atualizadas canções” (ARAÚJO, 2002, p. 13). Entre as músicas mais tocadas estavam as de “Poli”, afirmou a Sra. Maria Adélia Felinto. O *footing* naquelas ruas promoveu o surgimento de muitos amores, na mesma medida também surgiram muitas tensões sociais, muitos dissabores.

Mas não só os ricos aplaudiram a iniciativa de construir em Pombal uma sala de projeções cinematográficas “modernas”. Também os pobres celebraram a conquista daquela aparelhagem tecnológica. Afinal, pelo menos nos discursos da elite o cinema atingiria a todos. Finalmente, “o povo de Pombal teria uma sala de cinema digna deles. Um lugar adequado para ver os filmes que eram produzidos nos Estados Unidos, no México e também os brasileiros” (QUEIROGA, 2004)¹²⁹.

Obviamente, “o povo” é muita gente. Acreditamos que a Senhora Francisca Queiroga ao usar a palavra “povo” tenha se referido a um pequeno e seletivo grupo que constituía a elite daquela cidade. Acreditamos que não havia uma preocupação em satisfazer as necessidades dos grupos populares, mas tão somente aos anseios da elite. Mas à revelia dos grupos que os excluía, os pobres, consumiram também aquele espaço, de forma nem sempre compatível com aquilo que desejavam as elites pombalenses. Assim sendo, mesmo em face das dificuldades econômicas e das sanções sociais, os populares experimentaram naqueles anos, a magia do cinema, isso porque

as cenas da vida privada da maneira como são mostradas pelo cinematógrafo, cômicas ou trágicas apaixonam o público (...) A rapidez dos movimentos aumenta a impressão de vida. Ela é, as vezes tão intensa,

¹²⁹ Ver também SOUSA. Verneck Abrantes de. Cine Lux de Pombal, disponível em: www.marcoslacerda.hpg.ig.com.br/verneck/cinelux.htm, acessado em 14/06/2009

que esquecemos a vulgaridade da história para nos divertirmos com os detalhes (PRIEUR, 1995, p. 35).

Assim é que em *Tempos Modernos*, um clássico de 1936, Charles Chaplin, arrancou dos espectadores do mundo inteiro risos de situações trágicas: a exploração da classe operária e a miséria dos pobres, provocada pelo desenvolvimento da Indústria.

O Sr. Raimundo Formiga de Sousa, falou-nos sobre as sessões de filmes do Charles Chaplin, mais conhecido por Carlitos.

No dia que era filme de Carlitos o cinema era cheio, era criança, moça, rapaz, adulto, tudo. Todo mundo gostava, ele era muito engraçado. Com um paletó velho, um sapato maior que o pé. Os pés eram um prum (sic) lado e o outro pro outro. E tinha aquela bengala que ele girava. O filme era mudo, mas a gente só escutava era o barulho das risadas. Não tinha quem se agüentasse não. Era muito bom os filmes de Carlitos (SOUSA, 2008B).

Embora tenha se referido aos filmes de Charles Chaplin o Sr. Raimundo Formiga de Sousa não mencionou o nome, tampouco destacou alguma cena que identificasse algum dos filmes de Chaplin. Disse apenas que “todos os filmes dele eram mudos, preto e branco e de comédia. Eu mesmo gostava de todos, a gente bolava de rir” (SOUSA, 2008B).

Sobre o Filme *Tempos Modernos*, nosso rememorador afirmou: “lembro do nome, era um filme que passava muito, agora da história eu não lembro não, porque é como eu disse, os filmes de Charles Chaplin eram todos muito parecidos” (SOUSA, 2008B).

Mas além do Sr. Raimundo, também a Sra. Maria do Bom Sucesso Medeiros Nóbrega nos contou que “os filmes de Carlitos eram bom (sic) demais. A gente adorava. Ele era engraçado. Com aquele bigodinho e a bengala rodando todo o tempo. Todo mundo ria” (NÓBREGA, 2009).

Em face da tendência contestadora que Chaplin deixava transparecer em suas obras, os filmes realmente apresentavam temáticas muito próximas, mas nas memórias de nosso colaborador... nenhum episódio, nenhum nome [de filme]. Assim, por mais que os filmes cinematográficos tentassem mostrar cenas da vida real, os movimentos dos atores, as cores e a velocidade em que as cenas do dia-a-dia eram projetadas não permitiam que os espectadores se identificassem com as histórias ali expostas. Eram as roupas, os móveis, a beleza dos artistas, os automóveis, os tropeções, o que mais chamava a atenção.

Dessa forma, o cinema ia conquistando um público cada vez maior, que buscava somente diversão. “Realmente o cinema era para todos!” afirmou a Sra. Maria Adélia Felinto, e prosseguiu :

O cinema não era uma coisa cara não. Todo mundo podia ir. O ingresso era um tostão, dois Cruzeiros! Acho que era um ou dois cruzeiros. Era

muito barato. E não tinha esse negócio de primeira classe, nem de segunda classe não, nem de cadeira cativa. Quem chegasse primeiro sentava na frente e pronto (FELINTO, 2008).

Diferente do que ocorreu em Pombal, onde num mesmo espaço, poderíamos encontrar elites e populares, embora separados pelas vestes, condições sócio-econômicas, culturais, ou mesmo por afinidades, em Campina Grande, os cinemas obedeciam certa hierarquia, ou melhor dizendo, havia uma explícita segregação. Cinema para a elite e cinema popular. Assim, enquanto os Cines Capitólio e Babilônia eram destinados à diversão e lazer das elites campinenses, nos Cine Avenida e São José, os populares podiam ver a projeção de películas cinematográficas¹³⁰.

No que se refere à prática de ir ao cinema em Pombal, a Sra. Zulmira Ferreira Viana recorda-se que:

Todo mundo gostava de ir ao cinema. Eu mesma sempre ia. Meu pai que me criou sempre me deixava ir ao cinema. Era bom demais. O filme que eu mais gostava era Tarzan. Mas eu também vi outros filmes. Os filmes de faroeste era os que mais passavam e as chanchadas. Ai tinha uns tolos que ficavam desviando as balas (risos), gritando com medo... era muito divertido! (VIANA, 2008B).

Havia sem dúvida, uma forte crença de que o cinema estava ao alcance de todos os pombalenses, mas não foi isso que nos disse a senhora Nira dos Nascimento que aos noventa e quatro anos de idade, lembrou-se tristemente que nunca esteve num cinema.

Toda vida eu ouvia o povo dizendo que o cinema era bom. Que os filmes eram de primeira. Que tinha muitos artistas bonitos. Que as mulheres era tudo (sic) de vestidos bonitos, da moda! O povo falava coisas lindas, mas eu nunca fui ao Cinema, nem quando era no Mercado, nem nunca. Mas eu penso que era bom porque muita gente ia. Só quem não ia era quem não podia pagar. Era caro! Só quem tinha dinheiro para ir era rico. Pobre mesmo não ia era pra lugar nenhum. O dinheiro era só pra comer. Agora eu pedi muito a meu marido pra levar eu no cinema. E ele não levou porque as condições não dava (NASCIMENTO, 2008).

O caso da Sra. Nira do Nascimento, revela-nos um lado obscuro da modernização que a urbe vinha sofrendo desde os anos vinte do século passado. Ou seja, as melhorias técnicas não atingiam a todos os pombalenses, ou não atingia da mesma forma, e a exclusão de centenas de homens e mulheres desse processo era uma triste realidade em Pombal. Contudo, mesmo diante desse quadro o que se percebe é que havia entre os

¹³⁰ Sobre isso ver o trabalho de Antonio Clarindo B. de Souza, **A Cinematografização do Cotidiano: O cinema e o cotidiano dos campinenses**. In. **Lazeres Permitidos, Prazeres Proibidos: Sociedade, Cultura e Lazer em Campina Grande (1945 – 1965)**. 2002. Tese (DOUTORADO EM História do Brasil) – UFPE, Recife.

excluídos um forte desejo de partilhar das experiências modernizantes pelas quais a cidade passava. E eles partilhavam. Embora a Sra. Nascimento afirme que pobre não ia a lugar nenhum, o que percebemos nas falas dos nossos colaboradores é que em todos os acontecimentos, os populares estavam presentes. Fazendo usos próprios, consumindo ao seu jeito espaços e discursos.

Assim, já na primeira sessão o Cinema parece ter conquistado Pombal. De acordo com o Sr. José Cleôncio Formiga de Mouta, o primeiro filme exibido foi “A mulher que eu Amo”, um preto e branco, de 1938, que trazia como atriz principal a bela Bárbara Stanwyck. Naquela noite, tanto a atriz como os atores, arrancaram dos pombalenses, gritos, aplausos, risos, suspiros e até beijos.

O filme era uma beleza! Era maravilhoso! O ator era muito bonito. Era lindo! Charmoso, bem vestido, parecia um príncipe. E a atriz também. E era (sic) as moças cochichando: _Ah, se fosse eu no lugar dela [da atriz]. Mas era só brincando. E tinha moça que ficava enciumada porque os namorados acharam a atriz bonita [risos]. Pois é... com ciúmes de uma atriz! E no dia seguinte...só se falava sobre o cinema aqui em Pombal (VIANA, 2008B).

Mas nem todos puderam prestigiar a estréia do cinematógrafo na terra de Maringá¹³¹. A grande maioria dos habitantes daquela cidade não estava na sala do Cine Teatro Lux quando as luzes se apagaram e Luiz Gonzaga ascendeu ao palco cantando. Isso, contudo, não significa que os populares não estiveram presentes àquele acontecimento. Se não estavam presentes dentro da casa de espetáculos, fora, na frente do recém construído prédio sua presença era intensa. E ali também se desenrolaram inúmeras tramas sociais.

A Sra. Maria Adélia Felinto que também esteve presente à inauguração do Cine Lux, recorda-se que

No dia da inauguração foi uma festa! O povo todo chique. Era um luxo só. Logo o povo de Pombal sempre foi conhecido! Gostava de andar com o que havia de melhor. Ai no dia da abertura a cidade ficou muito movimentada. Na frente do prédio era aquela multidão de gente! Mas só quem participou da festividade da inauguração foi o povo mais rico. A elite, né? Agora depois, todos podiam ir ver os filmes. Aliás, todos queriam ir ao Cine Lux. Só que no primeiro dia foi só a “sociedade” (FELINTO, 2008).

Enquanto dentro do teatro alguns se emocionavam com a paixão que envolviam os personagens do filme, fora daquele prédio inúmeros olhares se cruzaram, corações foram tomados também pela paixão. Dizendo de outra forma, o fato de não estar presente àquela

¹³¹ Nome da Canção de Joubert de Carvalho, “que homenageia, com exclusividade, a cidade de Pombal”. Ver: SOUSA, Verneck Abrantes de. MARINGÁ. Nossa História, nossa gente. Gráfica Martins, 2007.

sessão, não excluiu os populares das transformações cotidianas que aquela técnica iria provocar.

De fato,

Naquele dia, logo cedo, o povo era tudo se arrumando para ir pro cinema. Quando escureceu era aquela multidão na frente do cinema. Era só chegando gente. Ai ficou aquela fofoca, os flertes, as conversinhas. Depois, quando a difusora avisou, o povo entrou. Só os chiques. Quem não pôde entrar ficou ali, do lado de fora esperando o povo sair pra dizer como era o cinema. E o povo dizia! (EVARISTO, 2008).

Fica explicitado na fala da nossa colaboradora, o desejo que os populares tinham de participar do progresso técnico que a cidade passava. “Afinal, quem é que não quer ser moderno?” indagou a Sra. Maria Adélia Felinto (2008). E ela responde: “Ah, o povo daqui toda vida teve essa tradição de ser moderno. Queria ser moderno a todo o custo. Era rico, era pobre, tudo!” (FELINTO, 2008).

Mas para além do desejo de tornar-se moderno, o cinema impõe-se aos homens e mulheres daquela aldeia como um momento de lazer¹³², um tempo desocupado dedicado à diversão, ou ainda uma tentativa de burla, uma recusa às limitações socialmente impostas, mas também uma oportunidade de conhecer novas pessoas, fazer amigos, “descolar” um namorado/namorada, ou simplesmente ver pessoas aparentemente felizes desfilando com seus trajes finos. Ir até a frente do Cine Teatro tem toda uma simbologia, muitas vezes só compreendida por aqueles que partilham dos mesmos códigos sociais.

A prática de ir ao Cinema, seja para ver um filme, ou simplesmente para avolumar-se à frente da casa de espetáculos, são também ocasiões de fuga, momentos de esquecer os problemas e aliviar as tensões do dia-a-dia¹³³.

Os filmes exibidos no Cine Lux foram responsáveis também pela formação dos jovens que viveram aqueles anos. Assim, na memória do Sr. Raimundo Formiga de Sousa, “o cinema era uma maravilha!” E continua,

Como Pombal era uma cidade que quase não oferecia diversão, com o cinema pronto. Mal amanhecia o dia e já era a garotada, os rapazes, passando na frente do prédio ou lá no mercado para olhar qual era o filme que seria apresentado. Todo mundo, fosse rico ou pobre, ia ao cinema. Era bom demais. Aquelas pessoas bonitas na tela, tinha os namoros no escurinho e as coisas engraçadas... os bestas era se baixando com medo

¹³² Sobre o conceito de lazer ver SOUZA, Antonio Clarindo B. de. **Lazeres Permitidos, Prazeres Proibidos: Sociedade, Cultura e Lazer em Campina Grande (1945 – 1965)**. 2002. Tese (DOUTORADO EM História do Brasil) – UFPE, Recife.

¹³³ Sobre isso ver WERNECK, Christianne. **Relações históricas: o processo de constituição do lazer no mundo ocidental**. In: lazer, trabalho e Educação: relações históricas, questões contemporâneas, Belo Horizonte; Ed. UFMG; CELAR- DEF/ UFMG, 2000, p. 13-78.

das balas. Teve um que correu com medo do cavalo (risos). E tinha o padre, que não perdia um filme. E ele sempre adormecia, aí quando ele acordava às vezes era na cena do beijo, aí sabe o que ele fazia? Ele dizia: _Ô vei macho! (risos). Com certeza se teve uma coisa boa em Pombal, foi o cinema, que era pro rico e pra o pobre (SOUSA, 2008B)¹³⁴.

Mas ir ao cinematógrafo não era tão simples. Como lembra Nicolau Sevcenko: “ir ao cinema, pelo menos uma vez por semana, vestido com a melhor roupa, tornou-se uma obrigação para garantir a condição de moderno e manter o reconhecimento social” (apud. SOUZA, 2002, p. 253).

Assim, é preciso frisar que embora as entradas fossem vendidas a um preço popular, ir ao Cine Lux era uma prática que custava caro. Pois, a preparação começava com a escolha da roupa, dos calçados, do perfume que seriam usados naquela ocasião. “A pessoa também tinha que ter dinheiro para amendoins, pipocas e sorvetes, que eram vendidos [ou na frente do prédio, por ambulantes, ou] na sorveteria que ficava vizinha ao cinema e que era do mesmo dono” (VIANA, 2008B). Ir ao cinema era então, algo que realmente nem todos podiam pagar. Mas pagavam!

Em posse do dinheiro que os conduziria a sala de espetáculos, o dia se tornava para os pobres um vale-tudo em busca de roupas, sapatos, bolsas, perfumes etc.

As moças pobres ganhavam um vestido velho de uma, uma sandália de outra, arrumava uma coisa emprestada com uma pessoa, outra com outra e assim era toda vez que era pra sair pro cinema. Perfume bom? era assim: elas tomavam seu banho e vestiam uma roupa simples, aí iam na casa de uma mulher que vendia perfume e dizia que foram olhar, como se fosse pra comprar, aí aproveitavam e já saiam perfumada, e sem comprar nada! (risos) E isso só para ir arrumadas pro cinema. Chega dava pena! Mas quem é que ia querer passar vergonha, né? E os homens também pediam às vezes um sapato emprestado, às vezes ganhava uma camisa usada, mandava engomar e saía todo chique (SOUSA, 2008B).

Já para os abonados:

Com certeza ir ao cinema era uma ocasião em que podíamos mostrar as roupas novas, os calçados que vinham do Recife, os perfumes Franceses que a gente ia passando e o cheiro ficando! Os homens também iam muito arrumados. Ir ao Cine Lux era uma coisa que ninguém da sociedade podia deixar de fazer. Ah, você precisava ver o luxo. Até paetês se usava! (FELINTO, 2008).

¹³⁴ Também o Sr, José Cleônimo Formiga de Mouta lembrou que o vigário da cidade, possuidor de um permanente, cartão doado pelo dono do cinema para freqüentadores assíduos, uma espécie de brinde pela frequência ao Cine Lux, dormia durante quase toda a projeção do filme, acordando-se exatamente no momento em que ocorriam os beijos apaixonados.

No final da noite, depois do filme, a sensação de alguns era de que a noite valeu cada sacrifício. Para outros, ficava a impressão de que o esforço havia sido em vão. Assim, em alguns, a noite fazia florescer novas ou antigas paixões. Enquanto outros perderam-se nas ilusões trazidas pelo filme e voltaram para casa sozinhos. Sozinhos, porém sonhando com os astros preferidos.

Em face do exposto, não há dúvida de que a construção de um cinema era muito esperada pelos pombalenses dos mais variados segmentos sociais. Contudo, chamou-nos a atenção, a forma banal como algumas pessoas pertencentes à elite trataram, ou pelo menos falaram, sobre aquela prática.

Assim, quando perguntei à Sra. Francisca Queiroga o que ela sentiu quando foi pela primeira vez ao cinema em Pombal, ela respondeu:

Não senti nada! Era normal. Claro que eu estava feliz, foi um grande acontecimento para a Cidade a inauguração do Cine Teatro Lux, que ainda nem estava pronto. Mas eu achei uma coisa normal. Acho que todos achavam (QUEIROGA, 2004).

Certamente nem todos achavam o cinema “uma coisa normal”. Para a maioria da população aquela tecnologia era algo extraordinário, muito mais do que pressupunha nossa colaboradora. Também a Sra. Maria Adélia Felinto (2008), afirma não ter sentido nada.

A explicação para essa banalização do cinema por nossas rememoradoras está talvez no fato de que ambas já haviam freqüentado as salas cinematográficas em outras cidades, conforme nos informa a Sra. Francisca Queiroga: “Ah, mas eu já conhecia outros cinemas. Fui ao cinema em João Pessoa, Recife, Rio de Janeiro... Eu adorava cinema. Era muito bom. Tinha as fofocas. Era divertidíssimo!” (QUEIROGA, 2004).

Outra hipótese para essa banalização, é que talvez fosse uma condição de quem possuía *status*, de quem se considerava moderno, ignorar, ou pelo menos, aparentar não se encantar e/ou espantar com a experiência de ver projetada nas telas do Cine Lux a imagem da “locomotiva que investe com grande ímpeto em direção aos espectadores, o postigo que se abre sobre um assaltante, a planta que germina e que floresce...” (PRIEUR, 1995).

Essa percepção nos foi permitida a partir das memórias da Sra. Maria Adélia Felinto, que fazendo com a cabeça e com a boca um movimento de reprovação àquele tipo de atitude, afirma:

Não, ninguém ficava encantado com o cinema não. O povo gostava, mas ninguém precisava ficar admirado não. Até por que era uma coisa normal. Nunca houve esse tipo de coisa aqui em Pombal não. As pessoas iam, assistiam e pronto, não havia para que ficar dizendo que estava admirado, nem espantado não. Ir ao cinema era uma coisa como qualquer uma outra. Sempre foi! (FELINTO, 2008).

Mas a prática de ir ao cinema com frequência nem sempre levava a sua banalização. A Sra. Francisca Dantas de Farias, lembra que

Eu sempre ficava encantada com o cinema. A primeira vez que fui ao cinema foi em Patos. Cromácio mandou eu me arrumar para ir ver um filme. Eu não fazia nem idéia do que era. Quando cheguei lá fiquei encantada. Era tudo muito lindo. As pessoas muito bem vestidas. O povo muito arrumado mesmo. E quando o filme começou a passar assim no telão. Aquela coisa enorme... Eu fiquei não sei nem dizer. Só que depois eu adormeci. Eu sempre dormia no cinema. Mas era uma coisa maravilhosa. Quando foi aqui em Pombal, acho que foi do mesmo jeito. Era aquele horror de gente, na frente do prédio, pra lá e pra cá. Um Luxo! E quando começou o filme foi aquela emoção. Parecia de verdade. Tinha uma cena dos carros sendo perseguidos: só parecia que ia sair da tela. Agora o filme que eu mais gostava era os documentários, adorei o filme que mostrava a construção do açude de Coremas, a inauguração de Brasília¹³⁵ e quando mostrava os jogos de futebol. Era maravilhoso! A gente saia já com vontade de voltar (FARIAS, 2008).

Como aponta a Sra. Francisca Dantas de Farias o cinema também funcionou como meio de divulgação sobre o que acontecia no mundo. Esse gênero de filmes, os documentários, surgiu no Brasil nos anos 20. E tinha a função principal de educar as pessoas, informando-as sobre história, geografia, biologia, esportes, civilidade, etc. Os outros gêneros, além de proporcionar lazer, também tinham função educativa, pois ainda que isso não estivesse explícito, o contato do público com os filmes e artistas educava-o para a vida social (SOUZA, 2002).

Se o cinema encantou a elite, não há dúvida de que também os menos afortunados ficaram maravilhados com a exibição de filmes cinematográficos.

Não havia cadeiras especiais, vendidas a preços diferenciados. Todos sentavam-se juntos, pobres e ricos, moças e rapazes. E ninguém ligava. A sessão mais barata era o domingo à tarde, na matinê. Nós colocávamos os filmes mais antigos, ai a sessão era 50% mais barata do que as sessões noturnas. E outra diferença é que a música que nós colocávamos no domingo, antes e depois da matinê era música popular, agora à noite era música clássica, as melhores músicas (MOUTA, 2008).

¹³⁵ Embora a Inauguração de Brasília esteja fora do nosso recorte, por se tratar de um trabalho que tem como fonte principal as memórias, achamos pertinente não recortar a informação.



Embora não houvesse cadeiras especiais, havia pessoas que eram contempladas com um ingresso “permanente”. O dono do cinema presenteava algumas pessoas de influência na cidade com o bilhete, o que pode ter sido uma estratégia para garantir público nas sessões populares, afinal, em face da necessidade de afirmar-se socialmente, muitos eram os que iriam fazer companhia aos premiados freqüentadores de cinema.

IMAGEM 22 – PERMANENTE – ANOS 1960¹³⁶
(Fonte: Arquivo familiar do Sr. José Cleôncio Formiga Mouta)

Sem dúvida, o cinema estava aberto a todos. O problema aqui está na qualidade do cinema que era consumido pelos populares. Se não havia salas separadas para elite e popular, havia as distinções nas sessões. Como o próprio José Cleoncio Formiga de Mouta falou, as sessões populares eram as Domingadas, onde o filme era antigo e as músicas que antecediam as exibições das fitas eram como ele disse: músicas populares. Note aqui também um diferencial de peso. Música boa? Só à noite, ou para quem podia pagar. Logo, as ocasiões especiais eram quase sempre monopolizadas pelas pessoas mais abonadas, que antes de cada sessão podiam apreciar as mais belas canções do momento. Assim, enquanto os pobres assistiam aos antigos preto e branco, as pessoas abonadas podiam ver seus astros e estrelas preferidas em cores.

Entretanto, o fato de assistirem às sessões mais baratas não pode ser entendido como indício de que o pobre era submisso. Muito pelo contrário, a existência de uma sessão com preços populares era antes um indicativo de resistência a um processo modernizador extremamente excludente. Outro fato que deve ser evidenciado é que embora os filmes projetados fossem filmes antigos, quando algum deles se rompia os protestos eram constantes, obrigando o dono do cinema a restituir os valores da entrada aos consumidores. Essa consciência fez com que em poucos meses o problema fosse resolvido. “Os filmes eram antigos, mas de qualidade”, afirma o Sr. José Cleôncio Formiga Mouta. Assim, ninguém tinha por que reclamar.

O Cine Lux, diz a Sra. Rita Dantas:

¹³⁶ Embora o cartão seja dos anos 1960, segundo José Cleôncio Formiga de Mouta, nos anos 1950, seu pai já contemplava algumas pessoas influentes na cidade com o Permanente. Outrossim, embora o cartão tenha o nome de permanente, o mesmo, tinha a validade determinada pelo dono do cinema, e vencendo-se o prazo de validade, o mesmo tornava-se sem efeito, tendo que ser devolvido.

Era bom demais. Antes de eu ir o povo já dizia que era bom, que era bonito. Era o maior divertimento. Tinha (sic) o matinê no domingo à tarde, eu não perdia nada! Era maravilhoso. O maior divertimento que tinha aqui em Pombal. Todo mundo ia, não tinha esse negócio de separar pobre e rico não, todo mundo que pagasse podia ir ver os filmes (DANTAS, 2008).

Como falamos anteriormente, ainda que algumas falas nos digam que o cinema não estava para todos, numa cidade como Pombal, aquela aparelhagem não teria subsistido até os anos 1980 sem a participação dos populares, visto que o grupo que denominamos de elite era muito restrito.

A Sra. Maria Adélia Felinto recordou-se que:

Os melhores filmes passavam sempre no sábado à noite e no domingo. Nos outros dias eram filmes mais antigos. E quando os cantores iam fazer shows, só dava a nata da sociedade. Era o acontecimento da cidade. As pessoas, principalmente as de posses, iam todas muito arrumadas, de sapatos novos, roupas novas, de truce. Ah, era uma disputa entre as moças para ver quem era a mais chique (FELINTO, 2008).

As moças e rapazes dos segmentos menos favorecidos, também marcavam sua presença nessas festividades. Por meio de táticas alguns conseguiam burlar as regras e adentrar aqueles espaços¹³⁷.

Ah, andar com gente da sociedade era uma forma de a pessoa poder entrar nos lugares chiques, ir ver aos melhores filmes, porque os amigos não vão deixar você ficar do lado de fora. Agora espertas eram as moças, algumas vinha se engraçando pro lado do cabra, aí quando entravam no clube, não queriam mais nem saber. Sempre tinha isso (SOUSA, 2008B).

Artistas como Robert Taylor, Melyn Douglas, Burt Lancaster, Gabriell Woolf, John Buckler e Tom Mix passaram a fazer parte dos sonhos das jovens daquela cidade.

Ah, quem é que não sonhava em namorar, em ver, né? um daqueles artistas. A gente chamava de astros! Ai quando conseguia uma foto, um retrato, os pôster (sic) colocava na mala. Quem tinha guarda roupa, colocava na porta, que era pra olhar toda vez que abrisse. Ah! Era o sonho de moça (EVARISTO, 2007)

Também os rapazes podiam apreciar a beleza de estrelas do cinema mundial. Igualmente, a aparição de Ava Gardner, Priscila Dean, Mary Pickford e Renata Fronzi, por

¹³⁷ Sobre os conceitos de táticas e estratégias ver CERTEAU, Michel de. **A Invenção do Cotidiano I: Artes de fazer**. 6ª edição. Petrópolis: Vozes, 2001.

exemplo, arrancaram suspiros dos rapazes daquela cidade, provocando inveja e até ciúmes nas jovens pombalenses.¹³⁸

Mas quem disse que os rapazes não se sentiam ameaçados pelas paixões avassaladoras que as moças sentiam pelos astros do cinema? Uma cena cômica, mas também trágica nos foi relatada pela Sra. Raimunda Santana Evaristo que primeiro identificOU os personagens da cena real. O rapaz era João Gomes, agricultor, morador do sítio Saco do Moleque. A moça Raimunda das Chagas, somente.

Um dia os dois, Raimunda das Chagas e João foram pra o cinema. Ela era namorada dele. Ai ela foi, achando o artista bonito, se apaixonou por ele. E foi tão tola que disse a João. Ai ele com raiva, porque o artista ficava olhando (risos) pra Raimunda tirou o revólver e deu um tiro na tela (risos) (EVARISTO, 2008).

Se o bang-bang inspirou essa atitude, não temos certeza, contudo, nas ruas de Pombal a influência do cinema era nítida. Enquanto as moças colecionavam as revistas que traziam seus artistas favoritos, as crianças se transformavam em super-heróis.

Amor, aventura, admiração, ciúmes, paixões, ódio, era algumas das sensações provocadas pela projeção dos filmes de cinema. A propósito, em 1956, o Cine Teatro Lux, foi vendido ao Sr. Afonso Mouta que não poupou esforços para transformá-lo no mais importante cinema do sertão paraibano, o Cine Lux (MOUTA, 2008).

Shows de artistas nacionais famosos tornaram-se freqüentes naquele salão. Assim, a elite pombalense e também os populares puderam apreciar naqueles anos a boa música de Luis Gonzaga, Augusto Calheiros, Marinez, Alcides Gerard, dentre outros.

Pombal realmente vivia uma outra temporalidade. Rapidamente, os gostos e padrões de comportamento modificaram-se. As cenas dos filmes inspiraram beijos, juras de amor, traições. Mas também a moda foi fortemente influenciada pelos astros e estrelas de Hollywood.

¹³⁸ Embora os atores citados façam parte de temporalidades e espacialidades distintas do cinema, em Pombal nos anos 50 era possível assistir a um clássico dos anos 30, a exemplo do filme “Tempos Modernos”, de Charles Chaplin. Da mesma forma, era possível ver um filme da década de 40 ou mesmo uma produção dos anos 50 em cores, claro, esta última demorando-se um pouco em relação a cidades como Campina Grande e João Pessoa, mas adiantando-se a cidades com Cajazeiras e Patos, por exemplo.



A imagem ao lado é da jovem Mariquinha Freitas. Note que o penteado, as sobrancelhas arqueadas e o batom, possivelmente vermelho, dão um ar de sofisticação à moça, que segundo a Sra. Maria do Bom Sucesso Medeiros da Nóbrega, foi muito influenciada pelas estrelas do cinema desde os anos 40 e também nos anos seguintes. A busca pela beleza propagada nas telas de cinema, em revistas e jornais era tanta, que esta mesma jovem tornou-se naqueles anos muito famosa na cidade, o que se deu principalmente por ter sido ela fotografada por um jornalista de Recife que colocou sua imagem num dos jornais daquela capital.

IMAGEM 23 - INFLUÊNCIA DO CINEMA NOS ANOS 1940 (Fonte: Arquivo familiar da Sra. Maria do Bom Sucesso Medeiros Nóbrega)

Tornou-se comum às mulheres deixar a sobrancelha fina como a de Ava Gardner, ou tinturar os cabelos como Marilyn Monroe. Entre os homens, Robert Taylor teve grande influência, o charmoso ator usava a camisa aberta deixando o peito à mostra, o que fazia grande sucesso com as garotas. Alguns homens, em Pombal, prontamente aderiram àquela moda, “obtendo sucesso imediato”, concluiu a Sra. Raimunda Santana Evaristo.

Mas as mudanças não param aqui. Logo surgiu em Pombal uma enorme quantidade de produtos que prometiam transformar qualquer pessoa em um artista de Hollywood. Assim, o simples fato de usar o mesmo sabonete que uma atriz usava teria o poder mágico de transformar qualquer pessoa em uma estrela. Era isso que os meios publicitários faziam questão de difundir (SOUZA, 2002).

Eu só usava coisas boas. Isso eu não posso negar. Eu via os modelos no cinema e quando ia ao Recife ia direto procurar. O filme inspirava a moda. E tinha as revistas: Manchete e O Cruzeiro. Nós ficávamos sabendo o que estava na moda, o que as atrizes de cinema usavam. Ai comprávamos só as coisas da moda. Tinha também um senhor (...) que era viado [homossexual], ele entendia muito de moda. Sabia tudo o que as atrizes estavam usando. Era muito vaidoso. Ai ele viajava e trazia cortes de vestido muito bonitos. A loja dele era em casa, mas as coisas eram muito chiques (FELINTO, 2008).

Uma gama de supérfluos passou a fazer parte dos sonhos de consumo das jovens pombalenses. Assim, sonhava-se com perfumes, calçados, roupas, acessórios, móveis, automóveis, viagens, cigarros, bebidas, enfim, desejava-se ser igual às suas atrizes

preferidas. Mas o desejo não se limitava ao uso de certos produtos. Também o comportamento de algumas moças pretendia ser igual ao das estrelas de Hollywood. Desejo esse, que era alimentado também pelas revistas e periódicos que traziam páginas e mais páginas falando sobre as venturas e desventuras dos artistas nacionais e internacionais.

Nas ruas da cidade tornava-se freqüente ver beijos cinematográficos, prática antes muito rara, pelo menos em público. Além disso, tornaram-se mais freqüentes os casos de alcoolismo entre os jovens e moças. Também cenas de ação aconteceram naqueles anos. Moças raptadas, triângulos amorosos, homens traídos, adolescentes grávidas, paixões avassaladoras... tudo isso, sem dúvida, influenciado pela indústria cinematográfica.

Em suas lembranças, o Sr. Raimundo Formiga de Sousa guardou aquela triste imagem:

Claro que eu não estou dizendo que não tinha mulher que bebia. Tinha! Mas eu nunca tinha visto uma cena daquela [movimenta a cabeça num sentido de desaprovação]. A moça pegou no meu braço e disse: _Raimundo, você me conhece.... E eu respondi: _ e num é você mulher. _Pois é, ela disse. Por favor me leve pra casa. Que eu não sei nem onde eu estou. Ai eu apontei e disse, _sua casa é pra lá. Não tem erro não. E ela saiu morta de bêbada. Eu não vou dizer que foi culpa do cinema, nem das revistas, não. Isso é coisa da modernidade mesmo (SOUSA, 2008B).

Mas aquele caso não foi isolado. Nas praças da cidade, era comum encontrar também as moças “de família”¹³⁹ e também os rapazes, fumando um cigarro Americano ou Alemão. Também não havia mais “cerimônia” para namorar. E embora sentar no colo dos rapazes ainda fosse um escândalo, “as moças mais liberais não estavam nem aí, sentavam-se e se agarravam mesmo! Elas eram mais danadas do que muitos homens”, lembra-se o Sr. Raimundo Formiga de Sousa.

Enfim, durante os anos de 1950, foram muitas as mudanças ocorridas em Pombal a partir da influência dos filmes exibidos nos cinemas. Mudanças que aconteciam não só na sala de projeção, mas em todas as esferas da vida cotidiana.

Assim, também a festa mais tradicional da cidade foi transformada pelas produções hollywoodianas. Na Festa do Rosário, o glamour, a moda, os comportamentos dos artistas eram repetidos incessantemente pelos pombalenses e também pelos visitantes que chegavam de outras cidades que também já experimentaram aquela técnica moderna.

¹³⁹ Segundo a Sra. Zulmira Ferreira Viana, moça “de família” eram as jovens filhas de pessoas instruídas, ou simplesmente, aquelas que eram criadas com muito “zelo” pelos pais.

CAPÍTULO III

DIVERSÃO E LAZER

3.1 SOB A PROTEÇÃO DA VIRGEM DO ROSÁRIO: A TRADICIONAL FESTA DOS PRETOS NA CIDADE MODERNA

*A Festa do Rosário
Grande festa religiosa
E também popular
No domingo do Rosário
Nossa fé vamos renovar
E nas praças da cidade
Diversão vamos encontrar...*

Mariana Alves

*A virgem disse
A Irmã nunca rezou
Nunca acreditou em ti
Toda vida blasfemou
Porém nunca de um rosário
Na vida se separou...*

Manoel Pereira Sobrinho

No final dos anos 40 do século passado, Raimundo de Sousa, 16 anos, agricultor, depois de viajar ao Rio de Janeiro voltou à Pombal, chegando propositalmente à cidade na semana da Festa do Rosário¹⁴⁰.

No sábado, véspera da grande festa, Raimundo acordou cedo, vestiu sua calça e camisa novinhas, compradas no Rio de Janeiro, calçou seu sapato de verniz, também trazido da Capital Nacional. “Estava se sentindo o tal, estava todo pronto com a roupa nova! Uma chiqueza só! Antes era (sic) só aquelas ‘opercatas’ de rabicho, amarradas assim na perna e a roupa? ...era feita de saco!” (SOUSA, 2008B). Aquele sábado, como os outros, era dia de feira, a cidade nesses dias ficava agitada, “eu diria pe-ri-go-sa! Ficava muito

¹⁴⁰ A Festa do Rosário de Pombal, assim como a Irmandade do Rosário foram criadas no final do século XIX, em 1895, momento em que o país passava por grandes mudanças sócio-políticas, a exemplo da abolição da escravidão (1888) e da implantação do regime republicano (1889). Naquele contexto, em Pombal aproximava-se a conclusão das obras do novo templo para a padroeira, Nossa Senhora do Bom Sucesso. Em pouco tempo a antiga Igreja matriz seria desabrigada. Antecipando-se em dois anos, Manoel Cachoeira, idealizador da festa, foi até Pernambuco, onde conseguiu a autorização para criar naquele ano a Irmandade do Rosário de Pombal. Em 1897, com a conclusão da nova Igreja, os negros ganharam o seu templo Católico no centro da cidade.

movimentada! E sendo sábado da Festa do Rosário então?! (SOUSA, 2008A). Mas nem por isso a festa era menos animada. Assim, Raimundo impulsionado pelo desejo de mostrar sua nova condição de homem da moda, saiu de casa já pela manhã vestido em seu traje mais fino. “Era preciso, antes de anoitecer, mostrar como estava bem vestido, bacana! Aos amigos e, principalmente, às moças da cidade” (SOUSA, 2008B).

Ao andar pelo comércio foi logo reconhecido pelos amigos que se aproximaram e o elogiaram: “tá todo granfino, (sic) o Raimundo depois que conheceu a Capital do Brasil!” (SOUSA, 2008B). As moças também notaram o novo figurino. Raimundo era só empolgação.

Naquele dia os negros dos Pontões¹⁴¹ e os Congos¹⁴² também circulavam pela cidade. Juntamente com os mesários da Irmandade do Rosário, dançavam, cantavam e bebiam por toda a cidade, coletando dinheiro para a festa¹⁴³. Raimundo percebendo que seria abordado pelo grupo, saiu de fininho, “não tinha dinheiro para dar à Igreja não!” (SOUSA, 2008B).

Como era de costume, para os homens da cidade, da zona rural ou de outras freguesias, o sábado da Festa do Rosário era para ser consumido por inteiro¹⁴⁴. Raimundo logo sentou-se numa barraca, “não aquelas da Igreja, as outras, mais modestas” (SOUSA, 2008B), tomou algumas doses da cachaça “Liosa” ou “Sarinha”, que eram as mais consumidas pelos pobres, e se pôs a conversar com outros jovens, que como ele pareciam

¹⁴¹ Os Pontões, ou “negrinhos dos pontões”, é o maior grupo cultural de Pombal, de caráter militar o grupo é formado por homens e crianças do sexo masculino, os membros desse grupo pertenciam às camadas pobres, sendo a maioria moradores da zona rural. Durante a Festa do Rosário o grupo sai às ruas da cidade dançando, cantando, bebendo e pedindo dinheiro para a igreja. O grupo é formado por dois cordões, o azul e o vermelho, e sua característica principal é a existência de uma banda cabaçal, constituída de “adufe, caixa, tambor, prato, fole e pífano, além dos maracás das lanças” (BENJAMIN, S/D, p 97).

¹⁴² Os Congos constituem o grupo cultural de negros católicos mais antigos de Pombal. Esse grupo é formado por 18 membros, todos pertencentes aos segmentos menos favorecidos, a maioria deles provenientes da zona rural ou de áreas periféricas da cidade. Durante as festividades do Rosário o grupo sai em duas alas. Assim como os Pontões, usam maracás. Nesse grupo, o destaque é a figura do rei, que é escolhido e coroado pelos membros do grupo, numa referência aos reis Congos, afirma Marcos Ayala (1996, p. 204). Já Roberto Benjamin, diz que embora existam outras tradições de Congos espalhadas pelo Brasil, e ainda que existam entre eles características gerais que os identificam como Congadas, o grupo cultural de Pombal criou uma versão local que lhe é peculiar, tendo possivelmente re-elaborado ou reinventado a versão olindense, tradição com a qual a clientela católica de Pombal mantinha grande proximidade (BENJAMIN, S/D). Diferente das congadas baianas, por exemplo, o grupo criado em Pombal não fazia nenhuma referência aos cultos ancestrais.

¹⁴³ De acordo com Roberto Benjamin (S/D) a festa do Rosário era financiada pelos negros que durante o ano trabalhavam para juntar dinheiro para os festejos.

¹⁴⁴ Sobre o conceito de consumo ver CERTEAU, Michel de. **A Invenção do Cotidiano I: Artes de fazer**. 6ª edição. Petrópolis: Vozes, 2001.

estar na cidade em busca de diversão¹⁴⁵. A certa altura do dia, os rapazes o chamaram para ir até o rio, continuar a beber e conversar. E como era um dia para farras...

Ao chegar ao balneário, os jovens rapazes tiraram suas roupas e as colocaram sobre algumas pedras. Raimundo, zeloso de suas vestes, não agiu de outra maneira, afinal era sua única roupa. Aquela que ele usaria à noite e durante o domingo para se apresentar às jovens pombalenses e quem sabe encontrar um par romântico para sentar ao seu lado no banco da praça. A Festa do Rosário prometia!

E como prometia, Raimundo nunca mais esqueceria aquela tarde:

Ora, eu todo empolgado, de roupa nova, de sapato, todo bacana, bebendo e ainda tomando banho de rio. Tava uma maravilha! Conversando sobre as mocinhas, combinando os namoros! Ai aqueles cabras safados aproveitaram um mergulho, pegaram minhas roupas e saíram correndo carregaram tudo! Me deixaram nu! (risos) Sem nada! Fiquei nu e sem roupa nova! (risos) não sabia nem quem era (sic) eles (SOUSA, 2008B).

O episódio narrado pelo Sr. Raimundo, evidencia não só o caráter profano da festa dos negros, mas também um problema social enfrentado pela população da cidade, o aumento do fluxo de pessoas nas ruas e, conseqüentemente, o crescimento do número de crimes de roubos.

Ah, eu lembro que Pombal era uma cidade tranqüila quase não tinha essas coisas de assalto, roubo, ladrão, nem nada. A gente às vezes dormia até com a porta da frente aberta. Agora numa festa como era a Festa do Rosário ninguém ia dar bobeira né? Tinha muita gente estranha, ciganos, gente mal encarada, era perigoso. Tinha de um tudo! Nesse período sempre tinha roubo, brigas, confusão, mas era mais o povo de fora, o povo daqui toda vida foi muito civilizado, era difícil ver uma briga aqui (TÔRES, 2004).

A Sra. Francisca Maria de Queiroga sobre esse mal que assolava a população pombalense durante a festa religiosa lembra que:

Em todo canto tem sempre pessoas más, dispostas a se dar bem... ou mal, né? Querendo conseguir as coisas de forma desonesta. Na Festa do Rosário quando as pessoas saíam de casa para ir à festa, os ladrões aproveitavam e roubavam. Sempre tinha isso. Nesse período até de dia as casas eram todas fechadas por causa dos ladrões. A cidade ficava agitada, ficava perigosa! (QUEIROGA, 2004).

¹⁴⁵ De acordo com Antonio Clarindo B. de Souza diversão e lazer não são a mesma coisa. Enquanto os lazeres são as atividades diversionais programadas, as diversões são as práticas livres, sem nenhum controle ou programação. Ver SOUZA. Antonio Clarindo Barbosa de. **Lazer Permitted, Prazeres Proibidos: Sociedade, Cultura e Lazer em Campina Grande (1945 – 1965)**. 2002. Tese (DOUTORADO EM História do Brasil) – UFPE, Recife.

É importante notar que ambas as depoentes atribuem os crimes fortuitos a pessoas vindas de fora, reforçando a idéia de que em Pombal, naqueles anos, não havia ladrões. Mas havia. A questão é emblemática. Talvez os criminosos fossem da cidade, e a ocasião escolhida para a prática dos furtos, fosse, estrategicamente, com o interesse de atribuir aos forasteiros a culpa dos roubos acontecidos naqueles(s) momentos(s) de maior movimentação na urbe, mantendo-se o criminoso longe de qualquer suspeita.

A imagem a seguir nos oferece uma boa visão de como afluíam às ruas da cidade, nos dias dos festejos grande quantidade de pessoas.



IMAGEM 24 – FESTA DO ROSÁRIO – 1947 (Fonte- Acervo de Verneck Abrantes de Sousa)

Feita a partir da torre da Igreja do Rosário às 9 horas conforme indica o relógio da “Coluna da Hora”, a fotografia parece ter a intenção de registrar a multidão que se acumulava na frente da Igreja e entre as duas praças, a Gétulio Vargas (à esquerda) e a Barão do Rio Branco (à direita), Contudo, o número de pessoas que circulavam nos mesmos espaços, ao cair do dia era, segundo os nossos rememoradores, maior que o registrado na imagem.

Acreditamos que a cena retratada trata-se da missa de encerramento dos festejos à Nossa Senhora do Rosário, ocorrida sempre aos domingos pela manhã. Mas a imagem é mais expressiva. Note-se que as pessoas estão espalhadas pela rua, algumas parecem conversar, outras estão simplesmente caminhando. Algumas, no entanto, deviam estar de fato interessadas na celebração. Observa-se também que os parquinhos não estão em funcionamento, o que indica que estava realmente acontecendo uma cerimônia religiosa, pois eram proibidos os brinquedos nessas horas.

Ainda que não saibamos quem era quem praticava os crimes de roubo no período da Festa do Rosário, é preciso assinalar que havia naquela cidade pessoas que praticavam tais tipos de delitos, e um dos mais famosos deles era Cícero de Bem-Bem.

Ave Maria! Cícero só vivia preso. Eu acho que ele foi preso mais de mil vezes. Roubava, dormia na cadeia e no dia seguinte? Fazia tudo de novo! Era conhecido, roubava galinha, vendia e roubava a [mesma] galinha de novo. Ele chegou a vender um peru a Dr. Lourival três vezes, na terceira, o doutor desconfiou: “Você está vendendo o mesmo peru, Cícero? Era conhecido. (BANDEIRA, 2008).

Num outro momento a Sra. Edianete Farias Bandeira nos contou outra astúcia deste homem:

Um dia Adamastor, mandou Cícero de Bem-Bem roubar as galinhas da vizinha dele [de Adamastor], para irem comer no rio. Aí Cícero foi pulou no muro de Adamastor e não no da vizinha, pegou as galinhas de Adamastor... os dois foram para o rio junto com outros homens, comeram as galinhas todas! Só depois é que Adamastor descobriu que as galinhas que eles haviam comido eram as dele e não as da vizinha (BANDEIRA, 2008).

Os relatos de memória da Sra. Bandeira permitem- nos algumas reflexões sobre as práticas furtivas em Pombal durante os anos por nós estudados. Cícero de Bem-Bem “foi preso mais de mil vezes”, a hipérbole usada pela nossa colaboradora sugere que não havia uma punição adequada para aquele tipo de delito, pois se houvesse certamente este homem não teria sido preso tantas vezes. A informação também indica que embora muitos dos nossos depoentes afirmem que havia poucos ladrões ou furtos em Pombal, na verdade, casos de roubos eram praticados diariamente, já o número de ladrões, este sim parece que era pequeno, pelo menos foi isso que nos disseram os antigos moradores de Pombal.

Mas por que a maioria dos nossos colaboradores afirmaram “que quase não tinha esse tipo de coisa aqui”? (FARIAS, 2008). O maior número de roubos acontecidos na cidade era de fato o roubo de galinha e de jumentos. Talvez em face de ser o objeto desse crime animais de pouco valor. Pelo menos para a elite, esse tipo de ocorrência eradesconsidera pelos pombalenses dos diferentes segmentos sociais, o que não quer dizer que as vítimas não se importassem.

Olhe, nos dias que não tinha lua, os bicho (sic) ruim vinha e carregava as galinhas da gente. Uma vez levou os dois jumentos que meu pai que me criou botava água. Os bichinhos, né? sem falar que atrapalhou o serviço de meu pai. Mas só tinha esse tipo de coisa assim, ninguém ouvia dizer de ladrão ter roubado jóias, dinheiro essas coisas não. Era difícil! (VIANA, 2008). *grifos nossos*

Ficou perceptível na fala da Sra. Viana que aqueles pequenos furtos talvez fossem desconsiderados pelas próprias vítimas, que pareciam acreditar que roubos mesmo, dignos de punições seriam aqueles cujos objetos lesados fossem de grande valor. Isso nos remete a uma outra questão: mesmo que os bens retirados, fortuitamente, dos pobres tivessem pouco valor mercadológico, não eram eles muitas vezes indispensáveis à vida de tais pessoas, corroborando para a subsistência familiar dos menos afortunados? Assim, percebemos que os padrões valorativos das elites foram também incorporados pela não-elite¹⁴⁶.

Os depoimentos da Sra. Edianete Farias Bandeira ainda trazem alguns problemas. Tratando-se Pombal de uma cidade pequena, todos, ou quase todos os habitantes daquele lugar ficavam conhecendo os golpistas, e o caso de Cícero de Bem-Bem vem comprovar isso, o que torna a assunto mais abstruso, afinal, “era o ladrão mais conhecido”, motivo pelo qual as pessoas deveriam, dentro da lógica capitalista e dos novos padrões de sociabilidades que eram introduzidos pelas elites no contexto de modernização da cidade, afastar aquele tipo destoante. Contudo, aquele homem tinha relações sociais com pessoas dos diversos segmentos, o que parece ser mais um indício de que as mudanças desejadas e difundidas pelos defensores da modernidade não eram vividas igualmente por todos os moradores daquela urbe.

Mas o que levava Cícero de Bem-Bem a praticar aquele tipo de delito? Segundo os antigos pombalenses, Cícero passava por muitas privações econômicas. Ele era pescador, “seboso que só ele. Pois no lugar de tratar os peixes no rio, ele tratava nos esgotos das ruas e lavava com aquela água do esgoto. Mas o povo comprava” (BANDEIRA, 2008). Ainda que as pessoas comprassem seus anti-higiênicos peixes à renda extraída daquele comércio certamente era insuficiente para alimentar-se. Assim, graças às informações da Sra. Raimunda Santana Evaristo, delineamos uma hipótese: talvez os delitos fossem cometidos intencionalmente, não só por esse homem, mas por outros ladrões de galinha da cidade, e o motivo para isso é que “todas as noites era servido por Seu João Facundo, o carcereiro, um farto jantar para os presos” (EVARISTO, 2008). Talvez, não. É possível também que o jantar fosse só um detalhe, pois com a venda dos produtos roubados, os gatunos obtinham dinheiro suficiente para garantir mantimentos por dois ou três dias. Mas esses ratoneiros não agiam sozinhos, pois conhecidos como certamente eram, as pessoas deveriam desconfiar da procedência dos seus produtos [galinhas]. Mas parece que essa era uma preocupação que não existia.

¹⁴⁶ A expressão “não-elite” é utilizada por Peter Burke para designar os grupos nomeados como “populares”. Ver BURKE, Peter. **Cultura Popular na Idade moderna**. São Paulo, Companhia das letras, 1989.

No que diz respeito aos atos indecorosos de Cícero, chamou-nos a atenção as suas astúcias, o que nos leva a pensar que talvez ele praticasse aqueles atos por diversão. Enfim, não há como sabermos quais os motivos que levavam este e os demais ladrões a cometerem tais práticas, contudo, independente dos motivos, este era um tipo de comportamento não condizente com a cidade dita moderna, logo deveria ser eliminado. Mas não foi, pois ainda que tenha sido preso várias vezes, aquele homem ao ser solto voltava a praticar a mesma falta, o que exprime um certo desrespeito às autoridades locais.

Porém, esse tipo de delito parecia, de fato, não preocupar os pombalenses, eram os furtos maiores, cometidos especialmente durante a Festa dos Negros que preocupavam, uma vez que, a circulação constante de pessoas nas ruas tornava ainda mais difícil o policiamento, ficando a maioria dos crimes dessa natureza impunes.

Outro aspecto que pode ser percebido e problematizado no episódio narrado pelo Sr. Raimundo, diz respeito ao caráter popular da festa¹⁴⁷. O nosso depoente pertencia aos segmentos econômicos mais baixos, e sua ida à Capital do Brasil, não foi em hipótese alguma a passeio, tampouco a estudos, mas em busca de trabalho.

E, mesmo tendo sido frustrado em sua aventura, é possível perceber nas palavras do depoente que se a viagem, não lhe permitiu conseguir um emprego, ainda assim, lhe foi muito útil na vida social. Afinal, ir ao Rio de Janeiro era, e ainda é, o sonho de consumo de muitos pombalenses. Raimundo havia viajado com o objetivo de ganhar dinheiro, melhorar de vida, ser moderno, inserir-se nas rodas de conversas da elite e... usufruir da vida boêmia que esse grupo partilhava. Ao voltar a Pombal, pelo menos em termos de sociabilidade seus desejos foram alcançados. Todos queriam saber como foi a estadia na Cidade Maravilhosa. O jovem rapaz não se acanhava em aproximar-se das rodas de conversas regadas à cerveja para contar algumas de suas aventuras.

Raimundo passou a ser considerado uma pessoa importante, e diante de sua nova condição, ele não poderia ficar de fora daquela que era e ainda é a festa mais tradicional da cidade, a Festa do Rosário dos Pretos.

Realizada desde o final do século XIX, nas primeiras décadas do século XX, a “festa dos negros de Pombal” já era considerada por homens e mulheres dos diversos segmentos sociais um evento de grande importância. Na realidade,

¹⁴⁷ Sobre a concepção de cultura popular e cultura de elite ver CHARTIER, Roger. **História Cultural: entre práticas e representações**. Lisboa: Difel, 1990. Ver também os conceitos de circularidade cultural em BAKHTIN, Mikhail. **A cultura popular na Idade Média e no Renascimento, o contexto de François Rabelais**. 4 ed. São Paulo- Brasília, HUCITEC, 1999; e GINZBURG, Carlo. **O queijo e os vermes**. 3ª edição. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.

Essa festa se tornou o maior acontecimento da cidade. Era a festa do ano! A mais chique de Pombal! Logo, era naquela ocasião que as pessoas, fossem ricas ou pobres, podiam mostrar suas roupas, a moda, sabe? A festa acontecia na frente da Igreja e dos lados, sabe? Havia barracas. As barracas da Igreja e as outras barracas. Nesse tempo, havia também os parques de diversões... e muita gente bonita e elegante. O povo daqui toda vida gostou de andar arrumado, na moda sabe? Até quem não podia, quem não tinha condições econômicas gostava de andar na moda. (...) Sim, e tinha também aqueles grupos folclóricos de negros. Os Pontões e os Congos que se apresentavam durante a procissão e na hora da missa. Até hoje eles se apresentam. (...) toda a vida foi muito freqüentada essa festa, aliás, ainda é (SOUSA, 2008B).

Observe que o Sr. Raimundo faz referência às apresentações culturais dos grupos negros, como uma prática secundária naquela que era por excelência a “Festa dos Negros”, o que acontece talvez por desconhecimento das origens daquele festejo, o que é ainda muito comum na cidade de Pombal.



IMAGEM 25 – GRUPO CULTURAL PONTÕES – 1947 (Fonte- Acervo de Verneck Abrantes de Sousa)

A imagem além de mostrar a apresentação dos Pontões, evidencia o desinteresse da população de Pombal pelas manifestações culturais do grupo, o que se percebe pelo pouco número de espectadores ali presentes na ocasião em que o fotógrafo registrou suas impressões. Observe também que não há nenhuma mulher na cena. A projeção da sombra daqueles homens no chão de terra indica ainda que era de três para quatro horas da tarde, momento de muito calor nas ruas de uma cidade sertaneja como Pombal, o que nos leva a pensar também que talvez o momento reservado às práticas culturais daquele grupo fossem pensadas no sentido de evitar a participação popular. Se foi esse o interesse de alguns pombalenses, não temos certeza. Entretanto, a imagem indica que indiferentes à falta de público, os Negros dos Pontões, realizaram com orgulho sua dança-combate.

De fato, “toda vida foi muito freqüentada aquela festa”. Mesmo se tratando de uma festa de negros, é importante percebermos que tla prática era vivenciada por todos os pombalenses, o que ocorria por motivos diversos. Mas para além das sociabilidades, o depoimento do Sr. Raimundo Formiga de Sousa, alude para a inserção da Festa dos Negros no contexto da modernização que ocorria em Pombal.

Em 1944, a Sra. Francisca Dantas de Farias fez sua primeira visita a Pombal, o que ocorreu na semana da Festa do Rosário. Ela tinha 18 anos. Deixemos que ela nos conte sua experiência:

A primeira vez que eu vim a Pombal, quando eu cheguei fiquei assim deslumbrada! Era tanta coisa bonita que eu nunca tinha visto. A Igreja enorme, muito bonita. Vim logo numa Festa do Rosário, gostei muito. Nunca tinha visto uma festa... Agora ouvir falar? Ah, ouvi muito. O povo falava demais nessa festa. Falava que era muita gente, muito luxo, que o povo era muito arrumado. Eu tinha uma vontade de vir... mas não podia, papai não deixava. O povo era muito bem vestido. Quando eu vim para a festa fiz roupa nova, claro né? A festa era do lado de fora da Igreja. Tinha duas barracas, a azul e a encarnada, eu fiquei na encarnada, eu fiquei muito encantada, a barraca tinha o formato de navio e a azul era de avião, eu sei que por (sic) fora a gente via que era o navio e o avião (...) E tinha umas moças muito bonitas trabalhando. Só ficava nas barracas o povo mais ou menos. Parece que tinha uns leilões, mas eu não prestei atenção porque eu fiquei só passeando na praça, aquela comprida. Dali (sic) da Coluna do Relógio até perto da outra igreja [A Matriz de Nossa Senhora do Bom Sucesso], o povo passava a noite todinha subindo e descendo, só passeando. Sentindo o cheiro dos perfumes. Sentia! Ah, eu fiquei encantada. Nunca tinha visto coisa melhor! (FARIAS, 2008).

Nas palavras da nossa colaboradora é possível percebermos o caráter modernizante dessa festa, expresso na moda, no luxo, na multidão, enfim, nas práticas de consumos que aconteciam ali. Observe também que em nenhum momento nossa colaboradora fez referência aos festejos religiosos. Sobre a missa, a procissão, a resposta foi surpreendente:

Eu não lembro. Sei que passei a noite do sábado passeando, as meninas tudo namorando... e eu ali encolhida, não tinha namorado! Não ganhei nenhuma maçã do amor, nem rosa, nem nada. Não tinha quem desse. Eu só fui para a procissão no domingo à tarde. Mas o interesse do povo era a festa. Era um fanatismo medonho por festa. Ai tinha os Pontões, eu sei que eles entravam nas casas para pedir dinheiro ao povo, agora eu não vi não. Sim, e nas barracas tinha cerveja. Eu nunca havia tomado cerveja na vida. Ai tomei naquele dia, gelada! Deu uma dor de dente, parecia que o dente nunca tinha visto cerveja! (FARIAS, 2008)

Note nos relatos da Sra. Farias que o desejo e o encanto da Festa do Rosário dos Pretos estava especialmente nas práticas não-religiosas. Foi o tamanho da cidade e sua arquitetura que chamou a sua atenção. Depois a multidão, as roupas, os passeios, o cheiro, os namoros... as brincadeiras. Quanto à cerimônia religiosa, ela deixa claro, não era do seu interesse, como parecia não ser do interesse da maioria dos visitantes e dos pombalenses, fossem eles, dos grupos nomeados como populares, ou daqueles pertencentes aos grupos nomeados como elites.

Mas os relatos de memória dessa senhora nos informam que aquela festa era um momento não só de interações entre ricos e pobres, mas também de segregações¹⁴⁸. A Festa da elite passava-se especialmente nas barracas da igreja, a azul e a encarnada. Barracas que eram como bem assinalou essa senhora, servidas e freqüentadas só por pessoas “mais ou menos”. Contudo, uma informação muito pertinente vem mostrar que essa divisão não era tão rígida e que outros conflitos perpassavam àquela festa. As barracas eram também motivos de discórdia entre os cidadãos pombalenses.

As barracas eram só da elite inicialmente. Com o tempo foi ficando mais fraca aí os pobres começaram a poder entrar, mas antes era só a nata da sociedade. Era um luxo. Nós passávamos o mês todinho preparando as coisas para enfeitar as barracas. Tinha a azul e a encarnada. Era uma divisão, a sociedade ficava dividida. Era uma rivalidade medonha, dava até briga. Titio [Otacílio] era da azul e nós [filhas de Sr. Mizinho] éramos da vermelha. Titio só faltava matar a gente. Aí nos dias de festa era aquela disputa pra ver quem arrecadava mais dinheiro. Aí as garçonetes éramos nós. Só tinha gente da sociedade! (CASTRO, 2009).

Mesmo que nossas colaboradoras afirmem que nos pavilhões da Igreja só os ricos podiam entrar, havia exceções, algumas moças de famílias humildes adentravam àqueles territórios que nem sempre as recebiam de bom grado. Também alguns homens pobres freqüentavam as barracas, claro, sempre que estivessem acompanhados de algum homem influente, como é o caso do jovem Raimundo de Sousa, que ainda que suas condições sócio-econômicas não permitissem seu acesso aqueles espaços, sua amizade com os filhos do Sr. Mizinho, o conduzia aos leilões das Barracas da Igreja, conforme afirmou o Sr. R. Sousa (2009). No entanto, o fato de estarem acompanhados tornava a pessoa mais ou menos desejada naqueles territórios, pois, mesmo que no dia-a-dia, ricos e pobres mantivessem um relacionamento saudável, aquela festa era um momento de afirmação social. De forma que as relações sociais da urbe não podem ser definidas a partir daquela festa, isso porque, a Festa dos Pretos era uma das poucas ocasiões em que os moradores

¹⁴⁸ Também nos relatos de memória do Sr. Raimundo Formiga de Sousa e das Sras. Maria Adélia Felinto, Maria do Bom Sucesso Medeiros Nóbrega; Zulmira Ferreira Viana, entre outras, fica evidenciado esta separação entre pessoas dos segmentos populares e os membros da elite.

de Pombal podiam exhibir-se para os visitantes das cidades circunvizinhas, ou para outros pombalenses, mostrando que “a cidade estava no nível da moda”.

Viche! Quando uma pessoa pobre ia pras barracas. Aí aquelas moças mais ricas olhava (sic) a pessoa dos pés à cabeça que era pra ver se a pessoa estava adequada pra estar ali. Se não estivesse... era melhor nem ir (EVARISTO, 2008).

Ainda que existissem distinções sociais marcadas pelas vestes e mais precisamente pela condição econômica, sem dúvida o ato de praticar ou consumir aqueles espaços indica também a não aceitação da exclusão dos quais eram vítimas os pombalenses dos estratos sociais mais baixos.

É importante não esquecer que outros problemas sociais, de cunho moral, ligados ao aumento do fluxo de pessoas na cidade, encontravam naquela festa um terreno propício para se desenvolver. De fato, podemos dizer que a festa em devoção à Nossa Senhora do Rosário juntavam-se práticas profanas¹⁴⁹. E não ao acaso, afinal, eram poucas as oportunidades de diversões oferecidas na cidade. Assim, aqueles momentos podiam até escandalizar alguns, mas certamente, tornavam mais felizes as noites de muitos pombalenses.

A Sra. Rita Dantas nos contou sua impressão sobre as práticas “mundanas” ocorridas durante a festa religiosa:

Deus me livre! Desse mal eu não vou morrer. Quando eu ia pra festa, eu ficava só na Igreja e nas coisas de Deus. Eu sei que era uma perdição, as moças com coisa feia com os rapazes, era um fogo! Eu não, Deus me livre, nunca quis saber dessas coisas não, eu não passava nem perto da praça, que lá só tinha namoro e agarramento (DANTAS, 2008). *grifos nossos*.

Ainda que afirme que não passava nem perto da praça, a nossa depoente aponta os comportamentos que ela julga ser uma “coisa feia”. Mas, como ela ficava sabendo daquelas coisas? Suponho que a Sra. Rita Dantas tenha ouvido falar, ou mesmo passado na praça, ocasião em que teria visto os namoros que considerava “escandalosos”¹⁵⁰. Claro que não era novidade esse tipo de comportamento naquela cidade. Na realidade, a chegada da energia elétrica e depois do trem contribuiu sobremaneira para o aumento daqueles comportamentos. Contudo, mesmo que tenham surgido novas sensibilidades em Pombal

¹⁴⁹ Sobre isso Ver: SOUZA. Antonio Clarindo Barbosa de. Do Pecado ao perdão: A procissão da “Sexta-feira Santa”. In. **Lazer Permitted, Prazeres Proibidos: Sociedade, Cultura e Lazer em Campina Grande (1945 – 1965)**. 2002. Tese (DOUTORADO EM História do Brasil) – UFPE, Recife.

¹⁵⁰ Expressão usada pela Sra. Rita Dantas em entrevista concedida a **Helmara Gicelli Formiga Wandeley em 05.07.2008**.

naqueles anos, muitos assuntos ainda eram considerados verdadeiros tabus, ou “coisa do Diabo”.

Mas nem todos concordavam com tais idéias. Influenciados pelos jovens que vinham de outras cidades, especialmente os que viviam na capital do Estado, a juventude pombalense vivia novas sensibilidades. A Sra. Valdete Dantas da Silva lembra que,

Ah, tinha umas moças de família que estudavam em João Pessoa, essas moças pintavam e bordavam! Eram todas pra frente, bebiam, fumavam, se agarravam, iam pra o rio sozinhas com os rapazes. Era desmantelo! Agora elas era(sic) a chiqueza (sic) da festa. Ai as moças daqui era tudo imitando elas (...) Agora tinha as pessoas religiosas né? Quem mais participava da parte religiosa era (sic) as pessoas mais velhas. Os jovens não, iam para a festa namorar, beber, se divertir. A gente subia e descia a praça Getúlio Vargas, aí quando arranjava um namorado se aquietava, sentava num banco e ia namorar, ou então... ficava numa barraca com o pai e a mãe olhando com os olhos deste tamanho que era para não fazer nada de errado. Mas basta! Quando os pais não estavam olhando era tudo se agarrando (SILVA, 2008).

E continua,

Agora tinha as moças que iam na conversa bonita dos cabras [homens], ai quando terminava a festa era os pais tudo doido. E sê tá (sic) pensando o quê? Eles casavam, nem que fosse na marra! Quando não casava, o que era muito difícil, o pai mandava a filha ir estudar fora, pra abafar, sabe? Mandava para João Pessoa ou para Recife, quando tinha condição, quando não tinha o jeito era casar, nem que fosse para sair um por uma porta e o outro pela outra (SILVA, 2008).

Fica evidente nas falas das nossas depoentes o caráter mundano da festa. Farras, bebedeiras, jogos de azar, namoros, sexo... Tudo isso era muito comum naquela celebração que parecia manter o culto à santa apenas como pano de fundo para os festejos profanos. Nessa festa, tudo, ou quase tudo, era permitido. Pombal vivia uma nova temporalidade. As ruas da cidade e seus habitantes se transformavam. E não por acaso, à medida que eram introduzidos novos equipamentos modernos, surgiam novas formas de se relacionar com o espaço e com as pessoas, novas maneiras de sentir. A sensibilidade, traduz-se, de acordo com Gruzinski, “em sensações e emoções, na reação quase imediata dos sentidos afetados por fenômenos físicos ou psíquicos, uma vez em contato com a realidade” (2007, p.10).

Sobre as formas de praticar a festa religiosa a Sra. Valdete Dantas da Silva nos contou que:

Não era todo dia que tinha uma festa como aquela aqui [em Pombal]. O povo esperava o ano inteiro. Todo mundo participava. Era rico, era pobre, era tudo. A festa começava de madrugada com os fogos. O povo ia trabalhar em clima de festa. E quem não trabalhava passava o dia todinho andando pelas barracas, brincando no parque, fofocando e namorando. As

moças era tudo se arrumando, passeando na rua, flertando. E os pais não proibiam não! Também eu acho que eles pensavam que elas [as filhas] estavam era interessadas nas coisas de Deus. Basta! A maioria das moças ia pra Igreja só pra sair de casa. Nas reuniões do coral mesmo, o que dava de namoro, ah, se papai soubesse, eu não tinha nunca ido olhar a um ensaio do coral (SILVA, 2008).

O Sr. Raimundo também nos falou sobre as ocasiões em que os prazeres e/ ou lazeres suplantavam os momentos de devoção religiosa,

Todos os dias da festa eram de farras. Começava logo cedo e era o dia inteiro. Ninguém ficava cansado para farra não, né? Mal amanhecia e as barracas já estavam cheias de gente, a maioria era homem. As moças de família, só passavam na frente, tudo arrumada com uns perfumes bom (sic), ficava insinuando, quando a gente pensava que ia namorar, elas se escondiam (risos) era muito boa essa fofoca. E às vezes saia uns namoros. Era bom demais! (SOUSA, 2008B).

Mas se namorar “era bom demais” para os homens, para os pais das moças, isso representava uma ameaça à honra de sua família. Assim sendo, seguramente, havia um grande esforço das mães e dos pais para convencer suas filhas de que flertar e/ ou namorar era algo ruim e pernicioso.

A gente não entendia nada! Também era assim: um dia papai disse que não era pra eu andar com uma mulher que morava perto da casa da gente [na Rua da Cruz, próximo ao centro da cidade], ai eu perguntei o porquê. Ele disse, _porque ela não é companhia, e eu de novo, _por quê? _Porque ela não presta. _Por quê? _Porque ela faz coisas erradas. _E o que é que ela faz de errado? _ coisas que eu não vou nem pronunciar o nome. Ai um dia eu fui para a festa do Rosário com uma conhecida e papai:_ você tenha cuidado com os rapazes, não vá se perder. Ai eu boba, ô pai eu desse tamanho, o Sr. Acha que eu vou me perder em Pombal? (risos) Basta era um medo tão grande de falar sobre namoro, sexo, que a pessoa ficava sem entender nada! E era até pior. Eu acho. (VIANA, 2008B).

Se por um lado a festa ameaçava os “bons costumes” de Pombal, o inverso também acontecia. Naquela ocasião, prostitutas, bêbados, ex-presidiários e outros tipos destoantes eram vistos nas celebrações religiosas, aparentemente tomados pela fé na Santa do Rosário.

Ah! durante o dia as quengas do Rói era tudo virada (sic) nuns diabos, destruindo os lares, bebendo com os homens e você sabe fazendo o quê. Ai na hora da missa, tinha delas que usava até véu (riso) parecia umas santas... do “pau oco”. Também mal o padre dizia amém, ai elas já se depravavam de novo. Mas tinha umas que queria passar por moça, aproveitando que tinha muita gente de fora na cidade. (SOUSA, 2008B).

O comportamento das meretrizes, longe de ser considerado um ato de devoção religiosa, era visto pela elite pombalense, como uma afronta à moral da sociedade, como um atentado ao pudor.

Claro que não nos cabe julgar ou questionar a fé desse grupo, aliás nem é nosso propósito. Contudo, diante da marginalização que sofriam cotidianamente, a festa dos pretos era a ocasião ideal para esconder-se ou perder-se na multidão de transeuntes e talvez, num golpe de sorte mudar de vida!

Menina, tinha uma danada, a gente conhecia ela por pequena. Quando a gente viu, lá vinha um amigo da gente¹⁵¹ de mãos dadas, todo empolgado, como um casal de namorados. Apresentou ela pra gente, nem lembro o nome dela, e nós ficamos calados, só olhando. Ninguém teve coragem de dizer nada. Só no outro dia foi que a gente disse: _essa moça é uma das raparigas do Rói! E ele acreditou? Acreditou breu. Já estava era apaixonando. Também, ela era muito bonita. Ai depois ele descobriu e foi pejeja pra ele largar dela (SOUSA, 2008B).

Além das prostitutas, naqueles dias as pombalenses “desejáveis” deparavam-se ainda com muitos bêbados, em face do quê, vez por outra, durante o sermão da missa alguns desses homens dirigiam-se até o palco montado para a celebração da missa, proferindo palavras malsãs, outros chamavam a atenção por cantar desafinadamente os hinos católicos:

*Com minha mãe estarei
Na santa glória um dia
Junto com a Virgem Maria
No céu triunfarei
No céu, no céu
Com minha mãe estarei...*

E havia aqueles que escandalizavam a sociedade com seus excessos

*...Com uma idéia sensata
Aumento mais a cantiga
Que importa que alguém diga
Que o poeta é au-co-lá-tra
Porém ela não me mata,
Me dá o mais, tanto abrigo,
Por isso que eu digo
que eu aprecio aguardente!*

*Vivo no mundo tomando uma cana pré-pa-ra-da
Porque ela me agrada e eu irei apreciando
Pois me deixa calibrado*

¹⁵¹ O nome do homem foi omitido a pedido do depoente.

*E eu dou provas de consciente alegria
Assim é num instante
Quando chego em uma festa
E um bêbado conhecido
Já pediu pra mim aguardente...*¹⁵²

A Festa do Rosário¹⁵³, assim como outros eventos de “tradição católica associou, às comemorações litúrgicas, festejos profanos” (BENJAMIN, S/D, p. 33). Fato é, que no decorrer dos anos, foi o caráter mundano da festa que adquiriu destaque e a culpabilidade dessa mudança de foco foi responsabilidade também dos párocos locais que faziam da festa um verdadeiro comércio, que enchia os cofres da igreja. Nas barracas da Igreja vendia-se de tudo: cerveja, flores, bilhetinhos de amor (sendo estes entregues pelas lindas moças da sociedade local), banana, rosas, suspiros, maça caramelada, galinha, carneiro, porco, sucos e, para os mais dispostos a gastar havia ainda os leilões. Nas barracas, aconteciam encontros e desencontros, alguns propositais, outros não.

¹⁵² Não estamos afirmando que os versos acima de autoria dos senhores Lourival Batista Patriota e Dimas Guedes Batista Patriota foram cantados nos momentos das celebrações religiosas, sua utilização aqui é meramente ilustrativa, indicando ao leitor que havia um grande consumo daquela bebida na cidade durante as homenagens feitas a Nossa Senhora do Rosário. Também é preciso afirmar que, segundo os nossos colaboradores, ainda que os populares consumissem aguardente, os homens e até mesmo algumas mulheres da elite consumiam grande quantidade de bebidas alcoólicas, sendo a mais freqüente naquela festa a cerveja Antártica que na ocasião era servida geladinha. Disponível em http://www.sescp.org.br/sesc/hotsites/missa0/cd02_frameset.html consultado em 12.01.2009.

¹⁵³ De acordo com Roberto Benjamin, as Irmandades negras surgiram no Brasil desde o século XVII e “embora a princípio fosse uma comunidade religiosa exclusivamente de escravos (só depois surgiram os forros), a irmandade recebia do estado e da Igreja já um status igual ao das Irmandades dos brancos e dos livres” (BENJAMIN, S/D, p. 28-29). Em Pombal a Irmandade dos negros foi criada tardiamente, já após a abolição da escravidão, se colocando como uma das principais formas de afirmação dos negros naquela comunidade.



As barracas da Igreja organizadas pelas senhoras das elites locais tinham como destaque as lindas garçonetes, o que enchia os olhos da rapaziada que, muitas vezes, sentava-se à mesa só para cortejar alguma daquelas meninas. A escolha das garotas para participar do cordão dava-se a partir de alguns critérios: ser bonita, simpática, de boa família e estar engajadas nas atividades religiosas. As moças ao lado, eram as “Filhas de Maria”, por isto pertenciam à barraca Azul. Já as jovens da barraca Vermelha faziam parte do “Apostolado da Oração”.

IMAGEM 26 - Garçonetes da Barraca Azul -1943 (Fonte: Arquivo familiar da Sra. Maria do Bom Sucesso Medeiros Nóbrega)

Os clérigos, pareciam não se incomodar com aquelas práticas, “muito pelo contrário, eles participavam de tudo, sentavam nas barracas dos ricos e bebiam, comiam e... ganhavam dinheiro” (SOUSA, 2008C). Proibir tais práticas seria para eles um mau negócio.

Mesmo depois da abolição, os negros que habitavam em Pombal e em outras partes do Brasil, continuaram a se submeter às jornadas extenuantes de trabalho braçal, o que poderia provocar conflitos sociais de grandes proporções. Assim, o culto a um santo era antes de tudo uma forma de minimizar as tensões e uma forma de lazer¹⁵⁴. Por um lado, o lazer do dia dedicado ao Santo era um mecanismo de resistência dos pretos que tiveram seus ritos incorporados às liturgias cristãs. Também o inverso aconteceu, pois às celebrações cristãs foram incorporadas as expressões culturais dos negros. O culto aos santos constituía também um momento de evasão, uma fuga do trabalho, um momento de não-trabalho. Por outro lado, a criação da Irmandade, apresentava-se para as elites brancas como um instrumento de dominação dos brancos sobre os negros, que aos poucos, abandonariam suas práticas religiosas, consideradas, sob o ponto de vista da elite branca, como incivilizadas. Todavia, para os negros, a criação da Irmandade representava a força do grupo, a resistência negra à imposição de valores culturais que destoavam dos seus.

Tal concepção é demasiadamente simplista, usando as palavras de Soihet (1992), uma vez que ignora a complexidade das manifestações populares expressas nas

¹⁵⁴ De acordo com Benjamin, “a devoção religiosa estava sempre ligada ao lazer. Ao crescer a dedicação a um santo ou uma invocação de Maria ou de Jesus, a data passava a ser santificada, isto é, dia de lazer e de festejos profanos” (BENJAMIN, S/D, p. 33). Sobre a relação trabalho e lazer ver: DUMAZEDIER, Joffre. **Lazer e Cultura Popular**. São Paulo, Perspectiva, 1976.

atitudes, nos valores e nos comportamentos daquele grupo. A autora evidencia que é a “festa’ o cenário privilegiado, onde podemos encontrar características essenciais de culturas diversas. Na festa, afirma Soihet, “estão presentes aspectos expressivos do universo cultural dominante; por outro lado, aí se encontram imbricados elementos próprios da cultura popular, com suas tradições, seus símbolos, suas práticas” (SOIHET, 1992, p. 46). Assim, dizendo de outra forma, é dentro das festas que os valores culturais da elite se entrelaçam aos valores dos populares¹⁵⁵ influenciando-se reciprocamente.

Sem dúvida, a criação da Irmandade do Rosário, foi fruto de negociações entre os brancos e os negros. Este último grupo, certamente, via na prática de incorporação dos valores cristãos uma condição essencial para serem aceitos numa sociedade prioritariamente branca.

Se havia tensões sociais em Pombal entre os negros da Irmandade do Rosário e os brancos, havia também ocasiões de boas sociabilidades. Tanto havia que nas festas dos negros, os brancos eram presença certa! Tal idéia nos leva ao seguinte questionamento: mesmo em face da abolição, as práticas discriminatórias eram muito comuns em todos os cantos do país. Em Pombal, a situação não era diferente¹⁵⁶. O racismo era também uma marca da elite pombalense. Em face disso, o que teria motivado os brancos a participar das celebrações da Festa do Rosário? Quais teriam sido os motivos para que homens e mulheres brancos dos mais diferentes estratos sociais se deslocassem até aquela freguesia para participar de um rito católico?

A nossa hipótese é de que, os motivos de ordem material foram os maiores responsáveis pelo crescente deslocamento de pessoas até Pombal. Nesse sentido, O Sr. Pedro Junqueira Júnior afirma: “A festa atraia os filhos ausentes da terra [de Pombal], os moradores da zona rural, de outras cidades e até de outros Estados”(JUNQUEIRA JÚNIOR, 2008).

E continua,

A festa do Rosário atraia uma grande multidão. Era muito importante para a economia do município. O consumo de bebidas, de alimentos, era

¹⁵⁵ Segundo o Dicionário Digital Aurélio Buarque de Holanda Ferreira – Século XXI, o termo popular significa: 1.do, ou próprio do povo: hábitos populares; 2.feito para o povo; 3.agradável ao povo; que tem as simpatias dele; 4. democrático; 5.vulgar, trivial, ordinário; plebeu. Já o vocábulo povo é entendido como: 1.conjunto de indivíduos que falam a mesma língua, têm costumes e hábitos idênticos, afinidade de interesses, uma história e tradições comuns; 2.os habitantes de uma localidade ou região; 3. povoado; 4.aglomeração de gente; multidão; 5. o conjunto das pessoas que constituem o corpo de uma nação, que se submetem às mesmas leis; 6.o conjunto das pessoas pertencentes às classes menos favorecidas. É importante notar que somente na quinta acepção é que o termo é compreendido como a totalidade dos habitantes de um território, elite e pobres.

¹⁵⁶ Conforme Wilson Seixas, o maior empecilho à criação da Irmandade no final do século XIX foi o pároco local, que se mostrava demasiadamente racista (SEIXAS, Wilson. O velho Arraial de Piranhas. João Pessoa: Garfset, 2005)

enorme... as lojas que vendiam tecidos, nessa época traziam muitas novidades, vendiam de tudo! Nas barracas, no Bar, o consumo era muito grande (JUNQUEIRA JÚNIOR, 2008).

O Sr. Raimundo de Sousa também aponta o consumo como um fator para o reconhecimento da festa pelos segmentos mais abastados:

Ah, o povo juntava dinheiro o ano todinho só para gastar na Festa do Rosário. A única roupa nova que comprava era para aquela festa. Logo o dinheiro era curto. Ai juntava e quando era na festa gastava tudo com roupas, parques, comidas, cachaça (risos) e com as namoradas! (SOUSA, 2008C).

Sem dúvida, a economia motivou a participação e o apoio da elite local, que via na Festa do Rosário um meio de aumentar seu patrimônio material.

Quando era próximo da Festa do Rosário, o povo era logo comprando as fazendas [tecidos] para fazer as roupas. Os ricos iam comprar fora, em Campina Grande, João Pessoa, Recife e até no Rio de Janeiro. Dona Nena era uma que quando chegava, era as moças tudo lá pra ver as novidades da moda. Ela era muito moderna, ai quem podia copiava a roupa dela, né? As moças pobres, não ficam de fora da moda não. Elas não tinham os tecidos bons não, era fraquinho. Agora o modelo elas faziam igual, parecido, né? Você notava logo que era coisa fraca. Já os homens, os ricos, era de linho, sapatos Luis XV, os pobres coitados... a maioria era de camisa e calça, sapato? Era difícil, mas tinha. Quem é que não queria ser moderno. Eu mesmo só queria andar na moda. Não podia, mas queria (SOUSA, 2008C).

A festa era também o momento de afirmação social. As roupas, os espaços freqüentados, os consumos, tudo indicava ou denunciava o status social.

A foto a seguir é bem elucidativa sobre este assunto. É possível identificarmos as pessoas pelas vestimentas e adereços que estão usando. Note no destaque que apesar de usar roupas parecidas, há grandes diferenças entre as duas moças que certamente pertencem a classes sócio-econômicas distintas.



IMAGEM 27 - Procissão do Rosário – 1939 (Fonte: Arquivo familiar da Sra. Benta Carneiro dos Santos)

O início das celebrações em homenagem à Nossa Senhora do Rosário era marcado pela procissão que conduzia o Rosário até a Rua do Rosário. O cortejo era organizado por mulheres da elite que sempre iam à frente dos devotos, destacando-se entre os demais por suas vestes elegantes. A imagem mostra que nas laterais do andor posicionavam-se crianças e adolescentes, todas vestidas em roupas brancas e com coroa de flores em suas cabeças, eram os anjinhos do Rosário. No centro também os homens dispuseram-se em filas. Alguns vestiam camisas azuis com golas brancas, eram os negros da irmandade do Rosário. Mas também os Negros dos Pontões estavam nesta procissão, um pouco mais atrás. À frente, no primeiro plano temos o vigário da paróquia, alguns pequenos anjos, o coroinha e as figuras reais da festa, o rei e a rainha do Rosário. As imagens também mostram que havia na ocasião crianças pagando promessas, vestidas em túnicas provavelmente marrons e de pés no chão.

Apesar de haver um bom número de fiéis na cena, chamou-nos a atenção o fato de não haver neste cortejo nenhum homem da elite, o que vem reforçar a negligência destes para com os festejos sacros. Mas enquanto a maioria deles dormia ou fazia outra coisa qualquer, um solitário senhor, possivelmente deste segmento, assistia ao cortejo da torre da Igreja.

Mas se a festa movimentava a economia de Pombal, é importante destacar que não só os comerciantes da cidade ficavam com os lucros. Durante as festividades uma série de “vendedores ambulantes chegavam de outros lugares, de forma que as somas gastas pelos devotos e não-devotos, eram também capitalizadas por forasteiros. Era vendedor de algodão doce, de pipoca, maçã caramelada (a maçã do amor!), vendedor de brinquedos, ciganos que vinham para ler o futuro, palhaços, dançarinas...e muito trambiqueiro (sic) também!” (SILVA, 2008).

Observando as palavras da Sra. Nira da Silva evidencia-se mais uma vez o aumento do fluxo de pessoas nas ruas da cidade. Pombal se tornava durante aquela festa, uma cidade difusa, populosa, desviante. A multidão nas ruas representava uma ameaça às boas sociabilidades dos habitantes daquela cidade. A elite, investida do espírito de modernidade, desejava, além de ficar com os lucros, conduzir os festejos de forma que se eliminasse das homenagens à Nossa Senhora do Rosário as práticas que ela considerava como arcaicas¹⁵⁷ e até demoníacas. Contudo, o que percebemos a partir das lembranças dos nossos colaboradores é que mesmo diante dos esforços empreendidos por este grupo para higienizar a sociedade e a cidade, as mudanças não aconteciam no ritmo esperado.

Depois dos motivos de ordem material, o que atraía as pessoas a Pombal, era a busca de diversões.

O que pode ser percebido, com maior nitidez, nas lembranças dos nossos rememoradores:

Na festa do Rosário diversão não faltava! Tinha diversão para todo mundo! Tinha a missa, né? Para quem queria. Tinha os parques para as crianças, as barracas da igreja para as mulher(sic), porque as da Igreja era mais comportadas. E tinha as barracas que não eram da Igreja, nessas era uma maravilha! Mas nas duas, na da igreja e nas outras vendia bebida. Só que o pobre ficava às vezes acanhado de ir na da Igreja porque tinha muita gente fina, chique! (SOUSA, 2008b).

O Sr. Pedro Junqueira também lembra que,

A festa era realizada no patamar da Igreja. Ao lado, entre a praça [Getúlio Vargas] e a Igreja eram montadas as barracas. Geralmente quem ficava nessas barracas eram as famílias. Tinha a barraca Azul e a barraca Vermelha. Todos os anos era uma disputa para ver quem ia coroar a Santa, Nossa Senhora do Rosário, a barraca que arrecadava mais dinheiro era a que escolhia a rainha. Havia também as outras barracas, assim na frente [próximo à praça do Bar Centenário, e já tinha os parques, a canoa e a onda. Na época, a banda aqui de Pombal e a fanfarra de Catolé [Catolé do Rocha] tocavam para animar. Não tinha o som tocando não (JUNQUEIRA JÚNIOR, 2008).

Embora seja mais recorrente nas memórias dos nossos colaboradores a existência das barracas da igreja - o que indica também que os populares, ainda que não benquistos naquele espaço, tinham também vontade de consumir os mesmos. E consumiam, à sua maneira. Existiam também outros espaços de diversão. Para o pobre que desejasse beber e/ou comer alguma coisa havia os barracões, feitos de palha, nos quais todos podiam

¹⁵⁷ De acordo com Arrais. “a cultura das camadas pobres na primeira década do século XX será objeto de perseguição e tentativas de controle por parte das autoridades republicanas, e, por outro lado, suas manifestações serão alvos sistemáticos das intervenções da polícia” (1998, p. 93).

entrar. Outra opção de diversão eram os parques, as canoas e a onda, sendo que este último era o mais procurado talvez por congregarem populares e abastados num mesmo espaço, momento em que partilhavam sorrisos e gritos em função dos movimentos daquele brinquedo.



IMAGEM 28 - Parque de diversão – 1951 (Fonte- Acervo de Verneck Abrantes de Sousa)

A “Onda” era o brinquedo mais procurado pelos pombalenses. Como pode ser percebido na imagem não havia restrições de idade para o consumo dessa máquina de diversão. Note-se que sentados no parquinho havia crianças, adolescentes, adultos e também um senhor de idade. Também é possível percebermos que aquele brinquedo estava ao alcance de muitos pombalenses, não que a foto nos apresente uma grande multidão de consumidores daquele divertimento. Na realidade esta possibilidade se insinua para nós devido à variedade social que foi apreendida pelas lentes do fotógrafo. Observe que há muitos populares no brinquedo e também pousando para a foto. Também é possível percebermos que havia alguns membros da elite e talvez tenha sido para eles que o retrato foi feito, ou não. A imagem também nos mostra que aquele divertimento excluía alguns. Havia ali crianças descalças, com vestes aparentemente sujas, possivelmente pedintes, que mesmo desprovidas de condições econômicas para “andar no parquinho”, estavam naquele espaço também consumindo, à revelia dos grupos dominantes, aqueles espaços, à sua maneira, fosse pedindo, ou simplesmente olhando. Curioso também é que a imagem capturada mostra muitas meninas, possivelmente dos estratos inferiores, o que é indicado pelas vestes e pelos calçados. Elas seguram outras crianças, o que nos leva a pensar que esta prática era também uma estratégia daquelas garotinhas, que não tendo como pagar, dispunham-se a brincar com as filhas ou filhos bebês das famílias abastadas.

Mas o parque trazia também a possibilidade de outras diversões. A Sra. Edianete Farias Bandeira nos contou que a difusora do parque, além de tocar algumas músicas muito bonitas, oferecia também a possibilidade aos casais enamorados, ou aos jovens que estavam em busca de um par romântico, mandar recadinhos apaixonados, em face do que,

tornou-se famoso o Sr. “Ontõe Xofé”, que por dois tostões não cansava de oferecer músicas às moças da cidade na intenção de conquista-las. Assim, na voz, nem sempre afinada do locutor do parque, escutava-se: “OX’ oferece a música tal... aí dizia o nome da música, como prova de muito amor para fulana. Aí todo mundo já sabia que era ele” (BANDEIRA, 2008).



A imagem ao lado retrata a disposição dos brinquedos que alegravam crianças, jovens e até adultos durante a Festa do Rosário de Pombal. A intenção do fotógrafo talvez fosse registrar o espaço onde aconteciam as interações ou conflitos sociais naquela festa. Em destaque (à esquerda) as barracas da Igreja, à direita, barracas populares.

IMAGEM 29 - Festa do Rosário 1947 – Parque de Diversões (Fonte- Acervo de Verneck Abrantes de Sousa)

Embora a cidade já contasse com sistema de energia em suas principais ruas, a energia destinava-se exclusivamente à iluminação, e ainda assim

a luz era bem fraquinha. Claro que era melhor do que nada, mas iluminava bem pouquinho. Os parques era tudo à mão. Tinha (...) o carrossel, as canoas e outros parquinhos, tudo era girado na força do braço. Tinha gente, criança, adulto, tudo, que ficava o dia todo se balançando nos balanços (FARIAS, 2008)

Entre os principais motivos apontados para a migração, em massa, de pessoas de outras localidades até à cidade de Nossa Senhora do Bom Sucesso do Piancó [Pombal] para prestigiar a festa, estão principalmente os ritos profanos. Mas, sem dúvida, a devoção a Santa do Rosário também atraía muitos fiéis àquela urbe durante a festa dos Pretos, que se inicia em setembro e termina no primeiro domingo de outubro.

É pertinente afirmar que todos os depoimentos colhidos sobre a “tradicional” festa do Rosário, apontam primeiro que a tradição foi inventada e reinventada constantemente, de acordo com as peculiaridades e necessidades daquele espaço. Depois, destacamos que de forma alguma a participação da elite na organização dos festejos, pode ser entendida como simples “manipulação” dos homens negros, até porque havia também na organização a forte

participação dos negros da Irmandade do Rosário. A questão está para além dessa lógica. Configura-se talvez como uma manobra, ou tática do “fraco” para tirar proveito do forte¹⁵⁸. Certamente, ao se aliar aos segmentos mais abastados, o grupo passava a gozar de algumas regalias, tais como: poder circular livremente pela cidade, beber, cantar e praticar seus credos sem a interferência doutrinadora dos brancos. Assim, entendemos que não havia uma submissão dos segmentos populares, mas uma negociação. Negociação onde não havia ganhadores ou perdedores, pois, estavam todos, ricos e pobres, sob a proteção da Virgem do Rosário.

CAPÍTULO III

DIVERSÃO E LAZER

3.2 PARA ALÉM DA LINHA DO TREM: HIGIENIZAÇÃO, TRANSFORMAÇÕES URBANAS E PRAZERES

“...e moça direita, de família, não andava por aquelas bandas não”.

Francisca Trigueiro Tôres

“...Mas aqui não era do jeito que o povo lá da Rua do Comércio, da Rua Nova falava não! Tinha muita gente direita aqui”.

Raimundo Formiga de Sousa

3.2.1 HIGIENIZANDO ESPAÇOS E HÁBITOS: do Centro para a Periferia

Inegavelmente as transformações modernizantes ocorridas em Pombal entre os anos de 1927 e 1959 trouxeram benefícios à cidade. Contudo, no contexto desse processo de modernização, registrou-se o alargamento dos territórios destinados às práticas [in]desejáveis. Neste sentido, as mudanças materiais e /ou culturais idealizadas pelas elites locais – que desejavam uma cidade sem vícios, higiênica¹⁵⁹, dentro dos modernos padrões

¹⁵⁸ Sobre as táticas ver CERTEAU. Michel de. **A Invenção do Cotidiano I: Artes de fazer**. 6ª edição. Petrópolis: Vozes, 2001.

¹⁵⁹ Sobre isso ver. RAGO, Margareth L. – *Do cabaré ao lar: A utopia da cidade disciplinar. Brasil 1890-1930*. Rio de Janeiro: Paz e terra, 1985.

importados das capitais européias – nem sempre atendiam às suas expectativas. E, apesar dos esforços para enquadrar as populações pobres às novas práticas modernas, percebe-se que muitas das antigas práticas/ hábitos persistiram ao lado das inovações, sendo [re]significadas pelos seus habitantes.

Pombal, assim como outras urbes que passavam por processos modernizantes, à exemplo de Campina Grande¹⁶⁰ e Cajazeiras¹⁶¹, também localizadas no interior do Estado da Paraíba, tornou-se, naqueles anos, uma cidade “diversa, difusa, ‘desviante’ daquela pretendida por sua elite” (SOUZA: 2002, p. 78)¹⁶².

Destarte, se por um lado a modernização dos espaços provocou efeitos positivos à cidade¹⁶³, por outro, acabou ocasionando o aumento e/ou surgimento de algumas patologias sociais, tais como o alcoolismo, as jogatinas, a prostituição e a violência. A cidade moderna deveria ser um lugar de virtudes, um espaço de encontros e de realizações da vida civilizada. Mas se ela era antes de tudo um lugar de práticas culturais, era também um espaço de vícios¹⁶⁴. Assim sendo, a modernização representou também uma ameaça à moral social, aos “bons costumes” de Pombal. E, em face disso, era preciso afastar o perigo que rondava aquela pequena cidade.

Visando retirar do centro da urbe a pobreza “abjeta” e os grupos destoantes, a elite local, juntamente com os representantes do poder público municipal, promoveram uma verdadeira campanha para a remoção de homens e mulheres pobres, ou ainda, aqueles habitantes que apresentassem comportamentos “considerados” desviantes à vida numa

¹⁶⁰ Ver: SOUSA. Fabio Gutemberg R. Bezerra de. **Territórios de Confrontos: Campina Grande (1920-1945)**. Campina Grande: EDUFCG, 2006; igualmente importante é o trabalho de SOUZA. Antonio Clarindo Barbosa de. **Lazeres Permitidos, Prazeres Proibidos: Sociedade, Cultura e Lazer em Campina Grande (1945 – 1965)**. 2002. Tese (DOUTORADO em História do Brasil) – UFPE, Recife.

¹⁶¹ SILVA FILHO, Osmar Luiz da. **Na Cidade da Parahyba, o Percurso e as tramas do Moderno (1892-1928)**. 1999. Tese (Doutorado em História) – UFPE, Recife.

¹⁶² Embora Antonio Clarindo B. de Souza tenha se referido à cidade de Campina Grande dos anos 40, 50 e 60, a frase citada se adequou perfeitamente à realidade pombalense dos anos de 1930 e 1940.

¹⁶³ É notória nas lembranças dos nossos depoentes a idéia de que a cidade cresceu fisicamente e desenvolveu-se economicamente. “A cidade tratou de ir crescendo, foi melhorando e hoje é uma Pomball!” (SANTOS, 2004). “Sem dúvida com a chegada da estação do trem e da Brasil Oitica, Pombal melhorou muito” (BANDEIRA, 2004). Eu acho que a cidade cresceu muito viu, deveria ter crescido mais, mas não resta dúvida que ela cresceu. Pombal era um sítio antes!” (SOUZA, 2008a).

¹⁶⁴ Ver BRESCIANNI, Maria Stella M. “História e Historiografia das Cidades em Percurso.” In: FREITAS, Marcos Cezar (org.) *Historiografia Brasileira em Perspectiva*. 3ª ed. São Paulo: Contexto; 2000. Sobre a polarização cidade-virtude e cidade vício ver PESAVENTO, Sandra Jatahy. **O imaginário da Cidade: visões literárias do Urbano- Paris, Rio de Janeiro, Porto Alegre**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2002, p. 32-53.

cidade que se desejava modernizar. Nesse sentido, os pobres, os bêbados, os homossexuais, as prostitutas, os loucos, os doentes, entre outros, *empurrados pelas picaretas do progresso*, foram, em sua maioria, expulsos do espaço citadino centralizado e levados a áreas distantes, onde não representassem perigo à sociedade.

Em vista das dificuldades impostas por aqueles grupos indesejados, que não eram de forma alguma pacíficos, foram criadas leis especiais que viabilizaram não a eliminação, mas a diminuição de tais pessoas ou grupos daquele espaço. Assim, no que diz respeito ao último grupo, o Código de Postura Municipal de 1936 em seu capítulo V, artigo 23º determina que:

A casa que contiver doentes de moléstias infecto-contagiosa deverá ser rigorosamente desinfectada por quem de direito, podendo, tal seja o seu estado sanitário, ser interdictada, permitindo-se-lhe ocupação depois da devida inspecção e licença da autoridade competente (CÓDIGO DE POSTURA MUNICIPAL, 1936, p. 6).

O artigo 24º, da mesma lei, assenta que “as pessoas que tratarem dos doentes a que se refere o artigo precedente só poderão transitar nas ruas depois de serem rigorosamente desinfectadas” (CÓDIGO DE POSTURA MUNICIPAL, 1936, p. 6).

É óbvio que há certo exagero no Código quanto aos cuidados com “higiene e saúde publica”, primeiro porque não existia em Pombal, naqueles anos, hospitais. Havia somente um posto de puericultura¹⁶⁵ que assistia precariamente à população e também um dispensário¹⁶⁶, destinado, especialmente ao tratamento de pessoas tuberculosas, vindo o primeiro hospital a ser construído somente no final dos anos de 1950¹⁶⁷. Some-se a isso, a precariedade do sistema de esgotamento sanitário e de coleta de lixo, jogados em “monturos” e riachos, o que se configura como práticas contrárias à idéia de vida civilizada.

Dessa forma, com o intuito de *higienizar* o centro da cidade, foram estabelecidas também leis coercitivas para tais vícios, de maneira que, o artigo 31º do mesmo conjunto de normas resolve que seria expressamente proibido, sob pena de multa de 20\$000:

¹⁶⁵ Ver imagem em anexo.

¹⁶⁶ Segundo a senhora Francisca Trigueiro Tõrres, dispensário é um local onde se cuida de pessoas enfermas.

¹⁶⁷ Em 1956, foram iniciadas as obras do primeiro hospital da cidade, O Hospital e maternidade Sinhá Carneiro, o qual foi concluído três anos depois em 1959. O referido hospital foi construído com verbas da Diocese de Cajazeiras, e atendia àqueles que tinham condições de pagar pelas consultas e internações. Contudo, de acordo com a Sra. Lair Formiga Alves, “às vezes quando era uma pessoa do padre, uma pessoa que não tinha como pagar de jeito nenhum e o padre queria, ele dispensava”(2009). Curiosamente, mesmo se tratando de um estabelecimento privado, o hospital mantinha-se graças às doações dos cidadãos pombalenses.

- c) deitar águas servidas e qualquer entulho ou imundice nas ruas, praças e becos;
- d) lançarem nas fontes ou açudes entulhos, animais mortos, ervas daninhas e qualquer outra substancia que possa infeccionar as águas;
- e) fazer cremação de lixo ou de outra qualquer substancia ou detricos que venha com seu cheiro desagradável emcomodar a população ou comprometter-lhe a saúde (CÓDIGO DE POSTURA MUNICIPAL, 1936, p. 7).

E na alínea “j” do mesmo artigo, fica proibido: “deixar amontoar-se lixo ou outra qualquer imundice nos muros e quintaes” (CÓDIGO DE POSTURA MUNICIPAL, 1936, p. 7).

Ao instituir tais sanções, o poder público comprometeu-se também a fazer sua parte para que a cidade se tornasse um lugar salubre, *desinfecto, hygienico*. Neste sentido, o *Código de 1936, determinava que:*

O serviço de limpeza publica entendido a coleta de lixo das ruas e dos domicílios será feito por pessoal contractado pela prefeitura e em dias determinados para cada zona (CÓDIGO DE POSTURA MUNICIPAL, 1936, p. 6).

Entretanto, entre o que estava circunscrito na lei e o que se praticava havia um grande abismo, pois de acordo com todos os nossos rememoradores, até o final dos anos 1940 praticamente inexistia aquele tipo de serviço na cidade. Sobre o que nos fala a Sra. Maria Adélia Felinto, moradora do Centro que se lembrou:

quem era rico, que tinha condição pagava para uma pessoa, que já era acostumada a fazer aquela coleta. Aí a pessoa pegava o lixo, a água suja, né? E jogava longe, pelos monturos. Só bem depois é que começou, o prefeito a mandar limpar a cidade. Aí começou com um caminhão, isso já pelos anos 50, ou final dos anos 40. Mas o lixo era jogado no meio dos matos, porque não tinha nenhum lugar destinado para o lixo. (FELINTO, 2008).

Também a Sra. Benta Carneiro dos Santos, moradora da Rua dos Roques, nos disse que o lixo

Era jogado na rua, não nas frentes das casas. Era por trás, no muro, dentro dos matos, nos riachos, porque... carro de lixo? Cê (sic) ta pensando que tinha? Tinha nada mulher! O povo jogava era em todo canto, nos monturos mesmo, no rio (SANTOS, 2004).

Observe nas entrelinhas que, ainda que houvesse discursos que propagavam as idéias de “civildade”, os cidadãos pombalenses continuaram a praticar atos incondizentes

com a vida numa cidade com pretensões modernas. Assim, contrariando os discursos das elites, os signos modernos em Pombal não eram sentidos e tampouco vividos por todos os moradores daquela cidade ao mesmo tempo e da mesma forma, ou pelo menos, foram reinterpretadas “de forma diferenciada daquela esperada pelas elites econômicas e intelectuais da cidade”(2002, p.1) , como diz Antonio Clarindo B. de Souza, quando analisa as mudanças materiais e simbólicas ocorridas em Campina Grande entre os anos 40 e 60 do século passado.

Mesmo em vista da inexistência de um serviço regular de coleta de lixo, embora de forma precária, vez ou outra era possível ver nas ruas da urbe um gari com sua pá e carroça, ora puxada por um burro, ora empurrada pelo próprio trabalhador, coletando as imundícies depositadas nas vias públicas. Imundícies que, por falta de um espaço apropriado eram devolvidas à sociedade, jogadas no rio ou incineradas. Tais práticas, mesmo que em desacordo com o Código de Postura da cidade, eram realizadas às vistas das autoridades que não tomavam nenhuma providência no sentido de coibi-las, até porque, na maioria das vezes eram os gestores ou seus secretários quem autorizavam a prática de tais atos¹⁶⁸, o que acontecia por motivo de não haver um destino seguro para aquelas imundícies.

Mas não só Pombal sofreu com a falta de lugares adequados para depositar o lixo urbano. Foram muitas as cidades brasileiras que enfrentaram esse problema. No Recife do final do século XIX, de acordo com Raimundo Arrais (2004), o crescimento desordenado da população gerou muitos problemas e, entre eles, um dos mais difíceis de ser solucionado, foi exatamente a eliminação dos resíduos. As proporções entre Recife e Pombal são extremamente díspares, entretanto, mesmo em face de suas dessemelhanças, tanto lá quanto em Pombal, às imundícies foram responsabilizadas pelo aumento de epidemias e pela elevação do número de óbitos¹⁶⁹.

Mesmo que os nossos colaboradores afirmem que inexistia, ou que existia precariamente, aquele serviço em Pombal, fato curioso é que em 1946 a arrecadação de impostos sobre a limpeza pública era a 5ª maior do município, chegando a totalizar 16.000,00 (dezesesseis mil cruzeiros)¹⁷⁰, tendo este montante elevado-se, no ano seguinte,

¹⁶⁸ Segundo a Sra. Raimunda Santana Evaristo em entrevista concedida a autora em 05.07.2007.

¹⁶⁹ De acordo com a Sra. Ediante Farias Formiga, “o povo morria demais porque as coisas eram muito precárias”. (2008). Não há dados estatísticos sobre os números de óbitos na cidade no período por nós estudado, Contudo, sempre que falávamos em doenças, tratamentos e mortes, nossos colaboradores afirmavam que eram muitos os mortos por motivos de doenças, provocadas por falta de higiene ou devido à falta de médicos e tratamentos adequados às enfermidades.

¹⁷⁰ De acordo com Decreto lei nº 38, de 15 de outubro de 1946, p.3.

para 25.526,00 (vinte e cinco mil, quinhentos e vinte e seis cruzeiros)¹⁷¹. Se não havia esgotamento sanitário naqueles anos ou limpeza pública e coleta regular de lixo, como a prefeitura da cidade conseguia arrecadar tantos impostos sobre serviços que não eram prestados, ou, no caso do último serviço, realizado esporadicamente e de maneira ineficiente?

Talvez a resposta a essa questão esteja nos documentos anteriormente citados, pois em ambos, o serviço de limpeza está inserido nos “SERVIÇOS DE UTILIDADE PÚBLICA”. Em face do que, é possível que não fossem discriminados os tipos de serviços que estavam sendo coletados, o que nos leva a pensar que a maioria dos contribuintes sequer soubesse qual ou quais os benefícios estavam sendo cobrados e/ou pagos. Na realidade, eles não sabiam, ou, pelo menos nossos colaboradores não sabiam.

Eu não me lembro de imposto cobrado para limpeza da cidade não. Também não tinha limpeza naquele tempo. O prefeito só mandava arrumar a praça e olhe lá. Se tinha impostos para coleta de lixo eu mesma não lembro. (VIANA, 2008).

Corroborando com o que falou a Sra. Zulmira Ferreira Viana, o Sr. Pedro Junqueira Junior disse-nos que:

Ninguém pagava imposto para a limpeza da cidade não. Eu não lembro de nenhum imposto cobrado para isso não. Eu acho que não tinha não. Porque carro do lixo só veio ter lá pelos anos 50. O lixo era jogado no mato, no meio da rua. Era queimado... As vezes passava um carroça puxada por burro para coletar aquele lixo (JUNQUEIRA JÚNIOR, 2008).

De fato, somente em 1953 é que a prefeitura de Pombal contratou para o transporte do lixo “um caminhão particular¹⁷². Não obstante, o destino dos resíduos ainda era o “mato”. A lei nº 63, de 20 de junho e 1953 é clara: “o lixo deve(ria) ser levado para fora do perímetro urbano”. Tanto esse regulamento, quanto os depoimentos dos antigos moradores sugeriram que não havia preocupação alguma dos gestores daquela urbe em relação aos possíveis incômodos que aquelas imundícies poderiam provocar aos habitantes das áreas próximas aos locais onde eram despejados os resíduos.

Mesmo em face do melhoramento nos serviços de higienização dos espaços centrais, ainda eram muitos os problemas a serem resolvidos. Assim, a inexistência de hospitais e de

¹⁷¹ Conforme QUADRO DEMONSTRATIVO E COMPARATIVO DA RECEITA ORÇADA E ARRECADADA, no exercício financeiro de 1947, realizado pela Prefeitura Municipal de Pombal em 7 de abril de 1949.

¹⁷² Conforme Lei nº 63, de 20 de Junho de 1953.

serviços de esgotos, além de muitos hábitos não saudáveis e incondizentes com os padrões de “civilização” em voga naqueles anos, concorreram para o aumento de muitas doenças, doenças estas que muitas vezes tornavam-se mortais¹⁷³.

Talvez, em face das sanções estabelecidas no código de 1936¹⁷⁴, sempre que instigamos nossos depoentes sobre a existência e o tratamento de enfermidade, eles demonstraram grande desconforto em falar do assunto. A maioria deles limitou-se a dizer que “quem adoecia se cuidava em casa mesmo!” (SOUSA, 2008A), ou ainda: “quando era uma doença grande às vezes a pessoa morria, a saúde era muito precária”(JUNQUEIRA JÚNIOR, 2008). E, em tom de desconfiança: “eu lembro de uma mulherzinha, coitada, que morreu de tuberculose [baixou a voz], foi uma tristeza, ela era pobre e ninguém foi pro enterro... com medo, sabe? Era uma doença que matava muito, e rápido!” (TÔRRES, 2004a).

Além de apontar o preconceito sofrido por razão da doença, as lembranças da Sra. Francisca Trigueiro Tôrres demonstraram ainda a exclusão social que vitimava aquela “mulherzinha”. Isso porque se o doente era um homem ou uma mulher de *status* superior “o povo ia pro enterro, com medo, mas ia” (SOUSA, 2008B).

Que havia temor em falar sobre o assunto, não há dúvida. Mas qual o motivo para tal medo? Claro que a lei de 1936 colaborou para a difusão dos discursos higienistas. Porém, além da lei, e com maior impacto sobre a população, predominava a idéia de que as “doenças estavam ligadas ao pecado da carne”, assim, o simples fato de pronunciar o nome de uma doença poderia atraí-la, como “uma espécie de castigo de Deus”, afirmou a Sra. Francisca Trigueiro Tôrres (2004). O temor à ira Divina talvez se coloque como um mecanismo usado pelos habitantes daquela cidade para manter em segredo, ou pelo menos, longe dos ouvidos das autoridades competentes, o doente, uma vez que, sendo descoberto, seria o mesmo obrigado a sair da cidade e, quando não o fazia era excluído socialmente.

Eu lembro de uma mulher que pegou o córea [possivelmente sífilis], ela teve que ir morar lá perto da linha do trem, que era para não passar para outras pessoas aquela doença que era coisa de quengas. (TÔRRES, 2004).

Além de apontar a marginalização sofrida por aquela mulher, o depoimento da Sra. Tôrres assinala um outro problema que perpassava a cidade naqueles anos: o aumento do

¹⁷³ De acordo com a Sra. Lair Formiga Alves, “tinha muita doença que ninguém nem sabia o que era. Muita doença eu acho que era por causa da precariedade. Morria gente demais! Era uma coisa impressionante” (2009).

¹⁷⁴ Código de Postura Municipal de 1936 em seu capítulo V, artigos 22º, 23º, 24º e 25º, que dispõe sobre a “Higiene e saúde Pública”

número de doenças sexualmente transmissíveis. Tais males atingiram muitos lares pombalenses, certamente fazendo vítimas as “senhoras respeitáveis”, o que acontecia em função dos relacionamentos extraconjugais dos “senhores do lar”. Certa rememoradora¹⁷⁵, falou-nos sobre esse tipo de infortúnio que atingiu uma parenta sua também residente em Pombal:

Tinha muitas doenças do mundo. Gonorréia, sífilis e outras, não é? Os homens arranjavam as doenças lá por onde andavam e passavam pras mulheres. [Essa senhora] era cheia de doenças do mundo. O marido pegava a doença e passava pra ela. O que era de doença sexualmente transmissível eu acho que ela tinha... porque o esposo dela era muito “raparigueiro”. (ALVES, 2009).

De acordo com a nossa colaboradora, “quando uma mulher pegava uma doença dessa ela não dizia a ninguém”, de forma que a Sra. Alves nos informou que só ficou sabendo muitos anos depois e porque aquela mulher tinha-lhe muita confiança. Mas o depoimento anterior ainda nos diz que as “mulheres não respeitáveis” também eram acometidas por muitas doenças, que se disseminavam nas muitas relações sexuais que mantinham com os senhores locais. Assim, tantos os homens como as prostitutas eram simultaneamente, receptores e multiplicadores daquelas moléstias¹⁷⁶.

O relato de memória da Sra. Tôrres sugere também que havia muitas desinformações sobre tais males. E, mesmo que se falasse que aquela [sífilis] era uma doença sexualmente transmissível, havia muito desconhecimento sobre os cuidados e as formas de contraí-la. Estava claro, era transmitida por meio do sexo, mas para as senhoras e senhoritas, cuidados nunca eram demais. Portanto, era preciso evitar aproximar-se das pessoas que portavam aquelas enfermidades, motivo este, de muitas senhoras “casadas” recusarem-se a falar ou a procurar tratamento para aquele mal.

Ainda sobre as doenças, num outro momento, a Sra. Tôrres lembrou também que:

Na época da bexiga foi uma verdadeira epidemia. Os doentes foram tudo (sic) levados para depois do córrego, para aquelas bandas da linha do trem, do outro lado do riacho. Tinha uma casa só pra isso¹⁷⁷. Ai mandava uma pessoa para cuidar. A comida, alguém ia deixar até um lugar e voltava, ai a pessoa que cuidava dos doentes pegava. Quando a pessoa melhorava, tinha que deixar tudo do outro lado para ser queimado, ai

¹⁷⁵ Conforme depoimento da Sra. Lair Formiga Alves. Os nomes das personagens foram omitidos a pedido da depoente.

¹⁷⁶ De acordo com o Sr. Pedro Junqueira Júnior em entrevista concedida a autora em 02.03.2009 afirmou “Doença sexualmente transmissível? Tinha demais. Tinha muita doença sexualmente transmissível.

¹⁷⁷ Segundo nossos rememoradores, a mantenedora da casa para cuidar dos doentes vitimados pela bexiga era a prefeitura municipal, que segundo os antigos pombalenses criou uma série de medidas para conter a doença.

tomava um banho e aquela casca da bexiga saia. Só assim a pessoa podia voltar à cidade” (TÔRRES, 2004).

Também a Sra. Zulmira Ferreira Viana recordou-se que quando foi vitimada pela bexiga, seu pai, aquele que a criou, frisa ela,

não disse a ninguém! Meu pai cuidou de mim sozinho. Eu não botava nem o nariz fora de casa. Porque se a pessoa doente fosse descoberta o povo ia direto dizer as autoridades, aí a pessoa era levada para um lugar fora da cidade, pra não contaminar as outras. Meu pai que me criou dizia que quem ia pra essa casa não escapava. Aí eu fiquei quietinha e hoje tô (sic) aqui contando a história (VIANA, 2008A).

Infelizmente, nem todas as pessoas que contraíram a doença viveram o suficiente para nos contar sua triste experiência, em face do que, se lembrou a Sra. Tôrres, quando a pessoa vinha a falecer “enterrava com tudo, jogava dentro de uma vala, um buraco assim, grande! Que era para não ficar nada! Jogava enrolado numa rede”¹⁷⁸ (TÔRRES, 2004).

Enterrar o cadáver envolto numa rede indicava, antes de tudo, a condição social do morto, pois se tratando de uma pessoa de posses, mesmo em face das proibições legais, que desautorizava o sepultamento no Cemitério local, tais pessoas eram enterradas em caixões de luxo, na maioria das vezes em propriedades da família e, às vezes, contrariando as normas estabelecidas, os membros da elite que faleciam eram também enterrados no Cemitério local, o que acontecia muito raramente.

3.2.2 Ébrios e Loucos

No sentido de tornar a cidade mais agradável aos olhos dos pombalenses ou visitantes, também os ébrios e loucos deveriam ser excluídos do espaço central. Assim, ao longo dos anos de 1930, as famílias de Dona “Juriti”¹⁷⁹, e da Sra. Luzia, a famosa “Carne Assada”, foram obrigadas a deixar suas casinhas situadas próximas à Rua do Comércio e se estabelecerem em áreas distantes, onde não viessem a incomodar os moradores das ruas centrais. Entretanto, os habitantes dessas ruas não ficaram livres de ouvir durante as

¹⁷⁸ CÓDIGO DE POSTURA MUNICIPAL – Prefeitura Municipal de Pombal. Lei Nº 3. João Pessoa: Imprensa oficial, 1936. Capítulo XV. Art. 72º - instituía que como medida preventiva, poderia “designar um lugar para o sepultamento de cadáveres de pessoas portadoras de moléstias contagiosas e pestilentas”.

¹⁷⁹ Nenhum dos antigos moradores de Pombal recordou o nome de registro da Sra.que era vulgarmente chamada de Jurití.

manhãs e/ou tardes as algazarras das crianças e adultos que se divertiam dizendo, na verdade, gritando, assim:

*Juriti quebrou a asa
Eu também quebrei a minha
Juriti colou com cola
E eu com bosta de galinha...*

Quando quem estava de passagem eram a Sra. Luzia, as crianças não deixavam por menos. Essa senhora chamava a atenção por seus trajes: “cada peça do seu vestuário tinha uma cor. A diversidade de cores ia além do arco-íris” informa Francisco Vieira (2008). Mas parece que divertido mesmo era aperreá-la:

*Ô cheiro bom.
Cheiro de quê? (perguntavam alguns garotos)
Cheiro de Carne Assada! (respondiam outros)¹⁸⁰*

E a resposta a essas implicâncias eram pedradas, correrias e, principalmente, obscenidades; palavras que escandalizariam o leitor caso as citássemos aqui.

O repertório de palavras indecorosas proferido aos gritos pelas ditas senhoras, só acabavam quando seus parentes ou mesmo a polícia as levavam para suas casas.

Esse tipo de comportamento, tanto das crianças e adultos quanto das senhoras insanes, sugere que a cidade moderna, desejada pelas elites econômicas e intelectuais de Pombal estava muito distante da cidade real. Apelidar, gritar, correr na rua, jogar pedra, proferir palavras imorais eram atitudes que deveriam ser eliminadas com urgência, pois tais práticas eram incondizentes com os bons modos difundidos pelos discursos “civilizadores” proferidos pelos senhores de poder naquela cidade. Contudo, predominou naquela urbe um ritmo lento de mudanças nos comportamentos dos seus habitantes. Tanto que, no final dos anos 50 e ainda nos anos 60 era possível encontrar na Rua do Rio, Mané Doido, dizendo assim: “É MELHOR SER CORNO DO QUE PREFEITO! Prefeito é por quatro anos e corno é a vida toda!”(VIEIRA, 2008).

Ora, se nesses anos tal homem chegou a ser preso por falar “coisas absurdas, (...) insulto[s] aos ouvidos das pessoas decentes” (CONCEIÇÃO, 2009), sem dúvida, suas palavras impensadas, certamente, devem tê-lo conduzido várias vezes à vista das autoridades locais.

¹⁸⁰ Informações prestadas pelo Sr. Pedro Fernandes de Almeida em entrevista concedida à autora em 01.01.2009.

Além desses personagens, havia outros doentes mentais. E como cada “louco” tem sua mania, bastava o sino da Igreja tocar para Nonato começar a “augurar” os vivos sobre sua morte. Ele sempre começava falando de quem já havia falecido. Dizia assim:

Geracina começou com pantim, morreu!

Joana Tereza começou com pantim, morreu!

Fulana de tal começou com pantim, morreu!

Cicrana começou com pantim, morreu!

Aí depois de dizer o nome de um monte de gente que já tinha morrido, dizia o nome de alguém que ainda estava vivo. (risos) Aí a pessoa ficava com muita raiva. Quem é que ia querer escutar uma coisa dessa, né? (SOUSA, 2008B).

Contada dessa forma, a mania daquele “portador de dificuldades mentais” parece mais uma brincadeira. Certamente, a última coisa que seus agouros provocavam nos pombalenses, pelo menos na época, eram risos. A explicação é simples, se para os habitantes daquela cidade pronunciar o nome de uma doença já era ruim, uma coisa malsã, imagine então falar em morte. Desse modo, não foram poucas as vezes que o Sr. Nonato foi conduzido à cadeia da cidade enquanto seus familiares eram procurados para responder por suas “insanidades”. Embora a lei estabelecesse multas para os responsáveis por tais pessoas, as penalidades nunca eram aplicadas. Simplesmente porque as famílias não teriam como pagá-las. Segundo a Sra. Raimunda Santana Evaristo, “os policiais faziam a pessoa prometer que não ia mais deixar os doidos soltos, aí a pessoa prometia e era liberada, a pessoa e o louco”(2008).

Também os bêbados foram vítimas dessa tentativa de limpeza urbanística e social, todavia, assim como acontecia com os portadores de doenças infecciosas, o peso da lei recaía quase sempre sobre aquelas pessoas pertencentes aos grupos nomeados como populares. Quando o ébrio era alguém de influência “não acontecia nada! Às vezes a polícia ia até deixar a pessoa em casa” (EVARISTO, 2008).

De acordo com a Sra. Evaristo, os abastados senhores bebiam e incomodavam,

O bêbado mais chato que tinha aqui em Pombal era um homem influente¹⁸¹. Ele bebia e saía mijando [urinando] nas portas das casas alheias, cantando, dizendo safadezas. No dia que bebia passava a noite perturbando o sono alheio, mas ninguém dizia nada porque ele era uma pessoa importante. E se dissesse basta! Não ia adiantar de nada! (EVARISTO, 2008).

¹⁸¹ O nome do homem de quem trata a Sra. Raimunda Evaristo Santana não foi citado durante a entrevista, isto porque, segundo esta Senhora, embora ele já não esteja mais entre os vivos, sua família é ainda muito poderosa na cidade.

Agora tratando-se de um pobre, o ébrio era logo conduzido à cadeia, onde passaria a noite, para aprender a lição (EVARISTO,2008). Destarte, a marginalização econômica e social sofrida por tais grupos, eram conduzidos a áreas onde as normas sociais não eram tão rígidas, o que não quer dizer que tais pessoas ficavam livres do controle das autoridades. Na verdade, esses sujeitos eram considerados constante ameaça à vida dos pombalenses “honrados”, de forma que todos os seus movimentos eram cuidadosamente vigiados pelos poderes locais.

Observando por este prisma, percebemos que havia em Pombal nos anos em estudo, uma rede de vigilância e disciplina, que se abatia principalmente sobre os grupos menos afortunados. Mas, ainda que houvesse leis coercitivas, modelos de conduta estabelecidos socialmente e que deveriam ser seguidos pelos populares (e também pelas próprias elites), havia também aquilo que Certeau chama de indisciplina.

O referido autor:

Se é verdade que por toda parte se estende e se precisa a rede de “vigilância”, mais urgente ainda é descobrir como é que uma sociedade inteira não se reduz a ela: que procedimentos populares (também minúsculos e cotidianos) jogam com os mecanismos da disciplina e não se conformam com ela a não ser para alterá-los” (CERTEAU, 2001, p. 41).

Mesmo diante das exclusões das quais eram vítimas os personagens destoantes, o que percebemos nas rerepresentações de memória dos nossos entrevistados é que por meio de pequenas astúcias cotidianas, esses grupos burlavam as regras sociais, apropriando-se ou “reapropri(ando-se) do espaço organizado pelas técnicas da produção sócio-cultural” (CERTEAU, 2001, p. 41).

3.2.3 OS TERRITÓRIOS DO DESEJO: práticas [in]desejáveis em Pombal

Se as patologias físicas eram motivos de preocupação dos sanitaristas, as “doenças morais”, especialmente o meretrício, eram consideradas as responsáveis por todos os males que atingiam a sociedade, estando no centro das atenções de urbanistas, médicos, juristas etc.

Os discursos em torno da prostituição ganharam maior visibilidade a partir do século XIX, especialmente nas capitais européias, o que aconteceu em função das necessidades do mundo capitalista. Nesse sentido, foram estabelecidos discursos reguladores para aquelas práticas consideradas dionisíacas (RAGO, 2008), o que acontecia em função das “mulheres da vida” terem sua imagem associada à sujeira, ao esgoto, à podridão, enfim, à

degeneração social. Assim sendo, em face de tal estigma, os “moralistas”, agiram no sentido de eliminar estas práticas, consideradas por muitos como um “câncer social”.

Vale ressaltar, também, que ainda que encoberta por discursos pejorativos, a prostituição teve/ tem na história das cidades, seu lado positivo, pois segundo Rago, “o bordel enquanto lugar de iniciação sexual dos jovens” era importante, uma vez que acreditava-se que o mercado sexual

Garantia a virgindade das futuras esposas e permitia que os moços arrefecessem parte do “fogo interno”, numa fase da vida em que os impulsos libidinais eram muito prementes (RAGO, 2008, p. 28)

Assim sendo, o mercado sexual permitiu o aparecimento de novas práticas “desejantes”. O sexo convencional, conhecido popularmente como “papai-mamãe” começou a ser acompanhado por outros atos licenciosos interditados pela cristandade, bem como, pelos discursos médicos da época, isso porque de acordo com a autora anteriormente citada,

A prostituição foi vivenciada como linha de fuga da constelação familiar, da disciplina do trabalho, dos códigos normativos convencionais: lugar da desterritorialização intensiva e de novos territórios do desejo (RAGO, 2008, p. 27).

De tal modo, a prostituição era considerada em Pombal um dos maiores problemas sociais, tanto que a lei nº 3 de Junho de 1936, em seu capítulo XXI estabelecia que: “as mulheres de vida livre não poder(iam) habitar ruas destinadas a domicílios familiares”¹⁸². Entretanto, a exclusão sofrida por esse grupo era ainda maior. As meretrizes não podiam circular livremente pela cidade.

Não tinha lei que proibisse elas de ir à cidade não, mas elas eram discretas. Quase ninguém via essas mulheres na rua. Nem pra fazer compra nem nada. Era difícil elas saírem. Agora quando saiam, viche! eram tão bem trajadas que todo mundo ficava admirado e falando!...falando mal [risos]. Só que a polícia tratava logo de mandar elas de volta pro lugarzinho delas. Acho que era por precaução sabe?!(SOUSA, 2008B) (grifos nossos)

E nas representações de memória da Sra. Zulmira Ana do Nascimento,

No dia da inauguração dessa praça [Praça Getúlio Vargas] as primeiras a chegar(sic) foram as quengas, ai ocuparam os banquinhos todos num

¹⁸² CÓDIGO DE POSTURA MUNICIPAL – Prefeitura Municipal de Pombal. Lei Nº 3. João Pessoa: Imprensa oficial, 1936, p. 18.

deixaram nenhum. Aí a polícia veio e disse assim, bora bora, levantem que esse lugar aqui não é pra vocês não. Aí elas saíram e, eu acho que foram embora. (NASCIMENTO, 2008).

É possível perceber um esforço das autoridades locais para coibir as práticas consideradas promíscuas. Diferente daquilo que ocorreu em Campina Grande, onde foram criadas “várias leis e decretos” no “intuito de coibir o ‘footing’ das prostitutas pelas ruas do centro da cidade, de freqüentarem determinados locais públicos em horário inferiores às 22 horas” (NASCIMENTO, 2007, p. 22). Em Pombal não foram criadas leis “oficiais” para restringir os passeios daquelas “mulheres de vida livre”, no entanto, os discursos produzidos pelas elites estabeleceram sanções sociais que ganharam estatuto de verdade. Todavia, mesmo diante dos impedimentos estabelecidos pela lei, havia nas ruas centrais comportamentos suspeitos. “Na Rua do Comércio mesmo, tinha uma casa lá que as mocinhas recebiam os homens casados, todo mundo sabia, e ninguém fazia nada contra elas” (SOUSA, 2008B).

Soa bastante estranho a informação de que “ninguém fazia nada contra elas”. Provavelmente, essas moças eram vítimas de grandes preconceitos por parte da população pombalense, que certamente as excluía e que as apontavam na rua como “imorais”.

Uma explicação para que as autoridades municipais tenham “fechado seus olhos” para essa infração nos foi dada pelo Sr. Raimundo Formiga de Sousa que afirmou:

Eu nunca ouvi falar de lei que proibisse as prostitutas de andar na cidade não. Ora, tinha prostituta que morava aqui na cidade¹⁸³. Agora era assim: elas eram discretas. Elas não eram casadas, mas só tinha um homem só. Era as quengas dos ricos, eles sustentavam elas. Elas só saíam com eles (SOUSA, 2008B).

Num outro momento o mesmo depoente disse-nos que:

No meu tempo as prostitutas eram muito bonitas, tinha muita mulher bonita. Agora hoje, viche! [risos]. Tem um caso que eu quero contar: as mulheres eram tão bonitas que um coronel (...) tirou uma mulher do cabaré e casou com ela. Era macho mesmo! Ninguém podia dizer tanto assim com ela, porque se não já viu. E tem outro caso. Teve um juiz que se apaixonou por uma das moças lá, montou casa, deixou esposa, filho e ficou com a prostituta. Outro cabra danado foi um tabelião, e esse ia lá no Bar Junqueira beber com a mulher, mas era tudo com muito respeito!(SOUSA, 2008B).

¹⁸³ Chamo a atenção para o uso do termo “cidade” utilizado para designar a área central da urbe. Remetendo-nos à idéia de que o distante bairro dos Pereiros não fizesse parte da cidade.

Ao que parece, algumas das meretrizes que viviam no centro de Pombal, eram protegidas pela mesma lei que as deveria combater, o que se dava pelo fato de serem seus companheiros os legítimos representantes da lei, ou ainda, “homens de influência”, em face do que gozavam de algumas regalias, tais como freqüentar os espaços familiares. Talvez, em face disso, é que a lei criada em meados da década de 1930, fosse ainda desconhecida pela maior parte dos pombalenses. Mas nem por isso o preconceito e a marginalização sofrida por essas mulheres era menor.

Um episódio interessante e que nos permite visualizar um pouco do espaço social construído para tais “mulheres de vida livre”¹⁸⁴ nos foi narrado pela Sra. Francisca Dantas de Farias:

Um dia meu esposo foi na Brasil Oiticica fazer uma entrega na caminhoneta. Ai chegaram duas moças e perguntaram para onde nós íamos. Ai eu disse: _vamos a Patos. Elas perguntaram: _tem vaga para duas pessoas? Ai eu perguntei a Cromácio [esposo], ele disse: _Não, tem não! Ai depois eu disse assim: _ mas Cromácio se só vamos nós dois porque você não leva as moças? Ele balançou a cabeça assim [negando] e disse que essas moças não eram direitas não! Eu mesma basta, não tinha preconceito com ninguém, primeiro porque não conhecia, né? Mas Cromácio, viche! Não gostava não! (FARIAS, 2008).

No relato de memória da Sra. Farias é visível o preconceito que se abatia sobre as “mulheres da vida”. Visto que, as “mulheres de respeito” vivam assombradas com a possibilidade de serem comparadas com aquelas mulheres consideradas “perdidas”¹⁸⁵. Assim, qualquer palavra ou comportamento que pudesse comprometer sua honra deveria ser afastado, sob pena de ficarem mal faladas na sociedade.

Em hipótese alguma, o depoimento da senhora poderia ser tomado como indício de não preconceito, aliás, é ela própria quem afirma isso quando diz: “Eu mesma, muito

¹⁸⁴ Ainda que usemos em alguns casos a expressão “mulher de vida livre” para nos referirmos às meretrizes, não concordamos com a idéia que a expressão nos passa, pois, tudo o que tais mulheres não possuíam era liberdade. O controle e a vigilância que se abatia sobre esse grupo passava por uma rígida hierarquia social: igreja, justiça, homens e mesmo as “mulheres respeitáveis”.

¹⁸⁵ De acordo com Margareth Rago, embora necessárias à manutenção da ordem social e por assim dizer, ao casamento nuclear, as prostitutas eram quase sempre consideradas o oposto da mulher virtuosa, mulher esta para quem foi criada uma rígida censura moral e para quem foram castrados os prazeres sexuais. Segundo a autora, a vida liberal, dionisíaca, deveria ser totalmente afastada das “rainhas dos lares”, que deveriam além de manter um comportamento acima de qualquer suspeita, usar roupas e acessórios que em nada se aproximasse do padrão adotado pelas levianas. Contudo, Rago afirma ainda que o capitalismo dissolveu estes padrões de forma que em pouco tempo, “mulheres de respeito” e “mulheres de vida livre” usavam peças da vestimenta muito parecidas, especialmente aquelas ligadas à atividade sexual, cintas-liga, lingerie vermelhas, máscaras, etc. Também de forma muito rápida as práticas sexuais, ditas indecorosas passaram também a ser praticadas pelas “mulheres respeitáveis”. Sobre isto ver: RAGO. Margareth. **Os prazeres da noite: prostituição e Códigos da Sexualidade Feminina em São Paulo (1890-1930)**. 2ª ed. São Paulo, Paz e Terra, 2008.

inocente, nem sabia quem eram elas. Agora ele [o esposo] sabia” (FARIAS, 2008) Talvez a nossa rememoradora se refira ao fato de ter sua imagem ameaçada pela exposição pública de ser vista falando com aquelas mulheres tão indesejadas na sociedade e que haviam se aproveitado da sua ingenuidade, ou, eu diria, desconhecimento sobre quem eram.

Oswald de Andrade num estudo sobre suas memórias boêmias em São Paulo nos traz de forma bem elucidativa o funcionamento da moral extremamente rígida imposta às mulheres e por extensão aos homens.

Assisti o desnudamento do homem como da mulher no meu século. Essa coitada, até a minha adolescência, esmagava o corpo entre espartilhos e barbatanas de cintas ferozes. Era preciso tirar dela os últimos traços do natural. Nada de canelas à mostra, nem braços, nem começos saltitantes de seios. Tudo isso era o arsenal do demônio que atravancava o nosso celestial destino. (...) Uma vida de simulação ignóbil, abençoada e retida por padres e confessores, recobria o tumulto das reivindicações naturais que, não raro, estalavam em dramas crus. Um pai matava uma filha porque esta amara um homem fora de sua condição. (...) Ser bem educada era fugir da vida. As mulheres não podiam sequer revelar a sexualidade natural que todas tem. Eram logo putas.(apud. RAGO, 2008, p. 43).

Mais que a própria esposa, o ato de negar carona às moças, por se tratarem de prostitutas, denuncia o grande preconceito que o Sr. Cromácio tinha para com as “meretrizes”, o que é confirmado por sua esposa, num outro momento da entrevista: “Cromácio tinha horror a prostitutas, não gostava de jeito nenhum, não tinha quem fizesse ele ir a um bordel não”(FARIAS, 2008).

Nas entrelinhas desses discursos, fica também explícito que os homens, embora investidos de uma moral que os autorizava a falar sobre o assunto, em função da sua condição de homem austero dentro do lar, sentiam-se inibidos a se pronunciar sobre sexo ou qualquer assunto dessa envergadura. E os motivos eram, entre outros, o receio em despertar em suas mulheres “respeitáveis” os prazeres sexuais, que estavam sempre ligados ao pecado.

Além de apontar o forte preconceito existente naquela sociedade, a fala da nossa depoente nos coloca uma outra questão: as moças ditas “de família”, educadas para excluírem de seu convívio social as pessoas destoantes e os comportamentos errantes, sabiam quem eram os “excluídos” e os comportamentos imorais?

É certo que entre as mulheres, tanto aquelas dos segmentos mais abastados quanto as de famílias pobres, havia a concepção de que certas práticas, tidas como amorais lhes eram proibidas. Mas a distância entre o dito e aquilo que realmente “era” parecia ser enorme.

Mesmo diante das proibições sociais que, teoricamente, deveriam castrar os namoros, tornando-os “uma coisa sem graça, sem emoção, porque era só aquela conversa mesmo,

com os pais vigiando” (ALMEIDA, 2009B). As regras parecem ter sido criadas para serem quebradas, pois uma das nossas colaboradoras nos contou que,

Todos os dias o sino da igreja do Rosário dava duas badaladas ao meio dia. Ninguém sabia o que era. Aí depois de mais de dois anos, descobriram que era [uma moça] que ia se encontrar com o namorado na torre da Igreja. Foi um escândalo, esta moça ficou muito falada. Ela dava o toque para o rapaz ir. O toque era avisando que ela já estava lá. E ela era sabida viu? Porque aquela hora, era a hora que o comércio estava fechado e o povo estava em casa almoçando, aí ninguém via nem ela nem o rapaz (SOUSA, 2008B).¹⁸⁶

É verdade também que o tratamento dado a assuntos, tais como: sexo, prostituição, homossexualismo¹⁸⁷, era na maioria das vezes o silêncio.

Ah, naquele tempo o povo era muito direito. Ninguém nem falava sobre essas coisas não! Todo mundo sabia que tinha o Rói, que tinha as prostitutas, mas ninguém comentava nada!(...) Ninguém falava sobre sexo [baixou a voz] não! Eu mesma quando fui casar, ninguém me disse nada! Basta! Eu pensava que era só para lavar, passar e cozinhar...ai quando eu casei que vi...viche! Ave Maria! [risos] meu marido nu! Eu fiz foi gritar![risos] tive um medo! Gritava dizendo que tinha um bicho. Ora, eu sem saber de nada. [risos] ai depois eu entendi, né? Mas ninguém falava sobre essas coisas não, era proibido! (SANTOS, 2004)

Tratados como tabus, tais assuntos, tão perniciosos à sociedade consistiam em uma constante ameaça aos “bons costumes”. Na verdade, os assuntos “proibidos”, só eram proibidos para as mulheres. As senhoras e moças “direitas” deveriam ser preservadas dos efeitos daninhos de tais práticas. Assim, “sempre que se perguntava algo sobre esses assuntos, ninguém respondia, ou quando respondia era mandando parar de perguntar besteira” (TÔRRES, 2004). Mas muita gente falava sobre os “assuntos proibidos” sim. Movidas pela curiosidade, muitas moças sempre que tinham uma oportunidade aproveitavam para perguntar aos rapazes ou a outras moças sobre sexo. Mas nem sempre

¹⁸⁶ O nome da moça foi omitido a pedido do depoente. Já o nome do rapaz não foi mencionado na entrevista.

¹⁸⁷ Embora não tenhamos dedicado algumas linhas para tratar deste comportamento, ou deste grupo, os antigos moradores de Pombal nos falaram que “sempre existiu isso por aqui”(JUNQUEIRA JÚNIOR, 2009), “tinha sim muito ‘viado’, o povo na época chamava de ‘viado’, e era muito as escondidas, mas o povo descobria, porque não tem nada que você faça escondido que não seja descoberto. É aquela história mata tem olho e parede tem ouvido.” (VIANA, 2008). Mesmo diante das proibições morais sobre este tipo de comportamento, havia na cidade, nas ruas centrais, pessoas suspeitas de serem homossexuais, “mas a polícia só vivia de olho, tanto que nunca pegou nada! Eles iam fazer as coisas deles em outro canto, viajava sabe?”(FELINTO, 2007) Além da polícia certamente a população local, também não baixava a guarda sobre aquele grupo. Tanto que aqueles que nos anos 1950 resolveram assumir a condição de homossexuais, tiveram que ir viver em áreas distantes do centro da cidade, ou mudar-se de Pombal.

as respostas eram esclarecedoras. Algumas eram, na realidade, muito engraçadas, lembra a Sra. Edianete Bandeira:

a gente era tão besta que acreditava em tudo. Em roda de adolescente saia de tudo! Conversava até o que não era para conversar. Olhe, diziam que se a moça sentasse no mesmo lugar onde sentava um homem, se a pessoa não esperasse esfriar, a pessoa podia engravidar. E tinha outras coisas muito bestas (BANDEIRA, 2008).

A Sra. Ivanil Salgado de Assis, também nos contou que em uma de suas conversas com um amigo ele havia lhe falado sobre os bordéis:

dizia que não admitia que as pessoas entrassem num bordel daquele, pois era uma coisa imunda, sem asseio, sem higiene, não tinha nada que se destacasse, os freqüentadores iam por necessidade. Porque o homem não passa sem mulher. Mas ele achava tudo isso, e quando conversávamos ele falava. (ASSIS, 2004).

Muito embora a curiosidade levasse as filhas moças a buscarem conhecimentos sobre aqueles assuntos ditos “escandalosos”, a crença de que o silêncio era a melhor forma de conviver com o incômodo assunto, parecia reinar entre os pombalenses. Mas é preciso relativizar o uso do termo, uma vez que, tais assuntos só eram incômodos enquanto ameaça às suas senhoras e filhas, que deveriam ter sua sexualidade direcionada para a maternidade apenas¹⁸⁸, pois quando faziam rodas de conversas além de falar sobre política e jogos, um assunto sempre presente era “as mulheres do Rói Couro” e claro, falava-se também das belas moças “de família”, que eram cortejadas para casar e cuidar do lar (JUNQUEIRA JÚNIOR, 2008). Assim, em Pombal naqueles anos havia uma polarização social entre a mulher desejável e a mulher [in]desejável, o que aconteceu também em outros espaços a exemplo de São Paulo, Rio de Janeiro e Campina Grande¹⁸⁹. Uma coisa, contudo, é certa: se os homens conheciam muito bem as meretrizes, as moças de família

¹⁸⁸ Sobre o direcionamento da vida sexual das mulheres ver: RAGO, Maragareth. **Os prazeres da noite**: prostituição e Códigos da Sexualidade Feminina em São Paulo (1890-1930). 2ª ed. São Paulo, Paz e Terra, 2008 p. 24-48; Ver também: NASCIMENTO, Uelba Alexandre. **O Doce Veneno da Noite**: prostituição e cotidiano em campina Grande (1930-1950). 2007. Dissertação (MESTRADO em Ciências Sociais) UFCG, Campina Grande.

¹⁸⁹ Ver AZEVEDO, Aluísio. **O Cortiço**. 21 ed. São Paulo: Ática, 1990. Nesta obra o autor focaliza o Rio de Janeiro no momento em que a cidade passava por algumas transformações modernizantes, contudo, é o lado negativo dessa modernidade que Aluísio vai explorar, assim, além das questões referentes às habitações dos populares a obra traz também para o centro das discussões a questão da prostituição naquela cidade. Ver também SOUZA, Antonio Clarindo Barbosa de. **Um nova cartografia do prazer**: cabarés – Do centro para a Feira, da Feira para o Centro. In. **Lazeres Permitidos, Prazeres Proibidos: Sociedade, Cultura e Lazer em Campina Grande (1945 – 1965)**. 2002. Tese (DOUTORADO EM História do Brasil) – UFPE, Recife.

não tinham a mesma sorte! Tanto não tinham que vez ou outra, algumas delas eram pegadas a conversar distraidamente com uma mulher “mal afamada”, como foi o caso da Sra. Francisca Dantas de Farias. Mas ela não foi a única. Um caso como esse aconteceu com a Sra. Nira do Nascimento:

A gente ouvia falar com muito pudor das prostitutas. Tinha aquelas mais conhecidas, mas sempre chegavam outras, às vezes vinha (sic) de Campina Grande, de fora, aí a gente não conhecia, né? Eu lembro que um dia eu fui deixar uma encomenda lá na Rua do Comércio, aí na volta, eu encontrei com essa moça e a gente veio conversando, mas não era aquelas coisas não! Menina! Quando eu entrei na rua de minha casa [Rua do Guindaste, bairro dos Pereiros], disseram a papai, aí lá vem ele, pegou meu braço, me colocou pra dentro, deu uma surra! E eu nem sabia porque. Ai depois... mamãe disse que eu apanhei por andar com quem não presta (NASCIMENTO, 2008).

Ainda que se tratasse de uma cidade pequena, muitas prostitutas eram desconhecidas tanto pelas moças que viviam no espaço citadino centralizado, como por aquelas que moravam nas proximidades da “zona”, como era chamada a área de meretrício¹⁹⁰. Uma das explicações para isso era a chegada constante de mulheres de outras cidades, que vinham passar uma temporada nos bordéis, alegrando as noites dos pombalenses.

Ah, quando chegava uma moça nova, que vinha de Campina Grande, de Coremas, de Patos, aí num instante todo mundo ficava sabendo. As donas dos Cabarés mandavam dizer, aí à noite era a casa cheia. Uma farra! As moças lindas demais (risos) (SOUSA, 2008).

Mesmo diante da precariedade dos estabelecimentos, para os boêmios que desejassem ir conhecer as moças que vinham das cidades circunvizinhas no final dos anos 1940, as casas de prostituição ofereciam um verdadeiro espetáculo, claro, guardadas as devidas proporções, não existia um Moulin Rouge, como aquele que havia em São Paulo, nos anos 1930, ou um “Eldorado”, tal como em Campina Grande¹⁹¹.

À luz de lâmpadas¹⁹², embalados pela orquestra, também vinda de outros lugares, alguns casais de dançarinos apresentavam-se no centro das casas de prostituição. A dança,

¹⁹⁰CÓDIGO DE POSTURA MUNICIPAL – Prefeitura Municipal de Pombal. Lei Nº 3. João Pessoa: Imprensa oficial, 1936, visando a higienizar a cidade estabeleceu no capítulo XXI, Art. 111º, § único que “cabe a prefeitura designar uma ou mais ruas para localização do meretrício e cabarets, incorrendo o infractor das disposições deste artigo na multa de 20\$000 a 50\$000.

¹⁹¹ Os cabarés em Pombal eram simples, muitos deles descritos como sujos e quanto aos seus nomes? Eram conhecidos pelos nomes das cafetinas. Cabaré de Beza, de Mazé, de Donãna, por exemplo.

¹⁹² A luz elétrica só chegou ao “Rói Couro” em 1953, quando Pombal foi beneficiada com a energia gerada pelas turbinas do açude de Coremas.

nessas ocasiões especiais, era sempre a gafeira e o melhor dançarino era Mozart Lourenço que fazia par com as “dançarinas” recém chegadas aquele estabelecimento. Mas havia momentos em que se dançava o fox-trote (JUNQUEIRA JÚNIOR, 2009). Já nos dias comuns “era forró a noite toda, e o tocador? Era Biino”(2008), afirma o Sr. Raimundo Formiga de Sousa.

A maioria dos espectadores eram homens ricos, o que se percebia pelas vestes e/ ou pelas bebidas consumidas. Contudo, havia naquele espaço também homens pobres, afinal, todos queriam ver as lindas dançarinas. O bordel era um lugar de sociabilidades, aqueles espaços agrupavam

Os indivíduos por meio de redes subterrâneas de convivência e solidariedade, apresentavam-se como um território que viabilizava a experiência de relacionamentos multifacetados e plurais, num contexto de distensão. Práticas licenciosas que contrariavam a exclusividade sexual imposta pela ordem, tanto quanto encontros, brincadeiras e jogos que ocorriam nos cabarés [...] da cidade, conformavam um espaço importante de interação social (RAGO, 2008, p. 196).

Assim, Em Pombal como em outras cidades, contrariando os discursos que afirmam serem os bordéis lugares de práticas sexuais ilícitas apenas, “lugar de descarga libidinal” (RAGO, 196), os prostíbulos são também lugares de diversificadas formas de diversões e lazeres.

Em seu estudo sobre os prazeres proibidos na cidade de Campina Grande entre os anos 1945 e 1965, Antonio Clarindo Bezerra de Souza focalizou as práticas diversionais que existiam no famoso Cassino Eldorado, mostrando que aquele lugar

Poderia até parecer, à primeira vista, apenas um antro de prostituição e jogatina como pretendiam alguns moralistas. Contudo, além dos jogos como bacarat, campista, ronda ou lasquinê, espladim, pôquer e o suave e envolvente girar de trinta e seis, havia também música e dança, que propiciava emprego a inúmeros músicos de Campina Grande e até de outros estados (SOUZA, 2002, p. 327).

Não pretendemos dizer aqui que os cabarés de Pombal se assemelhavam ao “Eldorado”, até porque não pareciam. Na realidade, as distâncias materiais e sociais entre eles eram imensas. Mas algumas coisas eles tinham em comum, ambos “vendiam prazeres”, e geravam empregos diretos ou indiretos o que movimentava também a economia local, através do consumo de bebidas, comidas e roupas, por exemplo. Também no “Rói Couro” os homens, em algumas situações, dispensavam os carinhos de algumas meretrizes para jogar carteadado ou simplesmente bater-papo com outros homens.

Se havia ocasiões de interações sociais entre os homens dos diferentes segmentos sociais, que ali se uniam também pela cumplicidade, não podemos esquecer que o bordel era/é também um lugar de divisões sociais, pelo menos em dias de grande movimento. Assim, naqueles dias, aos ricos eram reservadas mesinhas no interior da casa, sempre juntinhas às paredes, talvez pela falta de espaço. Os pobres tinham a opção de ficar em pé à porta ou sentar-se nas mesinhas que ficavam próximas às janelas, do lado de fora do estabelecimento.

As moças dançavam com umas roupas lindas... e, todo mundo só olhando! O povo conversava, mas era falando das moças mesmo. Dizendo que elas eram bonitas. Eram mesmo, viu? O cabaré era cheio, nesses dias era cheio. Eu ia porque papai confiava nos meninos lá da Rua do Comércio, depois eles vinham me deixar em casa de carro. Era bom demais! (risos) (SOUSA, 2008C).

Ao final da apresentação, fosse um samba de gafeira ou um fox-trote, o cabaré fervia em gritos e palmas. Mas o fim da apresentação não significava que a diversão havia acabado. A noite estava só começando. Naquele ambiente de desejo, tudo, ou quase tudo, era permitido¹⁹³. Sim, quase tudo. Pois mesmo sendo um espaço para o sexo ilícito, naqueles espaços a prática do sexo anal ou oral era vista com certo desprezo tanto pelas “prostitutas” como pelos freqüentadores, o que não quer dizer que aquela prática não existisse naqueles territórios de prazeres, até porque existiam.

As moças que se sujeitavam a esse tipo de coisa eram as mais rampeiras (risos). Eram as prostitutas de baixo escalão (sic). Uma relação sexual com uma prostituta custava [...] uns vinte reais na moeda de hoje, aí tinha uma mulher perdida aqui outra acolá que fazia esse tipo de coisa para ganhar uns trocados a mais. Era difícil. Mas sempre tinha quem fizesse isso. (JUNQUEIRA JÚNIOR, 2009).

Sobre esse tipo de prática a maioria dos nossos rememorados recusou-se a falar. Alguns apenas riam e desconversaram, expressando desconforto em tratar do assunto. Mas a maior parte deles disse-nos ter conhecimento que “existia essas coisas aqui sim. Toda vida existiu, só que isso era coisa de gente [mulher] ‘baixa’.”(SOUSA, 2008B).

Observe nos depoimentos do Sr. Junqueira e do Sr. Raimundo Formiga de Sousa que, a prática de sexo não convencional era atribuída às mulheres mais desprezíveis da sociedade, que faziam aquilo por “uns trocados a mais”, por prazer ou mesmo só por fazer.

¹⁹³ Conforme depoimento do Sr. Raimundo Formiga de Sousa, em **entrevista concedida a Helmara Gicelli Formiga Wanderley Junqueira**. Pombal. 06. junho de 2008b.

Se havia mulheres indesejáveis na zona, nos cabarés, as meretrizes eram o objeto de desejo dos senhores e/ou jovens pombalenses. Naquele território, a mulher desejável, aquela que enlouquecia os homens, fugia aos predicados da mulher “honesta”, ordeira. Tais mulheres vestiam-se à moda, lembrou a Sr. Benta Carneiro do Santos. “Era tudo muito chique, com uns vestidos lindos, maquiada, com batom vermelho nos lábios, andavam bonitas demais” (SANTOS, 2005). Além de vestir-se bem, aquelas mulheres que negociavam o seu corpo, não podiam ter pudor algum, deveriam pulular de beleza, sensualidade e malícia. Até porque acreditamos que os homens que iam até o “Rói Couro” não estavam em busca de amor, embora alguns tenham tido seus corações arrebatados por uma mulher [in]desejável, como dissemos anteriormente. Os homens que iam até à zona buscavam sexo. Sexo totalmente despido de amor. Na realidade amor e sexo eram postos em lados distintos, afinal: *amor é divino, sexo animal*, ou pelo menos era isso que pregava o clero local.

Se havia distinções entre as mulheres respeitáveis e as prostitutas, para este último grupo, segundo Margareth Rago, foram criados dois lugares: a prostituta vítima, aquela que vende seu corpo por necessidades econômicas e a *femme fatale* (2008). Mas, diante da precariedade das casas de prostituição acreditamos que as meretrizes pombalenses estejam enquadradas no primeiro caso, contudo, nos depoimentos dos nossos colaboradores elas aparecem sempre como mulheres sedutoras que enlouqueciam os homens.

Mesmo em face do desconhecimento que tinham as mulheres “direitas” da cidade sobre quem eram as moças [in]desejáveis, quando um espetáculo como aqueles que foi citado anteriormente estava por acontecer, elas, as mulheres desejáveis, as “de família, também ficavam informadas. E, embora tenha sido criado um lugar de passividade para tais senhoras em Pombal, algumas não eram tão passivas assim.

De acordo com a Sra. Raimunda Evaristo de Santana:

As coisas aqui em Pombal num instante se espalham né? ai quando ia ter as festas, os forrós lá no Rói, quando vinha aquelas moças lindas... ai todo mundo ficava sabendo. As mulheres casadas ficava (sic) tudo comentando. Diziam que chegou (sic) as moças safadas, as sem-vergonhas... tinham uma raiva danada, mas os maridos? Basta! Eles ia era tudo, nem que tivesse uma briga depois. Porque tem uma coisa as prostitutas eram bonitas viu? (SANTANA, 2008).

Além do fato de muitas das meretrizes serem de fora e de passarem somente uma temporada na cidade, apontamos como outro fator para o desconhecimento das mesmas, pelas mulheres de família, o comportamento descrito por nossos depoentes: “elas eram discretas. Quando vinham ao comércio era sempre com muito respeito (...) e andavam bem

vestidas” (JUNQUEIRA JÚNIOR, 2008). Apontamos ainda como justificativa, o fato de que os homens, para não denunciarem suas práticas extra-conjugais, evitavam comentários a respeito das mulheres de vida livre, principalmente na presença de sua esposa, mãe, filhas e irmãs. Afinal, como falamos anteriormente, a última coisa que se desejava naqueles anos era que a mulher adquirisse uma nova sensibilidade a respeito das práticas sexuais. Enfim, era dever do homem cuidar da honra de sua família, preservando-a das más-línguas.

No entanto, a ordem capitalista diluiu os comportamentos ditos morais, promovendo o aumento de práticas sexuais mais fluídas, sendo este, um dos preços a pagar pela tão sonhada modernidade. Na realidade, a prostituição assim como, o homossexualismo, configuram-se, na concepção dos “senhores do saber”, como o lado negativo da modernidade.

O espírito modernizador provocou também, no início da década de 1930, um verdadeiro “bota-abaixo” em Pombal¹⁹⁴. As casas populares, que fugiam aos padrões estabelecidos como modernos deveriam ser demolidas, mas não sem antes indenizar seus donos. Assim, na lei Municipal de 1936 fica estabelecido, no artigo 5º que:

As casas térreas, tanto na cidade como nos povoados, obedecerão às seguintes regras:

- a) Terão, pelo menos, 4 metros da soleira ao respaldo;
- b) As portas terão 2m65 de altura por 0m90 de largura, sendo casas de residências, podendo crescer-se para 3m, sendo armazém ou casa comercial;
- c) As janelas elevar-se-ão um metro da soleira, indo alcançar o nível das portas, observando a mesma largura destas;
- d) As construções que formam ângulos nas ruas ou praças deverão ter duas frentes, uma pra cada lado (CÓDIGO DE POSTURA MUNICIPAL, 1936, p. 4).

É importante destacar, que embora não fosse muito comum o estabelecimento de pobres nas áreas centrais, já que a maioria das famílias de baixa renda fixou-se em áreas periféricas, onde a prática da lavoura garantia as condições mínimas de sobrevivência. Ainda assim, não só os pobres mas as pessoas consideradas inadequadas à cidade moderna, já existiam naqueles territórios, onde a ação dos engenheiros, sanitaristas e urbanistas foi mais intensa, o que certamente dificultou sua retirada daquele espaço, já que tais pessoas já tinham fortes vínculos afetivos, econômicos e culturais estabelecidos com os demais moradores daquele pedaço, ou, dizendo de outra forma, daquele bairro.

¹⁹⁴ A expressão “bota-abaixo” é usada para identificar o processo de remodelamento do Rio de Janeiro, ocorrido entre os anos de 1904-05, quando o prefeito Pereira Passos ousadamente mandou derrubar as habitações dos pobres, os quiosques, estabelecimentos comerciais etc. do centro da cidade, com objetivo de modernizar a Capital Nacional. (CARVALHO, José Murilo de. **Os bestializados: O Rio de Janeiro e a República que não foi**. 3ª edição. São Paulo: Companhia das letras, 2004).

De acordo com Pierre Mayol, o bairro é

O lugar onde se manifesta um “engajamento” social, ou, noutros termos: uma arte de conviver com parceiros (vizinhos, comerciantes) que estão ligados a você pelo fato concreto, mas essencial, da proximidade e da repetição (MAYOL, 2008, p. 39).

Sendo o bairro mais que a simples materialidade de suas ruas, calçadas e prédios, como sugere Mayol, nos casos em que as famílias pobres foram desabrigadas¹⁹⁵, a prefeitura municipal de Pombal pagou uma indenização, acreditando com isso não ter provocado nenhum prejuízo àqueles que expulsos do seu lar e do seu convívio social, teriam que refazer sua moradia, sua vida, construir novas sociabilidades em áreas distantes, e onde os melhoramentos trazidos pelas aparelhagens modernas não chegariam tão cedo.

Sobre isto a Sra. Francisca Trigueiro Tôrres lembrou que

Na década de 30 as casas começaram a ser remodeladas, porque antes tinha poucas janelas, eram muito escuras. Aí os mais ricos começaram a mudar as casas para ficar mais bonitas. Aqui nessa rua [antiga Rua do Comércio] aí onde é a casa de Sr. Mizinho, era uma casa bem pobrezinha, o povo que morava nela era muito pobre, aí Sr. Mizinho comprou e reformou ela toda, isso na década de 30. As casas tinham que ficar bonitas, não é? Então os pobres que não tinham condições de ter uma casa bonita tinha que vender e ir morar num outro lugar” (TÔRRES, 2004).

Já a Sra. Ivanil Salgado de Assis disse-nos que

Quando a cidade começou a ser remodelada, quando o progresso começou a chegar aqui, os pobres tiveram que se mudar. Era preciso fazer casas bonitas, luxuosas! Os que não possuíam condições de construir um casa bonita, moderna, tinha que se mudar e ir para uma casa digna deles, num outro local” (ASSIS, 2004a).

Num outro momento a mesma colaboradora afirma que,

Quando foram abrir novas ruas, os pobres iam saindo sem problema. Claro que eles não gostavam, pois eles já estavam acostumados ali, mas saíam sem problemas. Não havia confusão de forma alguma, porque as autoridades competentes sempre indenizavam. Os pobres eram levados a bairros distantes [possivelmente ao nascente bairro dos Pereiros],¹⁹⁶ de acordo com suas condições. Porém, as autoridades faziam questão de

¹⁹⁵ CÓDIGO DE POSTURA MUNICIPAL – Prefeitura Municipal de Pombal. Lei Nº 3. João Pessoa: Imprensa oficial, 1936, em seu capítulo III diz que “poderá o prefeito, attento a necessidades de utilidade publica, inclusive aberturas de avenidas, alargamentos de ruas, fazer desapropriações amigáveis ou administrativas”.

¹⁹⁶ Nos anos 50 começa a expansão da cidade na direção norte, dando início ao bairro popular que mais tarde veio a se chamar “Francisco Paulino” ou “Pereirão” como é mais conhecido pelos habitantes de Pombal.

garantir abrigo seguro. Se não dessem o dinheiro, davam uma nova casa. Eles, os pobres, ficavam sem perder com isso” (ASSIS, 2004a).

As informações das depoentes estão carregadas de certo conformismo. O que nos leva a alguns questionamentos: será que essas pessoas saíram tão facilmente daqueles lugares onde viviam há tanto tempo? Não constituía uma violência retirá-las das suas moradias e levá-las para outros locais? Certamente, houve resistência, pois o simples fato de “não gostar” já é um indício de que não havia um conformismo. A ausência de conflitos entre os proprietários das habitações desapropriadas e as autoridades locais, deve-se, em parte, a ineficiência da justiça que, de acordo com a Sra. Benta Carneiro dos Santos: “por essas bandas não funcionava não. Basta! era mesmo que nada a justiça mulher! Quem botava ordem eram os ricos mesmo, e o pobre só tinha que obedecer” (SANTOS, 2005). Mas é claro que eles, os pobres, perdiam com isso! E desobedeciam! Pois a insistência em ficar naqueles espaços onde eram indesejados, mostra também a não aceitação à sua retirada, o que só era resolvido, em parte, com a ordem de despejo.

Mas nem todos saíram, pois o apadrinhamento de pessoas influentes garantiu a permanência de determinadas famílias, mesmo que em desacordo com os padrões desejados, num espaço nem sempre condizente com o seu padrão sócio-econômico. E claro, havia aqueles que mesmo sem apadrinhamento insistiram em ficar, e ficaram. Foi o caso de uma vendedora de pastéis, que morava numa casa de taipa, segundo a Sra. Tôres, a referida mulher, recebeu inúmeras propostas de particulares e da Prefeitura para sair daquele espaço, não sem receber uma indenização. Em virtude da sua recusa, a Prefeitura acabou por exigir o melhoramento da fachada de sua casa, ainda que de forma muito simples. Como a Senhora não tinha como pagar pela reforma, a Prefeitura pagou pela mesma. Mas o caso dessa senhora não foi o único, muitas foram as famílias que se recusaram a deixar o centro e ir se reestabelecer no distante bairro dos Pereiros. A imagem a seguir ilustra bem essa resistência:



IMAGEM 30 – ANTIGA RUA DO COMÉRCIO – 1954 (Fonte: Acervo de Verneck Abrantes de Sousa)

Àquela tarde a prática incomum de fotografar retirou algumas pessoas de sua rotina. Muitas senhoras estão observando o fotógrafo da calçada da casa de Sr. Mizinho (à esquerda), na mesma calçada há também quituteiras e compradores que parecem não ter percebido a câmera e tampouco o fotógrafo. Atravessando-se a rua ao final do quarteirão parece haver uma senhora também observando a ocorrência. E, pousando para seu Leó Formiga estão as crianças da rua, pegadas desprevenidas, Algumas com suas roupas simples, outras sem roupa alguma e entre eles um garoto, que além de usar vestes diferenciadas parece ser o dono do carrinho. Mas a foto vem nos mostrar que embora a ação das autoridades locais tenha retirado muitas famílias que não se adequaram aos padrões modernizantes estabelecidos em lei, também não foram poucos os que resistiram àquela exclusão, de forma que em meados dos anos 1950 uma das principais ruas da cidade continuou a ser habitada por pobres.

Diferente do que aconteceu na Rua Nova, onde o bota-abixo de fato implementou uma verdadeira reforma urbanística, a Rua do Comércio manteve durante anos, uma arquitetura incondizente com a técnica moderna. Contudo, não sem lutas de ambos os lados, pois, o desejo de embelezamento próprio da modernidade destruiu alguns laços que

ligavam os antigos habitantes daquele bairro¹⁹⁷. Assim, durante aqueles anos, os ricos, desejavam melhorar o aspecto da rua, e eliminar os comportamentos destoantes, os pobres, por sua vez, desejavam ficar naqueles espaços contemplados com os melhoramentos técnicos, ainda que não tivessem condições de se adequar aos padrões normativos impostos socialmente. E muitos deles ficaram, é o que sugere a fotografia anterior.

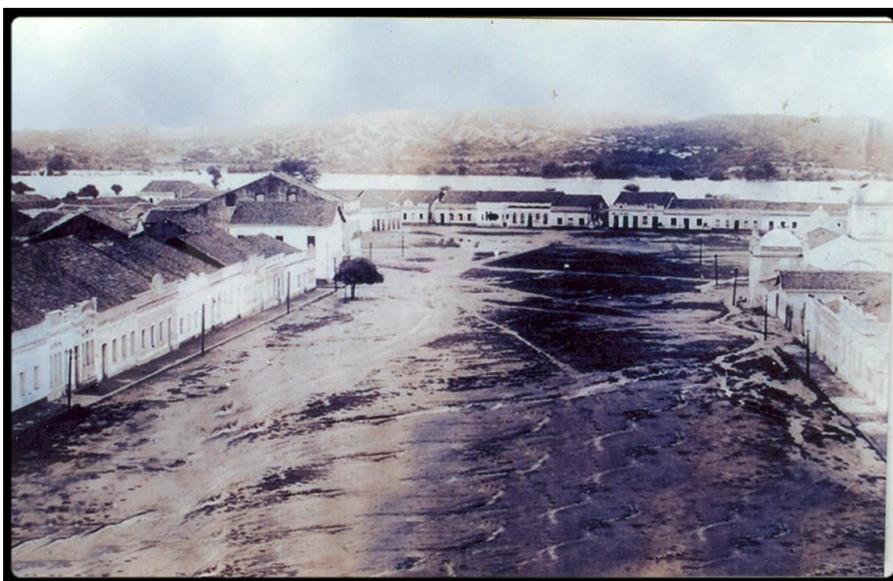


IMAGEM 31 - LARGO DO BOM SUCESSO SEM AS PRAÇAS – 1934 (Fonte: Acervo de Verneck Abrantes de Sousa)



¹⁹⁷ Sobre as sociabilidades que desenvolvem-se no espaço do bairro, ver: MAYOL, Pierre. **Morar**. In. CERTEAU, Michel de. **A Invenção do Cotidiano. -Tomo II - Morar, Cozinhar**; Petrópolis; Vozes; 2008.

IMAGEM 32 - CONJUNTO ARQUITETÔNICO RUA NOVA – anos 1940 (Fonte: Acervo de Verneck Abrantes de Sousa)

Diferente do que aconteceu na Rua do Comércio [atual Rua Coronel João Leite], na Rua Nova os grupos de pessoas dissonantes não foram poupados, note na imagem ao lado que o conjunto arquitetônico residencial é bem alinhado, com fachadas altas, além de portas e janelas também obedecendo aos padrões exigidos pela moderna norma técnica de edificações, e isso antes mesmo de ser criado o Código de Postura da Cidade. Por isso mesmo, é comum que os nossos depoentes sempre se referiram aos moradores desta rua, como “os verdadeiro ricos” de Pombal. Na imagem 30, chama-nos a atenção a existência de uma árvore solitária, o que marca o início do processo de arborização daquela rua, mas também os postes de iluminação feitos com a sobra dos trilhos de ferro implantados na cidade dois anos antes. Na segunda imagem, a rua já conta com um bom número de árvores, note no destaque que a praça recém construída também já era arborizada, aqui os pequenos postes de ferro foram substituídos por outros maiores de cimento e concreto.



IMAGEM 33 - LARGO DO BOM SUCESSO E PRAÇA GETÚLIO VARGAS – anos 1940 (Fonte: Acervo de Verneck Abrantes de Sousa)

O registro fotográfico anterior vem colocar em evidência o desejo de reordenação do espaço central da cidade. Note que existem pessoas próximas à Coluna da hora. Estas parecem estar pousando para as lentes do fotógrafo. Em face disso, e dada à distância em que foi feita a imagem, acreditamos que ela tenha sido feita a partir do Coreto, localizado na Praça Barão do Rio Branco. Observe também que ao lado esquerdo, há um automóvel, enquanto que à direita, em destaque, há um homem empurrando um carro de mão, aparentemente carregado de mercadorias, talvez fosse oiticica ou algodão, os principais produtos negociados naquela praça.

Mesmo que as áreas limítrofes às ruas centrais ainda fossem desabitadas, os pobres foram conduzidos ao nascente bairro dos Pereiros, localizado na região sul e próximo à Rua dos Roques.

Naquelas imediações, até o início da década de 1930, “havia ali somente o cemitério (VER MAPA 2) e algumas casas isoladas onde funcionavam os cabarés. Cabarés não! Era

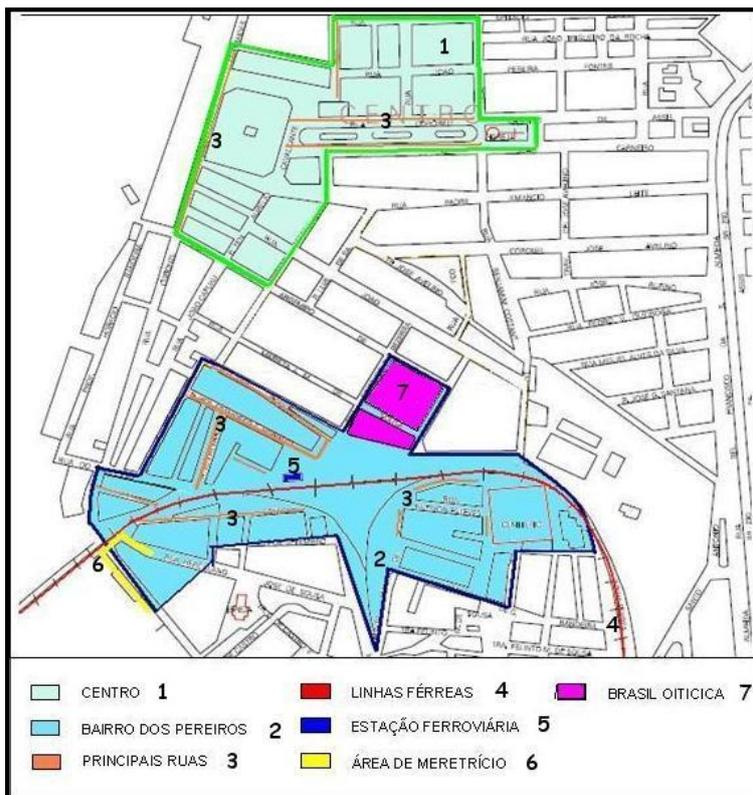
o Rói, numas casinhas péssimas, cabarés não! Até hoje não tem né? O resto era só mato” (SOUSA, 2008a).

A existência de uma “zona de meretrício” em Pombal, remonta ao final do século XIX. Todavia, foi somente na década de 1930, após a construção da estação Ferroviária e dos trilhos que se definiu o espaço para os “lazers proibidos”. Na verdade, foi somente a partir de 1936, que foi legalizada a existência de uma área para o meretrício em Pombal.

Ah, basta! Esses cabarés, já existiam muito antes da linha do trem ser construída. Basta! mamãe dizia que toda vida foi movimentado para essas bandas. O pai dela nem deixava ela ir nem perto das casinhas. O Rói, era assim que chamavam: Rói Couro. Era numas casinhas sabe? Dentro dos monturos. Aí depois foi ficando melhor, né? Antes era tudo cheio de mato mulher? Eu ainda peguei isso tudo cheio de mato. Então até pra os homens ir era ruim, aí depois construíram a estrada de ferro, aí eles continuaram a ir... trair suas mulheres [risos]. (SANTOS, 2004).

Embora as práticas tidas por imorais existissem em várias partes da cidade, o bairro dos Pereiros, principalmente após a construção da Estação do Trem e da implantação dos trilhos, passou a ser uma área estigmatizada. A linha férrea, não a estação, passou a demarcar os limites entre a cidade virtuosa (antes da linha, ao norte), e a cidade dos vícios, dos maus costumes (depois da linha, ao sul) (Ver mapa 2). Claro que essa divisão entre os bons e os maus costumes não era tão rígida. Como já foi dito, no espaço centralizado, também havia práticas “desviantes”. Além dos discretos lugares onde os homens podiam usufruir dos “serviços” sexuais, havia ainda lugares abertamente destinados aos lazers, à exemplo do Bar Junqueira. Nesse estabelecimento era possível tomar um conhaque Cinzano ou Vermute, ou ainda uma dose da cachaça Chica Boa, acompanhada por fígado ou buchada¹⁹⁸.

¹⁹⁸ As informações foram cedidas pelo Senhor Pedro Junqueira Júnior, filho do proprietário do bar. (JUNQUEIRA JUNIOR, 2007).



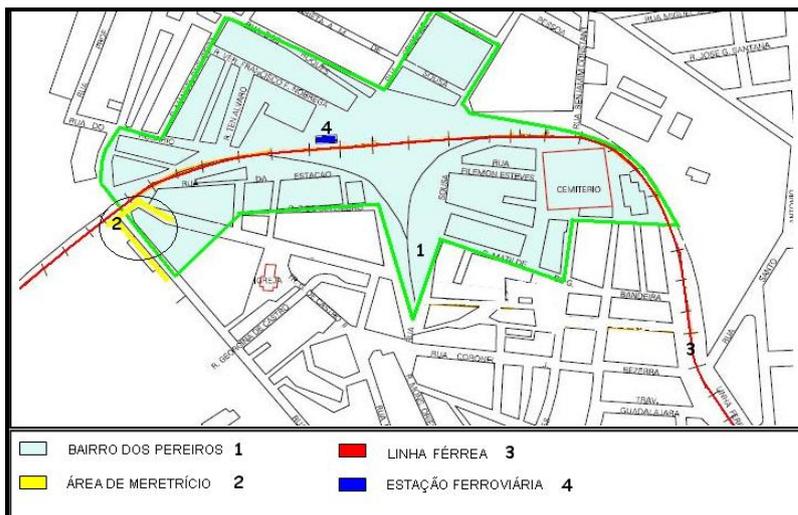
Embora o Mapa aponte uma extensão muito ampla para as áreas do Centro e dos Pereiros, é importante sublinhar que a maioria das ruas eram formadas por pequenos conjuntos desordenados e desalinhados de casas. Sendo as principais ruas da cidade a Rua Nova, Rua do Comércio e Rua do Rio.

MAPA 2 – Centro e Bairro dos Pereiros – FONTE - IBGE - 2008

O referido bar, fundado em 1936, era visto pelos pombalenses como algo inovador, servindo como ponto de encontro para os senhores locais, que raras vezes, levavam suas “senhoras” ao estabelecimento, onde poderiam saborear um refresco de maracujá ou abacaxi. Segundo os Sr. Pedro Junqueira Junior, “os frequentadores do bar, eram em sua maioria homens de posses, mas todo mundo podia freqüentar, desde que possuísse dinheiro”(JUNQUEIRA JUNIOR, 2007).

Se do lado de cá da linha do trem o bar Junqueira era um lugar de “lazers permitidos”, usando as palavras de Antonio Clarindo B. de Sousa, para além da linha do trem, os bares eram considerados perniciosos. Essa distinção se dava pelo fato de serem oferecidos outros serviços além de bebidas, como falamos anteriormente, tais como: jogos e sexo, considerados pela população de Pombal “prazeres proibidos”.

Diferente do caso do bar Junqueira, nos cabarés “mulher direita não ia não!” (TÔRRES, 2004). Aliás, não andava nem perto.



Embora o território traçado no Mapa nos passe a impressão de que a zona de meretrício em Pombal era ampla, na verdade não era. As casinhas ficavam isoladas umas das outras. Assim, o mapa marca apenas os limites da área de meretrício. Observe também que a “zona” ficava a uma boa distância da estação ferroviária.

MAPA 3 – BAIRRO DOS PEREIROs - Zona de meretrício em destaque - FONTE - IBGE - 2008

A zona de meretrício não ficava exatamente na Rua da Estação Ferroviária¹⁹⁹, segundo a Sra. Benta Carneiro dos Santos, era mais distante, próximo à entrada da cidade. Contudo, era proibido às moças de família circular naquelas imediações sob pena de ficarem “faladas” na cidade.

Mamãe e papai toda vida dizia que não era para eu ir pra aquelas bandas. Mas basta! quando eles não tavam (sic) em casa eu corria para brechar as moças. Era tudo arrumada, maquiada, de batom! Ai um dia mamãe mandou eu ir vender umas tapiocas na fábrica, aqui na Brasil Oiticica, e eu fui? Fui breu, eu fui bater lá nos cabarés [risos]. Quando cheguei papai me deu uma surra! (SANTOS, 2004).

É possível perceber que o discurso instituído pela elite foi incorporado também por pessoas que viviam próximas às áreas limítrofes. Contudo, nem todos os habitantes daquele bairro concordavam ou tinham conhecimento sobre as proibições “morais” instituídas sobre aquele espaço.

Ah! Eu morei a minha vida toda aqui. Nunca houve proibição não! A gente sabia que tinha o Rói pra quelas (sic) bandas. Mas ninguém proibia nada! Até porque essas coisas tinham em toda parte! Era uma depravação! E não tinha nem pra quê proibir, porque você sabe... não adianta! Quando a pessoa nasce com boa índole, é direita em qualquer lugar. Agora, quando não nasce... não adianta o pai prender, fazer nada, vai ser ruim. Eu acho sabe? Então aqui mesmo meu pai e o pai de minhas amigas nunca disse

¹⁹⁹ Sobre o Baixo Meretrício nas imediações da Estação Ferroviária de Campina Grande ver: NASCIMENTO, Uelba Alexandre. **O Doce Veneno da Noite**: prostituição e cotidiano em Campina Grande (1930-1950). 2007. Dissertação (MESTRADO em Ciências Sociais) UFCG, Campina Grande; Ver também REGO, José Lins do. **O Moleque Ricardo**. 22ª ed. Rio de Janeiro, José Olímpio, 2003.

nada sobre não ir perto do Rói não. Eu é que não queria ir (SOUSA, 2008B).

Embora a depoente afirme não existir uma proibição legal, ou social, percebemos em sua fala a concepção de não ir a tais lugares, palavras que por si só denunciam certo moralismo. Moralismo este que se disseminava em todo o corpo social produzindo grandes discriminações sociais, o que atingia violentamente os homens e mulheres que viviam para além da linha do trem.

Nas proximidades da Estação uma nova geografia dos prazeres começou a ganhar corpo a partir do final dos anos 1930. As ruas desabitadas entre o Centro e os Pereiros, passaram a aconchegar as práticas ilícitas. Não só as meretrizes vagavam naqueles espaços depois das 22 horas, mulheres “chifreiras”, ladrões e outros tipos dissonantes passaram a compor aquele cenário de pecados. E diferente daquilo que aconteceu em cidades como Campina Grande, a prostituição naqueles espaços era contratada a preços maiores, pois o encontro ali era preparado pelas cafetinas no intuito de preservar o anonimato de alguns homens tido por “honestos” na cidade.

Os ricão, quando não queriam ser visto eles marcavam o encontro lá perto da estação. Não era na Estação não, porque na estação tinha o vigia né. Era nas partes que não era iluminada. Aí eles levavam elas pra algum lugar (ALMEIDA, 2009B).

Numa cidade como Pombal, é curiosa a segregação social que se estabeleceu entre os que viviam do lado de cá, da linha férrea, e aqueles que viviam do lado de lá. Este preconceito se tornava ainda mais grave quando se tratava de trabalho.

Ah! O povo que morava aqui perto da linha era muito pobre mulher! E você tá pensando que o povo, os ricos, davam empregos a eles? Dava nada! Basta! Era uma miséria muito grande. Aqui mesmo [Rua dos Roques] a miséria já era enorme! Tinha tempo que a gente comia café com farinha (...) Agora quando a Indústria Brasil Oiticica chegou, as coisas foram melhorando. Os homens foram arrumando emprego... e as mulheres também! Elas costuravam saco. Ganhava um tostão! (SANTOS, 2004)

A dificuldade de conseguir emprego explica-se, entre outros motivos, pelo grau de preconceito reinante em Pombal, fruto principalmente dos excessos cristãos. De acordo com a senhora Maria Amélia de Sousa, “Tinha muita gente direita aqui” (2008a), ou melhor, lá. Sem dúvida havia muitas outras atividades que poderiam ter caracterizado “melhor” o bairro. Como exemplo, a indústria Brasil Oiticica instalou-se também no bairro dos Pereiros, ao

norte da linha do trem. Entretanto, a maior parte dos trabalhadores eram moradores daquelas imediações. Caracterizando-se, portanto, como uma população de operários.

Mas distante disso, surgiram denominações depreciativas. Se eram mulheres, eram consideradas prostitutas, e podiam ser também “gatunas”, segundo alguns depoentes. Se eram homens, eram bêbados, irresponsáveis, tarados, estupradores, ladrões, assassinos, enfim, desordeiros²⁰⁰. O melhor era manter distância! Porém, ainda que os discursos fossem tão excludentes, ironicamente, muitas das mãos que realizavam a lida diária nas casas das “madames” vinham daquele bairro. Lavar, engomar, esfregar, cozinhar, arrumar, limpar, costurar, cuidar de menino... A maioria das tarefas domésticas eram realizadas por alguma mulher que vivia à margem da cidade e da sociedade, próximo à “zona de meretrício”. E se era de um pedreiro que se precisava: chama o Pedro Rodrigues! Também morador “dos Pereiros”, como diziam popularmente.

Embora as necessidades da vida prática levassem a uma sociabilidade com pessoas daquele bairro, o que não acontecia só na esfera doméstica, pois tratando-se Pombal, de uma cidade pequena com uma população também pequena, no dia-a-dia, eram comuns os encontros e desencontros com aquelas pessoas que eram comumente conhecidas como: “Fulana de Tal, lá dos Pereiros”²⁰¹. Assim, nas missas, nos passeios até a estação, depois nas praças, e, finalmente, nos anos 50 também no cinema, pombalenses de lá [dos Pereiros] e os de cá [do Centro], conversavam, brincavam, caminhavam, namoravam e até mesmo se apaixonavam. Mas entre eles também havia discórdias, e como já falamos muito preconceito.

É importante lembrar que embora o preconceito atingisse (quase) todos os habitantes do bairro dos Pereiros que viviam próximos à zona de meretrício do lado de cá, esses discursos dirigiam-se especialmente às mulheres. Eram elas que deveriam ter cuidado! Aos homens nada era proibido, afinal eram machos! Procurar um bar, uma casa de jogos ou mesmo uma prostituta era algo perfeitamente cabível para eles. Até porque “as mulheres de casa não eram de fazer sem-vergonhice não! Aí, se os homens queriam fazer safadeza eles tinham que procurar essas mulheres, as prostitutas, né? E as mulheres [as esposas] não achavam ruim não!” (SANTOS, 2004).

Numa cidade pequena como Pombal, onde as notícias circulavam de boca em boca, quem era a mulher “direita” que iria demonstrar insatisfação, ou incômodo com aquela situação? O silêncio parecia ser a melhor forma de se relacionar com o assunto. Falar, brigar seria uma denúncia de comportamento imoral. Assim, as esposas traídas preferiam

²⁰⁰ Expressão utilizada pela senhora Francisca Trigueiro Tôrres em entrevista cedida autora no dia 20.06.2004.

²⁰¹ Conforme nos informou o Sr. Raimundo Formiga de Sousa em entrevista concedida a autora no dia 22.12.2008.

passar a imagem de que aceitavam aquela situação. Pois acreditavam, ou pelo menos queriam passar a impressão de que “se era pra fazer safadeza, era melhor procurar as profissionais do sexo, né? (...) Com as mulheres de casa não! Eles tinham o maior respeito!” (SANTOS, 2004).

Assim instituíram-se limites para as mulheres. Elas, as consideradas mulheres “respeitáveis” não podiam beber, fumar, jogar, caminhar livremente e tampouco falar abertamente sobre assuntos relacionados à sexualidade. Para esse grupo, a linha do trem era o ponto final. Cruzá-la era sempre muito perigoso, quiçá, proibido.

Mas não demorou muito para que os padrões de comportamento mudassem. A introdução gradativa das aparelhagens modernas alterou significativamente a vida dos homens e mulheres daquela aldeia. As barreiras que existiam socialmente, e que impunham uma moral social rígida, foram uma a uma caindo. Em pouco tempo, Pombal tornou-se uma cidade difusa, diferente do que esperavam os membros da elite e os representantes do poder público municipal.

Ao final dos anos 50 a cidade já não se parecia tanto com aquela urbe pacata e bucólica dos anos 1920, todavia, mesmo em face das mudanças pelas quais passou Pombal durante os anos por nós estudados, muitas foram as permanências. E, ainda que algumas práticas não tivessem desaparecido, foram muitas as apropriações, usos e invenções que os cidadãos fizeram delas. Assim, o caminhante que passasse nas ruas centrais, ainda encontraria alguns senhores e também senhoras a conversarem em frente à bodega de Seu Josafá, mas agora havia um pouco mais de pressa, pois o relógio da Coluna da Hora estava vigilante a tudo. Além disso, a chegada e partida do trem, o apito da “Brasil”, a abertura de novas casas comerciais imprimiram um pouco mais de ritmo à cidade. Era possível ao caminhante que encontrasse nas ruas também crianças brincando, contudo, a maioria delas agora estudava em alguma das duas escolas estaduais da cidade²⁰². E se o cinema, no início da década de 1950, corroborou para diluir muitas das barreiras sociais, o rádio, e depois a TV, vieram não só informar, educar, distrair, divertir, mas, principalmente, gerar novas sensibilidades, novas interações entre os homens e mulheres de Pombal.

Aos poucos, sentar no banco da praça foi perdendo o encanto, às vezes chegava a ser ameaçador, pois estas tornaram-se locais de encontro não só da população tida como honesta e também de bêbados, prostitutas, loucos, pedintes, vendedores etc., pessoas estas que fizeram usos diversos, apropriaram-se e (re)apropriaram-se de diferentes maneiras dos espaços criando uma cartografia diferente para aquela urbe.

Enfim, a Pombal do final da década de 50 não era mais como a cidade do início do século XX, embora fosse um local de contradições e divisões sociais, estas eram

²⁰² As duas escolas Estaduais chamavam-se João da Mata, fundados em 1932 e 1947, respectivamente. Não havia em Pombal, naqueles anos, escolas municipais.

amplificadas, reinventadas e superdimensionadas. Mostrando que a cidade, seja ela onde for, na Europa ou no sertão da Paraíba, é sempre reinventada cotidianamente pelos seus moradores.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABREU, Martha. **Nos requebros do Divino: lundus e festas populares no Rio de Janeiro do século XIX**. In: Maria Clementina Pereira Cunha. (Org.). **Carnavais e outras frestas. Ensaios de História Social da Cultura**. Campinas: Editora da Unicamp, 2002.

ALBERTI, Verena. **Manual de História Oral**. 3ª ed. Rio de Janeiro: FGV, 2005.

ARANHA, Gervácio Batista. **Trem e imaginário na Paraíba e região: Tramas político-econômicas (1880-1925)**. Campina Grande: EDUFPG, 2006.

_____. **Seduções do moderno na Parahyba do norte: trem de ferro, luz elétrica e outras conquistas materiais e simbólicas (1880-1825)**. In: Parahyba no Império e na República. Estudo de história social e cultural. 2ª ed. João Pessoa: Idéia, 2005.

ARAÚJO, Jerdivan Nóbrega de. **Na tela do Cine Lux de Pombal**. João Pessoa: A União, 2002.

ARRAIS, Raimundo. **O Pântano e o riacho: a formação do espaço público no Recife do século XIX**. São Paulo, HUMANITAS/FFLCH/USP, 2004.

AYALA, M. . Festa do Rosário de Pombal: História e Identidade. REVISTA CCHLA, João Pessoa, v. 03, p. 194-208, 1995.

AZEVEDO, Aluísio. **O Cortiço**. 21 ed. São Paulo: Ática, 1990.

BAKHTIN, Mikhail. **A cultura popular na Idade Média e no Renascimento, o contexto de François Rabelais**. 4 ed. São Paulo- Brasília, HUCITEC, 1999.

BERMAN, Marshall. **Tudo o que é sólido desmancha no ar**. São Paulo, Companhia das Letras, 2007.

BOSI, Ecléia. **Memória e sociedade: lembranças de velhos**. 11ª ED. São Paulo: Companhia das Letras, 2004

BRESCIANI, Maria Stella. **Londres e Paris no século XIX – o espetáculo da pobreza**. São Paulo: Brasiliense, 1989.

_____. **“As Sete Portas da Cidade”**. In: Espaço & Debates: Cidade e História, Revista de Estudos Regionais e Urbanos: São Paulo, Ano XI, n. 34, 1991.

_____. **“História e Historiografia das cidades em Percurso.”** In: FREITAS, Marcos Cezar (org). **Historiografia Brasileira em Perspectiva**. 3ª ed. São Paulo: Contexto, 2000.

BURKE, Peter. **Cultura Popular na Idade moderna**. São Paulo, Companhia das letras, 1989.

_____. **O que é História Cultural?** Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2005.

_____. “Unidade e variedade na história cultural”. In.: **Variedades de história cultural**. Tradução de Alda Porto. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 2000.

CARVALHO, José Murilo de. **OS Bestializados: O Rio de Janeiro e a República que não foi**. 3ª ed. São Paulo, Companhia das Letras, 2004.

CERTEAU, Michel de. **A Invenção do Cotidiano I: Artes de fazer**. 6ª edição. Petrópolis: Vozes, 2001.

_____. **A Invenção do Cotidiano. -Tomo II - Morar, Cozinhar**; Petrópolis; Vozes; 2008.

CHARTIER, Roger. **História Cultural: entre práticas e representações**. Lisboa: Difel, 1990.

_____. **Cultura Popular: revisitando um conceito historiográfico**. In. Estudos históricos, Rio de Janeiro, vol. 8, n.16, 1995.

CHOAY, Françoise. **A História e o Método em Urbanismo**. In. BRESCIANI, Stella (org). **Imagens da Cidade: Século XIX e XX**. ANPUH/São Paulo: Marco Zero/ FAPESP, 1994.

DAMATTA, Roberto – **O que faz o Brasil, Brasil**. Rio de Janeiro. Rocco, 2001.

DELGADO, Lucília de Almeida Neves. **História Oral: memória, tempo, identidades**. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.

DOSSE, François. “Paul Ricouer revoluciona a história” In.: **A história à prova do tempo: da história em migalhas ao resgate do sentido**. São Paulo: UNESP, 2004.

DUMAZEDIER, Joffre. **Lazer e Cultura Popular**. São Paulo, Perspectiva, 1976.

ELIAS, Norbert. **O processo Civilizador**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1994, vol. 1.

Enciclopédia dos Municípios Brasileiros. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). Volume XVII. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1960.

FONTES, Virginia. **História e Modelos**. In. CARDOSO, Ciro Flamarion. VAIFAS, Ronaldo (orgs). **Domínios da História: ensaios de teoria e metodologia**. Rio de Janeiro: Campus, 1997.

GAGNEBIN, Jeanne Marie. **Lembrar, escrever, esquecer**. São Paulo: Editora 34, 2006.

_____. **Sete aulas sobre Linguagem, Memória e História**. Rio e Janeiro: Imago, 1997.

GROSSI, Yonne de Souza. **Belo Horizonte: Qual Polis?** In. Caderno de história, belo Horizonte, v.2, n.3, out. 1997.

GRUZINSKI, Serge. **Por uma história das sensibilidades**. In. PESAVENTO, Sandra Jatahy. LANGUE, Frédérique.(orgs). **Sensibilidades na história: memórias singulares e identidades sociais**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2007.

HADDOCK, B. A. **Uma introdução ao pensamento histórico**. Lisboa: Gradiva, 1989.

KUMAR, Krishan. **Da Sociedade Pós-Industrial à Pós-Moderna: novas teorias sobre o mundo contemporâneo**. Tradução Ruy Jungmann. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997, p.79-84.

LE GOFF, Jacques. **História e Memória**. Campinas: Ed.Unicamp, 2003.

MAGNANI, José Guilherme Cantor. **Festa no pedaço: cultura popular e lazer na cidade**. São Paulo, Hucitec/UNESP, 1998.

MAYER, Regina M. Prosperi. **Urbanismo: à procura do espaço perdido**. In. Revista USP, Dossiê...Cidades. São Paulo. n. 5, p. 11-20. março/abril/maio, 1990

MARTINS, Ana Luiza. **A invenção e/ou a Eleição dos Símbolos Urbanos: História e Memória da cidade paulista**. In. BRESCIANI, Stella (org). *Imagens da Cidade: Século XIX e XX*. ANPUH/São Paulo: Marco Zero/ FAPESP, 1994, p. 177.

MATOS, Maria Izilda Santos de. **A Cidade, a noite e o cronista**. Bauru, SP: EDUSP, 2007.

_____. **Cotidiano e Cultura: história, cidade e Trabalho**. Bauru, SP: EDUSP, 2002.

MENEGUELLO, Cristina. **Poeira de Estrelas: O cinema hollywoodiano na mídia brasileira de 40 e 50**. Campina; SP – Editora da UNICAMP, 1996.

NASCIMENTO, Uelba Alexandre. **O Doce Veneno da Noite: prostituição e cotidiano em Campina Grande (1930-1950)**. 2007. Dissertação (MESTRADO em Ciências Sociais) UFCG, Campina Grande

NEEDELL, Jeffrey D. - **Belle Époque Tropical: Sociedade e Cultura de Elite no Rio de Janeiro na virada do século**. São Paulo, Companhia das Letras, 1993.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. **História e História Cultural**: 2ª ed. 1. reimp. Belo Horizonte: Autentica, 2005.

_____. **Sensibilidades no tempo, tempo das sensibilidades**. Disponível em <http://nuevomundo.revues.org/document229.html>.

_____. **O imaginário da Cidade: visões literárias do Urbano- Paris, Rio de Janeiro, Porto Alegre**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2002.

POLLAK, Michel. **Memória, esquecimento, silêncio**. In: **Estudos Históricos. Memória 3**. Rio de Janeiro: Edições Vértice, 1989.

PRIEUR, Jérôme. **O Espectador noturno: Os escritores e o cinema**. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1995.

QUIRINO, José Francisco. **Como cresce a cidade?** REVISTA USP, Dossiê...Cidades. São Paulo. n. 5. março/abril/maio, 1990.

RAGO, Margareth. **Do Cabaré ao Lar: A utopia da Cidade Disciplinar – Brasil 1890-1930**. 3ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra; 1997.

_____. **Os prazeres da noite: prostituição e Códigos da Sexualidade Feminina em São Paulo (1890-1930).** 2ª ed. São Paulo, Paz e Terra, 2008.

REGO, José Lins do. **O Moleque Ricardo.** 22ª ed. Rio de Janeiro, José Olímpio, 2003.

REVISTA USP, **Dossiê...Cidades.** São Paulo. n. 5, p. 2. março/abril/maio, 1990.

ROCHE, Daniel. **História das coisas banais: nascimento do consumo nas sociedades do século XVIII ao XIX;** RJ: Rocco, 2000.

ROLNIK, Raquel. **O que é a cidade.** 2ª. Ed. São Paulo: Brasiliense, 1988

ROSSI, Lia Mônica. **Art Déco Sertanejo.** Disponível em <http://www.art-deco-sertanejo.com/intro.htm>, acessado em 16 de fevereiro de 2009.

SANTANA, Flávio Carreiro de. **Recriando Espaços, Inventando Lugares: memória e oralidade sobre as transformações urbanas em Pombal (1930-1950).** 2007. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) - UFCG, Campina Grande.

SEVCENKO, Nicolau. **A Capital Irradiante: técnicas, ritmos e ritos do Rio.** In: SEVCENKO, Nicolau. **História da Vida Privada no Brasil: República da Belle Époque à Era do Rádio.** São Paulo: Companhia das Letras; 2001.

_____. **Orfeu extático na metrópole: São Paulo, sociedade e cultura nos frementes anos 20.** São Paulo: Companhia das Letras, 1992.

SHARPE, Jim. **“A história vista de baixo”**, in: HUNT, LYNN. **A nova história cultural.** São Paulo: Martins Fontes, 1992.

SILVA FILHO, Osmar Luiz da. **Na Cidade da Parahyba, o Percurso e as tramas do Moderno (1892-1928).** 1999. Tese (Doutorado em História) – UFPE, Recife.

SOIHET, Rachel. **O Drama da conquista na Festa: reflexões sobre resistência indígena e circularidade cultural.** Estudos Históricos, Rio de Janeiro, vol.5, n. 9, 1992 p. 44-59.

SOUSA, Antônio José de. **Apanhados Históricos Geográficos e Genealógicos do Grande Pombal.** Pombal: Gráfica Comercial Ltda; 1971.

SOUSA, Fabio Gutemberg R. Bezerra de. **Territórios de Confrontos: Campina Grande (1920-1945).** Campina Grande: EDUFCEG, 2006.

_____. **Campina Grande: Cartografias de uma reforma urbana no Nordeste do Brasil (1930 -1945).** Revista Brasileira de História, ANPUH – São Paulo, v. 23, n.46, p. 61-92.

SOUSA, Verneck Abrantes de. **Um olhar sobre Pombal antiga (1906 a 1970).** João Pessoa: A União, 2002.

_____. **A trajetória Política de Pombal.** João Pessoa: Imprel, 1999.

_____. **Maringá.** Série Nossa história, nossa gente. . Gráfica Martins, 2007.

SOUZA, Antonio Clarindo Barbosa de. **Lazeres Permitidos, Prazeres Proibidos: Sociedade, Cultura e Lazer em Campina Grande (1945 – 1965)**. 2002. Tese (DOUTORADO EM História do Brasil) – UFPE, Recife.

_____. **Perdidos nos labirintos da Modernidade e da pós Modernidade**. In. Textos didáticos. Antonio Clarindo B. de Souza (org) – Ano I, v. 1, n 1 – Campina Grande: EDUFCEG, 2006 – v – (Serie História).

_____. **Por um Real de Amor: representações da prostituição na MPB**. EDUFCEG, 2008.

SOUZA, Nelson Mello e. **Modernidade: Desacertos de um consenso**. São Paulo: Editora da Unicamp, 1994.

THOMPSON, Paul. **A voz do Passado: história Oral**. 3ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

VIEIRA, Francisco. **Todo doido tem passagem livre**. 2008.

WERNECK, Christianne. **Relações históricas**: o processo de constituição do lazer no mundo ocidental. In: lazer, trabalho e Educação: relações históricas, questões contemporâneas, Belo Horizonte; Ed. UFMG; CELAR- DEF/ UFMG, 2000, p. 13-78.

SITES CONSULTADOS

http://pt.wikipedia.org/wiki/Edgr_Allan_Poe

<http://www.bcb.gov.br/CEDMOEBR>

<http://www.estacoesferroviarias.com.br/paraiba/campina.htm>

http://pt.wikipedia.org/wiki/Pianc%C3%B3_B3

http://www.sescp.org.br/sesc/hotsites/missa0/cd02_frameset.html

<http://www.marcoslacerda.hpg.ig.com.br/verneck/cinelux.htm>

ANEXOS



IMAGEM 1 - MERCEARIA BOM JESUS – anos 1930 (Fonte: Acervo de Verneck Abrantes de Sousa)

Neste estabelecimento comercial, além de ser possível comprar mantimentos, era possível ainda adquirir um guarda-chuva, cortes de “fazendas” (tecidos), brinquedos, aviamentos, entre outros.

Também as mercearias eram espaços de sociabilidades para os senhores locais que aproveitavam o momento de fazer suas compras para palestrarem sobre os acontecimentos da cidade, ou sobre as ocorrências nacionais.

Uma observação importante e que fica bem evidenciada na imagem acima, é que a tarefa de abastecer o lar com mantimentos era quase sempre realizada pelos homens, muito embora as mulheres também freqüentassem estes espaços para efetuar pequenas compras.



IMAGEM 2 - CORREIOS Inaugurado em 1932 – Foto 1954 (Fonte: Acervo de Verneck Abrantes de Sousa)

Construído durante a seca de 1932, juntamente ao Prédio da Estação ferroviária e à Escola João da Mata, constitui-se também como uma obra emergencial. O prédio dos Correios e Telégrafos vem reforçar o desejo de modernização na cidade de Pombal, uma vez que o referido monumento era em estilo Art Decó. O prédio, ainda em funcionamento, foi construído à Rua João Pessoa, atrás dos muros da Brasil Oitica S/A.

Em 1954, ano em que a foto foi feita, o casario desta rua obedecia às normas de urbanismo impostas pelo Código de Postura Municipal de 1936 e que ainda vigorava naqueles anos.

É possível observar ainda, na imagem, que a rua começava a ser arborizada, já havia energia elétrica, contudo, o calçamento ainda não havia sido iniciado.



IMAGEM 3 -MISSÃO DE PESQUISA FOLCLÓRICA – Comitiva de Mário de Andrade atravessando o Rio Piranhas – 1938 (Fonte: Acervo de Verneck Abrantes de Sousa)

Em 1938, Mário de Andrade, preocupado com as transformações modernizantes que tendiam a desvalorizar as expressões populares, financiado pelo Departamento de Cultura, atravessou os Estados do Norte e Nordeste com a Missão de Pesquisa Folclórica no intuito de capturar as manifestações ditas populares em fotografias, filmes e discos.

No momento em que foi feita a foto a comitiva atravessava o Rio Piranhas, naquele ano a ponte do Areial não havia sido concluída, o que dificultava as comunicações entre Pombal e Sousa.



IMAGEM 4- CASARIO DA RUA NOVA – Desfile do Tiro de Guerra - 1939 (Fonte: Acervo de Verneck Abrantes de Sousa)

A Rua Nova era desde o início do século XX considerada uma das mais modernas ruas de Pombal. Na verdade, nos relatos de memória dos antigos moradores de Pombal, “era a rua mais chique, só morava nela a chiqueza (sic) de Pombal” afirmou o Sr. João Pereira Sobrinho (2009).

Para além de evidenciar a beleza arquitetônica do seu casario, a imagem mostra também que no 7 de setembro de 1939 ainda predominava um grande vazio urbanístico naquele espaço. Vazio que seria preenchido com a construção daquela que seria a maior Praça do Sertão nordestino, a Getúlio Vargas.

Na imagem é possível perceber também a presença de estudantes, estes, possivelmente, da Escola João da Mata a única existe em Pombal naqueles anos. Há também na cena alguns senhores locais, trajados em branco e usando chapéus, por sua posição ao lado do desfile, é possível que trate-se de membros da elite local. Note também que há algumas crianças na cena, elas parecem ser as únicas a assistir ao desfile. Aparentemente, todo o público se pôs em marcha em alusão ao dia da independência.



IMAGEM 5 - FOTO MONTAGEM -MODA ANOS 1930 (Fonte: Arquivo familiar da Sra. Ivanil Salgado de Assis)

A imagem acima oferece uma visão da moda e dos padrões modernizantes em voga no Brasil nos anos 1930.

O desejo de “ser moderno” estava presente entre os pombalenses dos diferentes segmentos sociais, e todo esforço era válido para torná-lo evidente, até fazer uma foto montagem!

Segundo a Sra. Ivanil Salgado de Assis, com o intuito de ser considerada “moderna”, a dama, em viagem à Fortaleza, Ceará, recorreu a um estúdio fotográfico, onde num cenário astucioso, pousou ao lado de um carro, objeto que representava status, luxo, um dos mais cobiçados símbolos de modernização.

Note também que suas vestes e indumentárias, saia godê duplo, bolero, calçados bicolor em verniz, chapéu e seus cabelos, seguem os padrões em voga na época.

IMAGEM 6 - SEGUNDO AUTOMÓVEL A CHEGAR À POMBAL – 1932 (Fonte: Arquivo familiar da Sra. Francisca Trigueiro Tôrres)

Considerado um dos signos da modernidade, também o automóvel promoveu o surgimento de novas sensibilidades modernas em Pombal. O primeiro carro a chegar à cidade pertencia ao Sr. Isidro Pessoa, homem detentor de certo status econômico. Mas os membros dos segmentos populares também usaram de tática e estratégia para serem considerados modernos.

O Sr. João Teodoro, desejando a condição de possuidor de um automóvel, o que teria o poder de transformá-lo em um “homem moderno”, em 1932, vendeu todos os seus bens, que segundo a Sra. Francisca Trigueiro Tôrres, não eram muitos, para adquirir o carro. Este passou a ser usado para fazer praça (táxi).

Nota-se na imagem a dissonância entre a aquisição dita moderna e o cenário, possivelmente trata-se da casa deste senhor que situava-se na Rua dos Roques, no nascente bairro dos Pereiros.

Observa-se ainda, que sua família trajou-se com suas melhores roupas, afinal, era motivo de orgulho ser possuidor de um automóvel.



IMAGEM 7 - INSTITUIÇÃO DE ENSINO PRIMÁRIO- 1927 (Fonte: Acervo de Verneck Abrantes de Sousa)





IMAGEM 8 - GRUPO ESCOLAR JOÃO DA MATA I Fundado em 1932 – FOTO 1938
(Fonte: Acervo de Verneck Abrantes de Sousa)



IMAGEM 9 - GRUPO ESCOLAR JOÃO DA MATA II – 1947 ((Fonte: Acervo de Verneck Abrantes de Sousa)

Até a construção do Primeiro Grupo Escolar, o João da Mata, em 1932, o ensino em Pombal era muito deficiente. As instituições de ensino primário da cidade funcionavam em pequenas salas mal didático. Assim, a construção do “João da Mata” contribuiu para várias salas de aulas em Pombal, o que concorreu para o desenvolvimento desta cidade.



Com a vinda do Governador Argemiro de Figueiredo à cidade, na ocasião, para o espaço para recepção, o Prédio da escola foi preparado para o que conforme pode ser percebido na foto retida pelo fotógrafo Leó. Ele mobilizou alguns pombalenses que fizeram-se presente naquele espaço que havia entre o Prédio escolar e a Cadeia Pública, para jogos, jogos de circo e o cinema intinerante.

Prefeito de Pombal por duas vezes,

Prefeito de Pombal no período de 1930 a 1936. Durante sua administração e em função das tramas políticas foram construídos em Pombal a Estação Ferroviária, O Grupo Escolar João da Mata e também o Prédio dos Correios, monumentos estes que embora expressassem interesses particulares, concorreram para uma maior interação entre Pombal e outras cidades do Estado, do Nordeste e porque não dizer, do Brasil.

nos
o “o
s os
o de
da
27, o
stão
Em
39),
ntos
u as
Rio
tivos
na
, na

IMAGEM 10 - FRANCISCO DE SÁ CAVALCANTE (Fonte: Acervo de Verneck Abrantes de Sousa)

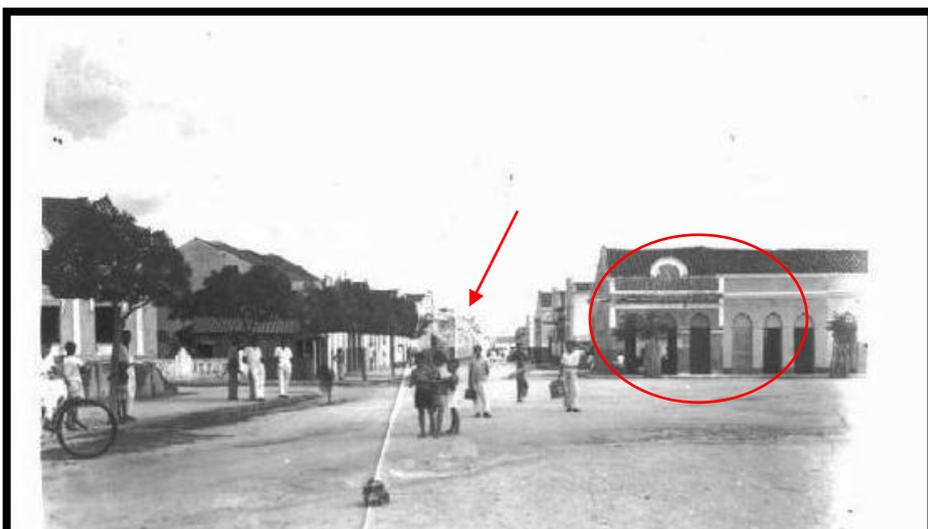


IMAGEM 11 - JANDUHY VIEIRA CARNEIRO (Fonte: Acervo de Verneck Abrantes de Sousa)

IMAGEM 12 - RUA JOUBERT CARVALHO – O Junqueira Bar no início da Rua – 1948
(Fonte: Acervo de Verneck Abrantes de Sousa)

A imagem acima vem mostrar um pouco do cotidiano dos pombalenses que freqüentavam o centro comercial da cidade nos anos 40. Bicicletas, adultos e crianças no meio da rua, vem reforçar a idéia de que a circulação de automóveis era ainda pouco comum.

Homens a conversar nas calçadas, à sombra das algarobas, eram também cenas freqüentes na Pombal daqueles anos.

No início da rua, em destaque, o Junqueira Bar e Sinuca, do Sr. Pedro Junqueira. Lá era possível tomar um cafezinho ou ainda uma dose de conhaque Cinzano ou Vermute. A seta indica a localização do Bar Junqueira, pertencente ao mesmo dono, o que evidencia o aumento do consumo de bebidas e de jogatinas naquela cidade na primeira metade do século XX.



IMAGEM 13 - POSTO DE PUERICULTURA – Anos 1940 (Fonte: Acervo de Verneck Abrantes de Sousa)

O posto de Puericultura, fundado nos anos 1930, tinha como objetivo prestar assistência maternidade, evitando ou diminuindo o índice de abortos e a mortalidade infantil.

Mesmo funcionando precariamente, a distribuição de leite neste Posto, foi responsável pela nutrição de muitos pombalenses naqueles anos.



IMAGEM 14- PRAÇA BARÃO DO RIO BRANCO – Coreto Central – Anos 1940 (Fonte: Acervo de Verneck Abrantes de Sousa)

A Praça Barão do Rio Branco (Bar Centenário), foi construída pelo prefeito Francisco de Sá Cavalcante quando este esteve à frente da edilidade pombalense. A Praça e seu Monumento o Coreto, cuja planta foi elaborada por um engenheiro alemão, o que era visto com muito orgulho pelos pombalenses, fazia parte no plano de modernização da cidade.



IMAGEM 15 - SOCIEDADE ARTÍSTICA OPERÁRIA BENEFICENTE – A SEDE 1952 (Fonte: Acervo de Verneck Abrantes de Sousa)

Além das reuniões em prol da classe operária local, neste prédio, algumas pessoas puderam ver alguns filmes de cinema e/ou brincar carnaval.



IMAGEM 16 - BANDA DE MÚSICA anos 1940 (Fonte: Acervo de Verneck Abrantes de Sousa)

Numa cidade Pequena como Pombal, onde as opções de diversão eram poucas, as festas, fossem elas oficiais ou não, eram sempre animadas pela banda de música local. Destarte, muitas das ocorrências reaperentadas pelos antigos habitantes de Pombal foram também ocasiões em que os orgulhosos músicos puderam exibir seus dotes artísticos. Segundo as memórias dos pombalenses, pertencer à Banda de Música era motivo de orgulho não só para o músico, mas também para sua família.



IMAGEM 17 - HOSPITAL SINHÁ CARNEIRO – 1959 (Fonte: Acervo de Verneck Abrantes de Sousa)

Em face das necessidades do urbanismo moderno, as cidades que passavam por processo de modernização, tiveram que se adequar às normas de higienização e saúde. Em face disso, no final dos anos 50, foi construído o Hospital e Maternidade Sinhá Carneiro. O prédio pertencia ao patrimônio da Diocese de Cajazeiras e atendia à população mediante pagamento previamente acordado com os párocos locais. Mesmo tratando-se de uma instituição particular, o hospital atendia também a alguns pacientes desprovidos de recursos econômicos.

Livros Grátis

(<http://www.livrosgratis.com.br>)

Milhares de Livros para Download:

[Baixar livros de Administração](#)

[Baixar livros de Agronomia](#)

[Baixar livros de Arquitetura](#)

[Baixar livros de Artes](#)

[Baixar livros de Astronomia](#)

[Baixar livros de Biologia Geral](#)

[Baixar livros de Ciência da Computação](#)

[Baixar livros de Ciência da Informação](#)

[Baixar livros de Ciência Política](#)

[Baixar livros de Ciências da Saúde](#)

[Baixar livros de Comunicação](#)

[Baixar livros do Conselho Nacional de Educação - CNE](#)

[Baixar livros de Defesa civil](#)

[Baixar livros de Direito](#)

[Baixar livros de Direitos humanos](#)

[Baixar livros de Economia](#)

[Baixar livros de Economia Doméstica](#)

[Baixar livros de Educação](#)

[Baixar livros de Educação - Trânsito](#)

[Baixar livros de Educação Física](#)

[Baixar livros de Engenharia Aeroespacial](#)

[Baixar livros de Farmácia](#)

[Baixar livros de Filosofia](#)

[Baixar livros de Física](#)

[Baixar livros de Geociências](#)

[Baixar livros de Geografia](#)

[Baixar livros de História](#)

[Baixar livros de Línguas](#)

[Baixar livros de Literatura](#)
[Baixar livros de Literatura de Cordel](#)
[Baixar livros de Literatura Infantil](#)
[Baixar livros de Matemática](#)
[Baixar livros de Medicina](#)
[Baixar livros de Medicina Veterinária](#)
[Baixar livros de Meio Ambiente](#)
[Baixar livros de Meteorologia](#)
[Baixar Monografias e TCC](#)
[Baixar livros Multidisciplinar](#)
[Baixar livros de Música](#)
[Baixar livros de Psicologia](#)
[Baixar livros de Química](#)
[Baixar livros de Saúde Coletiva](#)
[Baixar livros de Serviço Social](#)
[Baixar livros de Sociologia](#)
[Baixar livros de Teologia](#)
[Baixar livros de Trabalho](#)
[Baixar livros de Turismo](#)